

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica
Núcleo de Estudos Junguianos

Talita Rocha Baltazar

Vida de Babá
Reflexões acerca das vivências profissionais à luz da psicologia analítica

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo
2011

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica
Núcleo de Estudos Junguianos

Talita Rocha Baltazar

Vida de Babá

Reflexões acerca das vivências profissionais à luz da psicologia analítica

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica – Núcleo de Estudos Junguianos, sob a orientação da Professora Doutora Ceres Alves de Araújo.

São Paulo

2011

Banca Examinadora

Dedicatória

Ao meu amor Rodrigo, companheiro de jornada...

À minha mãe Iraci, pelas lições de casa compartilhadas na infância, sementes de perseverança... Ao "papai Paulo", pelo carinho e apoio...

Ao meu pai Baltazar, por sempre repetir que 'o saber não ocupa lugar', e à sua companheira Matilde pelo afeto e estímulo...

Aos meus irmãos Tuany, Guilherme e Ana Carolina, pelo amor, pertencimento e posteridade...

Aos meus amigos, pela parceria "de alma" e apoio constante: Clarissa, Agner, Francis, Renato, Cris, Hermes, Enéias, Cristiane, Raela, Beto, Lary, Crichinan e Sandro.

Especialmente, ao "casal junguiano" Melissa e Yves, pela fraterna iniciação nos caminhos simbólicos...

Às minhas queridas avós (in memoriam), pelo acalanto e eterno "cheirinho de vó": Anita, Adelina e Therezinha...

Aos todos os meus tios, tias, primos e primas, fontes de amor e alegria, pelo compartilhamento dos diversos momentos da vida... Especialmente aos meus primos e irmãos: Mário, Denise, Virgínia, Milton e Cristina.

Ao meu querido avô Antônio, pela lição de sabedoria e longevidade...

Aos avós "emprestados", Antenor e Orema, pela ternura e ensinamentos...

À minha sogra e amiga Rosane, pelo doce e incansável incentivo...

E, principalmente, às minhas babás da infância Maria, Valdira e Marineide, pela dedicação e cuidado...

Agradecimentos

Agradeço a todos a quem dedico esse trabalho, pelas trocas, suporte e incentivo para trilhar os caminhos da vida.

À minha mãe Iraci, pelo apoio imaterial e material à minha formação profissional.

À Professora Doutora Ceres Alves de Araújo, orientadora do presente trabalho, sempre incansável e dedicada, pela sutileza, objetividade, parceria e sabedoria com que conduziu o processo de elaboração da dissertação, minha eterna gratidão e sentimento fraterno!

Aos professores da banca de qualificação, Eloísa M. D. Penna e José Roberto Heloani, pelas ricas contribuições para a construção final do estudo.

Aos professores do Núcleo de Estudos Junguianos, pela maestria com que os ensinamentos foram partilhados.

Aos colegas das aulas, os melhores presentes dessa experiência, pelas trocas intelectuais, fundamentais para a construção da dissertação. E, especialmente, pela trocas afetivas, tão especiais, que tornaram a jornada mais amena por meio do compartilhamento da amizade e da cumplicidade. Com muito carinho agradeço a vocês: Denise, Josi, Priscila, Lara, Patrícia, Selma, Heloísa, Maristela, Raphael e Camila Scarabel.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo incentivo financeiro no último ano do mestrado, sem o qual não teria sido possível concluir o processo.

Especialmente, agradeço às babás participantes da pesquisa, pela disponibilidade e indispensável contribuição.

Na rotina de afazeres importantes, Rosa compensava em torno de si as temperaturas emocionais da patroa, do patrão e de duas crianças mimadas: Beto e Marina.

– Nessa camisa falta um botão, Rosa!

– Eu prego pra você, não precisa chorar, menino!

– Rosa! – gritou a patroa desde o quarto dos fundos. – Cadê a colcha de linho que pedi pra passar?

– Segunda gaveta da cômoda – falou alto, Rosa. – Botei lá pra não amassar...

Os 12 anos de Marina, cabelos de sol até a cintura, entraram fogosos na cozinha cercando a empregada com escova e pente nas mãos.

– Sossegue, menina! – Rosa tentou escapar. – Não vê que esse arroz pode ir todo pro chão?

Marina abraçou-a na altura da barriga, o ouvido bem no centro daquela abóboda maternal.

– Ah, quero apertar essa gorducha, graviducha, fofarrucha, e sentir o bebê chutar aí dentro...

– Não é toda hora que ele chuta, menina assanhada, ô, meu Jesus! – Rosa levantou a panela de arroz com as duas mãos e procurava se equilibrar aos apertões e abraços de Marina.

Enquanto isso, Betinho puxava a irmã pelo vestido e ralhava choroso:

– Deixa ela pregar o botão na minha camisa!

Marina virou-se num grito tal que bateu com a escova na cabeça do garoto.

– Primeiro ela vai desembaraçar meus cabelos. – Aproveitou o movimento do braço e deu mais duas escovadas no cocuruto de Beto. – E você tem mil camisas, pode muito bem pôr outra, né?

– Chega, chega, chega! Eta criança sápeca! – repreendia-os Rosa, disfarçadamente, segurando-se para não gargalhar. – Primeiro, oh, Dona Marininha, eu vou mais é escolher esse arroz, porque depois teu pai fica brigando com as sementes na hora de comer – falou a empregada, espalhando o arroz em cima da mesa.

Rosa é uma dessas mulheres que ainda escolhem o arroz um por um, antes de cozinhá-lo. Sentou-se num banquinho e começou a separar as sementes pretas dos grãos brancos. A ligeireza de seus dedos provocava o surgimento rápido de montículos brancos, já imunes às impurezas puxadas ao lado. Isso magnetizava as crianças que rodeavam a mulata.

Beto amarrotou a camisa sob o braço esquerdo. O direito sobre o ombro de Rosa. Marina largou o pente num canto da mesa e os dedos de sua mão direita seguiam o ritual da inconsciência do arroz. E a escova, na mão esquerda, aquietava a consciência do afeto nos cabelos de Rosa.

Uma absorção tocante e natural, a dessas quatro criaturas. Dotando o carinho das crianças de um senso de amor e tolerância. Acentuando em Rosa uma brandura protetora. E o vir-a-ser, sobrenadante no útero cálido, certamente se impregnava dessa atmosfera cativante.

(João Carlos Pecci, *O ramo de hortênsias*)

Resumo

BALTAZAR, Talita Rocha. Vida de babá: reflexões acerca das vivências profissionais à luz da psicologia analítica. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos Junguianos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientadora: Professora Doutora Ceres Alves de Araújo. São Paulo, 2011.

Esta pesquisa caracteriza-se pelo enfoque metodológico qualitativo e tem como objetivo conhecer as particularidades do cotidiano de trabalho das babás, no intuito de elaborar uma reflexão acerca dessas vivências à luz da psicologia analítica, considerando aspectos históricos e sociais. O trabalho é uma experiência humana que evidencia a intersecção entre a sua natureza coletiva e individual, que é dinamizada ao longo do processo de individuação. A partir do conceito de trabalho, e da ancestralidade da profissão no Brasil, que denota o seu complexo cultural, construímos uma reflexão abordando o cotidiano de trabalho das babás na atualidade e algumas considerações sobre sua persona profissional. Observamos que a centralidade do trabalho é uma característica da profissão, que influencia a vida das trabalhadoras no modo como investem energia e dedicação no âmbito pessoal e familiar. Isso acontece, principalmente, entre as trabalhadoras que moram na residência de trabalho, o que torna a fronteira entre os âmbitos público e privado quase inexistente, podendo favorecer a rigidez da persona profissional. O papel profissional da babá está relacionado a funções parentais como cuidar, educar, dar carinho, atenção e amor, por meio de uma relação substitutiva fraternal, que a torna coadjuvante da vida familiar. Nesse sentido, ela coordena elementos arquetípicos maternos e paternos, de eros e poder, em suas atribuições cotidianas. A coordenação desses elementos decorre da bagagem psicológica da profissional e expressa o seu repertório pessoal sobre as relações simétricas e assimétricas. Essa dinâmica é manifestada no relacionamento entre a trabalhadora, a criança e os pais, configurando uma triangulação, na qual a babá precisa transitar e, quanto mais bem ela o fizer, mais integrada será a vivência de sua persona profissional. Assim, torna-se relevante a criação de um espaço especializado, grupal e/ou individual, no qual experiências cotidianas possam ser compartilhadas, a fim de ampliar a consciência das trabalhadoras acerca do seu papel profissional e, também, de propiciar o desenvolvimento da linguagem simbólica, o que pode favorecer o processo de individuação.

Palavras-chave: Babá; psicologia analítica; trabalho; persona; complexos culturais; relações simétricas; relações assimétricas; individuação.

Abstract

BALTAZAR, Talita Rocha. Life of nanny: reflections about the professional experiences in focus of analytical psychology. Dissertation (Master Degree), Clinical Psychology Post-graduate Studies Program, Junguian Studies Center, Pontifícia Universidade Católica of São Paulo. Oriented by: Profa. Dra. Ceres Alves de Araújo.

This research is characterized by the qualitative methodological approach and the objective is to develop a reflection about the particularities of the daily work experiences of nannies, in focus of analytical psychology, considering historical and social aspects. The work is a human experience that highlights the intersection of collective and individual nature, which is encouraged throughout the individuation. From the concept of work and the ancestry of the profession in Brazil, which denotes its cultural complex, we construct a reflection approaching the daily work of nannies today and some considerations about their professional persona. We note that the centrality of work is a characteristic of the profession, influencing the lives of workers in how they invest energy and dedication in the personal and family context. This occurs mainly among workers who live in the residence of work, which makes the boundary between public and private spheres almost nonexistent, which may favor the rigidity of the professional persona. The professional role of the nanny is related to parental functions such as care, educate, give affection, attention and love, through a substitutive fraternal relationship, which makes her supporting of familiar life. In this sense, she coordinates archetypal elements of maternal and paternal, of eros and power, in their daily assignments. The coordination of these elements stems from the psychological baggage of professional and express your personal directory about the symmetric and asymmetric relations. This dynamic is manifested in the relationship between the worker, child and parents, setting up a triangulation, in which the nanny must pass, and the more good it does, more integrate will be the experience of his professional persona. Thus, it becomes relevant to the creation of a specialized space, group and/or individual, in which daily experiences can be shared in order to increase consciousness of workers about their professional role, and also to propitiate the development of symbolic language, which can facilitate the individuation.

Key-words: Nanny, analytical psychology, work, persona, cultural complexes, symmetrical relations, asymmetrical relations, individuation.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Perfil social e demográfico das babás.....	44
Tabela 2 – Trajetória profissional das babás.....	45
Tabela 3 – Situação profissional das babás.....	46
Tabela 4 – Principais atividades realizadas no cotidiano profissional das babás.....	47

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I Objetivo.....	16
Capítulo II O conceito de trabalho.....	17
Capítulo III Ancestralidade da profissão de babá no Brasil.....	27
Capítulo IV Método.....	38
Capítulo V Discussão e Resultados.....	42
V.1 O cotidiano de trabalho da babá na atualidade.....	50
V.2 Considerações sobre a persona profissional da babá.....	79
Considerações Finais.....	115
Referências.....	129
Anexo I Questionário perfil social, demográfico e situação profissional.	136
Anexo II Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	138
Anexo III Parecer Comitê de Ética em Pesquisa PUCSP.....	141
Anexo IV Termo de compromisso das pesquisadoras.....	143
Anexo V Transcrição de entrevistas em CD-ROM	

Introdução

A função de cuidar de crianças está presente ao longo da história da humanidade e geralmente está vinculada ao exercício da maternidade. Entretanto, por motivos familiares, sociais e/ou econômicos, muitas vezes, essa função é atribuída à outra pessoa, que substitua os cuidados parentais.

Desse modo, a profissão de babá tem ganhado cada vez mais espaço no contexto da atualidade, no qual grande parte das mulheres mantém suas atividades profissionais mesmo quando se tornam mães. Isso faz com que seja necessária a contratação de uma pessoa que acompanhe toda a rotina da criança. Diante dessa realidade do mercado de trabalho, muitas mulheres optam pela profissão de babá principalmente nas grandes cidades.

O meu interesse pela temática teve origem em uma experiência profissional como acompanhante terapêutica, na qual convivi com algumas babás e partilhei de conversas sobre o cotidiano profissional.

Além das conversas compartilhadas, a observação do cotidiano e das características da profissão também despertou em mim o interesse por aprofundar o conhecimento acerca dessa realidade ocupacional e dos seus aspectos psicológicos e sociais.

As características do cotidiano de trabalho das babás que mais me instigaram foram a dedicação exclusiva à criança; a convivência constante com seus pais e familiares, por vezes, residindo na mesma casa; além do exercício do papel de cuidadora e educadora, no qual se empenha em ser um pouco pai, mãe e companheira da criança e, ao mesmo tempo, não ser, observando a preservação da relação parental original.

Diante das conversas com as babás e das minhas observações pessoais, percebi uma provável demanda por formalizar esse espaço de trocas de experiências no decorrer da atuação profissional das babás; que talvez haja uma demanda por uma escuta especializada, atuando ao longo do exercício profissional cotidiano.

No entanto, essas percepções partiam de observações pessoais, que poderiam ser mais bem contextualizadas e verificadas por meio de uma pesquisa aprofundada sobre o cotidiano de trabalho das babás.

Essas vivências me conduziram até o tema que proponho estudar nessa dissertação. Assim, decidi agora, como pesquisadora, me deter ao universo da profissão de babá a fim de aprofundar o conhecimento sobre suas particularidades e formular uma compreensão psicossocial desses aspectos.

A presente pesquisa caracteriza-se pelo enfoque metodológico qualitativo, por meio do qual busco elaborar uma reflexão acerca das peculiaridades do cotidiano de trabalho das pessoas que exercem a profissão de babá, à luz da psicologia analítica, considerando o contexto histórico e social da profissão.

A reflexão proposta torna-se importante e necessária também no contexto do mercado de trabalho em geral, na medida em que o trabalho, na atualidade, tem um lugar prioritário nas vivências humanas, tendo em vista suas demandas financeiras, sociais e culturais.

Diante do exposto, a construção da presente dissertação considera a importância da psicologia junguiana na sua contribuição para a compreensão “do social no homem”. Nesse sentido, o pensamento junguiano é entendido como aquele que fundamenta a compreensão acerca da intersecção entre o coletivo e o individual, que é denotada, por exemplo, nas vivências humanas relativas ao mundo do trabalho, por meio das personas profissionais.

Cabe lembrar que a persona é um arquétipo por meio do qual a pessoa vivencia papéis sociais, como os profissionais, e evidencia o modo da pessoa ser e estar no mundo, é a "roupagem" do ego e, portanto, uma vivência constitutiva que auxilia na sua estruturação.

Para Jung (1991) a persona é a instância psíquica que emerge de necessidades e condições sociais e é orientada pela demanda das exigências e

expectativas sociais, por um lado, e por outro, pelas aspirações e intenções pessoais diante do social.

A persona é, pois, um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade, mas que não é idêntico à individualidade. O complexo funcional da persona diz respeito exclusivamente à relação com os objetos. (JUNG, 1991, p. 390)

Assim: “A persona é a pessoa que passamos a ser em resultado dos processos de aculturação, educação e adaptação aos nossos meios físico e social.” (STEIN, 2009, p. 101) É por meio da persona que as pessoas exercem seus papéis sociais como, por exemplo, os familiares (mãe, sobrinho, avó, etc.) e os profissionais (médico, babá, psicóloga, etc.). Portanto, essa instância psíquica configura as relações estabelecidas entre o eu e os objetos externos, quais sejam as outras pessoas e o ambiente externo, formando um modo de ser e estar no mundo. (JUNG, 1991)

A vivência da persona deve ser maleável, sendo que a pessoa, para vivenciá-la de forma salutar, deve conseguir ‘vesti-la e despi-la’ (em comparação metafórica com as roupas que usamos em cada ocasião social) conforme a demanda do papel social do momento, sem se fixar em um tipo de comportamento específico. Dessa maneira, pode viver sua totalidade psíquica sem se identificar com um só papel, um só modo de ser, sentir e se comportar.

A persona pode ser considerada um "ponto de encontro" entre o coletivo e o individual e, embora tenha fortes influências do meio social, que postula uma expectativa daquilo que é "esperado", também tem um componente individual. É, portanto, nas experiências da persona que os âmbitos público e privado se "encontram" (HOPCKE, 1995).

Progoff (1985) destaca o significado social da obra de Jung, tendo em vista os conceitos de arquétipo e de inconsciente coletivo, e enfatiza que o autor foi inovador nesse sentido porque acabou estabelecendo um novo ponto de vista epistemológico que tem contribuído para as ciências sociais.

Segundo Jung (1971) o inconsciente coletivo é composto por elementos universais da humanidade em seus aspectos biológicos, relacionados à natureza

instintiva, e comportamentais, relativos à vivência das situações de vida humana. “O inconsciente coletivo é a formidável herança espiritual do desenvolvimento da humanidade que nasce de novo na estrutura cerebral de todo ser humano.” (JUNG, 1971, p. 95)

Esses elementos universais da humanidade são denominados arquétipos e referem “disposições para”, ou seja, potencialidades e padrões inatos relacionados a todos os tipos de manifestações psíquicas, a todas as experiências de vida humana. (JUNG, 2007a) “Só depois de ter recebido uma forma, manifestada pelo material psíquico individual, é que ele se torna psíquico e penetra na esfera consciente.” (JACOBI, 1986, p. 40)

Ao conceituar o inconsciente coletivo e os arquétipos, Jung aponta a realidade intersubjetiva e os aspectos comuns a todas as pessoas, que permeiam e embasam as vivências individuais, entendidas como resultados de vivências em relação ao mundo interno e externo. Assim, o aspecto coletivo é intrínseco à natureza da psique. Os potenciais arquetípicos estão contidos no inconsciente coletivo e, por meio das vivências cotidianas, a história da humanidade é repassada de geração em geração, porque está contida e registrada nesses elementos comuns, coletivos. Corbin (apud HENDERSON, 1990) afirma que a história está no homem.

Esse modo de compreender os fenômenos humanos insere no âmbito clínico da psicologia os elementos sociais da vida humana, quais sejam os contextos social, econômico, histórico e cultural, que são, portanto, considerados como partes intrínsecas e atuantes na dinâmica da psique pessoal.

Há, portanto, uma indissociabilidade entre coletivo e individual. Indivíduo e sociedade são aspectos interdependentes. Zoja (2005) escreve que poderia existir uma antinomia não resolvida no pensamento junguiano, na medida em que Jung: “Por um lado, diz que a origem de cada problema da sociedade está na psique de cada indivíduo. Por outro lado, que a psique individual é o produto de uma cansativa diferenciação da psique coletiva.” (ZOJA, 2005, p. 21) O autor afirma que não há essa antinomia se entendermos esses aspectos como um processo espiralar; ou seja, uma dinâmica que está sempre atuando, configurando uma inter-relação.

Nesse contexto, podemos considerar o processo de individuação como o

desenvolvimento da pessoa como um ser individual, diferente do conjunto, distinto da psicologia coletiva, que, no entanto, não conduz ao isolamento. Pelo contrário, pode levar a um relacionamento coletivo mais abrangente e intenso, possibilitando uma valorização das normas coletivas. (JUNG, 1991)

O processo de individuação tem dois aspectos fundamentais: por um lado, é um processo interior e subjetivo de integração, por outro, é um processo objetivo de relação com o outro, tão indispensável quanto o primeiro. Um não pode existir sem o outro, muito embora seja ora um, ora o outro desses aspectos que prevaleça. (JUNG, 2007b, p. 101)

Embora espontâneo e natural, o processo de individuação é sempre um caminho a ser percorrido, um dinamismo vital e por isso é referido como um *processo*. Outro autor complementa: “é uma luta consciente da pessoa para tornar-se aquilo que ela ‘é’.” (WHITMONT, 1990, p. 196) E, nesse sentido, é um caminho jamais completamente alcançado enquanto houver vida; a meta é o *tornar-se* e não meramente o ser.

Diante do exposto, a construção teórica que embasa esse estudo sobre babás partiu do enfoque clínico da psicologia analítica e agrega aportes teóricos da história e da psicologia social e do trabalho, na medida em que trazem aspectos que auxiliam na compreensão do fenômeno pesquisado.

No primeiro capítulo, apresento o objetivo da presente pesquisa.

O segundo capítulo aborda o conceito de trabalho e refere aspectos considerados relevantes para a contextualização do trabalho da babá na atualidade. Os elementos teóricos escolhidos para conceituar o fenômeno do trabalho foram, prioritariamente, opções pessoais da pesquisadora, tendo em mente afinidades conceituais e também as abordagens clássicas acerca do conceito de trabalho. Assim como foram observadas redundâncias na bibliografia apresentada em materiais pesquisados, o que, diante da alta incidência de determinados autores, também determinou as escolhas teóricas. Além disso, foram consideradas as vivências cotidianas das babás, que nortearam a escolha pelos aspectos de cada teoria abordada a serem aprofundados.

O terceiro capítulo versa sobre a origem da profissão de babá no Brasil, situada no período colonial, que se configura como uma herança cultural sobre a

qual a ocupação vem se desenvolvendo até a atualidade, e é considerada aqui como sendo a ancestralidade da profissão. Nesse sentido, serão abordadas as influências das mulheres negras e índias na constituição social brasileira e, portanto, na construção da profissão de babá.

O quarto capítulo expõe o método que embasou a construção da presente pesquisa.

O quinto capítulo é dividido em duas partes: O cotidiano de trabalho da babá na atualidade e Considerações sobre a persona profissional da babá. O referido capítulo apresenta os resultados conjuntamente com a discussão, tendo em vista o volume de conteúdo obtido nas entrevistas. Além disso, a apresentação feita dessa maneira expõe a dissertação com maior clareza, na medida em que a discussão interpretativa e compreensiva vai sendo ilustrada por meio das verbalizações das participantes.

Em seguida, aponto as considerações finais emergidas a partir da reflexão construída no quinto capítulo.

Diante do exposto, convido o leitor a me acompanhar nesse “mergulho no universo” das babás, que são figuras tão presentes em nossas experiências de vida; sejam elas infantis, quando alguém substituiu nossos pais, ou adultas, quando buscamos substitutos para complementar o exercício de nossa parentalidade.

Capítulo I

Objetivo

Elaborar uma reflexão acerca das peculiaridades do cotidiano de trabalho das pessoas que exercem a profissão de babá à luz da psicologia analítica, considerando o contexto histórico e social da profissão.

Capítulo II

O conceito de trabalho

A construção teórica que embasa esse estudo sobre babás partiu do enfoque clínico da psicologia analítica e agrega aportes teóricos da história e da psicologia social e do trabalho, na medida em que trazem aspectos que possibilitam a compreensão acerca do conceito de trabalho.

Nesse sentido, são trazidas algumas contribuições de Marx (1996) sobre o trabalho:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para a sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 1996, p. 297)

Nessa abordagem, o trabalho é um pressuposto exclusivamente humano porque por meio da imaginação, da racionalidade, o produto final, o objeto construído a partir do ato de trabalhar, preexiste na mente do trabalhador, como um modelo, um objetivo a ser alcançado. Antes de agir para um fim, existe a concepção sobre a ideia do que emergirá após a ação. "No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto

idealmente." (MARX, 1996, p. 298)

Segundo Marx (1996), é por meio do trabalho que o ser humano transforma a matéria natural e, ao mesmo tempo, realiza nela seu objetivo, que determina o modo e a espécie de sua atividade, ao qual acaba subordinando sua vontade. Essa subordinação se dá pelo corpo, que se esforça fisicamente para alcançar um fim e, também, por meio da mente, da vontade orientada para um fim, que exige atenção ao trabalho desenvolvido.

Dessa forma, quanto mais o trabalhador aproveita o trabalho, de modo consonante com suas capacidades e potencialidades, menos sofrerá a carga dessa subordinação. Quanto menos o trabalhador aproveita o ato de trabalhar, maior a carga da subordinação. (MARX, 1996)

E, nesse sentido, podemos entender o “aproveitar capacidades e potencialidades” como expressões da inteireza da pessoa, elementos que referem tanto a construção social, necessária à persona profissional, quanto os aspectos subjetivos conscientes e inconscientes.

Também encontramos perspectivas importantes sobre o trabalho nas considerações de Heloani (1994). Os elementos que serão abordados referem aspectos da reflexão do autor que contribuem para o foco descrito, os quais consideramos que podem ser transpostos para o cotidiano de trabalho da babá; principalmente no que se refere à relação estabelecida entre ela e a família da criança com quem trabalha. Nessa perspectiva, a empresa é uma instituição em relação ao trabalhador, assim como a família o é em relação à babá, uma vez que a família tem seus próprios valores e modos de funcionar. Desse modo, as considerações do autor sobre a empresa podem ser transpostas para a família, sendo que mudam os aspectos qualitativos quando comparamos as duas instituições sociais, família e empresa, mas ficando preservada a lógica da dinâmica descrita pelo autor.

Segundo Heloani (1994), na atualidade, as empresas consideram a autonomia, a criatividade e a iniciativa do trabalhador como características fundamentais aos processos de trabalho. Porém, além de apresentar essas características, diante do desenvolvimento tecnológico e sua consequente

necessidade de constante atualização do conhecimento, o trabalhador precisa se identificar com os valores e métodos da empresa acabando por moldar sua percepção de acordo com os parâmetros estabelecidos institucionalmente, o que denota um reordenamento, uma modulação, da própria subjetividade do trabalhador, que acaba garantindo a permanência dessas regras. Nesse contexto, as ordens são substituídas por regras, construídas e mantidas pelos membros da empresa, o que lhes propicia a detenção do poder.

Ao promover tal substituição, o capital adota uma visão mais sofisticada dos enunciados de poder. Esse sistema de regras traz implicitamente uma codificação da realidade e um sistema de valores que orientam a percepção dessa mesma realidade. (HELOANI, 1994, p. 97)

Diante disso, a identificação entre as pessoas cede lugar à identificação com os valores da organização.

Os trabalhadores suprimem as suas particularidades e se identificam com lógicas abstratas formalmente desconectadas de sua subjetividade. (HELOANI, 1994, p. 98)

Segundo o mesmo autor, a identificação possibilita à empresa exercer o poder através de contradições, combinando vantagens e restrições. As vantagens são tratadas de forma explícita e são alardeadas pelos diferentes elementos detentores do poder na organização, adquirem um teor que aparentemente parecem atender a demandas dos trabalhadores, mas, na verdade, visam o aumento da produtividade. Já as restrições, são tratadas de forma implícita e estão, de um modo geral, ligadas às exigências de subordinação e dedicação à empresa. (HELOANI, 1994)

Para Heloani (1994), percebe-se, nessa dinâmica oculta, uma gestão implícita do inconsciente que aumenta a identificação do trabalhador com a empresa. Essa identificação é, ainda, intensificada pela pressão constante da competição e faz com que o trabalhador sinta-se em estado de dependência em relação à organização. Esse tipo de gestão encontra ecos no Brasil que a fortalecem, quais sejam as questões sociais, situações referentes ao contexto e à realidade social e econômica da sociedade brasileira.

Albornoz (2004) também contribui para a compreensão do conceito de

trabalho e faz uma compilação das diversas abordagens em sua obra, propiciando um panorama bastante didático acerca das teorias que se ocupam dessa temática, embora evidencie um enfoque marxista.

A autora escreve:

Na linguagem cotidiana a palavra trabalho tem muitos significados. (...) Às vezes, carregada de emoção, lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga. Noutras, mais que aflição e fardo, designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de cultura. É o homem em ação para sobreviver e realizar-se. (...) Em português, apesar de haver *labor* e *trabalho*, é possível achar na mesma palavra *trabalho* ambas as significações: a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida; e a do esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável. (ALBORNOZ, 2004, p. 8-9)

A autora segue suas reflexões sobre o conceito de trabalho apontando que pode ser considerado uma atividade coordenada de caráter intelectual ou físico, empregada em qualquer tarefa, empreendimento ou serviço, sendo essa atividade exercida, em caráter permanente, como ocupação, ofício ou profissão. Além disso, o conceito carrega outros significados mais particulares como a ação de produzir obras de arte, estudos acadêmicos; o conjunto de deliberações de uma assembléia ou grupo; o serviço de uma repartição burocrática; os deveres escolares dos alunos; ou o nascimento de uma criança, quando é dito que a mulher entrou em trabalho de parto. (ALBORNOZ, 2004)

Para Albornoz (2004) todo o trabalho supõe esforço e tendência para um fim, sendo que a ação pode se dar utilizando-se preponderantemente o aspecto físico ou intelectual. O fundamental é considerar que ambos os aspectos compõem a pessoa e estão presentes no processo de trabalho, seja qual for a sua natureza.

E, no contexto dos grandes centros urbanos, na atualidade, o trabalho adquiriu uma característica peculiar: a separação, tendo em vista distâncias consideráveis, entre o local de moradia e o local de trabalho. Embora existam meios de transporte que possam diminuir o tempo gasto com esse deslocamento, isso não torna o local de trabalho mais próximo de casa e da família, sendo a convivência familiar cada vez mais diminuída em relação às demandas sociais da atualidade, como o foco no

trabalho. Com isso, também as instituições sociais, como escolas e creches, ganharam espaço e se desenvolveram, dando conta dos cuidados infantis, mas não resolvendo a questão levantada: a convivência familiar. (ALBORNOZ, 2004)

A mesma autora contrapõe o trabalho na organização com o ofício do artesão, apontando a perda do aspecto lúdico do trabalho na primeira situação; o que denota outra característica do trabalho na atualidade e aponta mais uma separação. Albornoz (2004) destaca que o trabalho do artesão pode possibilitar autonomia na medida em que o trabalhador gerencia seu tempo de acordo com necessidades pessoais, como cansaço, por exemplo. Nesse contexto, o trabalhador pode deixar o seu posto de trabalho algumas vezes, caminhar pelo pátio e/ou conversar com algum vizinho. Dessa forma, algum prazer é agregado ao ato de trabalhar porque o trabalhador não está, como na fábrica ou numa situação de extrema organização do trabalho, preso a determinados lugares e procedimentos, contínuos e repetitivos.

O modo de subsistência do artesão determina e impregna todo o seu modo de viver. Seus amigos são os seus colegas. Suas conversas são sobre a sua profissão. Não há necessidade de lazer como evasão. O trabalho hoje é uma espécie de negativo daquele artesanal, ou o seu oposto. No mundo industrial falta o vínculo entre o trabalho e o resto da vida. Para agir livremente deixa-se o tempo que sobra do trabalho. Assim se separa totalmente trabalho de lazer, de prazer, de cultura, de renovação das forças anímicas, que deverão ser buscadas no tempo que sobrar do trabalho. (ALBORNOZ, 2004, p. 40)

Para Albornoz (2004) a igreja também influenciou o modo como o trabalho é considerado na atualidade. A herança judaico-cristã refere o trabalho como resultado de tarefas penosas, às quais o ser humano está condenado pelo pecado, como forma de expiação (por vezes, por meio da caridade) e de proporcionar saúde ao corpo e à alma, assim como para espantar a preguiça e a ociosidade. A partir da Reforma Protestante houve uma reavaliação do trabalho no cristianismo. O trabalho passa a ser a base para a vida e manter a vida através do trabalho passa a ser considerada uma maneira de servir a Deus. O trabalho é "visto como virtude e como obrigação." (ALBORNOZ, 2004, p. 53)

Na atualidade, a dedicação ao trabalho ganha cada vez mais os contornos da

necessidade, da sobrevivência, e passa a ser a centralidade da vida, sendo vivenciada como prioridade, norteador escolhas importantes da vida, como locais de moradia e estudo, sem questionamentos sobre a sua primazia. Essa resignação à centralidade do trabalho ocorre tanto pelo valor social, que lhe é atribuído, consonante com o sistema econômico (porque tem valor a pessoa que produz), quanto pela necessidade de sobrevivência e inserção social.

Segundo Albornoz (2004), a centralidade do trabalho traz, ainda, aspectos nocivos à sociedade como um todo na medida em que a resignação à centralidade do trabalho gera uma legião de pessoas obedientes, sem tempo e cansadas demais para questões coletivas.

No entanto, a autora também aponta o aspecto social positivo do trabalho, que contribui tanto para a subjetividade do trabalhador quanto para a coletividade:

Há quem julgue o trabalho como um dever. É o que aparece na concepção puritana da vida. É o que acaba sendo acentuado em algumas versões da sociedade industrial. E se nos deixarmos empolgar pela visão positiva do trabalho, mesmo na sua concepção humanista, renascentista, o trabalho não só é um dever, mas um direito, pois através dele o homem é homem, se faz, aparece; enquanto cria, entra em relação com os outros, com o seu tempo, cria seu mundo, se torna reconhecido e deixa impressa no planeta em que vive a marca de sua passagem. (ALBORNOZ, 2004, p. 94)

Porém, a autora critica a centralidade do trabalho na vida das pessoas e o valor social que lhe é atribuído, ressaltando que: "a identidade de uma pessoa transcende, em grandeza e dignidade, tudo o que ela possa fazer ou produzir" (ALBORNOZ, 2004, p. 95).

Hanna Arendt também contribui para a compreensão do conceito de trabalho trazendo contrapontos e complementaridades em relação à abordagem de Marx. Segundo Wagner (2002), a principal crítica de Arendt é de que foi a partir de Marx que o trabalho, como o fazer humano que transforma a natureza, sobrepõe o planejar e o pensar, o que denota uma inversão de valores e não a sua complementaridade, destacando que o pensador propôs criticar a tradição filosófica para estabelecer tais ideias. Ela aponta, no entanto, o fato de que somente inverter os valores em relação a um determinado aspecto não põe em questão, em diálogo,

ambos, substitui um pelo outro, o que acaba reproduzindo a dicotomia tradicional e não diferencia as atividades humanas.

No pensamento de Marx as atividades humanas encontram-se diluídas e perdidas num conceito único, o conceito de ação. Ainda que Marx, pela inversão por ele promovida, houvesse pretendido colocar o homem que age no lugar do homem que pensa, invertendo, assim, a ordem hierárquica entre pensamento e ação, acabou por colocar no topo da hierarquia o homem que trabalha. (WAGNER, 2002, p. 32)

Cabe lembrar brevemente que a tradição filosófica à qual nos referimos pode ser denominada pós-socrática porque foi inaugurada após o julgamento de Sócrates. (ARENDRT, 2007) Até o julgamento de Sócrates o saber filosófico era realizado na *polis*, no espaço público, de onde se originou. “Pensamento e política em Sócrates pertenciam-se mutuamente.” (WAGNER, 2002, p. 33) O filósofo foi julgado por ser considerado subversor da ordem da *polis* e utilizou para sua defesa a dialética socrática, considerada infalível até então pelo seu poder de persuasão. No entanto, não obteve êxito e foi condenado. “Esse acontecimento marcou o abandono da *polis* pelos filósofos socráticos que, ao saírem das praças, deixaram o local de origem de sua atividade: o espaço público.” (WAGNER, 2002, p. 33)

Para Wagner (2002), essa separação entre a vida na *polis* e o filósofo significou a separação entre ação e pensamento, entre teoria e prática, tornando o trabalho do filósofo isolado e introspectivo, distante da realidade, que dá o contorno necessário ao pensamento. Isso o fez voltar seu modo de vida para a *vita contemplativa*. As atividades humanas práticas, nesse contexto, passaram a ser consideradas como atividades típicas de um mundo inferior, referentes às necessidades elementares da vida, à *vita activa*.

Diante disso, Arendt busca na antiguidade grega, na *polis* pré-filosófica, elementos para compreender as atividades humanas da *vita activa*. A autora estabelece a expressão *vita activa* para designar três atividades humanas: o labor, o trabalho e a ação, que são consideradas fundamentais porque referem condições básicas sob as quais a vida e a natureza humana, que é mais ampla e contém esses aspectos, se desenvolvem. (ARENDRT, 2007)

O labor é a atividade humana que corresponde aos processos vitais do corpo humano e está relacionada às necessidades biológicas, à manutenção da vida, sendo a vida a condição humana do labor. O trabalho é a atividade humana que corresponde à artificialidade da vida e está relacionada à construção de objetos e artifícios, que não são encontrados espontaneamente na natureza; é algo forjado pelo ser humano para sua vivência no mundo, sendo, assim, sua condição humana a mundanidade. A ação é a atividade exercida diretamente entre os seres humanos e que não necessita de objetos materiais para mediar essa relação; sua condição humana é a pluralidade. (ARENDDT, 2007)

É importante apontar que a expressão *vita activa* (prática) deriva, na tradição filosófica, seu significado da expressão *vita contemplativa* (teoria), que refere um modo de vida (como o dos filósofos, por exemplo) embasado na observação, no pensamento abstrato e na contemplação do bom e do belo. A *vita contemplativa* possibilita quietude porque propicia independência e liberdade em relação às necessidades de sobrevivência do ser humano, isentando-o de preocupações e cuidados. E nesse sentido a *vita activa* refere desassossego e ocupação. (ARENDDT, 2007)

Assim, do ponto de vista da tradição filosófica, juntamente aos valores cristãos apregoados posteriormente, a contemplação passou a ter superioridade em relação a quaisquer outras atividades humanas. Porém, à *vita activa* foi atribuída uma limitada dignidade, na medida em que se ocupava das necessidades de sobrevivência, propiciando essas condições àqueles que se dedicavam à *vita contemplativa*. (ARENDDT, 2007)

Outro aspecto interessante na teoria de Arendt (2007) a ser considerado é a diferenciação entre espaço público e espaço privado, e sua relação com as atividades humanas, que também é demonstrada a partir da análise sobre a Grécia Antiga, sobre a *polis* pré-filosófica.

Por abarcar questões relativas às necessidades de sobrevivência, atendidas pelas atividades de mulheres e escravos, o mando e a violência, assim como a subjugação dos escravos, se justificavam no espaço privado, sendo considerados meios de atender às necessidades e de alcançar a liberdade. Era a vida na *polis* que

referia liberdade por meio da política (do discurso e da relação), sendo atribuído à vida privada o papel de condutora e estruturadora da vida pública. (ARENDR, 2007, p. 40)

Desse modo, a vida privada tinha realmente a conotação de privação, porque era somente no âmbito público, na vida da *polis*, que o ser humano podia demonstrar sua individualidade.

Esse era o motivo pelo qual as mulheres e os escravos não eram vistos como parte da humanidade; dela estavam apartados na medida em que estavam privados do acesso ao mundo comum: o espaço capaz de permitir a transcendência da própria existência. Estar reduzido à esfera privada era estar submetido à implacabilidade das necessidades vitais, à violência do mando e à injustiça. (WAGNER, 2002, p. 48)

Segundo Wagner (2002), na Grécia Antiga, os âmbitos público e privado eram bem delimitados, com seu limite dado por barreiras levantadas entre a privação e a individualidade. Desse modo, os muros erguidos serviam para a proteção da cidade contra ameaças exteriores, mas mais do que isso, serviam à delimitação de modos de vida completamente diferentes.

Porém, ambigualmente, era no espaço privado que o ser humano tinha um lugar, na propriedade. A propriedade significava para a pessoa possuir o seu lugar no mundo e, por isso, pertencia à vida política e era, portanto, considerada um cidadão porque chefiava uma das famílias, sendo o conjunto das famílias o que constituía a esfera pública. (ARENDR, 2007)

De acordo com Wagner (2002)

A propriedade privada tem, para Arendt, duas funções não privativas: é o lugar onde as necessidades são supridas a partir da produção dos meios de sobrevivência e é, também, o local em que o homem se resguarda da publicidade, que, em excesso, torna superficial a vidas das pessoas – a propriedade é um esconderijo necessário ao florescimento da vida humana. É o lugar, portanto, onde o homem cuida da sua vida biológica e encontra segurança, familiaridade e confiança no mundo. (WAGNER, 2002, p. 193)

Pochmann (2010) contribui para a contextualização da temática do trabalho, na atualidade, apontando que o final do século XX e o início do XXI são marcados

por uma transição no contexto do mundo do trabalho, que passou da sociedade urbana industrial para a sociedade pós-industrial ou sociedade do conhecimento. Na sociedade urbana industrial, a temática do trabalho era atrelada à materialidade de uma atividade realizada em um determinado local. O trabalho material era tido como aquela atividade, da qual decorrem esforços físicos e mentais, que resulta em algum objeto físico, palpável, tangível, concreto, e era realizada em um determinado local.

Segundo o autor, a atualidade configura-se no contexto da sociedade pós-industrial, na qual o trabalho imaterial vem ganhando cada vez mais espaço, principalmente com o crescimento do setor de serviços, onde há predominância de postos de trabalho em que os esforços físicos e mentais não resultam em objetos palpáveis, em materialidade. (POCHMANN, 2010)

No entanto, para o mesmo autor, analisando o aspecto da carga horária de trabalho, como exemplificação das mudanças e das características da sociedade pós-industrial, as regulamentações conquistadas pelos trabalhadores não atendem à realidade atual do trabalho imaterial. O trabalho imaterial vem se caracterizando por uma atividade que é realizada em qualquer horário e em qualquer local. As novas tecnologias auxiliam esse processo, trazendo possibilidades de realização, administração, execução e decisão em qualquer lugar.

Nós estamos diante não apenas da intensificação brutal do trabalho no local de trabalho, mas também da extensão da jornada para além do local de trabalho. Estamos vivendo uma situação de estarmos quase “plugados” 24 horas no trabalho. Adeus final de semana com a família, com o esporte. (POCHMANN, 2010, p. 33-34)

Capítulo III

Ancestralidade da profissão de babá no Brasil

A função de cuidar de crianças está presente ao longo da história da humanidade e geralmente está vinculada ao exercício da maternidade. Porém, por motivos familiares, sociais e/ou econômicos, muitas vezes essa função é atribuída a uma terceira pessoa.

O presente trabalho aborda a profissão de babá no Brasil e, por esse motivo, torna-se relevante considerar alguns aspectos sociológicos a fim de contextualizar o tema ao longo da história e de propiciar uma compreensão acerca das bases sobre as quais ela se desenvolveu, o que denominamos a ancestralidade da profissão de babá. Nesse sentido, serão abordadas as influências das mulheres negras e índias na construção social brasileira, consideradas as babás do Brasil colonial.

Para essa abordagem foi enfocada a obra de Gilberto Freyre (1978) no intuito de nortear a compreensão sobre a família brasileira nos primeiros séculos após a colonização, destacando a participação das mulheres negras e índias na vida familiar desse período. Serão adicionadas outras bibliografias a fim de complementar o panorama histórico e contextual abordado.

O vocábulo babá é encontrado na sociedade brasileira desde o século XVI e não tem uma origem etimológica específica. Babá é um substantivo feminino que denomina a pessoa que é encarregada de cuidar de crianças, sendo que sua expressão também ocorre na redução bá, desde o mesmo período histórico, referindo uma linguagem infantil. (CUNHA, 2001)

Essa função esteve presente desde os primórdios da história da colonização

brasileira, sendo a babá referida como ama de crianças de colo, ou menores de cinco anos, que acompanhavam pais e/ou familiares da nobreza, passageiros das embarcações que vinham de Portugal em direção ao Brasil. (RAMOS, 1999)

A formação social brasileira é fortemente influenciada pela cultura africana, que ingressou no Brasil durante o período da escravização dos negros; inicialmente para o trabalho agrícola, o que logo foi expandido e o povo escravizado passou a exercer outras ocupações, como o trabalho doméstico nas casas dos senhores de engenho, em sua maior parte realizado por mulheres. Foi principalmente nessa função que a mulher negra contribuiu para a inclusão da cultura africana na vida social do país, por meio da sua linguagem, dos seus hábitos alimentares e religiosos, das relações que estabelecia, mesmo estando numa condição de opressão.

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. (FREYRE, 1978, p. 283)

No entanto, a relação entre os negros escravos e a população de brancos foi fortemente marcada por desigualdades e por atos violentos, como nos é demonstrado maciçamente por relatos históricos. Cabe ressaltar, contudo, que cada região do país tinha suas peculiaridades nessa dinâmica, assim como cada família, existindo diferenças no modo de agir nessas relações. Existem também registros de relações afetivas positivas entre senhores e escravos, embora mais raras e sempre permeadas pela divisão social que o regime social e econômico impunha. (FREYRE, 1978)

Da mesma forma, variou o modo de se relacionar no interior e no litoral do país. No litoral os casamentos das filhas dos colonos aconteciam em maior número com europeus, enquanto no interior os casamentos multirraciais ou, na maioria das vezes, uniões irregulares, eram largamente praticados para fins de povoamento. (FREYRE, 1978)

Para além do trabalho em lavouras:

Vieram-lhe da África “donas de casa” para seus colonos sem mulher branca; técnicos para as minas; artífices em ferro; negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril; comerciantes de panos e

sabão; mestres, sacerdotes e tiradores de reza maometanos.
(FREYRE, 1978, p. 308)

Diante do exposto, serão abordados elementos generalistas sobre o relacionamento entre as negras, trabalhadoras domésticas, e as famílias, trazendo as características consideradas mais relevantes para a temática pesquisada acerca da influência da mulher negra na construção social brasileira, conforme foi estudado pelo autor escolhido para nortear a construção desse capítulo. Esta relação tinha características peculiares e variava de acordo com o papel de cada personagem familiar.

A característica mais relevante para o presente trabalho é a relação de cuidado que a mulher negra estabelecia com as crianças da família. Era ela quem exercia a maternagem também para as crianças brancas. O principal meio pelo qual essa relação se estabelecia era a amamentação, sendo as negras as amas de leite dos bebês brancos.

Cabe contextualizar que esse fato não acontecia por descaso ou falta de vínculo das mães brancas com seus filhos, nem por modismos da cultura vigente. Ocorria que as sinhás casavam-se em tenra idade, passando a ter gestações consecutivas, e acabavam “terceirizando” a amamentação e alguns cuidados, de modo a dar conta da nova gestação. Em virtude da precocidade e da quantidade de gestações, em alguns casos, as sinhás acabavam morrendo no parto. Nessas situações, a ama de leite tornava-se também a “mãe-preta”. (FREYRE, 1978)

A partir dessa realidade, a compra de escravos não atendia somente às questões de força física e de disponibilidade para o trabalho. Diante da função de amas e também de amantes, as negras eram escolhidas por seus atributos de beleza, de face e de corpo; exigia-se que tivessem todos os dentes da frente e plenas condições de saúde. Eram comparadas à terra, sendo escolhidas as mais escuras, pois assim como a terra mais escura, também a mulher negra era considerada mais fértil e produtiva, convertendo melhor o alimento em leite. Além disso, eram observados os seios fartos e pontudos que melhor se adequavam a função de ama. “O que nos mostra ter havido seleção eugênica e estética de pajens,

mucamas e mulecas para o serviço doméstico.” (FREYRE, 1978, p. 314)

Outra característica destacada aponta que grande parte da dieta original do povo africano foi mantida e repassada de geração em geração na cultura alimentar brasileira. Cabe lembrar que a dieta indígena também permeia nossa alimentação até os dias de hoje. Sua influência origina-se nos primórdios da colonização, quando os colonizadores tiveram que adaptar suas condições de vida ao clima tropical, mantendo costumes alimentares característicos dos povos locais, acrescidos de produtos trazidos da corte. (FREYRE, 1978)

A terceira característica considerada relevante refere-se às influências da relação entre as mulheres negras e a família de senhores na linguagem falada. Não raro, eram as amas que ensinavam as crianças a falar as primeiras palavras, por meio das conversas balbuciadas e das cantigas de ninar. O vocabulário das crianças se constituía permeado por termos africanos.

A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. (FREYRE, 1978, p. 331)

Mesmo as cantigas e as histórias míticas portuguesas, ensinadas às amas pelas senhoras, acabavam sendo modificadas na maneira de verbalizar certas palavras. Também é possível apontar o repasse verbal de histórias míticas africanas por parte das amas às crianças negras e brancas.

Assim, na função de ama, a mulher negra influenciou a cultura brasileira de diferentes maneiras, pois expressava o seu ser naquilo que era tolerado, ou não percebido como perigoso, pelos senhores na relação estabelecida com as crianças.

A última característica destacada é encontrada na relação entre a sinhazinha e a mucama, que acompanhava a moça em suas raras saídas, cuidava de suas roupas, de seu quarto, carregava seus objetos pessoais, entre outras atribuições. Em alguns casos, estabelecia laços amigáveis, tornando-se confidente da sinhazinha e conhecendo a sua alma tanto quanto os padres do confessionário. “Sabe-se que enorme prestígio alcançaram as mucamas na vida sentimental das sinhazinhas. Pela negra ou pela mulata de estimação é que a menina se iniciava nos mistérios do

amor.” (FREYRE, 1978, p. 340)

Freitas (2001) aponta, a partir de diários de viagem de cidadão europeus que visitavam o Brasil nos primeiros séculos após a colonização, que, em muitos casos, a ama de leite passava a ter um papel de destaque na família da criança que amamentava. A atividade de ama de leite era valorizada economicamente, para a qual os senhores pagavam um aluguel maior do que às mucamas, cozinheiras e engomadeiras. Isso quando elas não faziam parte de suas senzalas. Como amas de leite, as negras conseguiam participar de outras formas da vida social da época. Por esse motivo, a maior parte dessas mulheres engravidava frequentemente a fim de manter a produção do leite materno e garantir um modo de vida menos danoso.

O mesmo autor destaca que nessas situações as negras gestantes eram colocadas em casas ou na residência do senhor, recebendo cuidados na alimentação e roupas emprestadas, porque deveriam ter boa aparência. Ao aparentarem luxo denotavam a prosperidade da família e sua situação econômica. A elas eram reservados os serviços domésticos mais leves. O viajante Charles Expilly escreve “amam o pequeno a quem dão o seio, mas porque devem a essa maternidade ocasional todas as satisfações que a fortuna pode lhes conceder.” (apud FREITAS, 2001, p. 32)

Essa situação trazia à mulher negra uma vivência de falsa inclusão, pois experimentava sabores e texturas da nobreza que lhe eram arrancados quando a função de amamentar era encerrada. Além disso, ao nascer, seus bebês eram vendidos ou relegados às senzalas, sendo cuidados por idosos e crianças que lá estavam até que a mãe retornasse para o modo de vida escravo. E isso acontecia somente nos casos em que as gestações das senhoras se espaçavam, pois era comum que tivessem proles numerosas, alongando o período de “serventia” das amas de leite. Algumas dessas mulheres, por sua fidelidade, recebiam carta de alforria após concluir sua função de amamentação na vida familiar das casas grandes. (FREITAS, 2001)

Já Scarano (1999) aponta que, em muitos casos, as mulheres negras nem sempre desejavam suas gestações, utilizando métodos abortivos visto que não desejavam o nascimento dos filhos em cativeiro. Do ponto de vista dos senhores, a

gestação fazia com que a escrava tivesse leite para ser utilizada ou alugada como ama de leite. Mas, ao mesmo tempo, trazia à senzala mais uma criança para ser alimentada, o que era visto como um gasto financeiro a mais. A sobrevivência desses bebês, portanto, não era considerada necessária.

A mesma autora acrescenta sobre as características do trabalho da mulher negra no período escravagista:

Apesar de muitos julgarem não ter havido especialização de trabalho, sobretudo aquele feminino, encontramos nas listas de escravas, mulheres classificadas como mucamas, pajens e também amas de leite. Essas profissionais, sobretudo as que tinham a função de alimentar crianças ou de tomar conta delas, como as amas ou as pajens, eram as cativas que valiam mais no comércio de escravos e, juntamente com seus filhos, podiam gozar eventualmente de melhores condições de moradia do que na senzala ou mesmo a dos próprios negros livres. (SCARANO, 1999, p. 128)

Mauad (1999) escreve sobre a vida das crianças de elite no período imperial brasileiro e destaca que à mãe era atribuída a responsabilidade de cuidar das crianças, mas que muitas pessoas eram coadjuvantes nessa tarefa, como as aias, amas, mucamas, pajens, etc. E quanto mais nobres e ricos eram os pais maior a participação dessas pessoas na vida da criança e, conseqüentemente, maior era a distância entre pais e filhos. Os cuidados com os filhos e a amamentação eram considerados tarefas exaustivas pelas senhoras e delegadas às escravas. A ama de leite era considerada por muitas como uma necessidade. Esse aspecto era observado também no cotidiano da realeza, onde princesas e príncipes imperiais foram igualmente criados por amas.

Cabe ressaltar que, assim como o povo negro, a população indígena também contribuiu para a construção social brasileira. Os escritos pesquisados fornecem maior quantidade de dados, relativos aos cuidados infantis por terceiros à família de origem, no que se refere à cultura africana. Porém, não pode ser esquecido que a população indígena é precursora da construção social do Brasil, porque estava presente muitos séculos antes da colonização. Dessa forma, os índios tiveram o seu modo de se relacionar com os invasores e de contribuir para nossa cultura, assim como para a construção da profissão de babá.

Gambini (2000) destaca em sua obra que a invasão e a destruição da cultura indígena deixaram como legado cultural a negação da alma ancestral brasileira. Esse aspecto é explícito na formação escolar que atribui ao Brasil um descobrimento, como se não existissem povos e culturas anteriores à colonização européia.

O que nos foi negado – nossa alma ancestral – é a experiência humana acumulada no decorrer de milhares e milhares de anos, por meio da qual as questões fundamentais da humanidade foram sendo pouco a pouco resolvidas. (GAMBINI, 2000, p. 160)

O autor complementa escrevendo que preciosas imagens do inconsciente coletivo brasileiro foram perdidas e nelas estavam formas de ser, valorar, sentir, compreender a vida, o mundo e a natureza; aspectos que davam um sentido ao viver humano. Assim, a formação cultural negou o que foi construído durante séculos, impondo um modo de viver estrangeiro que, inclusive, apoiado pela igreja católica, considerou os habitantes locais como pessoas sem alma. Nesse contexto, a alma brasileira foi negada, catequizada, maquiada com valores e sentidos estrangeiros. A miscigenação ocorreu no sentido biológico, mas não no sentido cultural. Houve a mistura de corpos, sendo esquecidas as almas dos que viviam aqui. O autor explica em metáfora:

O que nos resta são hoje os fragmentos que carregamos em nós, nessa camada profunda e aglutinadora da psique a que Jung deu o nome de inconsciente coletivo, que não se limita à nossa biografia pessoal, sendo antes um inesgotável lençol freático, um lençol de água oculto e protegido nas profundezas da terra. (GAMBINI, 2000, p. 161)

Segundo Freyre (1978), as índias foram inseridas no cotidiano dos colonizadores como mães de família, esposas legítimas ou concubinas, formando as primeiras famílias brasileiras; e também como trabalhadoras nas ocupações de agricultoras, artesãs, cozinheiras, domésticas e amas de leite. O autor ressalta que houve, assim como com o povo negro, subjugação e escravização da população indígena, mas que também aconteceu uma interação, diante do interesse dessas mulheres pelos europeus, tendo em vista a liberdade sexual encontrada em alguns povos indígenas. Para elas era o exercício de sua sexualidade, valorando uma

pessoa com atributos diferentes. Já para o homem europeu era a sexualidade exercida de forma deturpada em relação aos seus próprios valores religiosos e sociais, pois nos trópicos tudo era permitido e na terra de origem não. Isso denota uma contradição que colocava a mulher índia como alguém de menos valor, o que é explícito na sua inclusão social que somente ocorria após ser batizada.

O mesmo autor salienta que a mulher indígena contribuiu para o povoamento da colônia e para a construção cultural, que carrega costumes como alimentos, remédios caseiros, conjuntos de utensílios domésticos, tradições vinculadas ao desenvolvimento da criança, procedimentos de higiene e asseio pessoal.

Não faltavam à criança indígena cuidados da mãe pela sua saúde: indicam-nos as muitas medidas profiláticas; mostra-o o asseio em que era conservado o culumim. E acima de tudo a sua alegria e o seu bem-estar. (FREYRE, 1978, p. 138)

Porém, Gambini (1999) analisa como seria o primeiro casal brasileiro, ressaltando sobre as mulheres índias: “nós não sabemos se foram estupradas, pegas à força, ou se vieram espontaneamente para as mãos dele”. O termo ‘dele’ refere-se ao pai ancestral de todo brasileiro: os primeiros europeus que permaneceram aqui e eram degradados, uma espécie de criminosos nos países de origem. O autor segue realizando uma análise psicológica desse casal que tem esse homem ao lado da índia, que ao ser batizada perde sua verdadeira alma, sua identidade cultural. Dessa forma, quase nenhum aspecto acerca de sua influência é transmitido por meio da cultura como, por exemplo, na escolarização; sendo vista apenas como um veículo carnal. A mãe é considerada pelo seu corpo, como um veículo da miscigenação, destituída de alma. A sua subjetividade somente transparece de maneira indireta em cantigas e mitos, de forma alegórica e não atuante enquanto verdade subjetiva.

Assim, a mulher indígena não conseguiu ser sujeita da própria história, nem da própria vida, o que faz emergir a seguinte reflexão:

Acho que a noção de valor próprio começa com o amor da mãe. Quando um ser não recebe um olhar materno amoroso, que o faça sentir-se digno de ser amado e, portanto, portador de valor, talvez passe o resto da vida procurando. Nem uso a palavra carência, uso a expressão “inconsciência do próprio valor”, porque a pessoa pode até

tê-lo, mas não tem consciência. (...) A mãe cria o lugar e as condições de vida. O lugar dela é o lugar do filho. Sem ela, ele não sabe quem é, nem o que vale, nem qual é o seu lugar. (GAMBINI, 2000, p. 31)

O autor escreve ainda que essa mãe índia, desonrada e desfigurada em sua subjetividade e cultura, foi o ventre que gestou o povo brasileiro, sendo a Grande Mãe do Brasil. No entanto, sua imagem está ausente nas representações coletivas, pois esse título lhe é negado.

Nosso povo mestiço é filho de uma não-mãe e de um pai patogênico, porque autorizado pela própria religião, em nome da qual foi usada a força e a violência da conquista, a liberar impunemente sua sombra. (GAMBINI, 2000, p. 171)

A população do Brasil seguiu crescendo com essa dinâmica psíquica como pano de fundo, o que favoreceu uma multiplicação de pessoas que podem, diante desse contexto, ser consideradas uma população de *ninguéns*. São seres que ignoram de onde se originam e são carentes de um projeto para o futuro, já que não se sentem pertencentes a nenhum lugar, somente aos locais onde exercem sua força de trabalho, “na infinidade de trabalhos braçais anônimos de que é feita a vida cotidiana de um povo colonizado que alimenta a metrópole.” (GAMBINI, 2000, p. 171) As mães desses *ninguéns* foram chamadas a trabalhar em serviços domésticos e no cuidado de crianças nas casas dos colonizadores. “Nossa Grande Mãe é a patrona das empregadas domésticas do Brasil.” (GAMBINI, 2000, p. 171)

Então, o ser humano nascido nesse contexto não pertencia nem à corte, de onde veio seu pai, nem ao mundo da mãe, que lhe era negado. Para o mesmo autor, essa é a situação psicológica da identidade brasileira.

No Brasil, há um débito psíquico que, se não for formulado e trabalhado, não permitirá que surja um novo processo de conscientização de identidade. A sociedade branca deve, tanto para a sociedade indígena quanto para a negra, um reconhecimento honesto da culpa e do débito. (GAMBINI, 1999, p. 66)

Para Gambini (1999), ainda há no funcionamento da sociedade brasileira um mecanismo perverso que impede a junção dos pedaços de sua alma ao todo. Ele avalia que existe até os dias de hoje uma exclusão, embora o sistema legal tenha

resolvido esse aspecto, por exemplo, no mercado de trabalho. Isso denota uma herança escravagista, profundamente presente no estilo de vida social, que se apresenta como exclusão social e não como separação racial. Nesse sentido, a sociedade brasileira está amarrada, mas sem que haja uma síntese genuína.

Porque há uma negação. Na hora de medir os valores, eles são muito desiguais. (...) isso começa com a negação da alma do outro. Então é claro que não dá para juntar se, desde o começo, dizia-se que o índio era um animal e o negro uma mercadoria, e que nenhum dos dois tinha alma. (...) É mais que um preconceito racial, é um preconceito anímico. (GAMBINI, 1999, p. 69)

Até aqui foi salientado o período colonial brasileiro no intuito de abordar a ancestralidade da profissão no contexto do Brasil. As referências teóricas utilizadas remetem diretamente aos costumes da época, oferecendo descrições detalhadas sobre as influências de mulheres negras e índias no cotidiano das famílias, que culminaram na construção da sociedade atual. Desse modo, os elementos abordados formam a base histórica, sobre a qual a profissão se desenvolveu, e se constituem como aspectos de um complexo cultural vivenciado pelas babás em sua constituição e cotidiano profissional.

Cabe teorizar que o conceito de inconsciente cultural foi cunhado por Henderson como sendo uma área que contém memórias históricas e que está localizada entre o inconsciente coletivo e as manifestações de padrões culturais. “Herderson introduziu o conceito de inconsciente cultural como um nível da psique entre os inconscientes pessoal e coletivo.” (apud WEISSTUB, 2004)

Segundo Weisstub (2004), a partir do entendimento sobre o inconsciente cultural, podemos abordar o conceito de complexo cultural. O conceito de complexo cultural foi uma ampliação do conceito de inconsciente cultural, na qual o primeiro está incluído no segundo. Kimbles e Singer cunharam o termo complexo cultural. (apud WEISSTUB, 2004)

Os complexos culturais estão contidos no inconsciente cultural. O “complexo cultural é uma matriz de idéias e um conjunto de imagens, de valores, de símbolos, de atitudes, de práticas sociais”. (RAMOS, 2005, p. 13) O complexo cultural pode ser entendido, ainda, como conteúdos coletivos, referentes a determinados grupos

sociais e/ou étnicos, com forte carga afetiva, geralmente decorrentes de traumas vivenciados por esses grupos. Tais conteúdos traumáticos são transmitidos intergeracionalmente também pela linguagem falada, mas muito mais pela tonalidade afetiva, pelo “clima emocional” resultante da vivência traumática grupal.

Assim, ao abordarmos as profissões, como é o caso do presente estudo, essa conceituação torna-se esclarecedora e explicita o motivo de termos considerado a ancestralidade da profissão de babá, que compõe, em sua maior parte, o aspecto latente da identidade grupal. Desse modo, podemos contextualizar o termo inconsciente cultural para o entendimento do inconsciente grupal e, da mesma maneira, o termo complexo cultural para o complexo grupal.

Capítulo IV

Método

Características da pesquisa

O presente estudo caracteriza-se pelo enfoque metodológico qualitativo, por meio do qual buscamos elaborar uma reflexão acerca das peculiaridades do cotidiano de trabalho das pessoas que exercem a profissão de babá, à luz da psicologia analítica, considerando o contexto histórico e social da profissão.

A modalidade de pesquisa qualitativa “caracteriza-se como uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos” (PENNA, 2004, p. 80), que considera o conhecimento como resultado de processos dinâmicos que ocorrem dialeticamente. Nesse sentido, Penna (2009) salienta que o enfoque metodológico qualitativo propicia a produção de um conhecimento voltada à compreensão e à interpretação, e não somente descrição, da realidade estudada.

Participantes

As participantes são sete mulheres, com idades entre 25 e 52 anos, que exercem a profissão de babá na capital paulistana, procedentes de uma rede de indicações. O critério de inclusão é a experiência mínima de seis meses de trabalho na função de cuidar das crianças, nos últimos dois anos.

Instrumentos

Foi realizada uma entrevista semidirigida, com questões construídas conjuntamente pela pesquisadora e por sua orientadora, que abordou a profissão de babá por meio da utilização de dois instrumentos:

1) Questionário perfil social, demográfico e situação profissional (Anexo I), com perguntas abertas e fechadas sobre o perfil social e demográfico e a situação profissional de cada participante, no intuito de conhecer e descrever as particularidades do cotidiano de trabalho.

2) Questões abertas, consideradas relevantes para a compreensão das vivências profissionais e norteadoras do diálogo estabelecido. As questões propostas foram as seguintes:

- Como é ser babá?
- Quais as atividades que você gosta, e quais as atividades que você não gosta, de realizar no cotidiano de trabalho?
- Quais as dificuldades do cotidiano profissional?
- O que é a babá para uma criança?
- Quais os aspectos do seu trabalho que você considera que contribuem para sua vida?
- Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre a profissão?

Procedimentos

A partir da rede de indicações construída, foram realizados contatos telefônicos com as pessoas indicadas a fim de convidá-las a participar da pesquisa e de esclarecer a natureza da mesma.

Alguns encontros ocorreram no consultório da pesquisadora, em fins de semana e feriados, outros ocorreram no local de trabalho das babás, entre segunda e sexta-feira, sendo que o agendamento do encontro ocorreu de acordo com a disponibilidade e escolha de cada uma das participantes.

Nos casos em que elas preferiram a ida da pesquisadora até o local, durante o contato telefônico, foi solicitado que fosse sigiloso e tranquilo para assegurar os

procedimentos éticos, assim como foi solicitada a autorização dos proprietários da residência para a presença da pesquisadora.

O encontro foi dividido em etapas. No primeiro momento, a pesquisadora falou sobre a natureza da pesquisa. A seguir, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II) foi entregue à participante, lido e explicado pela pesquisadora e, diante do esclarecimento da participante, foi devidamente preenchido e assinado por ambas, em duas vias. No terceiro momento, foi realizada a entrevista semidirigida que foi gravada em gravador digital e posteriormente transcrita. Ao final, a pesquisadora agradeceu a participação e colocou-se à disposição para realizar uma entrevista devolutiva a ser agendada conforme o interesse das participantes. Antes de encerrar o encontro, a pesquisadora solicitou a indicação de mais uma participante.

Tratamento dos dados

Optamos por realizar a apresentação dos resultados concomitantemente à discussão tendo em vista o volume de conteúdo obtido nas entrevistas, que será anexado em um CD-ROM para eventual consulta (Anexo V).

Os dados obtidos a partir do Questionário perfil social, demográfico e situação profissional (QPSDSP) são demonstrados nas Tabelas 1, 2, 3 e 4.

As verbalizações das participantes, emergidas a partir do QPSDSP e das questões abertas, foram agrupadas nas categorias: Como é ser babá; O que é babá para a criança; Contribuições da profissão para a vida pessoal.

Após, realizamos uma análise compreensiva e interpretativa acerca dos dados obtidos sob o enfoque clínico da psicologia analítica, considerando o contexto histórico e social da profissão, que compõe o quinto capítulo do presente estudo com os resultados e a discussão dos dados.

Num primeiro momento, a discussão foi construída a partir das três categorias elencadas. O conteúdo emergido diante dessa construção foi, num segundo momento, distribuído em duas temáticas centrais, que compõem a divisão do quinto capítulo: O cotidiano de trabalho da babá na atualidade; Considerações sobre a persona profissional da babá.

Procedimentos Éticos

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa foram observados alguns procedimentos éticos.

Primeiramente, construímos um projeto de pesquisa e o submetemos ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para aprovação, sobre o qual obtivemos um parecer favorável. (Anexo III)

A construção do projeto envolveu, também, a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II) de acordo com a Resolução 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que regulamenta a pesquisa com seres humanos. No momento da realização das entrevistas ele foi entregue às participantes, lido e explicado pela pesquisadora e, diante do esclarecimento das participantes, foi preenchido e assinado pela pesquisadora e pelas participantes, em duas vias.

Ao final das entrevistas, a pesquisadora agradeceu a participação e colocou-se à disposição para realizar uma entrevista devolutiva a ser agendada conforme o interesse das participantes.

Além desses procedimentos éticos descritos, também foi lido e assinado, pela pesquisadora e pela orientadora do presente estudo, o Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável (Anexo IV).

Capítulo V

Resultados e Discussão

Optamos por realizar a apresentação dos resultados da presente pesquisa concomitantemente à discussão, tendo em vista o volume de conteúdo obtido nas entrevistas, que será anexado em um CD-ROM (Anexo V) para eventual consulta.

Além disso, consideramos que a apresentação realizada dessa maneira expõe a dissertação com maior clareza, na medida em que a discussão interpretativa e compreensiva vai sendo ilustrada por meio das verbalizações das participantes.

Num primeiro momento, a discussão foi construída a partir das três categorias elencadas na organização dos dados obtidos na entrevista: Como é ser babá; O que é a babá para a criança; Contribuições da profissão para a vida pessoal.

O conteúdo emergido diante dessa construção foi, num segundo momento, distribuído em duas temáticas centrais, que compõem a divisão do presente capítulo: O cotidiano de trabalho da babá na atualidade e Considerações sobre a persona profissional da babá.

As sete participantes da pesquisa trabalham como babás, na função de cuidar de crianças, e são denominadas de A até F. A participante B, por exemplo, será representada pela escrita PB, e assim sucessivamente.

Os dados das participantes do presente estudo obtidos a partir do Questionário perfil, social, demográfico e situação profissional (QPSDSP) são demonstrados nas tabelas: Tabela 1 – Perfil social e demográfico das babás; Tabela 2 – Trajetória profissional das babás; Tabela 3 – Situação profissional das babás; Tabela 4 – Principais atividades realizadas no cotidiano profissional das babás.

Com relação aos dados da Tabela 4 – Principais atividades realizadas no cotidiano profissional das babás, as participantes PC, PD e PE relatam que são somente babás, dormem na residência de trabalho, e têm alguns afazeres domésticos, relacionados especificamente à criança, como parte de suas atribuições. PA conta que seu cotidiano era dessa forma até pouco tempo atrás, mas que mudou diante do crescimento das crianças com quem trabalha, na medida em que precisam menos dela, embora continue a dormir na residência de trabalho, sendo que passou a limpar e organizar a casa nos dias em que a diarista, contratada em dois dias na semana, não está. PB, PF e PG mencionam uma dupla função, além da ocupação de babá, atuam também em atividades domésticas e não dormem na residência de trabalho. Portanto, PA, PB, PF e PG têm em seu cotidiano atividades domésticas relacionadas às crianças e, também, aos familiares e à residência.

Diante dessa constatação, optamos por dividir as participantes em dois grupos somente na apresentação das tabelas. O grupo A, composto por participantes que são babás e dormem na residência onde trabalham; e o grupo B, composto por participantes que são babás e não dormem na residência onde trabalham.

Cabe ressaltar que a escolha por essa divisão, inicialmente, se deu por pensarmos que haveria uma diferença também nos relatos, obtidos nas questões abertas, sobre as vivências da profissão. No entanto, as principais diferenças encontradas foram em relação às atividades, às tarefas cotidianas e ao dormir ou não no local de trabalho. Mesmo assim mantivemos nas tabelas essa divisão em dois grupos a fim de tornar a apresentação dos dados do QPSDSP mais didática.

Desse modo, não abordaremos todos os resultados e toda a discussão a partir da divisão desses dois grupos. As verbalizações emergidas ao longo da entrevista serão consideradas como partes de um todo que é a profissão; e serão abordadas como representações pessoais acerca de uma vivência coletiva sobre a ocupação de babá. Entretanto, a divisão entre os grupos A e B será considerada e abordada quando apontar diferenças relevantes para a discussão e compreensão das peculiaridades do cotidiano profissional das participantes.

A seguir, apresentamos as tabelas.

Tabela 1 – Perfil social e demográfico das babás

	Babás que dormem na residência onde trabalham					Babás que não dormem				
	PA	PC	PD	PE	PB	PF	PG			
Idade	30 anos	25 anos	28 anos	41 anos	30 anos	37 anos	52 anos			
Religião	Evangélica	Evangélica	Crê em Deus	Evangélica	Católica	Católica	Evangélica			
Cor atribuída à pele	Preta	Parda	Preta	Preta	Preta	Parda	Parda			
Estado Civil e afetivo	Solteira	Solteira	Solteira, tem namorado	Solteira, mora com companheiro	Solteira, tem namorado	Divorciada	Divorciada			
Filhos / netos e idades	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem	01 filho de 07 anos	03 filhos de 14, 12 e 09 anos	03 filhos de 29, 28 e 27 anos; 02 netos de 09 e 07 anos			
Estado onde nasceu	São Paulo	Bahia	Bahia	Bahia	São Paulo	São Paulo	São Paulo			
Há quanto tempo vive em SP	Sempre	04 anos e meio	06 anos	16 anos	Sempre	Sempre	Sempre			
Com quem mora	Familiares e na residência de trabalho	Familiares e na residência de trabalho	Familiares e na residência de trabalho	Familiares e na residência de trabalho	Com familiares	Com familiares	Sozinha			

Tabela 2 – Trajetória profissional das babás

		Babás que dormem na residência onde trabalham			
	PA	PC	PD	PE	
Escolaridade	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Completo	Magistério e Ensino Superior Incompleto em Pedagogia	Ensino Fundamental Completo	
Outra ocupação anterior	Não teve	Não teve	Vendedora no comércio	Atendente de farmácia	
Curso preparatório para ser babá / duração	Sim 02 meses	Não	Professora no Ensino Fundamental	Não	
Há quanto tempo trabalha como babá	08 anos	07 anos	05 anos	15 anos	
É babá de quantas crianças / idades	02 de 08 e 06 anos	02 de 04 anos	02 de 05 anos	01 de 02 anos	
Tempo na família atual	08 anos	04 anos	02 anos	02 anos	
		Babás que não dormem na residência onde trabalham			
	PB	PF	PG		
Escolaridade	Ensino Fundamental Completo	Ensino Fundamental Incompleto	Reiniciou o Ensino Fundamental em 2011		
Outra ocupação anterior	Não teve	Cuidadora de idosos	Não teve		
Curso preparatório	Não	Não	Não		
Há quanto tempo trabalha como babá	12 anos	07 meses	05 anos		
É babá de quantas crianças / idades	01 de 02 anos	01 de 02 anos	02 de 04 e 05 anos		
Tempo na família atual	02 anos	07 meses	09 anos		

Tabela 3 – Situação profissional das babás

Babás que dormem na residência onde trabalham			
	PA	PC	PE
Registro na carteira de trabalho	Babá	Empregada doméstica	Babá
Faixa salarial	R\$ 1.000 a R\$ 1.500	Até R\$ 1.000	R\$ 1.500 a R\$ 1.500
Jornada de trabalho	Trabalha 12 dias e folga 02 dias, quinzenalmente	Trabalha de segunda a sexta-feira. Eventualmente trabalha aos sábados	Trabalha de segunda a sexta-feira
Tipo de roupa que usa para trabalhar	A carga horária diária é indefinida Uniforme branco	A carga horária diária é indefinida Roupas em geral	A carga horária diária é indefinida Uniforme branco
Babás que não dormem na residência onde trabalham			
	PB	PF	PG
Registro na carteira	Não	Empregada doméstica	Empregada doméstica
Faixa salarial	Até R\$ 1.000	Até R\$ 1.000	R\$ 1.000 a R\$ 1.500
Jornada de trabalho	Trabalha de segunda a sexta-feira A carga horária é de média 11 horas/dia Uniforme branco	Trabalha de segunda a sexta-feira e aos domingos A carga horária é de média 10 horas/dia Uniforme branco	Trabalha de segunda a sexta-feira Eventualmente trabalha aos sábados A carga horária é de média 09 horas/dia Roupas em geral

Tabela 4 – Principais atividades realizadas no cotidiano profissional das babás

Atividades	Babás que dormem						Babás que não dormem		
	PA	PC	PD	PE	PB	PF	PG		
Ficar com a criança e acompanhá-la em suas atividades	X	X	X	X	X	X	X		
Cuidar da criança (higiene, alimentação e vestuário)	X	X	X	X	X	X	X		
Educar	X	X	X	X	X	X	X		
Brincar	X	X	X	X	X	X	X		
Preparar a alimentação da criança				X	X	X	X		
Preparar a alimentação da família					X	X	X		
Limpar o quarto da criança (banheiro, armários e brinquedos)	X			X	X	X	X		
Organizar o quarto da criança (banheiro, armários e brinquedos)	X	X	X	X	X	X	X		
Limpar e organizar a casa da família					X	X	X		
Lavar e passar a roupa da criança	X	X	X	X	X	X	X		
Lavar e passar a roupa da família					X	X	X		
Manter a casa quando a diarista não está (limpar e organizar)	X								

Inicialmente descrevemos as tabelas e posteriormente apresentamos e discutimos os dados levantados com a ilustração por meio dos discursos.

Na Tabela 1 – Perfil social e demográfico das babás, verificamos que as sete participantes são mulheres com idades entre 25 e 52 anos, que atribuem a suas peles as cores preta e parda, e referem que suas religiões são evangélica, católica ou a crença em Deus. Com relação ao estado civil e aos relacionamentos afetivos: PA, PC, PD, PE e PB são solteiras, sendo que PD e PB têm namorado e PE mora com o companheiro; PF e PG são divorciadas. PA, PC, PD e PE referem não ter filhos, PF e PG têm três filhos e PB um filho. PA, PB, PF e PG nasceram na cidade de São Paulo; PC, PD e PE nasceram na Bahia e estão em São Paulo entre quatro e dezesseis anos. PA, PC, PD e PE apontam que moram com seus familiares e com a família da criança com quem trabalham; PB e PF referem morar com seus familiares e PG mora sozinha.

Na Tabela 2 – Trajetória profissional das babás, constatamos acerca da escolaridade: PA e PC têm o Ensino Médio Completo, PB e PE têm o Ensino Fundamental Completo, PF e PG têm o Ensino Fundamental Incompleto, e PD cursou Magistério no Ensino Médio e tem curso Superior Incompleto. Apenas PA fez curso preparatório para a profissão, com a duração de dois meses. Com relação a outras experiências profissionais: PD, PE e PF relatam que tiveram outra ocupação antes de trabalharem no âmbito doméstico como vendedora no comércio, professora no Ensino Fundamental, atendente de farmácia e cuidadora de idosos. PA, PC, PB e PG contam que sempre trabalharam nessa função.

Na mesma tabela, quanto ao tempo de trabalho como babás, constatamos que PF exerce a profissão há sete meses, PD e PG exercem há cinco anos, PC há sete, PA há oito, PB há doze e PE há quinze anos. Com relação ao tempo em que estão com a família com quem trabalham atualmente: PG trabalha há nove anos; PA há oito anos; PC há quatro; PB, PD e PE trabalham para a família atual há dois anos; e PF há sete meses. Quanto à(s) criança(s) com quem trabalham: PA é babá de duas crianças, de seis e oito anos; PB e PF de uma, de dois anos; PC de duas, de quatro anos; PD de duas, de cinco anos; PE de uma, de dois anos; e PG é babá de duas crianças, de quatro e cinco anos.

Na Tabela 3 – Situação profissional das babás, podemos perceber que seis participantes têm registro na carteira de trabalho profissional. PA, PD e PE são registradas como babás; PC, PF e PG como empregadas domésticas; e PB não possui o registro. Com relação à faixa salarial: PC, PB e PF apontam que recebem até R\$ 1.000; PA, PE e PG recebem de R\$ 1.000 a R\$ 1.500; e PD recebe um salário na faixa de R\$ 1.500 a R\$ 2.000. Sobre a roupa que usam para trabalhar: PA, PD, PE, PB e PF contam que usam uniforme branco; e PC e PG usam roupas em geral.

Na mesma tabela, observamos que a jornada de trabalho varia em relação aos dias trabalhados: PC e PG contam que trabalham de segunda a sexta-feira e eventualmente aos sábados; PB e PE trabalham de segunda a sexta-feira; PF refere que trabalha de segunda a sexta-feira e aos domingos; PD menciona que trabalha em uma semana de segunda a sexta-feira e na outra semana de segunda-feira a sábado; PA conta que trabalha doze dias e folga dois quinzenalmente. A carga horária é indefinida para as babás que dormem na residência de trabalho (grupo A). E para as babás que não dormem no trabalho (grupo B) a carga horária varia entre nove e onze horas diárias de exercício profissional, sem contar o tempo de deslocamento entre a residência de trabalho e a própria casa.

Na Tabela 4 – Principais atividades realizadas no cotidiano profissional das babás, observamos que as seguintes atividades são comuns a todas as participantes: Ficar com a criança e acompanhá-la em suas atividades, cuidar da criança (higiene, alimentação e vestuário), educar e brincar; além de organizar o quarto (banheiro, armários, brinquedos), lavar e passar as roupas da criança.

Ainda na mesma tabela, dentre as tarefas domésticas (preparar a alimentação, limpar e organizar, lavar e passar) verificamos que as babás que não dormem (grupo B) realizam todas essas atividades. Já entre as babás que dormem (grupo A), há uma variação no arranjo das tarefas que são ou não desempenhadas, sendo que as tarefas que elas não realizam referem-se às famílias e à residência, e não às crianças. No entanto, PA, uma das participantes do grupo a, realiza limpeza e organização da residência quando a diarista não está, o que não acontece com a outra participante, PD, que também tem na residência de trabalho uma diarista em

alguns dias da semana. E, quanto à limpeza e organização do quarto das crianças, embora possamos considerar tarefas domésticas semelhantes, podemos constatar que as participantes PC e PD, dentre as babás que dormem (grupo A), essas atividades são apontadas separadamente. Entretanto, a organização do quarto das crianças e as tarefas de lavar e passar suas roupas são apontadas por todas as participantes. Com relação ao preparo da alimentação, dentre as babás que dormem (grupo A), somente PE relata essa tarefa, sendo que as outras participantes contam com outras funcionárias, como cozinheira ou empregada doméstica, para fazê-lo. E entre as babás que não dormem (grupo B): PB, PF e PG, o preparo da alimentação é uma tarefa relacionada a todos as pessoas da família com quem trabalham.

V.1 O cotidiano de trabalho da babá na atualidade

Antes de discorrer sobre os dados, cabe lembrar que até meados do século XIX algumas considerações sobre as peculiaridades da infância eram apontadas, mas a educação e os modos de vestir, por exemplo, correspondiam a uma visão da criança como um pequeno adulto. A noção de infância como um período peculiar do desenvolvimento humano foi amplamente considerada somente a partir de então. (FREITAS, 2001)

O desenvolvimento das grandes cidades, a urbanização e a industrialização modificaram o modo de vida das famílias brasileiras. O trabalho passou a ser exercido fora do domicílio da família, trazendo a esse grupo dispersão e deslocamento. Diante dessa realidade as famílias já não conseguem administrar todos os aspectos do desenvolvimento de seus filhos. (FREITAS, 2001)

Albornoz (2004) aponta esse aspecto como uma característica do trabalho no contexto dos grandes centros urbanos: a separação entre o local de moradia e o local de trabalho, que não é totalmente superada, em sua distância, pelos meios de transportes disponíveis. Em virtude dessa distância, e do tempo despendido para percorrê-la na ida e na volta do trabalho, os trabalhadores convivem cada vez menos

com a suas famílias.

PB: *Eu não durmo, vou embora todo dia, daí, eu canso mais ainda; ir embora, pegar o ônibus cheio, cansada. Fico pouco tempo com o meu filho, é mais na minha folga.*

PF: *Tenho que pegar um trânsito danado pra chegar aqui e depois pra chegar em casa!*

Assim, as demandas sociais do trabalho monopolizam a energia psíquica, a vida das pessoas. Isso ocorre ainda que os trabalhadores tenham uma jornada consonante com a legislação trabalhista, porque ela não considera o tempo de deslocamento que, em última análise, também faz parte do tempo despendido ao trabalho.

Além disso, cabe lembrar inclusive que, muitas vezes, o trabalhador busca complementar a sua formação profissional estendendo sua carga horária distante da família na realização de cursos o que, em termos conceituais, conforme descreve Albornoz (2004), pode ser considerado um trabalho intelectual. No entanto, o aperfeiçoamento, em virtude de responder a uma demanda de formação do trabalhador, na maioria das vezes, é separado da carga horária formal de trabalho. Lembramos que algumas empresas propiciam esse espaço dentro do horário de trabalho, porém, as temáticas abordadas são de interesse da instituição e nem sempre são consonantes com interesses para a formação pessoal do trabalhador.

Esses aspectos denotam uma realidade social em que a centralidade do trabalho é característica do modo de vida nas grandes cidades, o que pode ser compreendido a partir da herança religiosa que coloca o trabalho como expiação do pecado, algo penoso, mas que é uma maneira de servir a Deus. (ALBORNOZ, 2004)

Além disso, o mercado de trabalho atual, da sociedade pós-industrial (POCHMANN, 2010), exige cada vez mais do trabalhador tanto em relação à profissionalização quanto à excessiva quantidade de horas trabalhadas.

Isso porque, além dos aspectos materiais, objetos e serviços que são necessários à existência humana e/ou a facilitam, a vida das pessoas também foi submetida à 'ótica' moderna, ao âmbito das novas tecnologias que requerem agilidade, assertividade, renovações quase que imediatas dos produtos e serviços, entre outras características que denotam a predominância de uma lógica patriarcal nos modos de vida relacionados ao trabalho.

Ainda que o âmbito profissional requeira essa ênfase patriarcal – porque, em termos psíquicos, "trata" dos aspectos relacionados ao ego, à inserção e adaptação social por meio de uma identidade reconhecida socialmente, a profissão, que confere ao ser humano um "lugar" na sociedade – não deveria contemplar somente esses aspectos em detrimento da observação das demandas subjetivas, e de outras demandas sociais, das pessoas que a exercem.

Assim, o trabalho humano, enquanto labor, trabalho e ação (ARENDR, 2007) é essencial na vida de qualquer pessoa e sempre esteve presente nas organizações sociais. Em épocas primitivas, o trabalho humano era voltado à sobrevivência, produzindo elementos que atendessem às demandas familiares de moradia, alimentação e vestimentas.

Atualmente, o trabalho também se refere à sobrevivência, porém não por meio da execução das atividades que a propiciem. A sobrevivência é conquistada por meio da profissão, do exercício de ocupações, tarefas e funções em troca de uma remuneração financeira que a possibilitam.

PD: (...) *eu trabalho porque eu preciso me manter.*

Nesse sentido, o trabalho pode ser considerado, além de um dever, também um direito dos cidadãos, o que é consonante com a opinião de Albornoz (2004)

o trabalho não só é um dever, mas um direito, pois através dele o homem é homem, se faz, aparece; enquanto cria, entra em relação com os outros, com o seu tempo, cria seu mundo, se torna reconhecido e deixa impressa no planeta em que vive a marca de sua passagem. (ALBORNOZ, 2004, p. 94)

Entretanto, a herança cultural proveniente da religião, e o contexto social da atualidade, fazem com que as pessoas vivam de acordo com lógicas financeiras e mercadológicas, acabando por reproduzir relações históricas de dominação e exploração que, diante da percepção do trabalho como um dever social, acabam não sendo atentadas e/ou relativizadas.

Nesse contexto, a função de cuidar de crianças não é localizada somente no âmbito doméstico, as instituições sociais como a escola ampliaram cada vez mais o seu espaço na sociedade, bem como outros tipos de 'cuidadores', com vínculos familiares ou não. Podemos considerar que, assim como hoje, nessa função, durante

o período colonial: “As governantas e os professores funcionavam como elos entre pais e filhos, pela idade e pelo preparo, reforçando junto aos filhos os padrões sociais tradicionais.” (FREITAS, 2001, p. 26)

No entanto, segundo Albornoz (2004), esses arranjos atenderam às demandas do trabalho, mas não resolveram a questão do distanciamento do trabalhador de seu convívio familiar.

Desse modo, a participação da babá como uma cuidadora, que tem a função de auxiliar na criação e na educação das crianças, também foi ampliada na sociedade e vem se modificando ao longo do tempo. O papel de cuidar de crianças, substituindo o cuidado parental, foi se desenvolvendo chegando a se tornar uma profissão.

Na atualidade, as babás podem ser consideradas como um grupo de profissionais que tem as funções de cuidar e educar as crianças com quem trabalham, sendo ampliadas as exigências sobre seu papel no mercado de trabalho e conseqüentemente sobre sua formação profissional, sobre seus deveres e atributos desejáveis para a função. Hoje elas se enquadram legalmente na categoria de trabalhadores domésticos e não têm resguardados direitos específicos relativos às peculiaridades de seu trabalho, assim como os demais profissionais inseridos nessa categoria.

A legislação brasileira atual inclui a atuação profissional da babá na categoria de trabalhadores denominados empregados domésticos, dentre os quais se considera também as profissões de governanta, jardineiro(a), motorista, cozinheiro(a), faxineiro(a), acompanhante de idosos, entre outros. Legalmente, o que caracteriza esse grupo de trabalhadores é a prestação de serviço contínuo (constante e frequente) em âmbito residencial, que não tenha fins lucrativos a pessoas da família empregadora, ou seja, que não configure espaço comercial. (MTE, 2007)

No entanto, as trabalhadoras percebem que ainda lhe faltam benefícios que já foram garantidos por outros grupos de trabalhadores:

PD: *Babá é uma profissão boa, você não tem muitos benefícios, você só tem ali suas férias, décimo terceiro, mas é boa.*

PE: *É uma profissão meio ingrata, porque você se dedica tanto e no final sai com uma mão na frente e outra atrás; é ruim, né.*

PG: *Tenho carteira assinada. Eu saio de férias, tenho décimo terceiro. Mas quando eu sair de lá não vou ter seguro desemprego, nem fundo de garantia, porque a nossa classe não tem.*

Observamos ainda que, para essas profissionais, a centralidade do trabalho é uma característica da profissão, o que pode ser percebido nas extensas jornadas e na carga horária de trabalho, conforme constatamos na Tabela 3 – Situação profissional das babás e nas seguintes verbalizações:

PA: *A nossa vida é viver em torno da vida deles. A gente vive na vida da criança todo o tempo! (...) É uma vida assim, que você tem que se dedicar àquilo! Mas não é uma vida difícil! É mais ou menos.*

PE: *Ser babá ocupa o nosso tempo e não temos muito tempo pra gente.*

A Convenção sobre o Trabalho Decente para as Trabalhadoras e Trabalhadores Domésticos (OIT, 2011) atentou para a questão da ampla jornada de trabalho e apontou a importância desses trabalhadores adquirirem uma igualdade de tratamento no que se refere aos direitos já garantidos pelas demais profissões.

As recomendações incluem o direito a um descanso semanal de vinte e quatro horas consecutivas, podendo ser determinado, em comum acordo, um descanso quinzenal de quarenta e oito horas. Além disso, determina que o tempo em que os trabalhadores e trabalhadoras estão disponíveis para demandas imediatas de seus empregadores deve ser contabilizado como horas trabalhadas, devendo ser registradas com exatidão e remuneradas a partir de taxas específicas. Assim como deve ser estipulado, para isso, um número máximo de horas por semana, mês ou ano, o que se aplica também aos trabalhadores que atuam em períodos noturnos. As recomendações também apontam "o direito a períodos adequados de descanso durante a jornada de trabalho que permitam a realização de refeições e pausas". (OIT, 2011, p. 16)

Além disso, é destacada a importância da jornada de trabalho responder não só às demandas do trabalho como também às necessidades religiosas, culturais e sociais dos trabalhadores. É indicado ainda que sejam adotados programas que

visem atender à necessidade de equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, entre o trabalho e a vida familiar, objetivando a conciliação entre as responsabilidades familiares e àquelas relacionadas à profissão. (OIT, 2011)

Nessa perspectiva, as babás poderão vir a alcançar uma melhoria na garantia de seus direitos e um esclarecimento acerca de seus deveres, tendo em vista a centralidade do trabalho como característica da profissão, principalmente relacionada às pessoas que residem no local de trabalho.

PA: *A gente que mora no serviço, por dormir lá todos esses dias, não tem muito limite de horário.*

PC: *Tem vezes, à noite, que eu não queria ficar com elas, quando eu estou muito cansada, eu queria poder descansar, ir já para o meu quarto, ficar um pouco só, e eu não posso. Eu queria ter um horário pra parar.*

PD: *Eu adoro ser babá, eu gosto muito, todo mundo fala que o trabalho é cansativo e é mesmo, você tem que ficar ali 24h. (...) Ao longo da semana, trabalho praticamente as 24h do dia, porque durmo no trabalho. (...) Fico com a babá eletrônica no meu quarto, ligada a noite toda e, se eles me chamarem, precisarem de alguma coisa, eu vou. E eu não gosto de dormir com a babá eletrônica, porque a gente não dorme aquele sono pesado, sempre fica na tensão da babá, se a babá tá funcionando, se estão chamando, aí, eu durmo, eu assusto; sabe aquele sono pingado?!*

PE: *A gente já acorda trabalhando, porque dorme ali.*

A extensa jornada de trabalho também é responsável pelo afastamento da convivência familiar:

PF: *Eu deixo domingo de ficar com meus meninos pra vir pra cá.*

O depoimento de PF exemplifica o conflito que pode existir entre os dois âmbitos da vida das pessoas, o profissional e o familiar, tendo em vista as demandas de cada um deles, o que pode ser fonte de sofrimento psíquico (CODO; VASQUES-MENEZES; MEDEIROS, 1999). E isso acontece porque a influência dos dois âmbitos é mútua, na medida em que:

Passamos no trabalho, ou em função dele, a maior parte do nosso tempo produtivo. Muitas vezes, achamos que o trabalho nos rouba um tempo que poderíamos estar dedicando à família, perdendo detalhes do crescimento dos nossos filhos, dando pouca atenção aos nossos pais, ou ainda, cuidando pouco dos nossos relacionamentos. (CODO; VASQUES-MENEZES; MEDEIROS, 1999, p. 255)

A divisão nos grupos A e B, feita para tornar a apresentação dos dados objetivos mais didática, está vinculada à questão da jornada de trabalho e denota uma das principais características que pode ter o trabalho no contexto doméstico: além de realizado em âmbito privado, por vezes, sua atuação requer que o trabalhador durma na residência de trabalho podendo configurar, ainda, uma disposição imediata para o trabalho, que pode acontecer há qualquer hora do dia e/ou da noite. Esse aspecto foi demonstrado nos relatos das participantes do grupo A, acerca da jornada de trabalho, e é evidente no uso da babá eletrônica durante o período de descanso das profissionais.

Porém, se a babá fica à disposição nas vinte e quatro horas do dia, qual é o seu período de descanso? De acordo com os relatos, nessa profissão, o descanso não decorre da necessidade das trabalhadoras como um momento alternado ao exercício do seu trabalho, mas sim de acordo com as demandas da(s) criança(s) com quem trabalham. Assim, é característico desse cotidiano profissional que todos os aspectos relativos ao trabalho (ritmo, intensidade e frequência das atividades) e, em última análise, a própria vida das trabalhadoras, são dispostos de acordo com a demanda de trabalho que a família solicita.

Cabe considerar que o fato de dormir na residência de trabalho, algumas vezes, significa para as trabalhadoras a possibilidade de reduzir os seus gastos financeiros com aluguel e alimentação porque, muitas vezes, acabam residindo no local de trabalho, onde fazem suas refeições.

No entanto, segundo as verbalizações das participantes PA, PB e PF, esse benefício da profissão é vivenciado somente por pessoas jovens que ainda não tenham compromissos familiares, sendo considerado por uma delas como um fator que prende a pessoa ao seu trabalho, restringindo as possibilidades de investimento na vida pessoal, denotando o aspecto negativo da centralidade do trabalho vivenciada nesse contexto.

PA: *Pra mim, dormir no serviço não é ruim, porque eu não tenho compromisso, namorado, casamento, essas coisas assim, durmo tranquilo. Então, me sinto, assim, livre pra poder dormir no serviço, e pra seguir a profissão. Eu já não dormiria se fosse casada. Se eu fosse*

casada e tivesse um filho, eu já não pegaria emprego pra dormir. Acho que tem que viver na sua casa. Pra quem é casado, tem namorado, pra quem tem compromisso, é ruim a vida assim. Quem tem um relacionamento se sente preso, porque passa a vida em torno das crianças. Porque te prende muito, você não tem tempo pra você! Fora a folga, está sempre trabalhando direto. Pra você, só são as suas folgas. É difícil investir na vida pessoal. A gente vê casos, que é casada e folga de quinzena, mas é difícil! Mas eu falo, a vida precisa fazer sacrifício, mas é difícil! Elas falam que, pelo fato de estar precisando trabalhar, tem que aguentar e ter paciência, porque tem que sustentar a casa.

PB: *Dormir eu não queria mais porque tenho um filho. Eu já dormi muito, mesmo quando o meu filho nasceu. Aí eu falei: 'agora não dá mais, meu filho tá crescendo e eu não estou vendo!'.*

PF: *Mas é como eu falo, pelo o que eu já vi da profissão, babá é bom pra moça que é solteira, que não tem filhos, não tem que ir ver eles, eu acho que é muito bom, porque dorme na casa, não tem despesa nenhuma, quando dá dia de sábado vai embora pra casa ou às vezes no domingo. Eu acho que pra quem é solteira é bom.*

A dificuldade de investir na vida pessoal e, conseqüentemente, em relacionamentos, pode ser inferida ao observarmos a Tabela 1 – Perfil social e demográfico das babás, na qual percebemos que duas das babás que dormem no local de trabalho, PA e PC, não têm relacionamentos afetivos, sendo que PE contou que pedirá demissão para procurar outro trabalho, onde não precise dormir, a fim de viver a sua vida de casada convivendo mais com o companheiro.

Destacamos que essa é uma inferência na medida em que o fator descrito, embora concreto e perceptível nas vivências pesquisadas, é um dos fatores objetivos que influenciam a vida das participantes, sendo que existem ainda os fatores subjetivos influenciando o investimento na vida pessoal.

O importante é considerar que, na percepção delas, existe uma forte influência da jornada de trabalho e da centralidade que o trabalho adquire em suas vidas no modo como elas investem energia e dedicação aos aspectos da vida pessoal e familiar.

Essa característica emergiu nos relatos acerca da jornada do trabalho e, diante dela, perguntamos às participantes do grupo A qual era o seu local de moradia. Observamos que elas percebem o local de trabalho também como local de

moradia e, por vezes, sentem-no como se fosse sua casa, embora afirmem que é o local onde moram, mas não é sua casa.

PA: *Eu considero que eu moro no serviço, mas não é minha casa, é o meu lugar de trabalho. Quando faço um cadastro, dou o endereço do serviço e explico que folgo só de quinzena.*

PC: *Também falo que moro em outro lugar, onde eu trabalho, que é onde eu fico mais tempo. Às vezes, me sinto como se fosse a minha casa mesmo. (...) Eu acho meio chato ter que ficar na casa dos outros, ter que ficar a semana inteira. Às vezes, eu fico assim chateada, queria poder estar em casa, ter um trabalho, mesmo que fosse de babá, mas que eu pudesse ficar em casa, que eu pudesse fazer outras coisas, até mesmo estudar. E, também, me dá vontade de não ter que ficar dependendo dos outros. Porque eu dependo deles; por exemplo, pra ir pra minha natação.*

PD: *A convivência é difícil, porque você tá ali morando numa casa que não é sua, você não tem vínculo nenhum com os moradores, é o seu trabalho, você esta ali trabalhando. Você esta ali morando em uma casa, mas acaba que não tem a liberdade. Estou lá 24h, então, tenho que ficar atenta pra não perder o limite. (...) A questão é você não ter uma privacidade.*

PE: *Pra algumas coisas de banco, eu dou o endereço do trabalho, porque não confio na caixinha que tem lá em casa, do correio; e também porque lá em casa não ia ter ninguém pra receber, só por isso, a casa fica fechada quando eu vou trabalhar. Mas, considero que moro na minha casa. (...) Então, moro com eles também. E tem a privacidade deles, a liberdade, porque você é uma estranha na casa deles. Eu mesma procuro não ficar transitando. Depois que a criança dorme, eu fico lá no meu quarto, na boa.*

Cabe apontar que as quatro participantes que dormem e moram na residência de trabalho, grupo A, salientaram na entrevista que também moram em uma casa própria, onde vivem com outros familiares e, portanto, compartilham o espaço de moradia e a convivência familiar, conforme verificamos na Tabela 1 – Perfil social e demográfico das babás. As participantes PB e PF, que não dormem no local de trabalho, grupo B, também contam sobre ter a moradia compartilhada com familiares.

Os aspectos relacionados à moradia expressam uma das dificuldades e uma das insatisfações com a profissão, conforme é denotado na verbalização de PC. Isso porque a dualidade entre trabalho e vida pessoal é vivenciada quase que de um modo inexistente no que se refere à moradia. Na profissão de babá, a vivência dos âmbitos público e privado indica que eles estão ainda mais misturados em

comparação com outras ocupações.

A fronteira difusa entre os âmbitos público e privado é uma característica da atualidade, da centralidade do trabalho, comum a diferentes grupos de trabalhadores, como aqueles que levam atividades do trabalho para serem realizadas em casa. (ANTUNES, 2001)

Entretanto, no contexto das babás que dormem e residem no local de trabalho, grupo A, essa fronteira inexistente em termos concretos, relacionados ao lugar que as pessoas ocupam para além da persona profissional, "a casa da gente". Ainda que seja representada por uma cama de solteiro em um quarto dividido com outro familiar, é o local para onde se retorna após o exercício profissional, o lugar para onde a pessoa se recolhe após o exercício dos papéis sociais exteriores ao ambiente familiar que, em última análise, serve de reservatório para a renovação das forças anímicas.

As babás do grupo A vivenciam essa dinâmica de renovação concretamente de modo esporádico, semanal ou quinzenal, e vivem cotidianamente sob a lógica da família com quem trabalham o que nos faz pensar que a profissão exercida nesses termos favorece a literalização da persona profissional. Consideramos esse aspecto mesmo constatando que a vivência introspectiva e privativa também pode ocorrer durante o descanso das trabalhadoras, no momento em que tenham um tempo disponível para si mesmas dentro da residência de trabalho.

Conforme é denotado nas verbalizações de PD e PE, o fato de morar com a família da(s) criança(s) influencia e determina a experiência de privacidade de ambos, empregador e empregada. Além disso, residir no local de trabalho gera uma tensão constante nas trabalhadoras porque elas permanecem, quase que a totalidade do tempo, preocupadas com a adequação de seus modos de ser e agir. Nessa situação, elas estão quase sempre observando e avaliando os seus comportamentos, o que pode levar a uma perda da espontaneidade, a uma privação da própria individualidade, tendo em vista a constância do papel profissional que praticamente não é "despido" ao longo da extensa jornada de trabalho.

No entanto, cabe apontar que, sob outro ponto de vista, o compartilhamento da moradia pode favorecer o vínculo entre a dupla, empregadores e empregados, a

partir da aproximação estabelecida no seu relacionamento. Esse aspecto também catalisa e favorece a percepção acerca da adequação, ou não, da parceira formada.

Diante do exposto, refletimos que a dinâmica vivenciada pelas pessoas entre os espaços público e privado pode ser considerada de maneira consonante com a vivência psíquica de progressão e regressão da libido e talvez represente, na realidade, esses movimentos arquetípicos da energia vital. "A progressão pode ser entendida, primeiramente, como um avançar incessante do processo cotidiano de adaptação psicológica. (...) consiste em satisfazer continuamente as exigências das condições do mundo ambiente." (JUNG, 2008b, p. 41) Na mesma obra, Jung escreve que a regressão pode ser entendida como um movimento retrógrado da energia psíquica, por meio do qual acontece "um mergulho nas fontes inconscientes" para que sejam vislumbrados os elementos negligenciados em prol da adaptação externa, nos movimentos de progressão da libido.

Desse modo, a dinâmica de progressão e de regressão da energia psíquica pode ser considerada como um movimento semelhante ao pulsar da vida, que se expande e se contrai; encontrando o mundo e nele existindo; e encontrando a si mesmo e a coletividade, o manancial arquetípico, que embasa, acolhe e retroalimenta o repertório da existência humana.

Esse raciocínio pode ser contextualizado na dualidade entre o público e o privado, sendo o público relacionado aos elementos de adaptação e existência na sociedade, e o privado aos elementos da vida pessoal e familiar que, em última análise, também denota padrões da coletividade.

A contextualização da fronteira entre o público e o privado na teoria junguiana nos leva a refletir sobre a importância dessa divisão para a saúde da psique, conseqüentemente, para a vida humana, na medida em que favorece a maleabilidade das personas profissionais que, no espaço privado, podem ser "despidas" e, portanto, flexibilizadas. Cabe apontar que a flexibilização não se dá pelo simples fato espacial, diante da divisão entre a casa e o trabalho, e depende ainda da atitude consciente da pessoa de não vivenciar o seu papel profissional de modo literal.

Segundo Arendt (2007), na Grécia Antiga, o espaço privado era considerado

um lugar de privação porque nele as pessoas estavam privadas de sua individualidade, que somente era exercida nas atividades realizadas em âmbito público. No entanto, o âmbito privado também representava a propriedade, ou seja, um lugar no mundo para as pessoas, independentemente de aspectos financeiros, porque a riqueza e a propriedade não eram sinônimas como atualmente. Nesse sentido, Wagner (2002) aponta:

A propriedade privada tem, para Arendt, duas funções não privativas: é o lugar onde as necessidades são supridas a partir da produção dos meios de sobrevivência e é, também, o local em que o homem se resguarda da publicidade, que, em excesso, torna superficial a vidas das pessoas – a propriedade é um esconderijo necessário ao florescimento da vida humana. É o lugar, portanto, onde o homem cuida da sua vida biológica e encontra segurança, familiaridade e confiança no mundo. Além dessas duas funções, a propriedade privada tem uma função privativa que move o seu proprietário para um mundo comum exterior. Por corresponder a uma privação, a propriedade é o lugar de onde o homem pode partir para superar a futilidade de uma vida exclusivamente dedicada ao labor, fundando e usufruindo um mundo comum, capaz de reconhecê-lo em sua identidade única. (WAGNER, 2002, p. 193)

Além das vivências psicológicas envolvidas nessas questões, consideramos esses aspectos também no contexto dos direitos trabalhistas dessas profissionais.

Conforme cartilha elaborada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE, 2007), os trabalhadores domésticos ainda não têm contemplados benefícios que outras categorias profissionais já possuem, como adicional noturno, horas extras e jornada de trabalho fixada em lei, entre outros. Esperamos que esses direitos possam vir a ser contemplados a partir das novas proposições da OIT (2011). Isso tornaria o cotidiano de trabalho desses profissionais mais ameno e/ou, pelo menos, os recompensaria financeiramente diante da natureza de seu trabalho, principalmente com relação às babás e à sua função relacionada aos cuidados infantis que, por si só, não tem horários e lugares completamente demarcados.

O discurso de PD exemplifica e agrega uma opinião interessante e esclarecedora a respeito de possíveis modificações na jornada de trabalho das babás:

PD: *Então, eu acho que deveria ter várias mudanças; babá deveria, além da folga dela,*

deveria ter uma folga na semana pra ela sair, mesmo que ela não fosse pra casa, pra ela sair, espaiar. Porque se você sai à noite, vai num shopping, vai comer alguma coisa com alguém, já muda o ambiente, já refresca a cabeça, já tem novas idéias. O empregado bem, trabalha bem melhor. (...) Eu acho que as babás e as empregadas domésticas deveriam se unir mais, pra gente conquistar mais coisas. Até que a gente ajuda uma à outra, indica trabalho. Mas eu falo mais dos direitos, pra melhorar um pouco mais. Tem muita coisa pra conquistar ainda.

A mesma participante expressa ainda outra ideia bastante elucidativa que nos faz refletir sobre a profissão de babá na perspectiva de uma carreira profissional, que pode evoluir a partir da disposição das trabalhadoras para variar as suas experiências. Para isso, ela aconselha que as babás devem atuar em diferentes famílias ao longo do tempo, durante o exercício profissional:

PD: *E não tem crescimento, você é babá e não vai deixar de ser para ser uma coisa superior; o jeito de crescer é variar as experiências. (...) Financeiramente não muda nada se ficar muito ou pouco. Até tem patrão que dá uma gratificação e tal. Mas, vale a pena aprender mais. Cada casa te dá uma coisa nova, te dá uma experiência. (...) Eu aconselho qualquer babá a não estacionar em casa nenhuma, a não achar que ali é sua casa. Acho que nessa profissão a experiência é variar, cuidar de crianças com idades diferentes, trabalhar com pessoas diferentes, conhecer pessoas diferentes, viver com personalidades diferentes, ver se eu consigo me adaptar ao ambiente que eu trabalho. (...) Eu nunca passo de quatro anos, mesmo que seja ótimo, maravilhoso. (...) Variar as experiências serve até pra quando você tenta negociar salário, folga, exigir as coisas; a pessoa vê a sua experiência, que tá exigindo porque é de direito. Até pra aumentar um pouco o salário, porque na mesma casa o aumento é mais devagar, é menor a cada ano, em comparação quando você muda de emprego. Se você está no mesmo trabalho, é difícil aceitarem a mudança. (...) Agora, se você é uma pessoa mais velha, tem muita senhora que trabalha de doméstica, que a carga do trabalho é boa, tá procurando se aposentar, aí, fica mais. Mas a pessoa que é mais jovem tem mais disponibilidade, tem vontade de mudar, crescer, então, pode ganhar experiência de uma casa pra outra e isso faz diferença.*

Outro aspecto abordado pelas participantes é a questão do salário. O salário é o valor financeiro recebido pelo trabalhador em troca do seu trabalho e determina a vida econômica das famílias, seus padrões de consumo. E, conseqüentemente, o seu "lugar" na sociedade capitalista, que é movida por uma lógica financeira e

mercadológica, pela produção e pelo consumo.

Codo e Odelius (1999) afirmam que o valor pago como salário é adequado quando consegue suprir as necessidades de sobrevivência do trabalhador e de sua família como a alimentação, o transporte, a educação, cultura e lazer de todos os seus membros; considerando-se, no contexto da educação, a própria continuidade da formação profissional do trabalhador por meio de livros e/ou cursos. Os autores apontam que as necessidades variam de acordo com a subjetividade de cada trabalhador, mas podem ser consideradas em geral, conforme o exposto.

Segundo os mesmos autores, do ponto de vista do trabalhador, o melhor salário seria aquele que fosse maior diante de um menor esforço de trabalho; enquanto que para o empregador seria um menor valor diante de uma maior produtividade; o que denota que a questão do salário leva em conta elementos conflitantes. O valor do salário é adequado, portanto, quando contempla a essas duas demandas. Para serem atendidas, elas precisam ser relativizadas e contextualizadas num constante movimento dialógico que considere a economia global, a situação econômica atual do país e as necessidades individuais. Isso porque cada um, patrão e empregado, defenderá o seu ponto de vista; cada um deles "fala" a partir do "lugar" que ocupa, do papel social desempenhado. (CODO; ODELIUS,1999)

Os autores complementam suas considerações sobre o salário explicando como ele é definido na perspectiva da administração:

o bom salário seria aquele pago de acordo com o trabalho realizado, os requisitos necessários para a realização do trabalho, o valor do trabalho na empresa e no mercado e que fosse viável de ser pago pela empresa. Seria importante, também, que o empregado considerasse este salário compatível com o trabalho realizado por ele e com o investimento que ele faz para tornar viável a realização do mesmo. Estamos tocando aqui no que poderia ser chamado de justiça salarial. (CODO; ODELIUS, 1999, p. 196)

Consideramos ainda que embora os trabalhadores possam contar com instituições públicas para complementar algumas das necessidades que seu ganho financeiro não contempla, e que são garantidas por meio de direitos sociais como a educação, a expectativa de qualquer trabalhador é a de que, por meio dos ganhos

obtidos a partir do seu trabalho, seja possível prover o sustento de sua família, sendo ele de ordem material ou imaterial. Por meio da criatividade, as pessoas assalariadas contam com esses e outros recursos comunitários para conseguir garantir esses aspectos para além do âmbito de seus ganhos financeiros.

No entanto, é inegável que o ganho financeiro determina, em parte, a qualidade de vida e as possibilidades de escolha das pessoas e, por isso, deve ser levado em conta. Além disso, as diferenças salariais encontradas em nosso país expressam ainda disparidades sociais e históricas que marcam as relações sociais em geral, para além da questão financeira. Nesse sentido, refletir sobre essa temática é necessário, também no âmbito da psicologia, na medida em que ela refere, em última análise, às possibilidades e aos modos de vida das pessoas, determinando inclusive, juntamente com outros fatores, os padrões culturais.

Podemos observar essa temática analisando as faixas salariais descritas na Tabela 3 – Situação profissional das babás, que denotam que as participantes têm rendimentos semelhantes a outras profissões que exigem maior escolaridade em comparação com o emprego doméstico. Algumas delas relataram que tem o valor do salário mínimo, que atualmente é de R\$ 545 (quinhentos e quarenta e cinco reais), conforme DIEESE (2011b), em seu registro da carteira profissional, para que os descontos com contribuições sociais sejam reduzidos, sendo que são apresentados nas tabelas, segundo seus relatos, os valores reais de seus rendimentos. Cabe apontar que o salário mínimo, no valor explicitado, está muito abaixo do valor financeiro necessário às despesas básicas de sobrevivência que corresponderia, em julho de 2011, a R\$ 2.212 (dois mil e duzentos e doze reais), segundo informação obtida no site do DIEESE (2011b). Esses aspectos são explicitados nos relatos a seguir.

Assim, sobre o salário, os depoimentos das participantes demonstram que há a ideia de que a profissão de babá propicia um bom rendimento financeiro, mas que, no entanto, é insuficiente em alguns casos, sendo considerada muito importante a satisfação no trabalho, mesmo diante de menores remunerações:

PA: *Babá ganha bem! É uma área que a gente consegue ganhar um pouco mais, por mais que a gente durma no serviço.*

PB: *E meu salário não chega nem a R\$1.000, ainda! Por enquanto, né! Porque eu sei da situação dela. Se ela pudesse, ela me dava mais. Mas, como eu sei que eles não podem. Mas, mesmo o pouco que eu ganho, eu sou muito feliz aqui!*

PE: *Não acho que eu ganho bem como babá.*

PF: *Eu acho que assim, sobre o aumento salarial das empregadas, das babás; eu acho que podia ser um pouquinho mais grande. Porque é uma responsabilidade muito grande, tinha que ser um dinheirinho a mais. Vejo o lado deles, mas eles tem que ver o meu também.*

PG: *Até é um dinheirinho bom, é um salário bom que eu ganho.*

Retomando as questões trabalhistas, cabe apontar que a condição legal da profissão denota o contexto social, econômico e cultural em que está inserida e lhe confere a sua peculiaridade principal: o trabalho desenvolvido na residência de pessoas e famílias, em âmbito privado. Além disso, a legislação aponta para um grupo de profissões e trabalhadores que compõem a categoria profissional. No entanto, conforme verificamos nos resultados apresentados sobre as profissionais que atuam na função de cuidar de crianças, algumas trabalhadoras exercem uma ou mais das profissões elencadas na legislação, tendo uma dupla função.

Assim, o trabalho a ser desenvolvido pelas profissionais que atuam no âmbito doméstico é definido por um arranjo de combinações entre os contratantes e as contratadas, de acordo com as demandas dos primeiros, sendo que as tarefas devem ser desenvolvidas conforme as instruções do contratante. (MTE, 2007)

Percebemos essa variedade de arranjos na Tabela 4 – Principais atividades realizadas no cotidiano profissional das babás. Observamos, dentre as participantes da pesquisa, que o cotidiano da profissão de babá é semelhante quanto à sua função de cuidar de crianças, mas varia com relação às tarefas domésticas. As babás podem não ter tarefas domésticas; também podem ter tarefas domésticas relacionadas somente às crianças (PC, PD, PE); e podem, ainda, ter todas ou algumas tarefas domésticas relacionadas à criança e à família (PA, PB, PF, PG).

PA, PB e PE complementam essa ideia ressaltando algumas peculiaridades encontradas em suas experiências acerca das tarefas cotidianas das babás:

PA: *Eu conheço babás que é só com a criança, por mais que ela fique o dia inteiro na escola, mas é babá.*

PB: *As meninas que vão comigo lá na pracinha, muitas só têm uma profissão.*

PE: *Tem umas babás que cuidam só das crianças, não fazem mais nada, não limpa quarto.*

PE agrega elementos a esses aspectos em seu discurso possibilitando uma visão sobre a profissão de babá que relaciona as tarefas e o cotidiano profissional às idades das crianças, o que confirma que os arranjos do trabalho respondem também a demandas específicas da criança, como a idade; assim como ocorre em relação ao descanso, conforme descrito anteriormente.

PE: *Se for bebê, também é corrido, porque fica o tempo todinho com ele, dá mamadeira, troca fralda, brinca e interage, fica a noite inteira preocupada se está dormindo, se tem xixi, essas coisas. Você também tem que esterilizar as coisas deles, lavar e depois esterilizar, deixa lá esfriando; depois tem que secar tudo, guardar, deixar tudo organizado, porque logo tem tudo de novo, porque mamam de quatro em quatro horas. Na fase do suco, tem o suquinho; depois frutinha; depois as papinhas, sopinhas; e tudo é você quem faz, e tem que ficar olhando o bebê ao mesmo tempo. E mesmo quando tá dormindo, ou está com outra pessoa da família, você vai adiantando as atividades, arrumando, lavando, limpando, porque o dia passa rápido e têm muita coisa pra fazer. (...) Quando a criança tá andando, é outra coisa, você pode correr com ela, cantar, brincar mesmo, de tudo. (...) E se a criança tá numa certa idade que tem atividades tipo escola ou natação, judô ou ballet; aí, é aquela correria e você fica só olhando no relógio, você vai cronometrando tudo, e no final dá tudo certo, mas é uma correria.*

No entanto, para todas as participantes, seja qual for o arranjo das tarefas, a prioridade do exercício profissional é o cuidado das crianças.

PB: *Eu fico mais a critério dela, da menina, do que da casa. Foi o combinado. Na hora que ela dorme, é que eu faço as coisas da casa. Porque quando ela está acordada, dá; mas não pra fazer tudo.*

PG: *Eu me organizo, faço bastante comida e deixo congelada pra poder ter mais tempo pra brincar com eles, não ficar muito tempo envolvida pra preparar almoço e janta.*

A dupla função, ou dupla profissão, é encontrada no cotidiano de trabalho das participantes PB, PF e PG, que exercem, além dos cuidados infantis, as funções domésticas, conforme constatamos na Tabela 4 – Principais atividades realizadas no cotidiano profissional das babás. A elas foi feita a pergunta "qual a sua profissão", a fim de observar como autodenominam sua ocupação:

PB: *Aí, eu repondo qual dos dois você quer, porque eu sou babá e doméstica. Aí, uns escolhem babá, outros escolhem doméstica. Porque não é um nome, são dois. Fica a critério deles, né?! Eu só respondo segundo o fato.*

PF: *Ah, eu sou babá e cuidado da casa, sou as duas coisas.*

PG: *Ah eu falo que eu faço tudo em geral. Eu sou babá, eu sou empregada, eu sou secretária, eu sou faxineira, eu sou tudo, eu tenho que fazer tudo na casa. Eu tenho uma profissão completa.*

Podemos inferir, por exemplo, que a profissão de babá, exclusivamente vinculada aos cuidados infantis, é vivenciada por profissionais que trabalham para famílias mais abastadas, que têm condições financeiras e demandas de trabalho suficientes, para contratar diferentes profissionais para as diferentes funções encontradas no cotidiano do trabalho doméstico. Ao que parece, quanto menos condições financeiras a família dispõe, mais funções são agregadas por uma mesma profissional. Algumas verbalizações indicam essa questão:

PB: *A minha patroa não tem condições de pagar duas pessoas. Porque eu sei que se ela tivesse, tinha outra aqui, mas eu sei que ela não tem. Então, fica só eu mesmo!*

PG: *Minha patroa até poderia pagar mais alguém pra me ajudar no serviço, mas eu prefiro que não tenha outra pessoa pra ajudar, prefiro fazer sozinha, do meu jeito; se eu fico só de babá, vem outra pra fazer a faxina e não faz como eu gosto, então, prefiro ser eu só. (...) Ela fala assim 'se eu tivesse muito dinheiro pra poder te pagar tipo assim, três mil reais, só pros meus filhos, você seria só pra eles, o que você faz nem eu faço', e ela não faz mesmo.*

Outras verbalizações das participantes apontam que há uma diferença na percepção das vivências cotidianas relacionadas às tarefas das pessoas que trabalham como babás em comparação com as pessoas que trabalham como babás e domésticas. PD, que é babá, comenta com relação à outra empregada doméstica com quem divide o cotidiano profissional:

PD: *A gente fala que é muita coisa, mas muita coisa mesmo é a outra que faz.*

As participantes PB e PF, que são babás que não dormem na residência de trabalho (grupo B), falam sobre suas atribuições comparando as duas ocupações:

PB: *Ah, é cansativo, viu! Porque assim, ficar com a criança exige mais do que ficar com a casa. E a gente que faz as duas coisas ao mesmo tempo. Você ter o serviço de uma casa e ter que cuidar da criança. Ou você escolhe uma profissão, ou duas você não consegue! É*

muito, muito, muito cansativo mesmo! (...) Queria ser mais babá do que doméstica. Eu prefiro ser babá porque ser doméstica tem horas que me cansa mais. Tipo assim, quando a criança dorme a babá pode descansar também. E doméstica você fica ali o dia inteiro. E outra, babá dorme, descansa mais ainda. (...) Mas tem pessoas que exploram você, tem umas babás que cansam mais, que tem que dormir com a criança. E pra dormir, ninguém gosta de dormir, porque é muito ruim dormir. Por isso que eu falo, babá não é fácil assim.

PG: *Mas eu acho assim, que se eu fosse só babá eu pensaria diferente. Porque a babá, quando é só babá, não faz o que eu faço. A babá cuida só da comida da criança, só da roupa da criança, só do quarto da criança, brinca com a criança, a vida dela é aquilo, tudo se resume à criança. Eu não, porque eu cuido deles e das coisas como roupa e comida de todos eles. Dá trabalho, não vou dizer que não, mas eu me organizo e faço tudo o que precisa.*

Percebemos nesses discursos que há uma tendência entre as babás que não dormem, grupo B, e realizam atividades domésticas relacionadas também à família, avaliarem o trabalho das babás que dormem, e não tem essas atividades, como sendo melhor e menos penoso porque é voltado somente à criança. No entanto, PB pondera sua opinião reconhecendo que as babás que dormem na residência onde trabalham, algumas vezes, sofrem exploração por estarem à disposição da família nas vinte e quatro horas do dia.

O ato de avaliar a profissão alheia dessa forma pode acontecer com qualquer trabalhador, porque cada pessoa que vivencia o seu cotidiano profissional tende a perceber os seus aspectos negativos como piores em relação a outras ocupações. Isso acontece em função da identificação com a profissão, necessária para a construção e para o exercício da persona profissional, mas que, quando literalizada numa postura muito unilateral, pode ser expressada em opiniões contextualizadas somente nesse universo.

Como percebemos no senso comum, as pessoas consideram mais difíceis as situações que são experienciadas por elas mesmas. Em comparação às experiências desconhecidas, há uma representação do ideal, no sentido daquilo que as pessoas opinam sem vivenciar.

É interessante que esse aspecto ocorre também nas opiniões das babás com relação aos outros trabalhadores domésticos, como exemplifica o discurso a seguir:

PD: *Mesmo nós estando na lei dos empregados domésticos, porque de todos é a babá quem mais trabalha, principalmente babá que dorme com babá eletrônica. São 24h! Porque cozinheira, copeiro, tem o seu trabalho, mas vai pro seu quarto e dorme sossegado; o motorista dorme, vai pra sua casa. E a babá? A babá fica ali na casa com babá eletrônica, 24h com a criança.*

Essas considerações levam em conta aspectos da jornada de trabalho e das tarefas realizadas e, conforme constatamos, realmente apresentam diferenças entre as atuações profissionais das participantes que são babás e dormem na residência onde trabalham (grupo A) e as atuações profissionais daquelas que são babás e não dormem na residência de trabalho (grupo B). Entretanto, no que se refere às experiências psicológicas cotidianas, ambas apresentam questões bastante semelhantes, conforme estamos discorrendo.

Cabe apontar ainda outra reflexão importante acerca da dupla função, no que se refere à criança. O fato de a babá ter outras atividades faz com que ela não seja onipresente no cotidiano da criança, dividindo sua atenção e energia de trabalho entre os cuidados infantis e os afazeres domésticos, o que, em última análise, auxilia na construção da autonomia da criança. Esse aspecto é percebido na verbalização de PA que, embora tenha sido somente babá até pouco tempo, reconhece essa necessidade; inclusive, inferindo a importância das pessoas que substituem o cuidado parental atentarem e zelarem para que a convivência familiar tenha espaço no cotidiano:

PA: *Eu enxergo assim, que a criança tem que aprender a ser independente. Eu acho que você tem que deixar a criança um pouco sozinha, pra aprender a ser independente e a não ficar tão dependente, porque isso é ruim pra ela. Porque nem sempre ela vai ter a pessoa do lado dela. Então, acho que tem que ser razoável. (...) No começo, eu ficava junto, elas pediam pra eu ficar. Mas, aos poucos, eu fui saindo, deixando com a família, e elas nem percebiam e ficavam com eles.*

Diante dessas reflexões, cabe descrever o que entendemos por trabalho doméstico. Albornoz (2004) esclarece que existe o trabalho doméstico relacionado ao labor da casa, ao serviço à família, realizado no âmbito privado, de modo isolado, sendo em grande parte solitário. Nesse contexto, existe a empregada doméstica que

realiza esse trabalho em troca de remuneração na casa de outras pessoas. Porém, sua jornada de trabalho é dupla, porque, ao chegar em casa, realiza tarefas semelhantes para sua própria família. Nessa função, as mulheres realizam o trabalho doméstico como uma obrigação não remunerada. (ALBORNOZ, 2004)

Até bem pouco tempo, era crença indiscutível que este serviço doméstico era a primeira obrigação do exército silenciosos das mulheres. Preparar alimentos, cozinhar, lavar roupas, remendá-las, passar à ferro, recolher, guardar, secar, limpar, lustrar, são tarefas que continuam a ser realizadas em grande parte em casa, sem remuneração, e por mulheres, mesmo quando estas também trabalham (e produzem mais-valia) em outra situação: no escritório, na fábrica, na loja, na escola. (ALBORNOZ, 2004, p. 88)

A autora complementa pontuando que o cuidado com as crianças está inserido nesse contexto, sendo a atividade mais importante e mais complexa. Restringindo-a ao âmbito da economia, pode ser considerada um trabalho fundamental porque as crianças compõem a futura força de trabalho. Cuidar das crianças, nesse sentido, torna-se uma atividade de primeira relevância para a economia e uma temática importante em relação ao trabalho, tendo em vista as condições de trabalho, os direitos trabalhistas e a saúde mental. São tarefas historicamente desvalorizadas, mas que são economicamente essenciais e altamente significativas para a vida das pessoas. Desse modo, essas tarefas serão efetuadas gratuitamente pelas mulheres que ocupam postos de trabalho fora de casa ou terão que ser terceirizadas, remuneradas e/ou organizadas socialmente em instituições. (ALBORNOZ, 2004)

Embora o papel feminino na sociedade tenha se expandido para além do âmbito doméstico, e o papel masculino tenha se ampliado para dentro dele, ainda, em sua maior parte, o trabalho doméstico continua a cargo das mulheres.

Esses aspectos ficam evidentes na verbalização de PB que demonstra a característica repetitiva do trabalho doméstico:

PB: *Todos os dias que eu tenho a rotina é a mesma. (...) Tudo que eu faço aqui, eu faço igual na minha casa, tem meu filho pra cuidar e a casa pra arrumar.*

Percebemos, diante do exposto, que o trabalho doméstico é parte da vida de qualquer pessoa e está relacionado às necessidades básicas de sobrevivência,

como a alimentação e o asseio da casa, e também à função de cuidar de crianças. A realização dessas atividades embasa a vida social, atendendo a essas necessidades básicas, subsidia a vida para além da residência de domicílio e propicia condições para que pais e mães possam desenvolver os seus papéis sociais profissionais.

Essa questão é referendada pela OIT (2011) que reconhece a significativa contribuição do trabalho doméstico para a economia na medida em que aumenta as possibilidades de trabalho remunerado para pessoas com responsabilidades familiares.

A OIT (2011) esclarece ainda que existe, portanto, o trabalho doméstico não-remunerado, geralmente realizado por pessoas da própria família, e o trabalho doméstico remunerado, realizado por pessoas contratadas pela família, que terceiriza essas funções.

Arendt (2007) atentou a esses aspectos escrevendo que, na tradição filosófica, as atividades da *vita activa* foram relacionadas às questões de sobrevivência e, sendo assim, propiciavam bases e condições para aqueles ocupados com a *vita contemplativa*, o que dava a esses últimos independência com relação às demandas de sobrevivência. Entretanto, esse valor social não era reconhecido naquele contexto e aos componentes da *vita activa* foi atribuída uma dignidade limitada. As atividades práticas passaram a ser consideradas como típicas de um mundo inferior.

Podemos inferir, a partir da observação de Arendt, a influência desse modo de hierarquizar o trabalho humano na sociedade atual. Ainda hoje, há uma tendência de valorizar as atividades intelectuais em detrimento das atividades materiais. No discurso social, todas as profissões são valorizadas. Mas basta observarmos a remuneração das diferentes profissões, principalmente aquelas relacionadas ao âmbito doméstico, para perceber o aspecto concreto dessa herança cultural. Embora sejam dadas explicações econômicas e/ou relacionadas à escolaridade desses trabalhadores para justificar a baixa remuneração, fica evidente a herança da desconsideração da essencialidade desses serviços para a vida de qualquer pessoa e com isso o seu valor social permanece suprimido.

O DIEESE (2011a) confirma esse raciocínio constatando que o trabalho

doméstico remunerado é uma atividade desvalorizada em razão dos baixos rendimentos e das longas jornadas de trabalho, da baixa sindicalização e do limitado acesso aos direitos trabalhistas plenos, mesmo quando tem carteira de trabalho profissional assinada. Além disso, a ocupação é desvalorizada porque o cotidiano de trabalho é marcado por relações interpessoais e familiares, o que acaba descaracterizando o caráter profissional da profissão.

Diante disso, e do fato do trabalho doméstico remunerado ter garantido, em 2010, a inserção profissional de 17% das mulheres que trabalham no Brasil, diversas ações têm sido implementadas a fim de valorizar a ocupação; inclusive, internacionalmente, como é o caso das Conferências Internacionais do Trabalho de 2010 e 2011, que culminaram na Convenção e Recomendação sobre o Trabalho Decente para Trabalhadores e Trabalhadores Domésticos da OIT em 2011. No entanto, será necessário avançar ainda mais para que haja a valorização da profissão. E, nesse sentido, o debate acerca da necessidade de equiparar os direitos desses profissionais com os direitos dos demais trabalhadores precisa ser intensificado. (DIEESE, 2011a)

A desvalorização do trabalho doméstico é evidente nos seguintes discursos das participantes. PC lembra-nos do preconceito existente para com a ocupação:

PC: *Eu sou registrada como empregada doméstica porque comecei como doméstica. E o registro ficou assim porque eles dizem que é indiferente, é tudo empregado doméstico! Mas eu queria mesmo que tivesse como babá, porque hoje em dia, tem muito preconceito. No começo, eu ficava meio assim, quando perguntavam, pra responder eu ficava com um pouco de vergonha de responder. Aí, com o tempo, eu me acostumei. Deixei pra lá! Não acho nada de errado. Não me importa tanto. É um emprego, é uma profissão também, porque até pra ser empregada doméstica hoje em dia você tem que estudar. É um tipo de trabalho, é uma profissão. Porque quando você fala que é empregada doméstica, tem gente que fica meio assim, porque trabalha em casa de família. Eu que acho assim, que tem gente que tem preconceito. Acho que isso acontece porque tem fazer tudo, receber ordem.*

PG: *Porque eu acho que empregada é uma coisa assim, muito desvalorizada. Se você é empregada, você não tem seguro desemprego, não tem fundo de garantia, não tem PIS, essa classe não ganha nada disso. Mas tem que valorizar! As pessoas precisam tanto, porque a casa tem que estar limpinha, não tem?, mas não te valorizam. Mesmo assim eu*

sou super profissional no que eu faço, não deixo de fazer bem o meu serviço por causa disso. Mas, não aconselho ninguém a ser. Empregada doméstica não tem futuro nenhum. Se eu tivesse estudado quando era novinha, não seria empregada doméstica, teria tido outra profissão. Por isso que eu falo, pra mim questionar a minha profissão, pra querer uma coisa melhor eu teria que ter estudado. Se eu não estudei, eu não posso querer coisa melhor, não é? Eu penso assim. Você pra ter uma coisa melhor, um empreguinho melhor, pra você ficar arrumadinha, não mexendo com sabão em pó, não estragando a unha, então, devia ter estudado. (...) Minhas filhas estudaram, fizeram o que eu não fiz, fizeram faculdade. Eu sempre pensei, minhas filhas não vão ser empregadas de ninguém, as minhas filhas vão estudar, não vão ser empregada de ninguém.

A verbalização de PG indica diferentes aspectos acerca da desvalorização do trabalho doméstico. O primeiro referenda a desvalorização em virtude da precária regulamentação e atenção legal da ocupação. O segundo aspecto denota a desconsideração que a sociedade tem com relação à essencialidade do trabalho doméstico. O terceiro aponta para a falta de perspectivas de crescimento nessa carreira profissional. O quarto aspecto expressado por PG aponta a relação entre a desvalorização e a baixa escolaridade, sendo que a participante justifica a primeira em decorrência da segunda, acabando por referendar a desvalorização na educação e na orientação profissional das suas filhas, o que configura o quinto aspecto apontado.

O quarto aspecto apontado por PG é considerado pelo DIEESE (2011a), que destaca o fato dos serviços domésticos constituírem, atualmente, uma das poucas possibilidades de ocupação para trabalhadores com baixa escolaridade. Entretanto, tem havido, no Brasil, uma melhora no nível da escolaridade dos trabalhadores em geral o que, juntamente com a ampliação das exigências dos empregadores, tende a culminar na exigência de um aumento do nível de escolaridade das pessoas que tem essa ocupação, como denota o relato de PC. Isso, principalmente, em funções como a da babá, o que poderá acabar determinando a diferenciação entre as diversas ocupações exercidas no âmbito doméstico.

Assim, tende a crescer a participação de ocupações que são exercidas por pessoas com maior grau de instrução, como babás e, em especial, acompanhantes de idosos. O envelhecimento da população, a diminuição do tamanho das famílias e a maior inserção

feminina no mercado de trabalho justificam a expansão do trabalho para estes profissionais domésticos, em geral com maior escolaridade, inclusive com formação na área de saúde, mas que ainda assim, mantêm o perfil do emprego doméstico. (DIEESE, 2011a)

O quinto aspecto, demonstrado por PG, implica numa questão importante acerca do valor social do trabalho. De um modo geral todos os tipos de ocupações são igualmente importantes para a sociedade, de modo que: "A importância da percepção do próprio trabalho como útil à sociedade tem valor inegável para a auto-estima do trabalhador, para a forma como se estrutura sua identidade." (CODÓ; VASQUES-MENEZES; VERDAN, 1999, p. 293)

Ao afirmar que suas filhas não seriam empregadas de ninguém, PG demonstra a desvalorização arraigada em sua identidade profissional. Embora reconheça a importância de seu trabalho para a sociedade, não a referenda diante das filhas, o que poderia acontecer ainda que PG as aconselhasse sobre as possibilidades de outras ocupações. Isso expressa a nossa percepção sobre a fragilidade da estima que essa categoria de trabalhadores e trabalhadoras têm acerca de suas profissões.

Segundo Soratto (2006), a desvalorização do trabalho doméstico em nossa sociedade decorre de fatores como a característica das funções exercidas nessa profissão, vinculadas ao labor; a posição que a categoria profissional ocupa na cadeia produtiva; a mistura presente entre os âmbitos público e privado no exercício da profissão; e o confronto entre as diferentes classes sociais. A autora afirma ainda que há uma ideia de que as habilidades necessárias para a ocupação são naturais e não precisam ser aprendidas, o que também influencia na desvalorização do emprego doméstico. E, no contexto brasileiro, essa desconsideração expressa ainda a herança das relações escravagistas, estabelecidas no período colonial, quando existia o trabalho escravo.

Conforme foi escrito no terceiro capítulo do presente estudo, Gambini (2000) contribui para essa discussão esclarecendo que o sentimento de desvalor acompanha o povo brasileiro como um todo, na medida em que tem sua identidade cultural, sua alma ancestral, negada. A negação da alma brasileira se dá justamente

em relação às figuras parentais, aos seus pais arquetípicos, o que é considerado pelo autor, principalmente no que se refere à figura materna, como sendo a causa de sentimentos e atitudes que revelam uma baixa estima de si mesmo.

Para Gambini (2000) esse aspecto demonstra que, no inconsciente cultural brasileiro, está gravada a negação de sua alma, na medida em que a mistura multicultural que originou a população foi somente corporal, biológica, e não cultural e psicológica.

Nos termos da temática dos complexos culturais, podemos afirmar, diante do exposto, que existe como base da civilização brasileira um complexo cultural que, ao negar principalmente a mãe arquetípica, gera uma desvalorização dessa figura, o que é referendado pela ênfase patriarcal da cultura global vigente. Essa desvalorização ecoa nos modos de ser e de sentir das mulheres em geral, mas com relação ao mercado de trabalho, referenda, embasa e culmina na desvalorização dos serviços domésticos.

Nesse sentido, podemos entender que o fazer doméstico também está negado, negligenciado enquanto valor ao âmbito latente da psique social, na medida em que está relacionado às figuras negadas, a quem, inclusive, tem sido atribuído como trabalho. Essas considerações auxiliam também na compreensão acerca dos mecanismos psicológicos que culminaram na estratificação social, especificamente no Brasil.

Para Gambini (1999), ainda há no funcionamento da sociedade brasileira um mecanismo perverso que impede a junção dos pedaços de sua alma ao todo; há uma exclusão, embora o sistema legal tenha tentado resolver esse aspecto como no mercado de trabalho, por exemplo. Isso denota uma herança escravagista, profundamente presente no estilo de vida social, que se apresenta atualmente como exclusão social e não como separação racial.

Assim, a valorização do trabalho doméstico na sociedade brasileira é uma discussão que envolve o resgate de nossa alma ancestral e, portanto, a valorização de nossa própria identidade cultural, do reconhecimento e conscientização acerca de nossas origens. É um tema que se vincula às diversas questões e problemáticas sociais que encontramos na sociedade brasileira como a pobreza, o desemprego, a

deficiência nos sistemas educacionais, entre outros.

A característica autônoma dos complexos culturais, que vislumbra e aponta para a confirmação dos pontos de vista historicamente constituídos, pode ser observada nas vivências das babás referentes à relação estabelecida com as crianças e demonstra a tensão psicológica que pode acompanhar essas experiências, na realidade atual:

PA: *A menina está numa fase que já entende que é empregado, naquela fase em que já despreza. Na mesma hora que ela gosta, ela humilha. E, pelo fato de filho de rico ser mimado, muitos já entendem o que é empregado, que eles são ricos e que eles podem. E você vai explicando que não pode ser assim. Mas, a gente passa por isso e tem que ter paciência e conversar. Às vezes, tem que engolir, eu procuro não ficar chamando muito a atenção dela porque a gente tem muito medo dos pais. Eu penso que isso é assim, é da criação! O modo dos pais criarem. É uma criança que tem tudo, não tem limite. Então, pelo fato de ela saber que tem tudo, ela age como se ela pudesse tudo. (...) Ela fala assim, 'ah, sai daqui, eu não quero; eu vou falar pra minha mãe trocar você!'. E eu digo que se é o que ela quer, que troque, mas que o que não pode acontecer, é ficar brigando comigo, eu digo pra ela 'eu também não posso ficar descontando sua mal criação, você tem que respeitar!'. Aí, ela se arrepende do que ela fez e vem fazer carinho.*

PB: *Tem uma babá que eu conheço que é complicado: a menina que ela cuida tem uns cinco anos e bate na cara da babá e a babá não pode falar nada. Isso é uma coisa que eu não gosto porque eu acho que a babá não está ali pra ficar apanhando de criança. Muitas crianças judiam de babá e os pais vêem e não ligam. Mas aqui não. Mas tem muitas que me contam. (...) Eu respeito ela, primeiro por ser criança, mas tem que me respeitar também.*

PE: *Tem criança que consegue bater na babá, dá tapa na cara, acredita?! Eu acho isso um absurdo. Comigo nunca aconteceu, mas é terrível.*

O mesmo pode ser observado no contexto da relação entre as babás e os pais, que são seus patrões. As participantes usam, algumas vezes, o termo humilhação para nomear o que sentem nessas situações que expressam a desvalorização do trabalho doméstico, sua invisibilidade e, em última análise, a estratificação social ainda vigente como herança da escravidão. A tonalidade afetiva dos complexos culturais também é percebida na emotividade dos discursos e é denotada, por exemplo, no uso da palavra como 'cativa', conforme observamos:

PC: *Tem casas, como uma que eu trabalhei, tem casos que o patrão humilha bastante a empregada. (...) Até penso em sair daqui, mas sempre fico pensando como seria a forma deles me tratar. Pode ser que, por eu ser empregada, porque sou uma empregada, eu fico pensando se eles vão querer que eu fique só num canto, assim, quando eles chegarem.*

PE: *Patrão de modo geral não quer que você cresça, principalmente se você trabalha na casa deles, quando você trabalha na empresa é diferente. Eles querem que você fique cativa ali, precisando deles pra tudo.*

PF: *Eu já ouvi falar muito de patroa não tratar bem, acha que empregado é lixo. Então eu acho meio assim, patroa é um pouco chato. Eu já vi gente até chorar, que a patroa era muito chata, muito estúpida, muito ignorante. Então, eu já vi gente chorando porque a patroa é muito chata, muito exigente, que acha que só porque é patroa pode ficar humilhando a pessoa, sendo que aquela pessoa tá fazendo um bem pra ela, cuidando do seu próprio filho. Mas comigo aqui não é assim.*

Podemos compreender a temática apontada pelas participantes a partir das considerações de Costa (2010) sobre a invisibilidade e a humilhação social. A invisibilidade social ou pública pode ser compreendida como um desaparecimento psicossocial de uma pessoa em meio a outras pessoas, portanto, ela decorre dos relacionamentos humanos, da intersubjetividade, que representa a subjetividade de uma pessoa solicitada pela subjetividade de outro ser humano. O autor explica como essa ideia está relacionada com a ideia de humilhação:

A cegueira de gente que não vê gente dispara a humilhação. A humilhação pode ser determinada como cegueira pública, pode ser determinada segundo a experiência de não aparecer como gente estando no meio de gente. (COSTA, 2010, p. 132)

Para Filho (2010), a humilhação é implicada na personalidade das pessoas por meio de palavras, imagens e comportamentos ligados a mensagens de rebaixamento, que marcam e penetram no corpo e na alma de quem é rebaixado. "A humilhação social é um sofrimento ancestral e repetido" (FILHO, 2010, p. 22). Ela pode ser entendida no contexto dos trabalhadores que têm, em suas atividades, tarefas relacionadas aos elementos da *vita activa* (ARENDDT, 2007).

Segundo Costa (2010), o desenvolvimento capitalista gerou circunstâncias a partir das quais foram criados lugares sociais específicos que se cristalizaram com o

passar do tempo. Esses lugares convencionam os modos de ser e agir de quem os ocupa e, de um modo geral, estão relacionados à cisão entre as pessoas que servem e as que são servidas, entre as que ordenam e as que são ordenadas. Aspectos da realidade social que o autor relaciona à teoria de Arendt, que descreve a divisão entre as atividades realizadas na *vita activa* e as realizadas na *vita contemplativa* (ARENDR, 2007).

A divisão entre homens que servem e homens que são servidos parece implicar a existência de dois mundos humanos diferentes. Tal cisão – representada em circunstâncias socioeconômicas que a ostentam materialmente – tem origem em processo de longa duração e que ocasionou a separação entre trabalho braçal e trabalho intelectual. (COSTA, 2010, p. 159)

Consideramos que a estratificação social pode ser entendida, no contexto junguiano, como uma representação da noção de hierarquia presente na psique humana, por meio da compreensão de que o ego está para o self assim como a parte está para o todo, denotando uma ideia de redenção e subordinação.

Segundo Jung (2001) o ego é o sujeito dos movimentos em prol da adaptação, que são produzidos pela vontade, sendo o ponto de referência da consciência. No entanto, não é hegemônico, apesar de parecer sê-lo pela sua qualidade consciente; é prioritariamente subordinado ao self; o ego está para o self assim como qualquer parte está para o todo. O self, ou si-mesmo, é uma grandeza mais abrangente, que inclui o eu. (JUNG, 2001)

Desse modo, entendemos que a hierarquia é uma temática arquetípica, encontrada na natureza humana. Entretanto, a maneira como a hierarquia é constelada na sociedade revela um teor sombrio, na medida em que a divisão, seja em classes sociais ou em classes econômicas, apresenta uma cisão com posições bastante unilaterais que, no caso, têm tido um diálogo precário e, portanto, sem efetiva elaboração simbólica, fazendo com que a evolução acerca desse, e de outros aspectos sociais e culturais relacionados, seja morosa não somente em função de sua característica processual. Isso culmina em uma sociedade com intensas e imensas desigualdades sociais. Assim,

Não é mais livre quem manda do que quem obedece: somos irmãos

na mesma miséria, e uma saída pede que todos lamentem suas armaduras de classe e a tristeza de não vivermos numa comunidade de troca, conversa e mútuo enriquecimento. (FILHO, 2010, p. 14)

Nesse sentido, cabe ressaltar que a igualdade social, em contraponto com a desigualdade, não significa um estado de identidade, de participação mística (JUNG, 2008a), entre as pessoas e os atores sociais. "Igualdade e pluralidade exigem-se mutuamente." (FILHO, 2010, p. 38) A pluralidade significa "sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir" (ARENDT, 2007, p. 16). Filho (2010) complementa escrevendo que a desigualdade não é herança do sistema capitalista, o antecede em termos históricos e políticos, porém, esse modo de organização social, embasado nos aspectos econômicos, acabou por renovar e reiterar a desigualdade social até a atualidade.

Para Jung: "O mais alto interesse da sociedade livre deveria ser a questão das relações humanas, do ponto de vista da compreensão psicológica, uma vez que sua conexão própria e sua força nela repousam." (JUNG, 2008c, p. 49)

V.2 Considerações sobre a persona profissional da babá

Conforme observamos até aqui, o trabalho é um âmbito da vida humana essencial para sua manutenção e desenvolvimento. E, tendo em vista a realidade do "mundo do trabalho" na atualidade, em termos psicológicos, o trabalho pode ser considerado como um dos principais "veículos" por meio dos quais os aspectos coletivos e individuais podem ser vivenciados e, portanto, potencialmente, pode ser um "veículo" para a individuação. As experiências profissionais denotam a mútua influência entre esses aspectos e são vivenciadas por meio da persona, que pode ser considerada como um ponto de intersecção que deve contemplar as demandas externas e internas.

Os aspectos sociais e históricos descritos são o pano de fundo sobre o qual a

profissão de babá vem se constituindo ao longo do tempo e são experienciados pelas trabalhadoras por meio da constituição de uma persona profissional, que confere a elas uma identidade. Assim, a persona, a identidade profissional da babá, é marcada pelos elementos sociais e históricos elencados e, também, por escolhas e aptidões individuais. Essas últimas podem ser consideradas essenciais para o exercício profissional e também denotam elementos que possibilitam a compreensão acerca da profissão. Entretanto, enfocaremos os elementos coletivos acerca dessa vivência.

Desse modo, por meio do exercício e do desenvolvimento profissional, a persona ocupacional deve, por um lado, possibilitar a adaptação social e responder às suas demandas e, de outro lado, responder às demandas interiores.

Nesse sentido, é necessário que haja certo grau de identificação com a persona profissional que é exercida, na medida em que isso faz parte de sua natureza interativa e possibilita ao ego uma identidade, uma noção de quem se é e de qual papel social se ocupa. Nesse contexto, é relevante considerarmos também a importância de ser apontado o seu valor social. No entanto, a identificação excessiva com um determinado papel social, a sua vivência de uma maneira rígida, "perde de vista" a totalidade dos processos psíquicos e, portanto, a inteireza da pessoa, e pode denotar uma vivência defensiva, como um mecanismo de defesa, que aliena o ego desses processos em demasia, embora muitas vezes seja adaptativa do ponto de vista da consciência coletiva (HUDSON, 1978).

Hopcke (1995) aponta para o fato de que a identificação com a persona, ou papel social, é uma causa frequente da busca das pessoas por terapia psicológica e denota uma compreensão superficial delas acerca de sua personalidade total. A identificação com a persona profissional é referendada no âmbito das relações de trabalho, conforme percebemos na descrição dos seus aspectos contextuais. Isso, aliado à característica extrovertida da cultura ocidental, cria uma situação social em que a maioria das pessoas acaba por se identificar com suas personas, com aquilo que fazem e com os papéis sociais que desempenham nas relações estabelecidas com as outras pessoas (HOPCKE, 1995). "A identificação com o próprio cargo ou título pode ser muito tentadora, mas é o motivo pelo qual tantas pessoas não são mais do que a dignidade a elas concedida pela sociedade." (JUNG, 2008a, p. 20)

Cabe salientar a importância das experiências desse potencial arquetípico para os aspectos constitutivos do eu, na medida em que possibilitam o estabelecimento de um "lugar" no âmbito social. Por meio da atividade profissional, por exemplo, as pessoas sabem como agir e o que devem fazer a partir do "lugar" que ocupam, da função e do papel que desempenham, assim como as outras pessoas sabem o que delas esperar.

Há, portanto, diante do convívio com os outros, uma expectativa social a ser cumprida por meio da vivência das personas sociais. "Esta exigência da sociedade é uma espécie de garantia: cada um deve ocupar o lugar que lhe corresponde." (JUNG, 2008a, p. 68) Entretanto, do ponto de vista da inteireza dos processos psíquicos:

É claro que como individualidade ninguém pode adaptar-se por completo a essas expectativas; daí a necessidade inegável de construir-se uma personalidade artificial. (...) um tipo de máscara adequada. (...) A construção de uma persona coletivamente adequada significa uma considerável concessão ao mundo exterior, um verdadeiro auto-sacrifício, que força o eu a identificar-se com a persona. (JUNG, 2008a, p. 69)

A fim de observarmos a maneira como as babás vivenciam sua identidade, sua persona profissional, perguntamos a elas 'como é ser babá', na medida em que as experiências relacionadas à persona denotam modos de SER.

Primeiramente, destacamos o relato acerca da vivência profissional que aponta para uma experiência em que atividades como cuidar, estar com a criança e brincar com ela, estão relacionadas às experiências que proporcionam prazer, àquilo que é gostoso, ao divertimento, ao riso, à alegria e ao vínculo afetivo recíproco entre babá e criança. Esses aspectos denotam a presença de um forte componente matriarcal e erótico na percepção das participantes acerca de seu cotidiano de trabalho. No entanto, PC inclui nessa percepção o termo trabalhoso, indicando que a vivência relacionada aos aspectos matriarcais é uma parte da experiência profissional que, ainda que marcantes e/ou preponderantes, não contemplam a totalidade das experiências do cotidiano de trabalho.

PA: *É gostoso estar com a criança. É prazeroso ficar com a criança, brincar com ela,*

conversar, passear, ficar com ela no dia a dia, cuidar. É divertido.

PC: *É gostoso cuidar. É gostoso dar aquele carinho todo! É gostoso pelo outro lado também, o carinho e o apego delas com você. É gostoso, mas também é trabalhoso. E eu dou muita risada com eles!*

PD: *Eu particularmente gosto. Dou muita risada com eles!*

PE: *Criança é uma alegria, gente! Eu me divirto muito com criança.*

PF: *É bom ser babá.*

PG: *Eu acho legal, eu gosto, eu me sinto bem, eu adoro. Pra mim é prazeroso cuidar deles, trabalhar com eles, tomar conta deles, proteger eles. Prazeroso pra mim é saber que eles estão bem comigo, que eles gostam de mim, que eles me adoram, que eles me beijam, me abraçam, me agarram. É prazeroso, porque eles dão risada, falam que me amam.*

Podemos perceber uma menção à totalidade das experiências do cotidiano de trabalho nos relatos que denotam requisitos fundamentais para que essas vivências prazerosas sejam experienciadas. São elencados elementos e características de personalidade, considerados essenciais para o exercício profissional das babás.

PA: *É gostoso, mas também tem que ter muita paciência. Tem que saber lidar com a situação do dia a dia, tanto com as crianças como com os pais.*

PD: *Tem que ter muita paciência, nessa profissão a primeira coisa é paciência. Eu digo que não é vocação, é paciência, porque se você é paciente tudo flui. Se você tem paciência de ouvir, de falar, de prestar atenção, de ver o jeito da criança. (...) Além de você ter as crianças, você também tem que ter boa estrutura com os pais, porque você mora na casa deles; você mora lá, mas a casa não é sua; você não pode se sentir à vontade, se sentir à vontade pode sentir, mas tem limites. Se sentir e não se sentir. (...) É muita responsabilidade! Lidar com criança, com filhos dos outros não é fácil!*

PE: *Ser babá é bom, mas meche muito com o psicológico. Porque você fica muito tensa, muito preocupada, muito apreensiva, não consegue relaxar direito. Eu tenho isso comigo, sou muito preocupada com tudo. Então, desde que eu comecei a ser babá que eu não durmo direito, que eu não como direito, que eu não faço nada direito. (...) Você tem muita responsabilidade com filhos dos outros. Mas, graças a Deus, nessas casas que eu trabalhei eu soube lidar legal com a questão da responsabilidade.*

PF: *Ah, é uma responsabilidade muito grande. Se tá andando tem que tomar cuidado pra não cair, cuidado com isso, cuidado com aquilo. É roupa, é a lancheira, é o caderno dele também, sapato, meia, é a comida, é tudo; é meio complicado! Eu acho que criança é muito*

difícil, todas crianças são assim, eu acho. É um pouquinho duro.

As participantes apontam a paciência como sendo a principal característica pessoal necessária à constituição da persona profissional da babá; PD a considera mais importante do que gostar e/ou ter vocação. A paciência é elencada como sendo uma característica fundamental no relacionamento e na rotina com a(s) criança(s) e, também, é apontada como necessária para que a babá consiga "lidar" e se relacionar com os pais. PD ressalta ainda a necessidade de ter paciência principalmente quando a babá reside no local de trabalho, o que favorece a convivência. PD e PF salientam a responsabilidade como uma das principais características necessárias à atuação profissional, tendo em vista os cuidados infantis, o que exige atenção constante; percebida por PE como uma tensão que pode ecoar na experiência emocional cotidiana. Assim, embora o trabalho seja prazeroso e gostoso, exige bastante das trabalhadoras em termos de disponibilidade de tempo, e de presença, e de equilíbrio emocional para atender às demandas da(s) criança(s) e de suas famílias.

Algumas participantes complementam o relato dessas vivências apontando a necessidade de haver, também, uma identificação com a função exercida, referendando a teoria acerca da importância de haver identificação pessoal com a profissão, que é expressada pelo termo 'gostar do que se faz':

PA: *Ser babá é bom porque você está trabalhando com o que você gosta; tem que ficar ali porque gosta!*

PB: *Ah, é muito bom, pra quem gosta mesmo! Tem gente que não gosta de criança, mas pegam o serviço porque precisam do dinheiro. Mas eu não, eu já gosto, é por gostar.*

PC: *Eu acho que é gostoso, quando você gosta, né?!*

PE: *É muito bom cuidar de criança, é gostoso, é prazeroso. Ainda mais quando você gosta mesmo de criança. Pra ser uma babá de verdade, e cuidar, você precisa gostar da criança e gostar do que você tá fazendo de verdade. Eu cuido bem, porque eu sou muito, muito paciente.*

As verbalizações sobre o uso de roupa branca como uniforme de trabalho indicam a necessidade das participantes de expressar visualmente a natureza de seu vínculo com a(s) criança(s) e de esclarecer sua identidade. O uso do uniforme

branco, portanto, identifica e expõe claramente o "lugar" social que ocupam em sua atuação profissional, assim como, indica o "lugar" que ocupam na família com quem trabalham.

PA: *Por causa da higiene e pra identificar que é babá. Acho que as duas coisas, higiene e porque é babá da criança, por isso anda de branco.*

PB: *Só uniforme branco. Primeiro eu não tinha uniforme. Aí, fomos pra praça e vi aquelas meninas todas de branco e pensei: por que vou ser diferente delas? Então, pedi pra minha patroa me comprar o uniforme. Porque eu ia lá e um dia perguntaram 'é sua filha?' Aí eu pensei, acho que estou ouvindo demais, né?*

PD: *Eu nunca gostei de usar branco, mas não me importo, é o meu trabalho, eu tenho que seguir.*

PE: *Não que a gente goste dessa cor, mas babá usa branco.*

Assim, entendemos que o uniforme auxilia na construção da persona profissional. Entretanto, não reconhecemos somente essa função construtiva da normatização de roupas de trabalho. O uso de uniforme, enquanto definição de um "lugar" acarreta na vivência dos elementos sociais e históricos relacionados a ele e pode paradoxalmente, também, favorecer a invisibilidade e a humilhação social (COSTA, 2010). E, nesse sentido, usar ou burlar o uso do uniforme em ambientes de trabalho pode indicar esses aspectos.

Percebemos, ainda, que essa temática indica uma das concessões que as trabalhadoras fazem à ocupação profissional ao vestirem roupas que não gostam, que não estão de acordo com sua subjetividade, suas preferências e opiniões; o que é considerado por elas como sendo parte de sua profissão.

Os discursos sobre a experiência de SER babá emergiram também diante da questão feita às participantes: 'o que é a babá para a criança', e indicam a função e o papel que as participantes vivenciam em seu cotidiano profissional e, portanto, na constituição da persona de babá.

As seguintes verbalizações apontam no que consiste o exercício da profissão, o seu papel e a sua função:

PA: *A babá tem que um pouco educar, um pouco ter paciência, um pouco de cada coisa que os pais fazem! Você tem que estar sempre do lado delas. Não importa se estão com o pai, ou com a família, tem que estar ali perto delas. A babá acaba sendo companhia pra elas.*

Tem que estar ali, presente, porque tudo é você. A babá acaba sendo tudo.

PC: *Ser babá é estar sempre por perto, dar atenção, carinho, cuidado, estar sempre também pondo limites.*

PD: *Eu acho que a babá é uma auxiliar dos pais, é uma pessoa que tá ali pra ajudar os pais a cuidar dos filhos, pra fazer o que os pais não têm tempo de fazer ou não querem fazer. Exatamente só se resume a isso. (...) Eles entendem quando eu brigo, que é pro bem, que tem hora pra tudo, que eu preciso falar isso pra que eles cresçam e se formem pessoas de bem, pessoas com caráter, que eu estou ajudando os pais deles a educar eles, de uma forma ou de outra estou ajudando. E, aí, eles ficam felizes, falam que sou amiga deles, que gostam de mim.*

PE: *Ser babá é tomar conta de filhos dos outros. (...) Eu penso que babá é uma pessoa interessante, é uma parte interessante pra criança. Você ajuda na educação, eu acho fundamental isso, você passar pra criança. A criança tem que falar bem, então a babá não pode ser meio burrinha, você tem que saber se expressar, saber falar direitinho, pra criança já ir pegando o jeito de você se expressar mais ou menos.*

PG: *Ser babá é cuidar das crianças.*

Essas ideias explicitam que o fazer cotidiano da babá consiste em tarefas e atividades relacionadas aos papéis parentais como cuidar, educar, fazer companhia, estar sempre presente e próxima à(s) criança(s), dar carinho, atenção e amor; conforme observamos também na Tabela 4 – Principais atividades realizadas no cotidiano profissional das babás.

O depoimento de PD é bastante esclarecedor porque define resumidamente o papel da babá como sendo aquela pessoa que é uma auxiliar dos pais nos cuidados e na educação da(s) criança(s). A babá atua profissionalmente em funções que os pais não querem e/ou não têm tempo para fazer, por meio de uma relação fraternal, de amizade. PD e PE apontam a importância do trabalho da babá e o seu valor social relacionados ao papel que desempenham como educadoras, sendo considerado fundamental para o desenvolvimento infantil e, conseqüentemente para o futuro adulto. PE alerta que, para isso, a babá precisa ter os aspectos educacionais internalizados para que possa transmiti-los na convivência diária.

Assim, podemos entender que as babás precisam coordenar elementos arquetípicos maternos e paternos, de eros e poder, em suas atribuições cotidianas

que envolvem atividades como cuidar, educar, acompanhar e, até mesmo, amar.

Antes de prosseguirmos a discussão sobre os relatos emergidos a partir da questão levantada, 'o que é a babá para a criança', cabe teorizarmos acerca do que entendemos por elementos arquetípicos maternos e paternos.

O arquétipo materno é manifestado em papéis sociais familiares como o da mãe, avó, sogra, madrasta, bem como nos relacionamentos em geral com outras mulheres como as babás e professoras, por exemplo. No sentido mais amplo, adquire contornos que formam as instituições como a escola e a igreja, bem como elementos da natureza como o céu, a floresta, a terra e o mar. E no sentido mais restrito, denota elementos referentes à concepção, ao nascimento e ao desenvolvimento como a terra arada, a árvore, a gruta. E, em última análise, podemos entender o arquétipo materno representado no útero. (JUNG, 2000a)

Jung (2000a) aponta que esses símbolos carregam sentidos que podem ser positivos e favoráveis e também negativos e desfavoráveis. O autor esclarece sobre a representação do arquétipo materno:

Seus atributos são o "maternal": simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal. (JUNG, 2000a, p. 92)

O materno, portanto, remete uma polaridade fundamental da existência humana: a vida e a morte, compreendida em seus aspectos concretos, biológicos, e também simbólicos como denotado no elemento terra, que propicia a vida assim como 'carrega e guarda' a morte. Nesse sentido, podemos entender que representa o lugar de onde surge a vida, o útero; e o lugar para onde se vai no momento da morte, o túmulo.

Essas experiências se reportam às representações arquetípicas maternas referentes à mãe-natureza. No entanto, existem, ainda, nas representações arquetípicas maternas, as experiências humanas relativas a uma mãe-espiritual, que congrega a qualidade numinosa do arquétipo, aludindo ao manancial de

potencialidades inconscientes, o que dificilmente poderia ser atribuído a uma pessoa real. (GALLBACH, 1995)

Nesse sentido, Jung (2000a) comenta que há em algumas manifestações culturais a ideia de um duplo nascimento como nos casos em que há a mãe, real e biológica, e também uma madrinha que estaria incumbida de atentar aos temas espirituais da vida da criança. Também podemos entender esse aspecto como sendo uma dupla maternidade.

Esses elementos nos remetem à noção da dupla influência existente na psique humana que, por um lado, é composta pelas questões pessoais e individuais, que são vivências subjetivas a partir da mãe real e, por outro lado, é composta pelas questões inconscientes e arquetípicas.

E, no que se refere, ao desenvolvimento psicológico, à individuação, essa temática também é consonante. Isso porque o duplo nascimento, nesse contexto, pode representar de um lado, a primeira fase da vida que envolve a emergência da consciência e o desenvolvimento do ego, com um envolvimento psíquico mais voltado às questões de adaptação social; e, de outro lado, a segunda fase da vida, a metanóia, quando o envolvimento psíquico se vincula mais fortemente às questões interiores para além dos aspectos materiais da existência.

Com relação ao arquétipo paterno, Jung não descreve o arquétipo do pai do mesmo modo como descreve o arquétipo da mãe. Encontramos um trecho em sua obra no qual o autor escreve sobre o papel arquetípico do pai descrevendo-o como um representante das leis, ordens e proibições ligadas à moral e, também, do espírito que se contrapõe à impulsividade, impedindo-a. (JUNG, 1999)

Em outro ponto da obra Jung destaca que "a imagem do pai possui um poder extraordinário" (JUNG, 1989), representado, muitas vezes, em figuras divinas, como é o caso do deus descrito na religião cristã.

Entretanto, ao longo da história da humanidade e sob sua influência, a figura paterna tem sido vivenciada de um modo tendencioso porque tem sido representado por meio das responsabilidades sociais e do trabalho em detrimento aos cuidados diretos com os filhos (COLMAN, 1995)

Stein (1979) aponta uma das polaridades do arquétipo paterno, trazendo a

questão dos aspectos favoráveis e desfavoráveis de cada representação arquetípica: de um lado, a figura do pai guardião dos filhos, que atua como uma fortaleza em defesa das ameaças do mundo exterior e, de outro lado, a figura do pai devorador, que atua com rigidez e insistência as formas convencionais de sentir, pensar e se comportar. Ainda sobre o aspecto positivo do pai, Samuels (1992) aponta a figura do pai como um modelo, condutor e enérgico, auxiliar na criatividade, na imaginação e na saúde psíquica em geral.

Ledbetter (1998) ressalta que o pai é o "primeiro modelo de iniciativa masculina" (p. 79) e sua imagem está relacionada à figura do herói:

Os pais são heróis de fato, provendo alimento, abrigo e, se possível, alguns luxos. Mais importante para os filhos, contudo, é que os pais são os modelos da força e do controle, físico e emocional, e asseguram que uma herança aguarda os filhos, uma ascendência ao papel de herói na sociedade. (LEDBETTER, 1998, p. 79)

Esse aspecto nos leva a uma reflexão sobre a existência de uma ligação entre essa representação arquetípica e o processo de individuação. Isso porque a figura do herói é amplamente abordada na psicologia analítica como uma figura representativa do processo de desenvolvimento psicológico, da individuação, em que o ego é identificado com essa figura. Nesse sentido, as vivências relacionadas ao pai oferecem indicações acerca 'do modo de ser a agir' do herói, ou seja, em última instância, do próprio ego, oferecendo elementos relativos principalmente aos processos de adaptação social.

Observamos que o arquétipo do pai está relacionado também a ideias como a fertilização, o provimento material da família, a ponte entre os elementos do mundo interno, da casa, e externo, da sociedade. O pai tem funções nos cuidados infantis que conduzem à consciência e aos aspectos racionais da existência humana.

Nesse raciocínio, o paterno é relacionado à consciência e o materno ao inconsciente, como forças arquetípicas consteladas na racionalidade e na irracionalidade, respectivamente. No entanto, essa leitura deve ser simbólica, não literalizada no exercício das funções maternas e paternas, na medida em que homens e mulheres podem realizar ambas as funções porque possuem em seu manancial arquetípico ambas as potencialidades.

Esses aspectos também podem ser considerados na polaridade eros e poder. Eros denota elementos do arquétipo matriarcal na medida em que é caracterizado em experiências como a emoção, o desejo, a afetividade, o relacionamento erótico e a fertilidade. E o poder demonstra aspectos do arquétipo do patriarcal vivenciados em experiências como o domínio, a força, a repressão, o controle, a ordem, a hierarquia, a tarefa e a obediência. Entretanto, essa leitura deve ser relativizada porque eros e poder podem ser expressados na emergência de outros arquétipos, inclusive eros na figura paterna e poder na figura materna. (BYINGTON, 2006)

Do ponto de vista do ego, eros aborda principalmente o vínculo afetivo entre as pessoas. Ele propicia o apego, o desejo, a intimidade, a empatia, a simbiose, a frustração, o amor materno e filial e, em última instância, também o amor conjugal, a rejeição, o abandono e desamor de um modo geral. Já o poder coordena principalmente a auto-afirmação, a independência, o domínio sobre o outro, seja de corpo, sociedade ou natureza, o elitismo, a tarefa, a vitória, a derrota, a fama, o sucesso, o fracasso e a culpa. (BYINGTON, p. 68, 2006)

Jung (2007a) vincula as experiências de eros com a natureza animal do ser humano, denotando o vínculo corpóreo, instintual, relacionado aos cuidados e prazeres do corpo e, portanto, ao contato corporal entre pais e filhos, assim como de outros vínculos, incluindo o sexual. O autor salienta que, no entanto, eros também

está ligado às mais altas formas do espírito. Só floresce quando espírito e instinto estão em perfeita harmonia. Faltando-lhe um dos dois aspectos, já se produz um dano ou, pelo menos, um desequilíbrio, devido à unilateralidade (...) O excesso de animalidade deforma o homem cultural; o excesso de cultura cria homens doentes. (JUNG, 2007a, p. 20)

O poder, para Jung (2007a), refere-se aos processos do ego que em sua expressão está vinculado aos aspectos da cultura, que formatam e ordenam o cotidiano. Nesse sentido, a natureza cultural do ser humano é contraposta à sua natureza instintiva e suas dinâmicas são complementares. "Na realidade, a natureza humana é portadora de um combate cruel e infundável entre o princípio do eu e o princípio do instinto: o eu, todo barreiras; o instinto, sem limites; ambos os princípios com igual poder." (JUNG, 2007a, p. 26) Esse último termo, poder, entendido como força.

Prosseguindo o raciocínio acerca do SER babá, perante a questão 'o que é a babá para a criança', observamos que as participantes relataram algumas opiniões que as crianças lhe deram a respeito do seu papel, o que demonstra que as babás refletem acerca de sua atuação profissional e estão atentas ao que as crianças pensam sobre a sua função. Também é possível observar, no discurso de PD, a preocupação e a importância de esclarecer os limites desse papel, porque, enquanto auxiliares dos pais, elas são coadjuvantes na vida familiar, devendo ser resguardados os seus papéis e a sua configuração.

PB: *Tem criança que não sabe falar, mas outras dizem que gostam da babá porque a babá brinca, dá carinho.*

PD: *Eu pergunto pras crianças isso, às vezes. Aí, eles falam que sou amiga, que sou a melhor amiga deles. Aí, eu falo pra eles 'sua melhor amiga tem que ser a sua mamãe e o seu melhor amigo tem que ser o seu papai', eu sempre falo isso, 'mamãe e papai em primeiro lugar'. Aí, eles dizem 'então você é a segunda!'.*

PG: *Eu acho que pra eles é muito. Eles falam pras professoras que sou babá deles porque faço tudo pra eles. Elas comentam que eles falam assim 'minha babá é um barato', aí, eu acho que deve ser legal. (...) Eles me falam que eu sou a melhor babá do mundo. Deve ser, porque é no mundo deles, eles devem saber.*

Observamos, entretanto, nos seguintes relatos, que o componente materno parece ser percebido como preponderante nas experiências profissionais e na constituição da função de babá:

PA: *Eu acho que é a segunda mãe. Ainda mais se a criança só teve uma babá e sempre foi aquela, acho que a criança vai ver como uma segunda mãe. (...) Às vezes, a gente acaba pegando o papel da mãe.*

PB: *É como se fosse carinho de mãe. É como eu falo: babá é como a segunda mãe. Porque a mãe não está perto dela, quem está sou eu. Porque os pais não estão em casa, então somos como uma segunda mãe deles pra dar educação. A mãe não está, então nós somos como mãe deles. A gente dá carinho, dá amor. O que a mãe não pode dar porque está trabalhando, a gente dá isso pra eles. Até pra não ficar triste num canto, chorando pela mãe. Só quando a mãe chega, a mãe cuida. Quando ela chega, eu vou embora.*

PC: *É como se fosse uma segunda mãe. Porque na ausência dos pais elas recorrem a você, tudo o que acontece, tudo o que precisam.*

PE: *Eu acho que é a segunda mãe, se é uma babá de verdade, uma babá assim, dedicada, esforçada. Porque a gente fica muito mais com os filhos deles do que eles. A gente se dedica, a gente se preocupa, dá carinho, amor, atenção. (...) E o negócio que eu falei de segunda mãe é mais assim, é o que a gente acha, no caso, porque elas não acham isso. É coisa da cabeça da gente mesmo, que a gente pensa. Não é delas não, se falar isso vai arrumar é briga. Mas, eu penso isso porque eu me sinto uma mãezona pra todas as crianças que eu cuidei; sempre com o coração mesmo e gosto de verdade da criança, eu me dedico. (...) A gente cuida e tudo, mas sabe que não é mãe.*

PF: *Eu acho que é quase sendo uma mãe. Porque mãe acompanha tudo, cuida de tudo, dá carinho, senta e conversa, dá atenção, brinca. E eu faço tudo isso. Então, eu acho que no fim, no fim disso tudo, eu acho que eu sou a segunda mãe, porque faço pra ele o que nem a mãe dele faz.*

Podemos entender que a ênfase na figura materna decorre primeiramente da identidade feminina das profissionais, do fato de elas serem mulheres e perceberem a realidade desse ponto de vista.

Em segundo lugar, podemos entender que isso acontece porque grande parte das tarefas das babás consiste em atividades que se referem a elementos relacionados às vivências arquetípicas matriarcais e eróticas como acalantar, nutrir e cuidar. Essa percepção é referendada pela cultura patriarcal ainda vigente que atribui as atividades eróticas e matriarcais preponderantemente às mulheres e às mães, fazendo com que as pessoas as relacionem às figuras maternas reais.

Entretanto, cabe ressaltar que o materno e o paterno, eros e poder, e também o feminino e o masculino, são princípios arquetípicos observados nas vivências humanas que estão "disponíveis" para a constituição e para as experiências das pessoas, sejam elas homens ou mulheres (SAMUELS, 1992).

Além dessas reflexões, esses relatos esclarecem ainda mais acerca do papel da babá na família com quem trabalha e, portanto, sobre o seu papel profissional. Para as participantes ser como uma segunda mãe refere a sua condição de substituta, de coadjuvante, na medida em que atende as demandas da(s) criança(s) quando os pais não estão presentes. E, aqui, podemos inferir que elas não estão se referindo somente ao exercício do papel maternal; elas denotam que a atuação profissional acontece, na maior parte do tempo, durante a ausência de outras figuras

familiares, como pais e mães que, conjuntamente, são denominados como pais porque exercem a parentalidade da(s) criança(s).

No discurso de PE percebemos que, embora haja clareza acerca desse lugar de substituição, o vínculo afetivo entre a babá e a(s) criança(s), algumas vezes, faz com que a profissional sinta-se como se fosse mãe delas. Isso ocorre porque essa vivência "trata" de aspectos emocionais que são esclarecidos por meio da racionalização e da ampliação da consciência acerca deles. Conforme observamos na verbalização de PE, ela 'sabe' que não é mãe, mas quando relata sobre sua função e sobre suas atribuições remete-se ao fato de se 'sentir' como tal.

A seguir, observamos mais alguns exemplos sobre esse aspecto:

PA: *O gostar é como se fosse de um filho, como se fosse um filho meu, como se fossem minhas filhas. Você vai pegando aquele amor, como se as crianças fossem suas. Eu sinto, assim, que eu me apego demais. (...) Fica aquele afeto, assim, do tipo como se fosse mãe e filho, mas na verdade não são nossos filhos.*

PB: *Você pega carinho. Eu me apeguei muito, desde pequenininha estou com ela.*

PD: *São danados, mas eu amo demais.*

PE: *Eu gosto muito de carinho, de afago; e tanto gosto de dar como de receber. Então, com a criança é mesma coisa; eu vivo beijando. E, eu não sei se eu ia me sentir bem com uma criança que eu não pudesse beijar, porque têm crianças que você não pode beijar, que a mãe é severa, diz que não quer que beije, abrace, você só cuida e pronto.*

Destacamos, ainda, outras verbalizações sobre o vínculo afetivo entre a criança e a babá:

PA: *Ela gosta muito de mim.*

PB: *Essa daí tem um carinho por mim!*

PD: *Eles gostam de mim, sentem falta; quando eu chego eles vem me receber.*

PE: *Às vezes, você tá triste, pra baixo, aí, você ouve um 'eu te amo'; daqui a pouco, é um abraço inesperado, que você não tá esperando... Aí, tudo isso te toca!*

PG: *Me animam com o carinho deles, se tô triste.*

Esses relatos nos levam a refletir sobre a importância de haver uma racionalização do cotidiano profissional tendo em vista essa característica fundamental do trabalho da babá, qual seja o vínculo com a criança(s) e com a família. O vínculo afetivo é fundamental, por um lado, porque é necessário para que

haja o desenvolvimento infantil adequado e, portanto, para que aconteça o exercício da profissão, a realização das atividades. Por outro lado, é essencial também para a trabalhadora, porque auxilia na constelação de seu papel profissional subjetiva e objetivamente.

Além disso, enquanto representante do sentimento de amor, o vínculo afetivo favorece a troca, o diálogo, a percepção real do outro e de suas demandas específicas, o que pode ser catalisador do desenvolvimento humano, do processo de individuação. O amor

quando se dirige a uma pessoa humana, e for verdadeiro amor, é o mesmo que a libido ir diretamente ao inconsciente, pois a outra pessoa é um representante muito forte do inconsciente, mas apenas quando é amada de verdade. (JUNG, 2000b, p. 26)

Cabe ressaltar que o termo dialógico é utilizado no presente estudo para definir a qualidade da relação entre o eu e o outro, que possibilita o movimento dialético favorecendo a emergência de um terceiro elemento, ou seja, dos símbolos.

Segundo Kast (1997) a palavra símbolo tem origem grega *symbolon*, significando uma reunião de aspectos separados. A autora salienta que o símbolo sempre carrega um conteúdo encoberto, enigmático. Portanto, o ato de “simbolizar significa descobrir o sentido oculto na situação concreta”. (KAST, 1997, p. 23)

O símbolo é sempre um produto de natureza altamente complexa, pois se compõe de dados de todas as funções psíquicas. Portanto, não é de natureza racional e nem irracional. Possui um lado que fala à razão e outro inacessível à razão, pois não se constitui apenas de dados racionais mas também de dados irracionais. (JUNG, 1991, p. 447)

Dessa forma, o símbolo se encontra em toda parte e relaciona elementos da consciência e do inconsciente:

Os símbolos que exercem esse papel de estruturar a consciência e ligá-la ao inconsciente, nós os encontramos não só nos sonhos, mas também em nossos relacionamentos, idéias, emoções, sentimentos, em nosso corpo, no contato com a natureza e nos rituais. (GRINBERG, 2003, p. 104)

O símbolo é um mediador entre inconsciente e consciente, entre oculto e

revelado e tem a qualidade de unificar pares de opostos. Nesse sentido, é transformador de energia psíquica, tendo um caráter restaurador e curador. Cabe ressaltar que ele emerge espontaneamente. (JACOBI, 1986)

Para que isso ocorra entra em funcionamento uma “ponte” entre consciência e inconsciente, um mecanismo psíquico denominado função transcendente, que resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes. (JUNG, 1971) Ela também pode ser entendida como a “capacidade da psique de formar símbolos, isto é, de unir pares de opostos no símbolo para que haja uma síntese.” (JACOBI, 1986, p. 91)

Desse modo, o termo dialógico refere-se ao diálogo entre o eu e o outro, seja o outro externo e/ou interno, e estabelece a relação eu-tu (BUBER, 1977). Destacamos que essa conceituação, embora vinculada a outra corrente teórica, o existencialismo, que tem suas particularidades no seu modo de “olhar” e compreender o ser humano, pode contribuir para o entendimento acerca das relações humanas por ser, nesse aspecto, consonante com a abordagem junguiana. Nesse sentido, contextualizada na abordagem junguiana, pode indicar ainda a qualidade da relação estabelecida do eu consigo mesmo, entre o eu e o outro interior que, em última análise, é também coletivo.

Assim, segundo Buber (1977), a expressão eu-tu refere uma totalidade composta por elementos opostos que estabelecem uma relação de reciprocidade gerando uma dinâmica dialógica. Para adquirir essa dinâmica, a expressão eu-tu deve ser utilizada na relação intersubjetiva sob o ponto de vista do eu que se coloca em relacionamento com o tu. E, nesse sentido, o tu deve ser considerado como *outro*, o qual apresenta uma unidade que, ao ser observada pelo eu, é percebida somente em sua multiplicidade; e ao ser abordada e/ou explicada acaba por ser dilacerada, tornando-se um “isso”.

Nas palavras do autor:

Assim como a melodia não se compõe de sons, nem os versos de vocábulos ou a estátua de linhas – a sua unidade só poderia ser reduzida a uma multiplicidade por retalhamento ou um dilaceramento – assim também o homem a quem eu digo tu. (...) Eu posso situá-lo, sou, aliás, obrigado a fazê-lo constantemente, mas então, ele não é mais um TU e sim um ELE ou ELA, um ISSO.(BUBER, 1977, p. 9-10)

Entretanto, percebemos que é fundamental que o vínculo afetivo seja vivenciado com certos limites a fim de preservar a integridade da persona profissional. O vínculo excessivo, em seus aspectos maternos e eróticos, pode contribuir para que as babás tenham sua identidade profissional diluída, porque, nesse caso, permanece identificada e "inundada" pela constelação matriarcal que se configura em seu cotidiano de trabalho.

As participantes referem essa questão em seus relatos:

PA: *Por isso que a gente não deve misturar.*

PD: *É um trabalho como outro qualquer, eu não posso me apegar, porque as crianças não são meus filhos, a casa não é minha. Tem babá que confunde as coisas, são crianças, meus anjinhos, tudo bem, são meus anjinhos, mas não são seus filhos, por mais que você tem bom contato com a família. (...) Toda profissão, como você é médico, você é engenheiro, você é tal coisa, você tem que agir profissionalmente.*

PE: *Você não deve se sentir mãe da criança, sentir poder sobre a criança.*

PD esclarece sobre a importância das babás manterem a identidade profissional diante da vivência afetiva, que faz parte do exercício profissional. O seu discurso aponta para a necessidade de se manter a racionalização e a conscientização acerca do papel que desempenham no cotidiano de trabalho.

No entanto, verificamos nas experiências das participantes que há uma influência do vínculo afetivo nas percepções e decisões acerca da vida profissional das babás, principalmente diante da saída do trabalho, o que amplia a necessidade de reflexão sobre esse aspecto. PD contribui para a questão destacando que é possível a manutenção do vínculo mesmo diante da troca de local de trabalho.

PA: *Porque quando chega perto da hora de eu sair, porque elas estão crescendo, é ruim pra gente. Porque a gente quer sair, mas não quer separar.*

PD: *Porque eu gosto de criança, então, eu trabalho com criança, criança é uma pessoa totalmente delicada, uma jóia, que tem que abraçar, mas é assim, é o meu trabalho. Não pode ser o vínculo que determina; porque eu posso ter uma relação depois que eu sair de lá, posso ir visitar, ligar.*

PE: *Eu me envolvo mesmo, eu fico apaixonada; quando eu saio, sofro e fico morrendo de saudades porque eu gosto mesmo. (...) Têm babás que trabalham com carinho, com a alma,*

com o coração, com dedicação total e se apegam, aí, é aquela luta pra sair da casa, daquele lugar.

PG: *Pra mim é difícil se eu quiser sair de lá um dia, por causa deles.*

A verbalização de PD nos leva a pensar que a importância do vínculo não decorre somente da atuação profissional, na medida em que pode ser mantido para além dela. Isso, principalmente, se considerarmos que os cuidadores são pessoas fundamentais para o desenvolvimento infantil, o que, diante de um vínculo afetivo recíproco, favorece a possibilidade de extensão dessa relação para além do contexto profissional. A relação pode, portanto, se transformar a partir de novas definições profissionais da babá, ou diante de novas demandas familiares, referendando a vivência fraternal conquistada no exercício do cotidiano profissional, que pode ser transformada em uma relação de amizade duradoura.

Observamos, nos seguintes relatos, que as participantes atribuem um sentimento de ciúme por parte da mãe da(s) criança(s), tendo em vista o vínculo afetivo e o tempo de convivência durante a jornada de trabalho, que é maior do que os pais podem disponibilizar.

PA: *E, às vezes, não quer ficar com o pai e a mãe. Aí eu digo: ‘você tem que ficar um pouco com seu pai e com sua mãe. (...) É chato, às vezes, porque tem umas fases que era tudo muito pra cima de mim. Aí, era chato pra mãe, porque a mãe acaba tendo um pouco de ciúmes. A gente percebia que a mãe tava com ciúmes. E isso era meio chato porque é gostoso pelo carinho da criança, mas é desagradável por causa da mãe, porque a gente não sabia qual vai ser a reação da mãe. E com a família também, às vezes, quando vai a família lá. Quando a avó vai, as meninas só querem ficar comigo. Aí é chato, porque a avó fica com ciúmes também. Isso aconteceu mais, quando eram mais novas.*

PC: *Às vezes, são até mais apegadas do que com a própria mãe e com o próprio pai. Ficam mais apegadas porque ficam mais comigo. Eu até que gosto. Mas, por outro lado, eu preferia que fosse mais apegada aos pais, porque é o certo. É bom, mas é um pouquinho ruim também. Aí, às vezes, eu fico um pouco preocupada, até. Ainda mais porque a mãe é um pouco ciumenta. Porque, às vezes, querem fazer tudo comigo e a mãe tá lá, o pai tá lá, e elas não querem saber deles.*

PE: *A maioria das mães tem ciúmes da gente, ainda mais quando a criança quer só a gente e não quer ela. Às vezes, a criança não quer a mãe, quer a babá. No meu caso não, porque*

eu sempre deixo claro pra criança que a mãe vai chegar, eu sempre falo que a mãe foi trabalhar, mas volta; eu gosto sempre de falar isso pra criança. Porque eu não sou mãe mesmo, então, eu deixo claro as coisas.

Entendemos que a percepção do ciúme, por um lado expressa e decorre da natureza do vínculo, na medida em que um papel que refere substituição pode gerar esse sentimento em quem está sendo substituído. Por outro lado, podemos compreender a percepção do ciúme como uma expressão emocional que acaba servindo como balizadora dos limites dos vínculos vivenciados no exercício da identidade profissional das babás.

Cabe lembrar que a própria natureza da profissão acaba culminando em um vínculo bastante intenso entre a babá e a(s) criança(s), o que é necessário para sua atuação, conforme explicitamos anteriormente. E, embora o amor permeie a convivência das babás com a(s) criança(s) e sua(s) família(s) e, por um lado, seja essencial para o exercício profissional, por outro lado, é fundamental que as trabalhadoras tenham consciência de que são profissionais exercendo o seu trabalho.

Consideramos ainda que a importância da preservação da persona profissional é vivenciada também no relacionamento das babás com a família para quem trabalham, em virtude de ocuparem um lugar nessa configuração, que é de substituição temporária das figuras parentais, por meio do qual acaba compartilhando a vida familiar.

PC: *Porque até uma vez me falaram que me consideravam da família, que não tem essa, porque é empregada você tem que ficar no seu canto. Acho que eles me consideram, se não, não fariam isso, me levar pra passeio, pra comer. Eles viajam e me levam algumas vezes.*

PD: *Tem patrão que diz que é praticamente da família, mentira!, você tem um deslize qualquer eles vão lá e te mandam embora. Tem muita gente que se ilude, eu não me iludo, é o meu trabalho, faço bem.*

PG: *Quando eles fazem desenho da família, eles me desenham junto com eles. Tem coisa mais prazerosa, não tem. (...) E quando tem a reunião de família, ela acha que eu tenho que ir na escola, que se não o dia da família é triste. Ela acha que eu tenho que ir. E eu vou, eu participo. Tudo da escola dela eu tenho que participar e a mãe me chama pra ir junto, ver as*

apresentações deles, ela não se importa.

Entretanto, esse "fazer parte da família" também precisa ser relativizado por ambos, patrões e empregadas, para que não se perca de vista a qualidade profissional da relação estabelecida o que, em última análise, pode favorecer a valorização social da ocupação.

E, no contexto brasileiro, esses aspectos tornam-se ainda mais relevantes tendo em vista a herança escravocrata e sua influência nos modos de relacionamento entre patrões e empregados domésticos. Assim, entendemos que essa herança cultural, por um lado, culmina na descaracterização do aspecto profissional das trabalhadoras que atuam em âmbito doméstico. Mas, por outro lado, a herança cultural oferece repertório para refletirmos e melhor definirmos os limites dessas relações trabalhistas, porque também "carrega" relações de proximidade.

Diante do exposto, torna-se relevante refletirmos um pouco mais sobre os aspectos da relação entre patrão e empregada, na medida em que pai e mãe, a dupla denominada como os pais da(s) criança(s), ocupa o lugar de patrão nessa relação. As participantes apontam que o SER babá envolve saber conduzir essa relação e "lidar" com as possíveis tensões que possam existir.

PA: *Tem que saber lidar com a família, que é seu patrão. Todo o trabalho, todo o emprego, tem seus atritos com patrão, tem que ter paciência. Mas não é uma tensão que acontece todo o tempo. Geralmente é tranquilo, é normal. Só de vez em quando aparecem as diferenças.*

PD: *Eu vou levando porque, tipo assim, é tudo a mesma coisa entre patrão e empregado.*

PE: *Não é fácil essa coisa de patrão e empregada.*

PG: *Depende muito do patrão.*

O cotidiano profissional decorre, portanto, de uma relação de trabalho estabelecida entre os pais e a trabalhadora, contratada para a função de cuidar de seus filhos, por meio de um contrato, explícito e/ou implícito, de combinações que definem como a função deve ser exercida. Nessa perspectiva, os pais, a família da criança, podem ser entendidos como uma unidade, como se fossem uma instituição, porque estabelecem um conjunto de valores, preferências e instruções, que devem ser incorporados e transmitidos no exercício profissional.

E, nesse sentido, assim como acontece no âmbito empresarial, a gestão familiar também pode influenciar a constituição subjetiva da babá (HELOANI, 1994). Esse aspecto poderá, por um lado, propiciar um repertório que auxilia na realização do seu trabalho e que pode culminar, inclusive, em elementos que contribuam para o desenvolvimento pessoal, além do profissional. Por outro lado, esse aspecto pode se tornar nocivo ao desenvolvimento individual se tiver uma ênfase excessiva, exercendo uma força de modulação da subjetividade, por meio das regras estabelecidas, o que propicia que o trabalhador se identifique com os valores da instituição em detrimento da identificação entre as pessoas (HELOANI, 1994).

A partir dessas considerações, refletimos que a cristalização das regras, e a consequente modulação da subjetividade, pode repressar o potencial dialógico das relações intersubjetivas e, portanto, da própria individuação. Isso porque o encontro como o tu, o outro exterior, pode favorecer a dialética entre o eu e o outro interior, entre o ego e o self, o que não acontece se as diferentes individualidades estiverem "padronizadas".

As participantes comentam alguns detalhes da relação que estabelecem com seus patrões, que auxiliam na reflexão acerca da qualidade desse relacionamento e de suas características. A primeira característica é a reciprocidade dessa relação:

PB: *Então, tanto ela depende de mim como eu dependo dela! Então é assim, ela só vai trabalhar quando eu chegar, eu só vou embora quando um dos dois chegarem. Então, nós duas dependemos uma da outra! Se eu chego tarde, ela vai trabalhar tarde; se ela chega tarde, eu vou embora tarde. Aqui dependem um do outro. Assim que é nossa rotina aqui. Aí tudo dá certo, desse jeitinho tudo dá certo! Aí eu nem brigo, porque já é combinado, já.*

PG: *Eu acho assim, um bom patrão, tem uma boa empregada; uma boa empregada, tem um bom patrão. Eu vi isso na televisão e achei certo: é a empregada que faz o patrão e é o patrão que faz a empregada.*

A segunda característica encontrada acerca da relação entre patrões e empregadas é a amizade que pode emergir da convivência:

PC: *Eu também gosto muito de conversar com a mãe delas, porque eu posso considerar ela muito amiga, porque sempre pergunta da minha vida particular. A gente sempre conversa sobre a minha vida. Eu gosto de falar porque não tenho quase amigos, uma amiga. Porque eu passo mais tempo lá do que com minha família, e pra mim é como se fosse, eu vejo, né,*

ela como uma amiga, até mesmo como uma irmã. Eu gosto muito da mãe delas, acho ela um pouco amiga, porque pergunta da minha vida, da minha família.

Entretanto a qualidade relativa à amizade não é vivenciada dessa maneira por todas as participantes. Algumas delas apontam a necessidade de estabelecer um limite na relação com os patrões, o que nos remete, por um lado, às questões de desvalorização do trabalho doméstico. E, por outro lado, denota uma adequação das participantes acerca dos limites que se deve estabelecer para haver fluidez no exercício profissional.

PE: *Eu sempre me dei bem com os meus patrões. Porque eu sou uma pessoa que eu sei o meu limite, sou muito discreta, muito na minha mesmo. Tipo, eles estão conversando e eu não vou me meter na conversa, não vou dar minha opinião. Têm muitos que são até mandados embora por causa disso, porque se metem em conversa de patrão. (...) Eu não dou liberdade pra patrão e nem quero que eles me dêem. Porque empregado é empregado, patrão é patrão, cada um na sua. Eu nunca ultrapassei limites, eu nunca fiz confusão.*

PG: *Eu tenho uma relação com ela que é muito boa. Mas ela é ela, e eu sou eu. Ela é minha patroa e eu sou funcionária dela, eu sou empregada dela. Eu não misturo, eu sei o meu limite, o meu lugar; mesmo estando há tantos anos com ela. Ela é ela, se ela quiser conversar comigo, conversa. Mas, minha vida particular é minha vida particular e a vida particular dela é a vida particular dela. Patrão é patrão.*

Observamos, também, nesse contexto, que as babás muitas vezes agem de uma maneira que referenda a desvalorização do seu trabalho, no que se refere à qualidade da comunicação que estabelecem ou não com os patrões.

PA: *E com os pais não posso falar tudo o que penso. Se eu vejo alguma coisa eu não posso falar. Eu tenho que ver e fingir que não vejo. Imagina uma empregada falando. Porque é uma coisa assim, se eu me intrometer, é despedida na hora! (...) Mas é a paciência que eu falo pra você, tem que saber lidar, tem que escutar e ficar quieta. Porque você não vai discutir com patrão; se ele falar que é isso, você não vai comentar.*

PD: *Às vezes, eu quero responder, mas eu não respondo, me ponho no meu lugar, mas eu fico chateada. (...) Patrão, a maioria, sempre se acha na obrigação de dar opinião na sua vida, mas você que é empregado não pode dar opinião em relação à vida do patrão.*

PE: *Tem patrões que não aceitam muito opinião de empregado ou de babá, assim, de empregado, com relação à educação do filho. E você tem que ficar na sua, porque o filho não é seu.*

Os relatos nos fazem pensar que há, muitas vezes, um bloqueio na comunicação. Isso pode ser entendido como um modo defensivo de se relacionar, decorrente da dinâmica autônoma dos complexos culturais, como é o caso da desvalorização do trabalho doméstico. Além disso, concretamente, esse comportamento decorre também da própria realidade da competição do mercado de trabalho e da necessidade de mantê-lo para o provimento da sobrevivência das trabalhadoras e de suas famílias.

Além dos aspectos descritos, entendemos ainda que o exercício profissional da babá emerge de um trânsito de relações que pode ser entendido como uma triangulação entre a babá, a criança e os pais. Isso porque a babá é uma representante dos pais, carregando e transmitindo seus valores, mas atua o seu fazer cotidiano, em muitos momentos, somente com a criança. Assim, por um lado, a babá é representante dos pais, exercendo as funções maternas e paternas, por meio dos cuidados e da educação. E, por outro lado, concomitantemente, é companheira da criança e parceira no brincar. Nessa perspectiva, entendemos que a babá precisa transitar "entre as pontas dessa triangulação" e, quanto mais bem ela o fizer, mais integrado será o seu exercício profissional. O trânsito adequado entre os papéis materno, paterno e de companheira da criança pode favorecer a integração da persona profissional, na medida em que 'o transitar' refere a habilidade de entrar e sair dos papéis, demandados no trabalho da babá, e de coordená-los.

O trânsito nessa triangulação vai acontecer de acordo com a maneira como se estabelecem as relações simétricas e assimétricas, nesse contexto.

A fim de compreendermos melhor essa questão, buscamos as contribuições teóricas de Galiás (2000) que escreve sobre como acontece a constelação dos papéis que se estabelecem no relacionamento entre pais e filhos, o que pode ser transposto para o fenômeno estudado.

A autora postula que as relações assimétricas referem-se aos relacionamentos regidos pelos arquétipos materno e paterno. "São assimétricas entre o Eu e o Outro, funcionando um como mais ativo-doador e o outro como mais passivo-receptor." (GALIÁS, 2000, p. 113)

Segundo a autora, o arquétipo materno estrutura a consciência por meio de

dois papéis: M e Fm. O papel M é aquele constelado por meio da maternagem, do patriarcal adulto, e é ativo-doador. O papel Fm é aquele constelado pelo filho-do-matriarcal e é passivo-receptor.

O mesmo é considerado com relação ao arquétipo paterno: o papel P é aquele constelado por meio da paternagem, do patriarcal adulto, e é ativo-doador. O papel Fp é aquele constelado pelo filho-do-patriarcal e é passivo-receptor. (GALIÁS, 2000)

M, Fm, P e Fp são quatro importantes papéis relacionais que estruturam todas as pessoas, homens e mulheres; sua estruturação acontece ao longo de toda a vida e, portanto, do processo de individuação. Na personalidade adulta, é fundamental que eles sejam vivenciados de uma maneira proporcionalmente simétrica. Com a ativação dos arquétipos do animus e da anima, as quatro constelações tendem a tornarem-se dialéticas, adquirindo uma simetria na interação entre o Eu e o Outro. (GALIÁS, 2000)

Desse modo, a dinâmica entre M e Fm constela um circuito matriarcal nas experiências relacionais humanas: o papel M transmite os elementos matriarcais que vão, ao longo do desenvolvimento infantil, se estruturando em Fm até que a pessoa passa a "ter" M em si mesma. Essa dinâmica acontece também nas vivências relativas ao arquétipo paterno, constelando o circuito patriarcal. Igualmente como acontece com os elementos patriarcais, a autora esclarece sobre o circuito matriarcal:

Assim, o papel Fm "pede" cuidados maternos ao Outro por largo tempo e aos poucos vai "aprendendo" a "pedir" a si mesmo. O papel M doa cuidados a si mesmo por largo tempo e aos poucos vai "aprendendo" a doar ao Outro os cuidados maternos. (GALIÁS, 2000, p. 114)

Essas formulações nos auxiliam a compreender a referida triangulação percebida entre a babá, a criança e os pais, denotando os aspectos desse relacionamento que estão "em jogo" no exercício profissional da babá, sendo enfatizado o seu ponto de vista nessa relação.

Podemos entender que a babá "chega" na família para se relacionar e atuar profissionalmente a partir da bagagem e repertório, com elementos dos circuitos matriarcal e patriarcal, vivenciados em seu desenvolvimento pessoal. Ela traz

também elementos da consciência coletiva acerca do que é ser babá, além de seu conhecimento e experiência adquiridos em outras vivências pessoais e/ou profissionais. Ela, então, apresenta esses elementos que definem suas características pessoais.

Pai e mãe, por sua vez, também "carregam" cada um a sua bagagem psicológica com seus repertórios individuais acerca dos circuitos matriarcais e patriarcais. Juntos compõem a dupla "pais", representada por valores e atitudes que, em conjunto, denotam o que compõem a família da(s) criança(s). Os aspectos manifestos dessa configuração representam a consciência familiar; os aspectos latentes denotam o inconsciente familiar.

Os aspectos da consciência familiar (conjuntamente com os aspectos inconscientes e latentes) denotam os valores e modos de ser da família a serem compartilhados, que deverão ser incorporadas pela babá para que ela possa garantir a sua atuação profissional. Alguns desses aspectos serão consonantes com os elementos trazidos pelo babá em seu repertório psicológico pessoal, outros serão dissonantes. Os valores e modos de ser familiares referem-se, portanto, a detalhes sobre a maneira como os pais indicam que sejam transmitidos os elementos matriarcais e patriarcais.

Assim, a babá, em sua atuação profissional, exercerá os cuidados parentais a partir do repertório dos seus próprios circuitos matriarcal e patriarcal e, também, a partir das orientações e definições, explícitas e implícitas, do repertório familiar. E tudo isso somente se configura e se constela na relação com a criança que está na terceira ponta da triangulação apontada.

Podemos verificar esses aspectos nos seguintes discursos das babás acerca das suas experiências na função de educar:

PD: *Educar é duro, não é fácil! Tem que criar o hábito neles. É diário, uma repetição de tudo sempre! É muita negociação, muito jogo de cintura, sempre trocando uma coisa pela outra. (...) E você tem a total liberdade pra fazer com as crianças, não o que quiser, mas o que estiver dentro do estabelecido, com consentimento dos pais. Os pais me dão total liberdade para eu agir da minha maneira. Porque eles são os pais, então tudo o que eu faço é de acordo com o que eles querem, do meu jeito, mas do jeito que eles querem. Eles querem os*

filhos educados, que se comportem, que então eles me dão liberdade pra educar. (...) Faço tudo direitinho pra servir de exemplo para as crianças.

PE: *Quando a gente trabalha em um lugar e depois trabalha em outro, você vai vendo o cotidiano, vai aprendendo, e cada casa é uma, o limite é de um jeito, os pais, tudo, escola, tudo é um aprendizado. Tudo é diferente um do outro. Você vai vendo o que acha certo e o que acha errado, mas tem que fazer do jeito que é, se não ela te dispensa ou você leva bronca todo dia. Você tá trabalhando, vai cuidar de acordo com que os pais querem, as normas que eles determinaram.(...) Mas, quando você trabalha com pessoas que lhe dão mais carta branca pra você agir, pra você fazer, que confiam melhor em você, aí, eu acho mais fácil desenvolver isso, essa questão da responsabilidade.*

Além dessas considerações, diante do exposto sobre a simetria e a assimetria das relações nos circuitos matriarcal e patriarcal, entendemos que essas conceituações nos fornecem elementos para a compreensão acerca de como acontece a dinâmica psicológica nas relações hierárquicas, também, no que se refere ao âmbito social, o que amplia a compreensão sobre esses aspectos que foram explicitados anteriormente.

Nesse contexto, pensando, por exemplo, na estratificação social, podemos entender que ela decorre dessa dinâmica psíquica, porém, permanece gravitando em termos assimétricos, o que pode ser entendido como algo que decorre da unilateralidade patriarcal que a consciência coletiva vivencia na atualidade.

Do mesmo modo, a relação entre patrões e empregados pode ser compreendida nesse sentido. E, conforme vimos, também é bastante influenciada pelos contextos social, econômico e cultural vigentes, e denota elementos assimétricos nas experiências cotidianas dessa relação.

Percebemos que a nomenclatura 'patrão, ou empregador, e empregado' referenda a assimetria da relação, porque denota somente o seu aspecto assimétrico, e não "alcança" a qualidade recíproca, que é necessária para a inserção do diálogo eu-tu e a conseqüente consideração da simetria dessa relação. O termo empregado nos faz pensar que enquanto o trabalhador estiver sob essa nomeação não incorporará em si mesmo a autonomia sobre o seu trabalho. Diante disso, talvez possamos pensar que a nomenclatura mais adequada seria contratante, para aquele

que contrata o trabalho, e contratado, para profissional que realiza o seu trabalho.

Cabe apontar que, assim como nas relações parentais, na relação entre contratantes e contratados, o contratante assume a posição ativa de quem "ensina" e solicita e o contratado a posição de quem "aprende" e é solicitado. Assim, se houver a possibilidade de uma simetria, de uma qualidade dialógica, na vivência dessa relação, a solicitação será incorporada e o trabalhador adquire autonomia sobre o seu trabalho. Entretanto, trata-se de uma dinâmica processual e constante, que é parte da própria vida e, portanto, recomeça a cada dia. Cabendo ainda lembrar que ambos, cada um ocupando o seu lugar, "ensinam" e "aprendem" um com o outro, porque um depende do outro.

Podemos inferir, a partir das verbalizações de PA e PB, a presença desses elementos assimétricos sociais e históricos que, nesse raciocínio, culminam em uma atitude de temor por parte das babás perante as reações da mãe, no que se refere à tarefa de educar a(s) criança(s), o que "atrapalha" a sua autonomia no cotidiano de trabalho.

PA: *Eu, assim, sinto receio de, muitas vezes, chamar, não chamar a atenção, de falar alguma coisa para a criança e a mãe não gostar. (...) Porque a gente tem mais medo da reação da mãe, do que da criança. Porque com a criança, a gente conversa, assim, com a criança, nós duas. Mas a gente não sabe se a mãe gosta da gente estar falando com a criança. Não é toda mãe que gosta.*

PC: *Às vezes, eu até que falo, mas tem coisas que eu não falo muito não. Eu fico meio assim, da mãe ficar achando que eu quero ensinar ela como ser mãe, aí, eu não falo.*

Por outro lado, esse comportamento pode denotar a preocupação em manter os seus limites como babá, o que é adequado e também refere autonomia. No caso, avaliamos que a inadequação está na impossibilidade de dialogar, de "se colocar", ainda que posteriormente se retire, deixando a questão educativa a cargo dos pais.

Isso confirma a ideia de que as relações simétricas e assimétricas compõem uma dinâmica sempre atuante na personalidade, podendo ser mais bem desenvolvidas com relação a determinadas experiências de vida, e menos em outras; ou mesmo se fazem presentes em determinados momentos e em outros menos, conforme percebemos nas verbalizações de PC (acima e abaixo). E também

no relato de PF, que indica que ela, em alguns momentos, "se coloca" e disponibiliza o seu repertório e bagagem pessoais e, em outros, se omite e se recolhe:

PF: *Eu acho que a mãe dele é meio, assim, desligada. Eu acho que é porque eu tenho filho, então, eu acho que sou muito ligada, meus filhos tem horário pra tudo. E eles são muito diferentes, de não ter uma certa hora pra cada coisa. Eu vejo essas pessoas assim, dá pra transformar e ficar um pouquinho melhor. Eu vejo que tem que ter hora pra almoçar, pra tomar um banho, pra brincar, tem hora pra tudo. Mas, cada um é cada um. Não tenho nada haver com isso. Porque vejo que é do jeito deles ser assim, aí, vou fazendo desse jeito, não sou eu que vou dizer; um pouco tento dar comida e ter horários e um pouco levo do jeito deles.*

Ressaltamos que a emergência, nas relações humanas, das questões simétricas e assimétricas vai depender da bagagem psíquica de cada pessoa envolvida, da individualidade de cada um. Isso porque, para ser alcançada a qualidade dialógica nas relações humanas, é necessário certo grau de desenvolvimento psicológico, tendo em vista os apontamentos de Galiás (2000) sobre o envolvimento dos arquétipos da anima e do animus na dinâmica simétrica, o que nos indica correlação desses aspectos com o próprio processo de individuação. Anima e animus são arquétipos relacionados à alteridade e: "Dentro do padrão dialético de alteridade, os arquétipos matriarcal e patriarcal e as funções estruturantes de eros e do poder se relacionam democraticamente no amor ao próximo como a si mesmo." (BYINGTON, 2006, p. 68)

O padrão dialético da alteridade é percebido no relato de PD, que denota uma simetria na sua relação com os pais, por meio da reciprocidade e da consequente parceria que se estabelece, nesse contexto, entre as babás e os pais da(s) criança(s) com quem trabalham:

PC: *A gente sempre conversa sobre as meninas, sobre o que elas fazem ou sobre o que elas fizeram. Também sobre o que eu não gostei, eu falo para ela. Com o pai também, eu sempre converso bastante com ele sobre elas, ele pergunta.*

PD: *A gente conversa bastante. Quando eles acham que tem que melhorar na educação, dar um pouco mais de limites, eles me falam, aí, eu converso mais com as crianças sobre aquilo que eles falaram. E eu também falo, comento o que estou percebendo. (...) É sempre assim, uma troca, nós três, eu, o pai e a mãe, vamos dar um jeitinho de mudar o que não tá*

bom, pra melhorar.

Galiás (2005) contribui também para a nossa reflexão sobre o amor e os vínculos afetivos definindo algumas formas de amor que, conforme vimos anteriormente, são encontradas no cotidiano de trabalho das babás.

O amor maternal, que emerge mediante um funcionamento assimétrico entre o cuidador e quem é cuidado, é demonstrado por meio da proteção, do aconchego e do carinho; é o amor que cuida, nutre e fertiliza. O amor paternal é o amor que ensina e aprende os limites, a lei, a hierarquia, o mando e a obediência, que separa as identidades entre o eu e o outro; é o amor provedor que sustenta e orienta, e também tem funcionamento assimétrico. O amor parental emerge e, ao mesmo tempo, favorece a relação entre o eu e o outro, interno e externo. (GALIÁS, 2005)

E, destacamos ainda o amor fraternal, que tem um funcionamento simétrico, dialético, do igual e do diferente agindo dialogicamente por meio da alteridade, que se traduz na reciprocidade, no respeito à equivalência das identidades e às diferenças e semelhanças, na troca. (GALIÁS, 2005)

Diante do exposto, podemos entender que o fazer cotidiano da babá envolve essas três formas de amor nas suas funções de cuidar, educar e acompanhar, manifestadas por meio do vínculo afetivo.

A função da babá de acompanhar a(s) criança(s) em atividades que possam ser compartilhadas, como a brincadeira e o relacionamento amistoso dela com os pais, nos levam a pensar que também é constelado nas vivências cotidianas das babás o arquétipo da amizade, que é manifestado por meio do amor fraternal.

Desse modo, “a amizade é o contexto relacional em que o amor e o poder encontram sua forma de expressão” (HUNT, 1998, p. 248). A amizade é uma vivência pluralista e unitiva em virtude da reciprocidade experienciada por meio de sentimentos e atitudes que denotam amor, respeito, questionamento e aceitação. É um arquétipo relacional que possibilita a superação das diferenças culturais, sociais, étnicas e de idade. Entretanto, a amizade não pode ser considerada um antídoto para as diferenças. Ela serve de motivação para que vínculos sejam estabelecidos entre pessoas diferentes, abarcando as peculiaridades individuais na intersubjetividade fraternal. (HUNT, 1998)

E nesse sentido, o amigo, enquanto potencial arquetípico, pode ser considerado como um “nome para aqueles relacionamentos voluntários que mais prezamos, e como motivador transformador da mudança social, é, não obstante, um dos mais poderosos arquétipos que existem.” (DOWNING, 1998, p. 251)

O penúltimo aspecto que queremos apontar acerca da profissão refere-se ao brincar da babá, presente no contexto da sua função de acompanhante da(s) criança(s), na qual a amizade pode encontrar um meio para se desenvolver e se manifestar nesse relacionamento.

Nesse papel, as trabalhadoras frequentemente compartilham as brincadeiras com a(s) criança(s):

PA: *Elas pedem pra eu brincar e eu brinco! (...) Ah, brincar é bom, porque a gente tem uma nova infância, vive um pouco de volta a infância, volta a ser criança! Quando você tem a oportunidade de ficar com a criança você relembra o que foi sua vida no passado, traz um pouco de divertimento pra nossa vida. Brincar é bom também porque distrai, sai daquela coisa só de adulto, de todos os dias, vida estressada e correria. A gente está ali, se distrai, você se diverte e se distrai ao mesmo tempo! (...) E brincar, é brincar, virar criança que nem elas! Jogar futebol; fazer as coisas que elas estão fazendo, no mundo delas.*

PB: *Mas o que eu gosto mais mesmo: é dela! É ficar com ela, perto dela e também de brincar muito. Nós brincamos, cantamos, dançamos, desenhamos.*

PC: *Eu brinco mesmo sendo duas, gêmeas, porque eu acho que elas querem que eu sempre brinque como se fosse outra criança. (...) Gosto quando elas querem pintar, desenhar, quando me pedem para desenhar alguma coisa, algum personagem, eu gosto! Eu gosto muito de assistir DVD porque é uma forma de me distrair, me divertir.*

PD: *Sou igual uma criança com eles, brinco muito. Porque eu não posso agir como adulto na hora que eu estou brincando com eles, eu tenho que brincar junto com eles. (...) Adoro brincar, eu me sinto bem. A maior alegria que eu tenho é que eles falem ‘vamos brincar!’. Então a gente brinca, a gente pula, a gente dá risadas. Eu gosto bastante. De tudo é o que mais gosto, porque as outras coisas, é normal, tem que tomar banho, tem; tem que dormir, tem; tem que comer, tem.*

PF: *Brinco com ele, nós cantamos musiquinhas, ele me ensina como é que canta as músicas. É muito bom, eu gosto. Não sei se na infância não diverti tanto, mas estou me divertindo agora.*

PG: *Brinco de tudo. Eu fico igualzinha criança, às vezes, eu acho que fico parecendo uma criança. Nossa, eu não sei, é uma coisa que emociona você. Não é coisa que você tá fazendo por que tem que fazer, como o banheiro que tem que limpar e você pensa 'ai, caramba, tem que limpar'. É prazeroso brincar. Eu brinco muito, da hora que eles acordam até a hora que eles vão pra escola.*

Observamos nos relatos que o brincar propicia um reencontro com a própria infância, resgatando a ludicidade que, por vezes, é esquecida no âmbito da vida adulta. Por meio dessas vivências, as babás agregam momentos de leveza, descontração e diversão ao seu trabalho, o que lhes propicia um contraponto aos aspectos menos amenos como a centralidade do trabalho em suas vidas e a grande responsabilidade que a ocupação solicita.

O ato de brincar consiste em um processo de imaginação que é estruturante para o ser humano, pois possibilita um espaço para experiências que proporcionam a manifestação de aspectos criativos da psique.

Segundo Santos (2002), a necessidade de brincar é intrínseca ao ser humano, é tão básica quanto as necessidades de alimentação, saúde, educação e habitação, sendo essencial para adequadas saúde física e mental.

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. (SANTOS, 2002, p. 12)

A brincadeira propicia um espaço conjunto de relacionamento, que cria uma área de superposição entre o brincar infantil e o de outra pessoa possibilitando enriquecimentos mútuos. (WINNICOTT, 1975) Isso acontece porque o brincar criativo possibilita a emergência de símbolos. (FORDHAM, 2006) Na interatividade da brincadeira se estabelecem trocas; e, a partir da emergência de conteúdos simbólicos, pode surgir também um diálogo interior em cada um dos envolvidos na brincadeira.

Não há diferenças entre o brincar adulto e o infantil, apenas é mais difícil descrever o brincar do adulto porque muitas vezes se manifesta por meio de

verbalizações. (WINNICOTT, 1975)

Jung (1996), em seu livro de memórias, destaca a importância do brincar em sua vida pessoal. Descreve que esculpia pedras ou pintava em momentos que se sentia bloqueado, o que acabava servindo como um ritual de iniciação, de entrada, que possibilitava o fomento de trabalhos e pensamentos. Ele escreve sobre um período crucial de sua vida em que essa atividade ganhou um espaço significativo:

Todos os dias depois do almoço, se o tempo permitia, eu me entregava ao brinquedo de construção. Mal terminada a refeição, “brincava” até o momento em que os doentes começavam a chegar; à tarde, se meu trabalho tivesse terminado a tempo, voltava às construções. Com isso meus pensamentos se tornavam claros e conseguia apreender de modo mais preciso fantasias das quais até então tivera apenas um vago pressentimento. (JUNG, 1996, P, 155)

Assim, entendemos que a atividade da brincadeira pode propiciar uma interação entre a criança e a babá, possibilitando um diálogo, por meio das imagens e fantasias despertadas na imaginação de cada uma delas. Isso pode fomentar espaços para a emergência de símbolos pessoais da babá, que podem trazer à tona novas potencialidades de ser e sentir, de se desenvolver. Esse aspecto ocorre, principalmente, porque o trabalho de babá envolve a disponibilidade para brincar, pois o lúdico é tão importante para o desenvolvimento infantil como a afetividade e os cuidados básicos e limites.

Entretanto, é importante também que o espaço para as brincadeiras com seus pares seja resguardado à criança. Assim, a babá não é, portanto, substituta de outras crianças, nem tampouco direcionadora do brincar da criança com quem trabalha. Nesse sentido, ela é novamente coadjuvante, pois deve se disponibilizar a brincar em momentos que a criança está só e não deseja brincar sozinha, sendo que essas observações são recomendadas para que ocorra o desenvolvimento infantil saudável.

Assim, a brincadeira interativa entre a criança e a babá deve ser demandada pela criança, sem se tornar foco principal dessa relação, de modo a complementá-la. O brincar dialógico, além de garantir o espaço lúdico fundamental ao desenvolvimento infantil, proporciona um encontro entre as subjetividades da babá e

da criança. Esse momento, vivenciado com “entrega”, com participação ativa e espontânea, por parte da babá, pode estimular o exercício e o desenvolvimento de sua linguagem simbólica e imaginação.

Além disso, essa vivência pode funcionar num processo dialético, como fonte geradora de símbolos, estimulando a imaginação e a produção simbólica, e quem sabe favorecer o processo de individuação de ambas, babá e criança, por meio do brincar. Dessa forma, a babá pode vivenciar sua persona profissional de maneira mais maleável, pois adquire um “espaço” para a expressão do seu ser integral por meio do brincar, evitando uma rigidez excessiva na vivência desse papel social, alcançando uma vivência mais global de sua personalidade total.

A babá pode, inclusive, agregar a linguagem simbólica, desenvolvida a partir do brincar, nos aspectos educativos e de cuidados. Dessa forma, pode utilizar o aspecto lúdico a favor da interação com a criança, acrescentando à verticalidade, ou assimetria, entre a cuidadora e a(s) criança(s), uma dinâmica de horizontalidade, de simetria, que propicia uma aproximação, “um falar a mesma língua”.

Dessa forma, a babá pode garantir sua diferenciação em relação à criança, sem “se perder” no imaginário infantil, mantendo os limites e valores parentais, mas de maneira mais próxima da criança, por meio de momentos em que a linguagem lúdica é favorecida e compartilhada por ela e pela criança, também na relação estabelecida durante a educação e os cuidados básicos. Seria um educar brincando, o que também, a partir da utilização de uma linguagem simbólica, denota estímulo e favorecimento do desenvolvimento da capacidade de simbolização de ambas e conseqüentemente do processo de individuação.

Entretanto, é importante ressaltar que incluir o brincar dialógico com a criança no cotidiano profissional da babá não exclui sua necessidade de convivência com os seus próprios amigos e familiares, pois também há aspectos lúdicos nessas trocas e conversas adultas. Assim, o espaço de lazer na vida pessoal da babá deve ser preservado.

Cabe lembrar que o brincar do adulto está relacionado principalmente aos seus momentos de lazer, nos quais compartilha a vida com seus amigos e familiares. O brincar do adulto se manifesta em atitudes de bom humor, alegria e expressividade

e também nas atividades esportivas. O lúdico no adulto refere-se a situações que proporcionam prazer e criatividade; são momentos da vida que possibilitam a expressão pessoal, as formas de ser, de estar e de se relacionar.

Assim, o espaço lúdico torna-se fundamental na vida das pessoas em geral, pois configura um momento no qual é permitida a vivência da expressividade e da criatividade, facilitando os processos interativos internos e externos. O brincar, nesse sentido, contribui para o processo de individuação servindo como ponte entre a consciência e o inconsciente e também entre a psique e o mundo externo, podendo favorecer a emergência de símbolos, ou seja, a atuação da função transcendente da psique.

O último aspecto a ser destacado acerca da profissão de babá refere-se às possíveis contribuições que as vivências cotidianas podem oferecer para a vida pessoal das trabalhadoras. Elas contam que a profissão oferece muitas oportunidades para a obtenção de aprendizados, tanto no que se refere às relações profissionais como nos aspectos relativos a questões da vida pessoal.

Percebemos, no relato de PA, que o cotidiano de trabalho propicia experiências profissionais, acerca dos cuidados infantis e das relações familiares, que vão se acumulando em aprendizados que são levados para novas situações de trabalho.

PA: *A gente cresce na área de babá. Você aprende bastante coisa, aprende na área de família. Ser babá ajuda a pessoa a ter experiência com criança, a tratar com criança. (...)E acho que vou levar essa experiência toda para outro emprego. Lidar com patrão, agora eu já sei, e com outro patrão vou saber mais como lidar, como conversar. (...) O que a gente faz errado procura não fazer no outro, sempre é um aprendizado.*

O relacionamento com os pais da(s) criança(s) também é considerado como fonte de aprendizados, demonstrando o potencial positivo presente na relação entre contratantes e trabalhadores.

Essas figuras "se oferecem" como modelos paternos e maternos, diferentes dos vivenciados na história pessoal de cada uma, o que amplia o seu repertório acerca dessas experiências arquetípicas.

PB: *Ah, a gente aprende muito. Ser babá é bom porque você aprende muita coisa, muito em*

relação à criança. Tem coisas que você não sabe, e você aprende mais ainda. E tudo eu fui aprendendo com as patroas, de pouquinho em pouquinho, porque eu não tinha filhos.

Para as babás que não têm filhos, o fazer profissional cotidiano também possibilita a vivência de aspectos que auxiliarão na constelação do seu papel de mãe, quando vivenciarem a maternidade.

PB: *Depois que eu tive meu filho, eu já sabia, porque eu já era babá. Me ajudou muito quando eu tive meu filho.*

PC: *Tudo o que eu aprendi durante o período que estou trabalhando, acho que vai ser bom, para eu saber lidar quando tiver o meu próprio filho.*

Para aquelas que têm filhos, os aprendizados adquiridos no cotidiano de trabalho propiciam novas formas de ser e agir também no âmbito privado. A verbalização de PF denota esse aspecto nos fazendo pensar que podem ser resgatados, inclusive, elementos da relação das trabalhadoras com os próprios filhos.

PF: *Aqui eu aprendi muito a minha paciência, de não ser muito nervosa, ter paciência pra tudo. E aprendi a ser um pouquinho amorosa. E isso aí, acabei levando pra minha casa, pro meus filhos, ser amorosa, ter paciência...*

O depoimento de PD demonstra, ainda, que é possível vivenciar, na relação com os pais da(s) criança(s), um intercâmbio cultural considerado muito enriquecedor. Esse intercâmbio acontece por meio da observação de comportamentos, da troca de experiências e, também, do compartilhamento da "vida familiar", que amplia a circulação social das trabalhadoras, na medida em que podem vivenciar "ambientes" diferentes do seu repertório pessoal, propiciando experiências que, talvez, não tivessem acesso de outra maneira.

PD: *Meu patrão me incentiva a ler. Ele me empresta, pergunta se estou gostando, comenta o que ele achou quando leu aquele livro. Me incentiva pra fazer um curso que dê pra conciliar com o trabalho. Também no vocabulário; o vocabulário é diferente; às vezes, tem uma palavra diferente, uma expressão diferente e ele me ensina a usar corretamente determinadas palavras. (...) Eu gostava muito das viagens, de conhecer lugares diferentes, porque me enriquecia mais, eu conhecia pessoas diferentes, ambientes diferentes, culturas diferentes. E, também, ambientes, eles gostam de sair, vão pra restaurantes. Imagina que eu ia poder ir no restaurante durante a semana! Não que eu estou me sentindo a convidada,*

porque eles falam que eu sou a convidada deles, mas estou é trabalhando. (...) Então, se eu pegar tudo isso e levar pra mim, eu só vou estar ganhando, eu não vou estar perdendo; frequentar bons lugares, comer as mesmas comidas, conhecer pessoas diferentes. Vou olhando, quero ser uma pessoa melhor, uma pessoa mais educada, mais culta. (...) Até com o que eu não gosto na convivência, eu aprendo.

PD amplia sua reflexão denotando que até mesmo as experiências negativas são fontes de aprendizados. Isso confirma a noção de que a assimetria dos relacionamentos tem uma função tão estruturante quanto a simetria.

As emoções e os laços afetivos também são aspectos apontados como fontes contributivas para a vida pessoal.

PB: *Ah, a gente leva muita alegria, muita alegria! É como eu falo: só de ficar aqui com ela, pra mim já é uma alegria! (...) É o que eu falo: o que eu mais gosto daqui é ela! Porque ela está aqui, ela me tem.*

PF: *Acaba pegando amor por ele também. Eu tenho um amor até por ele. Eu tava em casa uns dias porque ele tava longe eu tava sentindo saudades dele. Ele é uma criança que já faz parte da minha vida.*

PG: *O amor das crianças por mim, isso você não esquece nunca.*

Segundo Jung (1998) a criança personifica as forças vitais e as bases estruturais da natureza viva, da vida humana, porque congrega em si um símbolo da totalidade psíquica, de resgate dos elementos negligenciados, que encarna e propicia a constelação da busca pela autorrealização e, portanto, do processo de individuação. "A "criança" é tanto começo como fim, uma criatura inicial e terminal. A criatura inicial existiu antes que o homem existisse, e a criatura terminal existirá quando o homem deixar de ser." (JUNG, 1998. p. 157)

Observamos nesses relatos que a relação com a(s) criança(s) propicia alegria, reciprocidade e amor. É um compartilhar caloroso e revigorante, por meio do vínculo afetivo, que se traduz em vivências que remetem ao manancial inconsciente, representado nessas experiências matriarcais e eróticas.

Considerações Finais

O exercício profissional é uma experiência humana que evidencia a intersecção entre a sua natureza coletiva e individual, que se dinamiza ao longo do processo de desenvolvimento psicológico, da individuação.

Assim, a vivência cotidiana das profissões exige subordinação, sacrifício e redenção que podem levar à realização pessoal, tendo em vista a inteireza dos processos psíquicos.

Dessa forma, quanto mais o trabalhador aproveita o trabalho, de modo consonante com suas capacidades e potencialidades, menos sofrerá a carga da subordinação. Quanto menos o trabalhador aproveita o ato de trabalhar, maior a carga da subordinação. (MARX, 1996) E, nesse sentido, entendo o “aproveitar capacidades e potencialidades” como expressões da inteireza da pessoa, elementos que referem tanto a construção social, necessária à persona profissional, quanto os aspectos subjetivos conscientes e inconscientes.

Desse modo: "Em todos os contextos permanece a questão de encontrar no mais profundo de nós a influência ordenadora do Si-mesmo e expressá-la nos símbolos, na arte, nas nossas ações." (VON FRANZ, 2004, p. 306)

Jung (2006) explica que a dinâmica do processo de individuação serve de impulso para a pessoa buscar o seu próprio caminho. Essa busca é uma experiência de designação, que atua como se fosse resultado da aceitação de uma lei divina. Desse modo, a pessoa que tem designação "escuta a voz" de seu íntimo e sente-se designado. Segundo a nota do tradutor da obra consultada, a designação pode ser entendida como uma vocação.

Von Franz (2004) discorre sobre a profissão de psicoterapeuta e contextualiza

essas experiências relativas à individuação no âmbito profissional, contribuindo para o entendimento das vivências profissionais em geral. A autora esclarece que a vocação é uma vivência humana profunda e essencial, que parte de uma experiência social, mas que está relacionada com a dinâmica de forças que atuam e se manifestam na psique. A vocação requer treinamento e desenvolvimento e, nesse sentido, não é um chamado único; o exercício profissional é uma experiência que precisa ser repetidamente conquistada dentro de cada um. (VON FRANZ, 2004)

Isso me faz lembrar um trecho da obra junguiana acerca do processo de individuação, desse devir constante que atua entre as demandas internas e externas. Assim como a profissão: "A vida tem que ser conquistada sempre e de novo." (JUNG, 1971)

A partir dessas considerações, apresento as considerações finais do presente estudo, tendo em vista o seu objetivo de elaborar uma reflexão acerca das peculiaridades do cotidiano de trabalho das pessoas que exercem a profissão de babá, à luz da psicologia analítica, considerando o contexto histórico e social da profissão.

A participação da babá como uma cuidadora, que tem a função de auxiliar na criação e na educação das crianças, foi ampliada na sociedade e vem se modificando ao longo do tempo. O papel de cuidar de crianças, substituindo o cuidado parental, desenvolveu-se até tornar-se uma profissão. Apesar de ser relevante, não é suficiente que a profissional tenha afinidades com o público infantil. O seu papel social mudou e, atualmente, a babá pode ser considerada, além de cuidadora, uma educadora.

A centralidade do trabalho é uma realidade vivenciada por cada um de nós na atualidade. Entretanto, no cotidiano das babás, configura-se como uma característica da profissão, principalmente, para aquelas profissionais que atuam e moram na residência de trabalho. Isso pode ser observado com relação ao descanso, que não decorre da necessidade dessas trabalhadoras como um momento alternado ao exercício do seu trabalho, mas sim de acordo com as demandas da(s) criança(s) e da família com quem trabalham.

Assim, é característico desse cotidiano profissional que todos os aspectos

relativos ao trabalho (ritmo, intensidade e frequência das atividades) e, em última análise, a própria vida das trabalhadoras, são dispostos de acordo com a demanda de trabalho que a família solicita.

Cabe considerar que o fato de dormir na residência de trabalho, algumas vezes, significa para as trabalhadoras a possibilidade de reduzir as suas despesas financeiras, na medida em que, muitas vezes, acabam residindo no local de trabalho, onde fazem suas refeições. No entanto, esse benefício da profissão é vivenciado somente por pessoas jovens, que ainda não tenham compromissos familiares. Isso pode ser considerado um fator que prende a pessoa ao seu trabalho, restringindo as possibilidades de investimento na vida pessoal, o que denota o aspecto negativo da centralidade do trabalho vivenciada nesse contexto. Desse modo, percebo que existe uma forte influência da jornada de trabalho, e da centralidade que o trabalho adquire em suas vidas, no modo como as trabalhadoras, que exercem a profissão de babá, investem energia e dedicação na vida pessoal e familiar.

Os aspectos relacionados à moradia na residência de trabalho expressam uma das dificuldades e uma das insatisfações com a profissão. Isso porque a dualidade entre o trabalho e a vida pessoal é vivenciada quase que de um modo inexistente pelas trabalhadoras que moram na residência onde trabalham. Nesse contexto, a vivência entre os âmbitos público e privado indica que eles estão ainda mais misturados na profissão de babá, em comparação com outras ocupações, o que pode favorecer a inflexibilidade da persona profissional.

A rigidez da persona profissional também pode acontecer diante do fato de que residir no local de trabalho gera uma tensão constante nas trabalhadoras, por permanecerem quase todo tempo preocupadas com a adequação de seus modos de ser e agir. Nesse contexto, estão quase sempre observando e avaliando os seus comportamentos, o que pode levar a uma perda da espontaneidade, a uma privação da própria individualidade, tendo em vista a constância do papel profissional que praticamente não é "despido" ao longo do exercício da profissão.

No entanto, cabe apontar que, sob outro ponto de vista, o compartilhamento da moradia pode favorecer o vínculo entre a dupla, contratante e contratado, em razão da aproximação estabelecida no relacionamento. Assim como pode catalisar e

favorecer a percepção acerca da adequação, ou não, da parceira formada.

A contextualização da fronteira entre o público e o privado, na teoria junguiana acerca da progressão e da regressão da libido, nos leva a refletir sobre a importância dessa divisão para a saúde da psique, conseqüentemente, para a vida humana, porque favorece a maleabilidade das personas profissionais que, no espaço privado, podem ser "despidas" e, portanto, flexibilizadas. Cabe apontar que a flexibilização não se dá pelo simples fato espacial, diante da divisão entre a casa e o trabalho, depende ainda da atitude consciente da pessoa de não vivenciar o seu papel profissional de modo literal.

Sobre a remuneração obtida na profissão de babá, observo que há, no senso comum, a ideia de que a profissão de babá propicia um bom rendimento financeiro, o que é denotado pelas participantes. No entanto, embora o salário da babá seja bom, principalmente em comparação com os rendimentos menores de outros trabalhadores, é insuficiente em alguns casos. Apesar disso, a satisfação com o trabalho e o relacionamento recíproco entre os pais e a babá são considerados os elementos mais importantes para o cotidiano profissional, mesmo diante de menores remunerações.

Com relação ao arranjo de tarefas que fazem parte da profissão de babá, é possível constatar que depende da combinação feita entre contratantes e contratadas. Desse modo, as babás podem não ter tarefas domésticas (limpar, lavar, passar, cozinhar, etc.) em seu exercício profissional; assim como podem ter somente as tarefas domésticas relacionadas à(s) criança(s); ou ainda podem ter atividades domésticas relacionadas à(s) crianças(s) e também aos pais e à residência, configurando uma dupla função, ou dupla profissão, como é o caso das babás que não dormem na residência de trabalho, grupo B. No entanto, seja qual for o arranjo das tarefas, a prioridade do exercício profissional das babás é o cuidado da(s) criança(s).

Diante disso, observo que realmente existem diferenças entre as atuações profissionais das participantes que são babás e dormem na residência onde trabalham (grupo A) e as atuações profissionais daquelas que são babás e não dormem na residência de trabalho (grupo B). Entretanto, no que se refere às

experiências psicológicas e sociais cotidianas, ambos os grupos (A e B) apresentam as mesmas questões com relação à profissão.

A profissão de babá está inserida legalmente na categoria de trabalhadores domésticos e pode, em última análise, ser considerada como tal. E, nesse contexto, "carrega" em seu imaginário as heranças da desvalorização do trabalho doméstico. No contexto brasileiro, essa desconsideração expressa ainda a herança das relações escravagistas, estabelecidas no período colonial, quando existia o trabalho escravo.

Esses aspectos denotam os elementos que acabaram culminando em um complexo cultural da profissão de babá, que é constelado em experiências do cotidiano de trabalho por meio de manifestações de invisibilidade e humilhação social nas relações estabelecidas.

Assim, a valorização do trabalho doméstico na sociedade brasileira é uma discussão que envolve o resgate de nossa alma ancestral e, portanto, a valorização de nossa própria identidade cultural, do reconhecimento e da conscientização acerca de nossas origens. É um tema que se vincula às diversas questões e problemáticas sociais que encontramos na sociedade brasileira como a pobreza, o desemprego, a deficiência nos sistemas educacionais, entre outros.

A fim de ampliar a reflexão acerca das vivências da profissão à luz da psicologia analítica, primeiramente, destaco que o trabalho da babá é vivenciado de uma maneira prazerosa e divertida, por meio do vínculo estabelecido com a criança. Juntamente com isso, é possível constatar a percepção de que a profissão exige características de personalidade como a paciência e a responsabilidade. Assim, embora o trabalho seja prazeroso e gostoso, exige bastante das trabalhadoras em termos de disponibilidade de tempo, e de presença, além de equilíbrio emocional para atender às demandas da(s) criança(s) e de suas famílias.

Com relação ao uso de uniforme no cotidiano de trabalho, é possível observar que o uso de roupa branca expressa visualmente a natureza da relação entre a trabalhadora e a(s) criança(s) e esclarece a identidade profissional da babá. O uso do uniforme branco, portanto, identifica e expõe claramente o "lugar" social que ocupa em sua atuação profissional, assim como, indica o "lugar" que ocupa na família com quem trabalha. Assim, o uniforme auxilia na construção da persona profissional. Por

outro lado, além da função construtiva, o uso do uniforme, enquanto definição de um "lugar", pode acarretar na vivência dos elementos sociais e históricos relacionados à função ocupacional doméstica e, paradoxalmente, também pode favorecer a invisibilidade e a humilhação social.

Sobre o papel da babá na vida da(s) criança(s) e de sua(s) família(s), observo que o fazer cotidiano da babá consiste em tarefas e atividades relacionadas aos papéis parentais, como cuidar, educar, fazer companhia, estar sempre presente e próxima à(s) criança(s), dando carinho, atenção e amor.

A babá atua profissionalmente em funções que os pais não querem e/ou não têm tempo para realizar, por meio de uma relação substitutiva e fraternal, de amizade, que lhe confere um lugar de coadjuvante na vida familiar, porque atende as demandas da(s) criança(s) quando os pais não estão presentes.

Esses aspectos denotam a importância do trabalho da babá e o seu valor social, na medida em que desempenham o papel de educadoras, que é fundamental para o desenvolvimento infantil e conseqüentemente para o futuro adulto.

No exercício do seu papel profissional, as babás precisam coordenar elementos arquetípicos maternos e paternos, de eros e poder, em suas atribuições cotidianas. Observo, entretanto, que o componente materno parece ser percebido como preponderante nas experiências profissionais e na constituição da função de babá. Percebo que, por um lado, a ênfase na figura materna decorre da identidade feminina das profissionais, do fato de elas serem mulheres e perceberem a realidade desse ponto de vista. Mas, por outro lado, entendo que isso acontece porque grande parte das tarefas das babás consiste em atividades que se referem a elementos relacionados às vivências arquetípicas matriarcais e eróticas (como acalantar, nutrir e cuidar), que são atribuídas pela cultura patriarcal ainda vigente, preponderantemente, às mulheres e às mães, fazendo com que as pessoas as relacionem às figuras maternas reais.

Com relação ao vínculo afetivo entre a babá e a(s) criança(s), considero que a própria natureza da profissão acaba culminando em um vínculo bastante intenso, o que é necessário para sua atuação em virtude do papel que desempenha. Desse modo, as babás vivenciam sentimentos de amor maternal, paternal e fraternal no

relacionamento estabelecido com a(s) criança(s).

O vínculo afetivo é fundamental por ser necessário ao desenvolvimento infantil adequado e, portanto, para que aconteça o exercício da profissão e a realização das atividades. E é essencial também para a trabalhadora, porque auxilia na constelação de seu papel profissional subjetiva e objetivamente.

Entretanto, embora o amor permeie o fazer cotidiano das babás, é fundamental que tenham consciência de que são trabalhadoras exercendo a sua profissão, o que pode auxiliar na preservação de sua persona profissional.

E isso é necessário na medida em que as babás ocupam um lugar na configuração familiar, que é de substituição temporária das figuras parentais, por meio do qual acaba compartilhando a vida familiar da(s) criança(s). Assim, o "fazer parte da família" também precisa ser relativizado por ambos, contratante e contratado, para que não se perca de vista a qualidade profissional da relação estabelecida o que, em última análise, pode acabar favorecendo a valorização social da ocupação.

Avalio, diante disso, ser fundamental que o vínculo afetivo seja vivenciado com certos limites, a fim de preservar a integridade da persona profissional. Há, portanto, uma necessidade de manter certa racionalização e uma conscientização acerca do papel que as babás desempenham em seu cotidiano de trabalho. Esse aspecto pode favorecer as escolhas profissionais da babá, na medida em que, relativizando os limites dos vínculos construídos, a profissão pode ser vislumbrada na perspectiva de uma carreira profissional.

Entretanto, não desconsidero o valor e a importância do amor nessa relação profissional, sendo que pode ser mantido para além dela. Principalmente, se considerarmos que os cuidadores são pessoas fundamentais para o desenvolvimento infantil, o que, diante de um vínculo afetivo recíproco, favorece a possibilidade de extensão dessa relação para além do contexto profissional. A relação pode, portanto, se transformar a partir de novas definições profissionais da babá, ou diante de novas demandas familiares, referendando a vivência fraternal conquistada no exercício do cotidiano profissional, que pode ser transformada em uma relação de amizade duradoura.

E, no contexto brasileiro, esses aspectos tornam-se ainda mais relevantes tendo em vista a herança escravocrata e sua influência nos modos de relacionamento entre empregadores e trabalhadores domésticos. Assim, essa herança cultural, por um lado, culmina na descaracterização do aspecto profissional das trabalhadoras que atuam em âmbito doméstico. Mas, por outro lado, a herança cultural oferece um rico repertório para refletirmos e melhor definirmos os limites dessas relações trabalhistas, por também "carregar e transmitir" relações de proximidade, conforme apontado no terceiro capítulo de presente estudo.

Desse modo, características de reciprocidade e de amizade também podem emergir da relação entre as babás, a(s) criança(s) e os pais e familiares. Essa relação é vista pelas babás como um aspecto que passa a fazer parte de suas vidas, na medida em que as experiências afetivas fraternais enriquecem suas vivências pessoais.

A relação com a(s) criança(s) propicia alegria, reciprocidade e amor. É um compartilhar caloroso e revigorante, por meio do vínculo afetivo, que se traduz em vivências que remetem ao manancial inconsciente, representado mediante as experiências matriarcais e eróticas.

Nesse contexto, destaco especialmente o compartilhar da brincadeira, como possível "veículo" para o processo de individuação da trabalhadora.

O brincar da babá com a(s) criança(s) propicia um reencontro da profissional com a própria infância, resgatando a ludicidade que, por vezes, é esquecida no âmbito da vida adulta. Por meio dessas vivências, a babá agrega momentos de leveza, descontração e diversão ao seu trabalho, o que lhe propicia um contraponto aos aspectos menos amenos como a centralidade do trabalho em sua vida e a grande responsabilidade que a ocupação solicita.

Além disso, a atividade da brincadeira pode propiciar uma interação entre a(s) criança(s) e a babá, possibilitando um diálogo por meio das imagens e fantasias despertadas na imaginação de cada uma delas. Isso pode fomentar espaços para a emergência de símbolos pessoais da babá, que podem trazer à tona novas potencialidades de ser e sentir, de se desenvolver. Portanto, essa vivência pode funcionar num processo dialético, como fonte geradora de símbolos, estimulando a

imaginação e a produção simbólica, e quem sabe favorecer o processo de individuação de ambas, babá e criança, por meio do brincar.

Também considero que, diante da brincadeira, a babá pode vivenciar sua persona profissional de maneira mais maleável, pois adquire um “espaço” para a expressão do seu ser integral por meio do brincar, evitando uma rigidez excessiva na vivência desse papel social, alcançando uma vivência mais global de sua personalidade total.

Entretanto, é importante ressaltar que incluir o brincar dialógico com a criança no cotidiano profissional da babá não exclui a necessidade de convivência com os seus próprios amigos e familiares, pois também há aspectos lúdicos nessas trocas e conversas adultas. Assim, o espaço de lazer na vida pessoal da babá deve ser preservado.

Sobre o relacionamento com os pais da(s) criança(s), também podemos considerá-lo como fonte de aprendizados, o que demonstra o potencial positivo presente na relação entre contratantes e trabalhadores.

Essas figuras "se oferecem" como modelos paternos e maternos, diferentes dos vivenciados na história pessoal de cada babá, o que amplia o seu repertório acerca dessas experiências arquetípicas.

Além disso, é possível vivenciar, na relação com os pais da(s) criança(s), um intercâmbio cultural considerado muito enriquecedor pelas participantes. Esse intercâmbio acontece por meio da observação de comportamentos, da troca de experiências e, também, do compartilhamento da "vida familiar", que amplia a circulação social das trabalhadoras, na medida em que podem vivenciar "ambientes" diferentes do seu repertório pessoal, propiciando experiências que talvez não tivessem acesso em outras circunstâncias.

A relação de reciprocidade, de amizade, enquanto manifestação da qualidade fraternal do relacionamento, pode ser contextualizada inclusive nas experiências dissonantes entre contratantes e contratados. As dissonâncias, vivenciadas na relação eu-tu, são igualmente enriquecedoras e fontes de aprendizados para as trabalhadoras. Isso confirma a noção de que a assimetria dos relacionamentos tem uma função tão estruturante quanto a simetria.

Com relação aos demais aprendizados que o cotidiano profissional possibilita, o trabalho da babá propicia experiências, acerca dos cuidados infantis e das relações familiares, que serão transmitidas para novas situações de trabalho. Para as babás que não têm filhos, o fazer profissional cotidiano também possibilita a vivência de aspectos que auxiliarão na constelação do seu papel de mãe, quando vivenciarem a maternidade. Para aquelas que têm filhos, os aprendizados adquiridos no cotidiano propiciam novas formas de ser e agir também no âmbito privado, o que pode levar inclusive a reformulações da relação das trabalhadoras com os próprios filhos.

Ressalto, entretanto, que a incorporação desses aspectos, assim como a busca pela integridade da persona profissional e o estabelecimento de experiências de reciprocidade, depende da maneira como a babá transita através do que denominei como sendo uma triangulação, entre ela, a(s) criança(s) e os pais. Esses elementos também podem ser considerados em relação ao modo como os pais compartilham o relacionamento estabelecido; contudo, o foco do presente estudo é nas vivências da profissional e, por isso, somente refiro tal apontamento.

A triangulação decorre do relacionamento estabelecido a partir da contratação da babá pela família. Ela acontece porque a babá é uma representante dos pais, carregando e transmitindo seus valores, mas sua atuação acontece, em muitos momentos, somente com a criança. Assim, por um lado, a babá é representante dos pais, exercendo as funções maternas e paternas, por meio dos cuidados e da educação. E, por outro lado, é companheira da criança e parceira no brincar.

Nessa perspectiva, observo que a babá precisa transitar "entre as pontas dessa triangulação" durante o seu fazer cotidiano e, quanto mais bem ela o fizer, mais integrado será o seu exercício profissional. O trânsito adequado entre os papéis materno, paterno e de companheira da criança pode favorecer a integração da persona profissional, na medida em que 'o transitar' refere-se à habilidade de entrar e sair dos papéis, demandados no trabalho da babá, e de coordená-los.

O trânsito nessa triangulação vai acontecer de acordo com a maneira como se estabelecem as relações simétricas e assimétricas no contexto de trabalho da babá. Diante desses elementos, a babá exercerá os cuidados parentais a partir do repertório dos seus próprios circuitos matriarcal e patriarcal e, também, a partir das

orientações e definições, explícitas e implícitas, do repertório familiar. E tudo isso se configura e se constela na relação com a criança, que está na terceira ponta da triangulação apontada.

Assim, é possível constatar que as "três pontas do triângulo" sofrem mutuamente inúmeras influências e efeitos recíprocos, tendo em vista os processos conscientes e inconscientes que permeiam as relações. (JUNG, 2008c)

Diante dessas mútuas influências, da bagagem que cada figura "carrega" nessa relação e do papel que a babá representa na família da(s) criança(s), torna-se relevante pensarmos na importância da educação psicológica da babá, além de sua educação formal, relativa ao aperfeiçoamento dos processos de trabalho.

Essa constatação parte da ideia de que a tarefa educativa não consiste somente em apresentar ensinamentos, ela decorre também da influência que o profissional tem sobre a personalidade total da(s) criança(s), que é exercida por meio de sua individualidade e do relacionamento estabelecido. (JUNG, 2006)

Refletir sobre esse aspecto torna-se ainda mais relevante no contexto de trabalho da babá, tendo em vista a amplitude de seu papel profissional, que oferece, por meio da bagagem psicológica individual da trabalhadora, repertórios diferentes daqueles vivenciados pela(s) criança(s) no relacionamento com seus pais. Os repertórios diferentes são enriquecedores, na medida em que trazem elementos diversos do ambiente familiar, auxiliando na formação da individualidade da(s) criança(s) para além das suas experiências parentais. Diante disso, a educação psicológica da pessoa que trabalha como educadora torna-se relevante e converte-se em benefícios para a(s) criança(s). (JUNG, 2006)

Esses elementos me remetem a um dos questionamentos apresentados na introdução do presente trabalho: a possível demanda das babás por uma escuta especializada que aborde o seu cotidiano profissional. Diante do exposto, considero relevante pensar na criação de um espaço voltado à babá, grupal e/ou individual, no qual experiências cotidianas possam ser compartilhadas, de modo que os aspectos envolvidos na atuação profissional sejam exteriorizados e postos em discussão, a fim de ampliar a consciência das trabalhadoras com relação ao seu fazer cotidiano.

Esse espaço poderia incluir a qualificação formal e também "tratar" de

questões mais objetivas, oferecendo instrumentos para a melhoria da atuação profissional, o que, talvez, decorresse da própria troca de experiências entre as profissionais, possibilitando um enriquecimento mútuo.

Contudo, a ideia proposta é ir além desse aspecto e propiciar um momento em que a linguagem simbólica possa ser "despertada". Assim, também serão fomentados os aspectos acerca da inteireza da personalidade, da influência recíproca entre os âmbitos consciente e inconsciente na constituição e vivência da subjetividade de cada uma delas.

Nesse sentido, por meio do desenvolvimento de uma linguagem simbólica, pode haver uma ampliação da consciência acerca dos sentidos e significados contidos na realidade. A linguagem simbólica se manifesta em interpretações que não sejam meramente causais, mas que produzam metáforas, analogias, ampliando cada aspecto do conteúdo emergido, o que pode ser um movimento inesgotável, na medida em que o símbolo sempre carregará um sentido oculto. E nesse sentido, o inconsciente é entendido como uma dimensão com imenso potencial criativo, sendo um impulso criador da psique que inclusive caracteriza o humano. (JUNG, 1971)

A linguagem simbólica pode ser expressa em diferentes manifestações artísticas como pintura, escultura, música, dramatização; ou seja, em elementos que denotam qualidades imagéticas, sonoras, verbais e corporais, que englobem a vivência afetiva desses conteúdos, conferindo-lhes uma vida própria. Os símbolos emergem como porta-vozes das profundezas da psique. Esses aspectos denotam a característica simbólica da natureza humana. "O universo humano é simbólico, estamos diante de uma nova dimensão da realidade: a dimensão simbólica." (PENNA, 2004, p. 82)

Diante disso, realizar movimentos que façam emergir a função transcendente da psique, conseqüentemente os símbolos, é necessário à saúde psicológica.

A participação secreta do inconsciente no processo da vida está presente sempre e em toda parte, sem que seja preciso procurá-la. O que se procura aqui é a maneira de tornar conscientes os conteúdos do inconsciente que estão sempre prestes a interferir em nossas ações, e, com isto, evitar justamente a intromissão secreta do inconsciente, com suas conseqüências desagradáveis. (JUNG, 1971, p. 11)

Von Franz (2004) e Guggenbühl-Craig (1978) apontam essa questão esclarecendo que os conteúdos sombrios da personalidade, nessa perspectiva, também influenciam a atuação profissional, na medida em que fazem parte da inteireza da pessoa.

Mesmo os feitos mais nobres se baseiam em motivações ao mesmo tempo puras e impuras, luminosas e sombrias. (...) E isso não exclui o valor das ações. Porém, quanto mais unilateral é a consciência em relação as suas ações, mais questionáveis podem ser suas decisões. (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1978, p. 24-25)

Desse modo, um espaço que vise a qualificação profissional, e também os aspectos relativos ao desenvolvimento psicológico das trabalhadoras, pode contribuir para que as vivências cotidianas sejam embasadas em maior consciência acerca do papel e função exercidos, assim como dos elementos da personalidade que se fazem presentes e atuantes nessa construção.

Observo, entretanto, que buscar esse espaço envolve uma questão concreta: a disponibilidade para fazê-lo, tendo em vista a centralidade do trabalho como característica da profissão. Esse aspecto se fez presente durante a realização das entrevistas com as participantes desta pesquisa, quando foi bastante difícil agendar o encontro. Para que esse espaço aconteça, portanto, é necessário que sejam feitas tentativas e, juntamente com as babás, seja definido o momento mais adequado para inserir esse espaço em suas vidas.

Cabe apontar que, além disso, um espaço terapêutico favorece o exercício profissional como um todo e pode funcionar como um movimento preventivo e/ou acolhedor de um possível sofrimento relacionado ao cotidiano de trabalho.

Esse aspecto foi constatado em uma pesquisa com educadoras de creches municipais em São Paulo, na qual ficou evidente o sofrimento psíquico das trabalhadoras. Conforme as autoras, a penosidade do trabalho está relacionada a diversas vivências do cotidiano profissional, como a excessiva formalização das atividades e a atenção a normas pré-estabelecidas de maneira rígida. (PAPARELLI; JOSÉ; SILVA; VERÍSSIMO, 2007) Esses exemplos podem ser contextualizados nas experiências das babás, referendando a relevância de haver um espaço terapêutico

que poderia funcionar, nesse contexto, de maneira preventiva.

Assim, entendo que a abordagem clínica da psicologia analítica pode contribuir para a atuação do psicólogo para além do espaço do consultório, na medida em que contribui para a compreensão e articulação de temas sociais, como os relativos ao âmbito do trabalho, conforme é proposto no presente estudo. Esse aspecto pode acontecer mediante a transformação dos indivíduos singulares que, por sua vez, podem influenciar outros indivíduos (JUNG, 2008c).

As contribuições da psicologia analítica, nesse contexto, podem ser observadas, por exemplo, nos elementos teóricos relacionados à assimetria e à simetria (GALIÁS, 2000) dos relacionamentos humanos, que configuram-se como aportes importantes para a compreensão e para o exercício profissional do psicólogo que atua nas esferas institucionais e sociais.

Entretanto, considero importante, diante desses apontamentos, atentar ao fato de que: "As condições sociais e políticas presentes possuem, de certo, uma importância a ser considerada, mas não superestimada enquanto fatores únicos decisivos para a felicidade ou infelicidade do indivíduo." (JUNG, 2008c, p. 51)

É, portanto, por meio do indivíduo que os aspectos sociais podem ser re-significados.

Referências

ALBORNOS, S. *O que é trabalho*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ANTUNES, R. L. C. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2001.

ARENDT, H. *A condição humana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.

BYINGTON, C. A. B. Eros e poder na relação adulto-criança. In: *Junguiana*, v. 24, p. 67-76, São Paulo, 2006.

CODO, W.; ODELIUS, C. C. Salário. In: Codo, W. (org.) *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I.; MEDEIROS, L. O conflito entre o trabalho e a família e o sofrimento psíquico. In: Codo, W. (org.) *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I.; VERDAN, C. S. Importância social do trabalho. In: Codo, W. (org.) *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999.

COLMAN, A.; COLMAN, L. *O pai: mitologia e papéis em mutação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

COSTA, F. B. da. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2010.

CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). *Pesquisa de emprego e desemprego*. A mulher nos mercados de trabalho metropolitanos: as características do trabalho doméstico remunerado nos mercados de trabalho metropolitanos. São Paulo: DIEESE, Especial abril, 2011a.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). *Salário mínimo nominal e necessário*. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/rel/rac/salminMenu09-05.xml>. Acesso em: 10 de agosto, 2011b.

DOWNING, C. (org.). *Espelhos do self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

FILHO, J. M. G. A invisibilidade pública. In: Costa, F. B. da. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2010.

FORDHAM, M. *A criança como indivíduo*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

FREITAS, M. C. de (org.) *História social da infância no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 19. ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora: 1978.

GALIÁS, I. Psicopatologia das relações assimétricas. In: *Junguiana*, v. 18, p. 113-132, São Paulo, 2000.

GALIÁS, I. Do amor na saúde à saúde do amor. In: *Junguiana*, v. 23, p. 107-118, São Paulo, 2005.

GALLBACH, M. R. *Sonhos e gravidez: iniciação à criatividade feminina*. São Paulo: Paulus, 1995.

GAMBINI, R.; DIAS, L. *Outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira*. São Paulo: SENAC, 1999.

GAMBINI, R. *Espelho Índio: a formação da alma brasileira*. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

GRINBERG, L. P. *Jung: O Homem Criativo*. São Paulo: FTD, 2003.

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. *O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1978.

HELOANI, R. *Organização do trabalho e administração: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994.

HENDERSON, J. L. *Shadow and the self*. Wilmette: Chiron, 1990.

HOPCKE, R. H. *Persona*. London: Shambala, 1995.

HUDSON, W. C. Persona and defence mechanisms. *Journal of Analytical Psychology*. v. 23, n. 1, p. 54-62, 1978.

HUNT, M. E. O amigo. In: Downing, C. (org.). *Espelhos do self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

JACOBI, J. *Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1986.

JUNG, C. G. *A natureza da psique*. OC VIII/II. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

JUNG, C. G. *Freud e a psicanálise*. Petrópolis: Vozes, 1989.

JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. OC VI. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, C. G. *Memórias, sonhos e reflexões*. 18. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

JUNG, C. G. O arquétipo da criança. In: Downing, C. (org.) *Espelhos do self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

JUNG, C. G. *Símbolos da transformação*. OC V. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. OC IX/I. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000a.

JUNG, C. G. *A vida simbólica*. OC XVIII/I. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000b.

JUNG, C. G. *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. OC XIX/II. Petrópolis: Vozes, 2001.

JUNG, C. G. *O desenvolvimento da personalidade*. OC XVII. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

JUNG, C. G. *Psicologia do Inconsciente*. OC VII/I. Petrópolis: Vozes, 2007a.

JUNG, C. G. *Ab-reação, análise dos sonhos, transferência*. OC XVI/II. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2007b.

JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. OC VII/II. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2008a.

JUNG, C. G. *A energia psíquica*. OC VIII/I. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008b.

JUNG, C. G. *Presente e futuro*. OC XI/I. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2008c.

KAST, V. *A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicoterapia junguiana*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

LEDBETTER, T. M. Filhos e pais: ou por que filho é um verbo. In: Downing, C. (org.). *Espelhos do self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. I.

MAUAD, A. M. A vida das crianças de elite durante o império. In: Del Priore, M. (org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). *Trabalho doméstico: direitos e deveres: orientações*. 3. ed. Brasília: MTE, Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT), 2007.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). *Convenção e recomendação sobre trabalho decente para as trabalhadoras e os trabalhadores domésticos*. Brasília: OIT, 2011.

PAPARELLI, R.; JOSÉ, T. A.; SILVA, L. G. da; VERÍSSIMO, T. C. Contribuições da saúde do trabalhador à educação infantil: o sofrimento mental de educadoras de uma creche paulistana. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 10, n. 2, p. 1-15, 2007.

PECCI, J. C. *O ramo de hortênsias*. 2. ed. São Paulo: Valer, 1986.

PENNA, E. M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP*, 2004, 16(3), 71-94.

PENNA, E. M. D. *Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos Junguianos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

POCHMANN, M. A atualidade da categoria trabalho na sociedade da reestruturação produtiva. In: *Psicologia crítica do trabalho na sociedade contemporânea*. Brasília: CFP - Conselho Federal de Psicologia, 2010.

PROGOFF, I. *Jung's psychology and its social meaning*. New York: Dialogue House Library, 1985.

RAMOS, F. P. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: Del Priore, M. (org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

RAMOS, D. G. Corrupção: sintoma de um complexo? In: *A sombra na política*. III Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos, PUCSP, 2005.

SAMUELS, A. *A psique plural*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANTOS, S. M. P. dos. *O lúdico na formação do educador*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCARANO, J. Criança esquecida das minas gerais. In: Del Priore, M. (org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

SORATTO, L. H. *Quando o trabalho é na casa do outro: um estudo sobre empregadas domésticas*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia. Brasília, 2006.

STEIN. M. O pai devorador. In: Hillman, J.; et al. *Pais e mães: seis estudos sobre o fundamento arquetípico da psicologia da família*. São Paulo: Símbolo, 1979.

STEIN. M. *Jung: o mapa da alma: uma introdução*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

VON FRANZ, M. L. *Psicoterapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

WAGNER, E. S. *Hannah Arendt e Karl Marx: o mundo do trabalho*. 2 ed. São Paulo:

Ateliê Editorial, 2002.

WEISSTUB, E.; GALILI-WEISSTUB, E. Collective trauma and cultural complexes. In: Singer, T; Kimbles, S. L. (ed). *The cultural complexe*. New York: Brunner – Routledge, 2004.

WHITMONT, E. C. *A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica*. São Paulo: Cultrix, 1990.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZOJA, L. Carl Gustav Jung como fenômeno histórico-cultural: *Cadernos Junguianos*, n. 1, p. 18-33, São Paulo, 2005.

Anexo I

Anexo II

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96, de 10 de outubro de 1996)**

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “Vida de Babá: Reflexões acerca do cotidiano profissional”.

A pesquisa tem como objetivo conhecer as particularidades do cotidiano de trabalho das pessoas que trabalham como babás no intuito de elaborar uma reflexão acerca dessas vivências.

DADOS SOBRE A PESQUISA:

Pesquisadora: Psicóloga Talita Rocha Baltazar

Inscrição no Conselho Regional de Psicologia nº: 06/93694

Endereço: Av. Brigadeiro Luís Antônio, São Paulo/SP

Telefone: (11) 94289874

E-mail: talitabaltazar@hotmail.com

Avaliação de Risco da Pesquisa:

(X) SEM RISCO () RISCO BAIXO () RISCO MÉDIO

Comitê de Ética em Pesquisa - PUCSP: R. Ministro Godói, 969, São Paulo/SP

Telefone: (11) 3670-8466

Para obtenção dos dados serão utilizados dois instrumentos em uma entrevista semidirigida:

- 1) Questionário perfil, social, demográfico e situação profissional
- 2) Questões sobre a vivência do cotidiano de trabalho

Para aceitar participar dessa pesquisa é importante você considerar que:

- 1) a entrevista será gravada em gravador digital e posteriormente transcrita.
- 2) tem liberdade para retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.
- 3) seu nome jamais será divulgado. A confidencialidade, sigilo e privacidade estão assegurados.
- 4) pode ter acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para esclarecer eventuais dúvidas.
- 5) os resultados da pesquisa serão utilizados para a defesa da dissertação de Mestrado da pesquisadora e para futura publicação de artigos e/ou livros sobre o tema pesquisado.
- 6) os resultados estarão disponíveis no material que será entregue à biblioteca da PUCSP, ao término do trabalho, e poderá ser consultado conforme o nome da pesquisadora.

Eu, que trabalho como babá há pelo menos seis meses nos últimos dois anos, declaro, após convenientemente esclarecida pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, que consinto (aceito) em participar da presente pesquisa:

Nome: _____

Email: _____

Telefone: _____

Assinatura da participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

São Paulo, _____, _____.

Anexo III



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 199/2010

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica
Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). Ceres Alves de Araújo
Autor(a): Talita Rolha Baltzar

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado ***Vida de babá: reflexões acerca das influências do cotidiano profissional no processo de individuação***

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de **09/08/2010**, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **199/2010**.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea “c”, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 09 de agosto de 2010.


Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Anexo IV



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa
Sede Campus Monte Alegre

PUC-SP

São Paulo, 20 de maio de 2010.

**Termo de Compromisso do(a)(os)(as) Pesquisador(a)(es)(as)
Responsável(is)**

Título da Pesquisa: "Vida de Babá: reflexões acerca das influências do cotidiano profissional no processo de individuação".

Os(as) pesquisadores(as), abaixo assinados(as), se comprometem a:

- Respeitar e cumprir a Teoria Principlalista que visa salvaguardar a **autonomia, beneficência, não maleficência, justiça, privacidade e confidencialidade** (Res. 196/96 CONEP/CNS/MS);
- Não violar as normas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Comunicar ao sujeito da pesquisa todas as informações necessárias para um adequado "consentimento livre e esclarecido" e solicitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apenas, quando o sujeito da pesquisa tenha conhecimento adequado dos fatos e das conseqüências de sua participação, e tenha tido oportunidade para considerar livremente se quer participar da pesquisa ou não;
- Obter de cada sujeito de pesquisa um documento assinado ou com impressão datiloscópica como evidência do consentimento livre e esclarecido;
- Renovar o consentimento livre e esclarecido de cada sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa, informado procedimento ao CEP;
- Manter absoluto e total sigilo e confidencialidade em relação à identificação do sujeito da pesquisa e dados constantes em prontuários ou banco de dados.
- Respeitar o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana e derivados;
- Não prejudicar o meio ambiente em sua totalidade (fauna e a flora);
- Cumprir na integralidade todas as resoluções do Conselho Nacional de Saúde CNS/MS, bem como todos os diplomas legais referentes ao tema da ética em pesquisa, dos quais declaramos ter pleno conhecimento.
- Desta forma, nós pesquisadores(as) abaixo subscritos, nos comprometemos, em caráter irrevogável e irretratável, por prazo indeterminado, a cumprir toda legislação vigente, bem como as disposições deste **Termo de Compromisso**.

Nome do(a) Orientador(a): Ceres Alves de Araújo

Assinatura do(a) Orientador(a):

CPF Nº 101028178-04 RG Nº 3413502-9

Nome do(a) Orientador(a):

Assinatura do(a) Orientador(a):

CPF Nº RG Nº

Nome do(a) Autor(a): Talita Rocha Baltazar

Assinatura do(a) Autor(a):

CPF Nº 973419910-20 RG Nº 4076562381

Nome do(a) Autor(a):

Assinatura do(a) Autor(a):

CPF Nº RG Nº

Anexo V

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica
Núcleo de Estudos Junguianos
Talita Rocha Baltazar

Vida de babá
Reflexões acerca das vivências profissionais
à luz da psicologia analítica

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA PA

T: Com quem você mora?

PA: Com familiares, minha avó e meu tio. E com a família da criança. Eu considero que eu moro no serviço. Não é minha casa! É meu lugar de trabalho. Quando faço um cadastro dou o endereço do serviço e explico que folgo só de quinzena.

Jornada de Trabalho

PA: Trabalho 12 dias e folgo 02, quinzenalmente. A carga-horária não tem definição, dependendo do dia, até 12 horas. Começo às 8h. Geralmente, paro às 23h. A gente que mora no serviço, por dormir lá todos esses dias, não tem muito limite de horário.

T: Quais são as principais tarefas que você realiza no seu trabalho?

PA: Eu cuido do quarto das meninas: faço a limpeza, organizo o guarda-roupa, os armários, a brinquedoteca, os brinquedos, o banheiro delas. E agora, esse ano, eu passei a manter a casa também. Quando a faxineira não está, ela vem duas vezes na semana, eu mantenho e organizo também o apartamento, porque as crianças ficam até 15h na escola, passam praticamente o dia inteiro na escola. Aí, vou para as atividades, natação, ballet, tênis, eu que acompanho.

T: E, que tipo de roupa você usa para trabalhar?

PA: Branca, calça branca, camiseta branca. Foi a patroa que comprou. Por causa da higiene e pra identificar que é babá. Acho que as duas coisas, higiene e porque é babá da criança, por isso anda de branco.

T: Por que você escolheu ser babá?

PA: Primeiro porque eu gosto de criança e foi com o que me identifiquei, com criança, com bebê, é o que eu gosto de fazer. Bebê principalmente. É o que eu mais gosto! Escolhi também porque babá ganha bem! É uma área que a gente consegue ganhar um pouco mais. Por mais que a gente durma no serviço. E pra mim, dormir no serviço não é ruim, porque eu não tenho compromisso, namorado, casamento, essas coisas assim, durmo tranquilo. Então, me sinto, assim, livre pra poder dormir no serviço, e pra seguir a profissão. Eu já não dormiria se fosse casada. Se eu fosse casada e tivesse um filho, eu já não pegaria emprego pra dormir. Acho que tem que viver na sua casa.

T: E como que é ser babá?

PA: É gostoso, mas também tem que ter muita paciência, saber lidar com a situação do dia a dia, com as crianças e também com a família, que é seu patrão. Tanto com as crianças quanto com os pais, tem que saber lidar, conversar com a criança em cada momento.

É gostoso porque você tem que estar ali com a criança, é divertido. E você está trabalhando com o que você gosta! É prazeroso ficar com a criança, brincar com ela, conversar, passear, ficar com ela no dia a dia, cuidar. Porque a gente que cuida de criança, eu sou assim, pelo menos, com as meninas que eu cuido, talvez por estar a tantos anos, eu sinto, assim, que o gostar é como se fosse de um filho, como se fosse um

filho meu, como se fossem minhas filhas. Você vai pegando aquele amor, como se as crianças fossem suas. Por isso que a gente não deve misturar. Eu sinto, assim, que eu me apego demais. Porque quando chega perto da hora de eu sair, porque elas estão crescendo, é ruim pra gente. Porque a gente quer sair, mas não quer separar. Então, fica aquele afeto, assim, do tipo como se fosse mãe e filho. Mas na verdade não são nossos filhos. E, eu tenho muito disso com as meninas. Tem coisas que eu me preocupo, que é coisa de mãe se preocupar. Às vezes, a gente acaba pegando o papel da mãe.

E sobre lidar com a criança, você sabe, toda criança faz 'mal criação'. A mais velha que eu cuido está numa fase que já entende que é empregado, naquela fase em que já despreza, sabe?! Então... Ela gosta muito de mim. Só na mesma hora que ela gosta, ela humilha. Sabe como criança é, né. E você vai explicando que não pode ser assim. E, pelo fato de filho de rico ser mimado, muito mimado, muitos já entendem o que é empregado, que eles são ricos e que eles podem, essas coisas de menina mimada. Mas, a gente passa por isso. A gente fala, explica as coisas pra ela. Mas nada assim que tire a gente do sério. A gente tem que ter paciência e conversar. Porque assim ela trata a própria mãe também. Ela faz isso até com a mãe dela. Ela é uma criança mais rebelde, não digo rebelde, mas mais atirada, mais mal criada, mais do que a outra. Tem hora que ela deu pra falar assim, ela chega da escola nervosa, não sei o que acontece. Ela fala assim, 'ah, sai daqui, eu não quero; eu vou falar pra minha mãe trocar você!' Aí eu falei assim 'se você quer que troca, troca, a gente fala com sua mãe e troca. O que não pode acontecer, é você ficar brigando comigo; eu também não posso ficar descontando sua mal criação. Isso não pode, você tem que respeitar'. Aí, ela se arrepende do que ela fez e vem fazer carinho. Aí ela vem com outra coisa. Porque eu falei pra ela 'já que não me quer mais aqui, então, vou pedir pra sua mãe deixar eu sair'. Aí ela falou que não, que gosta de mim, que eu nunca vou sair da casa dela.

Chegou a ter uma fase em que ela me defendia perante a mãe dela. Fase assim, que, às vezes, a mãe não podia falar comigo que a criança já ia me defender perante a mãe. E eu dizia 'não, ela só está conversando comigo'. Ela achava que a mãe estando conversando comigo era porque estava me dando bronca. Então, ela já vinha pra defender.

Foi há uns dois anos, ela tinha uns seis anos que ela começou a ficar mais rebelde agora, desses anos pra cá, que ela começou a demonstrar, tipo criança mimada, de saber que ela pode. Eu penso que isso é assim, é da criação! O modo dos pais criarem. É uma criança que tem tudo, não tem limite. Então, pelo fato de ela saber que tem tudo, ela age como se ela pudesse tudo. E pra lidar com isso, eu faço só isso. Não procuro ficar chamando muito a atenção dela porque a gente tem muito medo dos pais.

Não é nossos filhos, então a gente não pode ficar muito, repreendendo, porque os pais não gostam muito. Às vezes, tem que engolir. Porque a própria mãe dela vê ela fazendo as coisas e não fala nada, então, a gente não pode falar.

E sobre os pais, não digo o pai, porque ele trabalha fora, não fica em casa, não participa. Não tenho muito contato, acho que é mais a mãe! Eu acho, desde o começo, que a mãe tinha que pôr mais limite. No começo, a mãe chamava muito atenção da mais velha, pelo fato dela ser uma criança geniosa, de temperamento forte. Então, as duas viviam brigando entre as duas. Então, eu acho que nesse ponto a mãe acabou cedendo pra filha, deixando fazer um pouco o que ela quer, pra ser mais amiga. Acho que se ela batesse; acho que ela pensava assim, se enfrentasse ela frente a frente, ela nunca ia conseguir conquistar a menina. Aí então, por causa disso, ela acabou deixando à vontade. Então, ela acabou se tornando uma pessoa assim. Eu que penso isso, é minha observação, não foi ela que falou. Porque no começo a relação das duas era bem difícil. De uma hora pra outra. Tanto que a mãe passou até em psicólogo com a menina, pra melhorar a relação das duas! Se pegavam frente a frente. Porque as duas têm temperamento forte. E duas com o mesmo temperamento, nunca dá certo. Pelo menos tem que ter uma mais maleável.

E com os pais não posso falar tudo o que penso. Se eu vejo alguma coisa eu não posso falar. Eu não vou falar para os pais. Eu tenho que ver e fingir que não vejo. Tem coisa que eu vejo, saio de perto. Porque é uma coisa assim, se eu me intrometer, é despedida na hora. Não pode falar. Tem coisa que você tem que ver, pode ser a coisa mais errada o que a mãe está falando para a criança, mas você não pode falar nada, porque nem a própria mãe dela, quando fala, ela aceita. (referindo-se à avó materna da criança) Imagina uma empregada falando.

T: Você disse que elas estão crescendo. Mudou alguma coisa por elas terem crescido, na sua rotina?

PA: Mudar a rotina, sim, porque agora, como elas estão crescendo, eu passei pra casa. Agora eu limpo a casa. Fico menos com elas, porque elas estão já com atividades. E já não precisa mais. Já estão saindo mais com os pais sozinhas, já não estão mais precisando de mim. Então, já está chegando o fim mesmo. O lado babá já está diminuindo. A menina mais velha já está grande. A mais nova também já está ficando. Elas ficam o dia inteiro na escola, então, precisam menos.

A patroa foi me dizer isso. Ela foi lá e conversou comigo. Falou assim 'agora você mantém a casa, porque as meninas ficam o dia todo na escola, até 15h. Aí você mantém, tem a faxineira uma vez por semana, e continua seu serviço de babá'. Num primeiro momento, aceitei numa boa, pra eu fazer no final, até eu estar saindo, eu aceitei. Numa boa, porque é só manter o serviço da casa.

Mas agora eu estou percebendo que está me dando vontade de voltar a cuidar de bebê. Eu estou querendo sair, pra poder arrumar outro serviço; pra poder fazer coisa só de babá, mesmo. Só babá. Como quando eu entrei lá, era só babá. Então, agora, estou querendo voltar, pra ser só babá de novo. E também a gente não tá concordando muito, nesse sentido que eu digo que é 'no final', do serviço. Porque eu estou folgando de quinzena, como combinamos, mas eu queria folgar semanal, e a minha patroa não quer ceder! Eu estou pensando muito nisso, também... Eu estou no mesmo esquema, há sete anos, folgando de quinzena, mas elas eram pequenas; agora não tem mais necessidade de eu ficar folgando de quinzena. Tem dia que eu fico final de semana lá, à toa. Então, isso também pesa muito. Porque eu sei que, se arrumar outro emprego, eu vou folgar de quinzena, mas vai ter precisão. Mas quando não tem precisão, não tem por que você folgar de quinzena. É porque ela é uma pessoa assim, um pouco também ela impôs na casa, que a maneira de pensar dela foi essa, e foi o que ela falou pra mim. Se eu continuar só como babá, o dia inteiro, ela não ia querer me pagar para ficar, assim, sem fazer nada, é isso que tá na cabeça dela, se eu ficasse só de babá, ia acabar logo o serviço e ia ter tempo, ela não ia aceitar que eu ficasse com o tempo livre, na cabeça dela, ela falou isso pra mim. Mas eu conheço babás que é só com a criança, por mais que ela fique o dia inteiro na escola, mas é babá. Então, ela me colocou na função da casa, pra eu não ficar sem fazer nada. Ela, na cabeça dela, ia achar que eu ia ficar sem fazer nada. Mas não ia! Eu ia arrumar as coisas das crianças. É claro que ia sobrar tempo. Mas pelo fato disso, não aceitaram. Por isso que ela me colocou na função da casa, pra ter equilíbrio. Ela falou isso pra mim. O raciocínio dela é que eu folgo de quinzena porque ela está pagando, ela já falou. Se eu fosse folgar semanal teria que baixar meu ordenado, pra poder folgar semanal. Meu modo de pensar não é esse não, como ela falou. Mas baixar meu ordenado eu não quero baixar. A menos que mude de cargo. Mas o meu cargo lá é assim, como se eu fosse ser arrumadeira, ia ser arrumadeira e continuar com o serviço de babá; então, meu serviço ia continuar o mesmo. Então, não tem por que o meu ordenado baixar, se eu ia fazer a mesma coisa, entendeu?! Eu acho que o negócio, pelo o que eu vejo, eu vou ter que sair. A solução é eu sair e ver outro. Porque eu acho que ela não vai aceitar mudanças.

T: O que você mais gosta de fazer no dia a dia de babá?

PA: Sair para as atividades com elas. Sair para levar na natação, sair para as atividades.

T: O que você não gosta de fazer?

PA: Não gosto muito de ficar limpando casa. E mesmo pensando em quando eu era só babá, limpar e organizar as coisas delas eu gostava, porque era só o quarto delas e elas. Eu gostava, também passava a roupa delas. Agora eu não lavo mais, nem passo a roupa delas; quem faz é a cozinheira. Mas quando eu era só babá delas, eu que lavava e passava. Não tinha nada que eu não gostava. Só o que eu não gosto é de limpar a casa. Porque, quando eu era babá, eu fazia só as coisas de babá, era aquela coisa de só limpar os quartos, que é fácil, só quarto das crianças. Mas não é que eu deteste limpar a casa; se eu tiver que encarar, eu encaro, fazer o quê!

T: O que é mais difícil em ser babá?

PA: Mais difícil, dependendo da criança, do comportamento, e da mãe também. Acho que a parte da mãe. É quando, assim, a mãe é muito exigente com algumas coisas. Por exemplo, tem coisas que você gosta e a mãe não gosta, faz uma coisa e não agrada. Acho assim, nesse sentido. Como quando você vai vestir a criança. Nunca a mãe, às vezes, gosta do que, daquilo que você vestiu. Ou então, a parte, assim, de organizar as coisas das crianças. Vou lidando com isso, como com a roupa, como quando eu colocava a roupa certa, ela gostava. Quando eu errava, ela dizia que eu não sabia colocar nada direito. Aí a gente se sente triste. Mas, paciência. A gente fica triste, mas a gente vai levando, tem que ter paciência. Aí da próxima vez você não vai fazer aquilo; vai prestar atenção pra fazer melhor. Porque se eu pôr alguma coisa na menina, pra mim está bom; mas só que não é pra mim, é pra mãe que tem que ficar bom. E isso é difícil. Mas é a paciência que eu falo pra você, tem que saber lidar, tem que escutar e ficar quieta. Porque você não vai discutir com patrão; se ele falar que é isso, você não vai comentar. Aí, eu falo assim, eu achei que estava bom, achei que combinava. Eu falo assim. O jeito de falar é que chateia um pouco. Não o que ela fala. A maneira de falar. Como quando ela disse 'tanta roupa bonita que a menina tem e você foi pôr essa'... Eles não falam com calma, falam assim, estupidamente, entendeu?! Aí, tem que engolir, entendeu?! É isso mesmo, pelo menos, da minha parte.

Mas não é uma tensão que acontece todo o tempo. É uma vez ou outra que não agrada. Não é todo dia que acontece isso. Não é rotina, não. Geralmente é tranqüilo, é normal. Ela leva numa boa. Só de vez em quando aparece as diferenças... Tem que ter paciência. Não tem muita coisa.

A gente se sente assim, porque todo o trabalho, todo o emprego, tem seus atritos com patrão, tem que ter paciência; se não, se não dá mais, tem que... Eu sou uma pessoa muito pacienciosa, porque se eu fosse ver todos os problemas, eu já não estaria mais lá. A gente que trabalha em casa de família, porque em todas as casas, nenhuma casa, nenhum emprego é tudo maravilha ou é um paraíso. Então, em todos os serviços, tem seus altos, seus baixos, e tem que ter paciência. Tem que saber lidar com a situação, porque se você for, toda vez que tiver um baixo, você for ter atrito, então não vai parar em lugar nenhum. O único atrito, que agora eu estou tendo, atrito não, que penso diferente é que mudou as tarefas, mas a folga continua de quinzena.

E pra falar com a mãe da criança, também sou tímida, e também sou uma pessoa muito insegura. Eu, pra falar, penso mil vezes! Não sei se é medo ou se é insegurança! Acho que é as duas coisas. Como falo com minha patroa, sou uma pessoa muito, que penso dez vezes pra falar, pra falar da melhor forma! Porque a gente tem medo da reação delas.

Tem também de lidar com a criança. O lidar assim, quando elas fazem mal criação. Eu, assim, sinto receio de, muitas vezes, chamar, não chamar a atenção, de falar alguma coisa para a criança e a mãe não gostar. Tem disso também. Porque a gente tem mais medo da reação da mãe, do que da criança. Porque com a criança, a gente conversa, assim, com a criança, nós duas. Mas a gente não sabe se a mãe gosta da gente estar falando com a criança. Não é toda mãe que gosta. E pra saber o que ela gosta, ah, eu vou levando, eu falo com a criança, não chamo a atenção. E, se for muito grave, eu chamo a mãe dela, pra mãe dela resolver com ela. A mãe sabe o temperamento da filha. Tem coisa que eu não fico assim, muito falando. Aí, eu chamo a

mãe para resolver o problema. Que nem, a mais velha é muito enrolada, demora muito, sabe?! Pra fazer tudo, você tem que ficar no pé, toda hora falando, falando, falando. Aí, chega num limite, se não faz, tem que fazer alguma coisa. Aí, quando ela não faz, tem que chamar a mãe. Tipo tomar banho. A lição ela faz com a irmã dela. Tem que deixar. Aí ela chora, faz um drama. Quando é lição de casa, ela faz mais drama. Aí, eu até torço pra mãe ficar com a menina, porque ela chora o tempo inteiro. A gente explica, explica a lição ali, mas ela quer que a gente faça pra ela.

T: O que agrega para a sua vida, ser babá?

PA: Ajuda a pessoa a ter experiência, experiência, assim, com criança. Ajuda a pessoa a tratar com criança.

E a agente cresce, assim, na área de babá. Você aprende bastante coisa, aprende na área de família.

Tem as outras babás, que é gostoso você se juntar com outras babás, sentar, conversar. Uma trocar experiência com a outra. Às vezes, falar sobre seus problemas no serviço; falar para a outra. Acontece muito na praia e nas atividades, onde a gente encontra com as babás, no ballet, ou em praia. Ela fala como sua criança é. A gente fala com nossa criança é; vai falando conversando. Porque, às vezes, é bom poder conversar com uma pessoa, ter uma pessoa pra falar os problemas.

E seria legal ter um profissional a mais, pra falar sobre isso. Pra poder falar mais, porque nem tudo você pode falar para o amigo. Então, se você falar sobre o serviço com um amigo, não é com qualquer babá que você vai falar. É com aquela babá mais achegada, que você é mais amiga. Não é assim pra turma que você conhece hoje, você vai falar para hoje, entendeu?! É com aquela que tem mais intimidade, que você conhece mais. Então, uma pessoa assim, a mais pra conversar, seria bom! Não sei se são todas que gostam, mas pra quem gosta, alguém para falar sobre os seus problemas, pra orientar, seria bom se tivesse um trabalho assim.

Como os cursos que fiz são bons também, tanto antes de entrar no serviço como babá e durante. Na escola das meninas abriu um curso de babá. Foi legal também! Aprendi. Ensina como lidar com as meninas no dia a dia, com a situação da criança, com a família, com os empregados da casa, mais outras coisas. Como todos os cursos.

E acho que vou levar essa experiência toda para outro emprego, é mais experiência. Lidar com patrão; agora eu já sei, com outro patrão, agora eu já sei como lidar mais. Como conversar. Procurar não errar, porque no primeiro emprego a gente é mais... E o que a gente faz errado procura não fazer no outro, sempre é um aprendizado.

E pra minha família, não levo muito, porque eu não sou muito, assim, com a família, entendeu?! Tem minha vó, tem os netos, só que cada um com sua vida. Então, não tem muito aquela coisa familiar, assim. Com minha vó, sim, eu converso tudo com ela. Só eu e ela; que eu não tenho com outros familiares. Mas minha relação com ela é boa, a gente conversa! É uma pessoa que tem o mesmo jeito que eu, a gente se dá bem. E não tem nenhum problema.

E pra namoro, eu sou uma pessoa muito tímida, fechada. Então, eu não sei. Eu nunca tive um relacionamento. Nem tenho tempo! Mais por ser tímida. Eu não sou uma pessoa muito comunicativa. Sou mais, assim, fechada. (risos) E ser babá ajudou um pouco! Porque, no começo, eu era bastante tímida. Pelo fato de procurar emprego, ter que trabalhar, eu fui aprendendo a falar mais. Ser babá me ajudou bastante na parte da timidez. Antes, eu era muito tímida, não conversava com ninguém.

T: E o que é a babá para uma criança, o que é a babá na vida de uma criança?

PA: Eu acho que é, tipo assim, a segunda mãe. Ainda mais se a criança foi, só teve uma babá, sempre foi aquela; acho que a criança vai ver como uma segunda mãe. Pelo menos aconteceu muito isso comigo lá com a menina. A mais velha sempre me defendia. Até, quando vem familiares dela, eu tenho que estar perto.

Aí, quando chega perto do final de semana que é minha folga, já fica preocupada se eu vou folgar ou não. E, às vezes, não quer ficar com o pai e a mãe. Aí, eu falo que ela tem que ficar com o pai e a mãe, eu estou aqui, mas é com sua mãe que você

passa e fica. Aí eu digo: 'você tem que ficar um pouco com seu pai e com sua mãe. Eu vou descansar um pouco. Aí ela entende.

Então, é chato, porque, às vezes tem umas fases que assim que era muito pra cima de mim. Aí era chato pra mãe, porque a mãe vai ficar, acaba tendo um pouco de ciúmes. Isso era meio chato. Porque é gostoso pelo carinho da criança. Mas é desagradável por causa da mãe, porque a gente não sabia qual vai ser a reação da mãe. A gente percebia que a mãe tava com ciúmes. Então, era também desagradável. E com a família também, às vezes, quando vai a família lá. Quando a avó vai, as meninas só querem ficar comigo. Aí é chato, porque a avó fica com ciúmes também. Isso aconteceu mais, quando eram mais novas.

Mas tem que estar ali, presente, porque tudo é você. Você tem que estar sempre do lado delas. Não importa se estão com o pai, ou com a família, tem que estar ali perto delas. Na cabeça da criança, você estando ali, pra elas, também é importante. No começo, eu ficava junto. Aos poucos eu fui saindo. Agora é que elas pararam um pouco. Elas pediam pra eu ficar, no início. Mas, aos pouquinhos, eu ia saindo, deixando com a família, e elas nem percebiam... E ficavam com eles...

E com outras crianças elas não tinham, como elas não têm primos aqui em São Paulo, então, são só as duas, as duas únicas crianças. Então a babá acaba sendo tudo. A gente vive na vida da criança todo o tempo! Então, a gente tem que ficar do lado, do lado. Quando vêm as colegas de escola pra brincar, tem que ficar junto, ficar com elas. A babá acaba sendo companhia pra elas. Por isso que, às vezes, quando elas ficam sem, não sabem desgrudar.

A mais nova que está com um problema assim. Não quer ficar sozinha, tem ter sempre alguém perto. Até a mãe falou pra deixar ela um pouco sozinha. Aí fica muito dependente, ela está muito dependente e não pode ser assim. Eu enxergo assim, que a criança tem que aprender a ser independente. Eu acho que não atrapalha, mas você tem que deixar a criança um pouco sozinha, pra aprender a ser independente, não ficar tão dependente, porque isso é ruim pra ela. Porque nem sempre ela vai ter a pessoa do lado dela. Então, acho que tem que ser razoável.

Acho, assim, que a babá tem que um pouco educar, um pouco ter paciência, um pouco de cada coisa que os pais fazem! Acho que mais de mãe, porque o pai trabalha. Acho que é mais de mãe. E coisas de pai é ficar junto, fazer companhia, o tempo que tem brincar com a criança, ficar junto com o filho. Dá atenção. Com o tempo que ele tem, dar atenção. Porque no dia a dia mesmo, que fica vendo as coisas erradas, quem vê mais, é a mãe, não tanto o pai. Então, é mais fácil a mãe corrigir a criança do que o próprio pai. Não que o pai seja livre. Não, não é isso! Mas acho que no educar a mãe está mais presente, então, ela sabe melhor o que fazer. Porque o pai tem que dar atenção. Mas ele tem que corrigir também. Nos fins de semana, que ele fica mais com elas, ele corrige também! Ele não vai baixar a orelha, a cabeça pra filha! Acho até que ele corrige mais do que a própria mãe! Mesmo estando longe. Se ele estivesse todos os dias ali, acho que a mais velha ia estar um pouco diferente. E pra falar comigo ele não fala. A mãe que fala mais comigo. Se ele fala, fala pra ela e ela me fala.

E também a parte de brincar com elas. E brincar é brincar! Virar criança que nem elas! Jogar futebol; fazer as coisas que elas estão fazendo, no mundo delas. Ah, isso é bom, porque a gente volta a ser, tem uma nova infância, vive um pouco de volta a infância! Porque a gente volta a ser criança! Volta à infância! E também porque distrai, sai daquela coisa só de adulto, de todos os dias. A gente está ali, se distrai, você se diverte e se distrai ao mesmo tempo! E pro adulto, porque quando a gente é adulto não vive mais vida de criança, a gente não vive mais isso, a nossa vida é daqui pra frente! E quando você tem a oportunidade de ficar com a criança você lembra o que foi sua vida no passado, traz um pouco de divertimento pra nossa vida. O dia a dia do adulto é correria, é vida estressada. Você não pára pra pensar um pouco em você, se divertir um pouco. Então, isso vem muito.

T: Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?

PA: Ser babá é bom, e tem que ficar ali porque gosta, e não por causa de dinheiro! Tem que ter muita paciência. Porque a nossa vida; ainda mais quem folga de quinzena, porque a nossa vida é viver em torno da vida deles. É ficar todo o dia com eles. Pra você, só são as suas folgas. Como eu sou sozinha, eu não tenho... Pra quem é casado, tem namorado, é ruim a vida assim. É ruim pra quem tem compromisso. Aí, se sente preso, porque passa a vida em torno deles. Mas, pra mim, tá bom! Porque te prende muito, você não tem tempo pra você! Fora a folga, está sempre trabalhando direto. Eu vou ser bem sincera, se for uma pessoa, assim, até pra namorar na folga de quinzena, eu acho que isso não funciona! Porque nenhuma babá vai aceitar! Então, é uma vida assim, que você tem que se dedicar àquilo! É difícil investir na vida pessoal. Mas não é uma vida difícil! É mais ou menos. E, meu ponto de vista, se eu tivesse namorado, e só folgasse de quinzena, já não sei se me sentiria bem! Eu ficaria presa no serviço, tendo um relacionamento. Acho que nem existe, acho que nem tem gente que namora só de quinzena! Quem trabalha de quinzena, acho que não. A gente vê casos, que é casada e folga de quinzena, mas é difícil! Mas eu falo, a vida precisa fazer sacrifício, mas é difícil! Elas falam que, pelo fato de estar precisando trabalhar, tem que aguentar, ter paciência, porque tem que sustentar a casa.

ENTREVISTA PB

T: Com quem você mora?

PB: Eu moro numa casa só minha. Moro num quintal, mas cada um tem sua casa. Moram eu, minha irmã e meu filho.

Jornada de Trabalho

PB: Trabalho 05 dias na semana, não durmo no trabalho. A carga-horária é, em média, de 11h por dia.

E, a mesma rotina que eu tenho aqui, eu tenho em casa também. Então, minha rotina é essa, eu tenho duas casas pra limpar. E também cuido do meu filho. Por isso que eu falo que eu canso muito, entendeu?! Eu entro aqui 07h30m. Saio daqui mais ou menos umas 19h. Chego em casa tarde, 21h30m/22h. Vou dormir tarde, 0h/1h, acordo no outro dia 04h30m para vir pra cá. Tem que ter pique, né?!

E meu salário não chega nem a R\$1000,00, ainda! Por enquanto, né! Porque eu sei da situação dela. Se ela pudesse, ela me dava mais. Mas, como eu sei que eles não podem. Mas, mesmo o pouco que eu ganho, eu sou muito feliz aqui, ainda! O pouco que eu ganho, mas eu sou muito feliz!

T: Quais são as principais tarefas que você realiza no seu trabalho?

PB: É a menina. Ficar “24h horas” atrás dela, ficar mais ela. Isso eu acho que ela precisa mais. A parte dela é ficar com ela, levar nos lugares, no parque, pra fazer os esportes dela, natação e ballet, brincar; descer, brincar com ela lá embaixo, ir para a piscina. Essas são as principais partes de fazer mais com ela.

T: Você também cuida da casa. Então, quando alguém te pergunta ‘qual que é sua profissão’, o que você diz?

PB: Aí eu repondo qual dos dois você quer, porque eu sou babá e doméstica. Aí, uns escolhem babá, outros escolhem doméstica. Porque não é um nome, são dois. Fica a critério deles, né?! Eu só respondo segundo o fato.

T: E como que é isso na sua rotina, fica bem clara essa diferença?

PB: Ah, amiga, é cansativo, viu! Porque assim, ficar com a criança exige mais do que ficar com a casa. E a gente que faz as duas coisas ao mesmo tempo. Até falei para minha patroa: eu não estou aguentando mais, porque cansa muito! Você ter o serviço de uma casa e ter que cuidar da criança. Sair com ela, volta, vai parque, vai natação, vai para ballet. Chega uma hora que você não agüenta mais. Mas eu gosto daqui, gosto de fazer as minhas coisas. Isso eu não nego, gosto! Mas é cansativo! Ou você escolhe uma

profissão, ou duas você não consegue! É muito, muito, muito cansativo mesmo! Se eu sair daqui, eu vou escolher ou um ou outro! Se eu arrumasse outro serviço, dormir também eu não queria mais porque tenho um filho. Eu já dormi muito. Desde que o meu filho nasceu eu dormia também. Aí eu falei: 'agora não dá mais meu filho tá crescendo e eu não estou vendo!' Foi aí que uma amiga minha falou da minha patroa. Aí eu estou com ela até hoje! E duas profissões não dá mais não! Porque é muito, muito, muito cansaço. As meninas que vão comigo lá na pracinha, muitas só têm uma profissão. Mas a minha patroa não tem condições de pagar duas pessoas. Porque eu sei que se ela tivesse, tinha outra aqui, mas eu sei que ela não tem. Então, fica só eu mesmo!

Aí o que eu faço, fico mais a critério dela, da menina, do que da casa. Se dá pra limpar bem, eu limpo; se não dá, limpo meio por cima. Fui eu que falei isso com a mãe dela, porque estou aqui desde que ela estava de resguardo. Aí eu falei, meu critério é ela, a menina! Se ela chegar aqui e encontrar a casa bagunçada, não vai brigar comigo, porque sabe que eu tenho a menina para olhar. Porque criança dessa idade é que tem que olhar mesmo. Tenho que ficar atenta! Porque se ela fica atrás de mim, eu posso machucar. Então, é isso que eu falo, o critério que eu tenho é ela! Porque ela não estuda ainda, faz ballet e natação. Só o que ela faz. Então, assim, eu tenho que ficar bastante com ela.

T: E, você disse que já teve experiência em que dormia na casa...

PB: Ah, eu dormia, naquela época era muito bom, porque meus patrões me tratavam muito bem, eu dormia muito bem. Porque tem pessoas que exploram você, tem umas que tem que dormir com a criança, que a patroa não dorme, então se a criança acordar no meio da noite você tem que ir olhar e não tem que chamar a patroa. Então, tem umas babás que cansam mais, que tem que dormir com a criança. Eu, quando eu trabalhava, eu não dormia com eles. Se eles acordavam à noite, quem ia lá era os pais deles. Então, por isso que eu falo, nos lugares que eu trabalhei nunca tive esses problemas. E aqui também. Se a gente vai para a praia, na tia dela, e ela está com a mãe dela, a mãe dela não me chama, não precisa me chamar pra fazer mamá, nada! Nem pra dormir não precisava, era os pais dela que colocavam pra dormir. Eles falavam 'você já cuidou dela o dia inteiro, agora quem vai cuidar somos nós'. E eu podia fazer o que eu quisesse: ver novela, sair, aí já era particular meu. No lugar onde eu dormia, eu trabalhava, não tinha esse problema. Não teve esse problema.

E aqui também é bom. Depois que ela chega, eu não preciso mais ficar, posso ir embora. Aí, tudo já é com a mãe dela ou com o pai, com quem chegar primeiro. Não preciso esperar os dois chegarem, quem chegar primeiro eu posso ir embora. Mas isso do horário de sair, depende, né?! Às vezes, ela tem compromisso, tem rodízio. Aí eu tenho que esperar alguém chegar pra ficar com ela. Porque ela não tem parente aqui (São Paulo). Então, tanto ela depende de mim como eu dependo dela! Então é assim, ela só vai trabalhar quando eu chegar, eu só vou embora quando um dos dois chegarem. Porque o pai dela sai cedo e chega só à noite. Então, nós duas dependemos uma da outra! Se eu chego tarde, ela vai trabalhar tarde; se ela chega tarde, eu vou embora tarde. Aqui dependem um do outro. Assim que é nossa rotina aqui. Aí tudo dá certo, desse jeitinho tudo dá certo! Aí eu nem brigo, porque já é combinado, já. Desde há dois anos é esse combinado, porque é o dia que ela tem rodízio. Essa é minha rotina aqui. Se eu falasse que é fácil demais eu estaria mentindo! Todos os dias que eu tenho, a rotina é a mesma.

T: E, que tipo de roupa você usa para trabalhar?

PB: Só uniforme branco. Primeiro eu não tinha uniforme. Aí, fomos pra praça, vi aquelas meninas todas de branco e pensei por que vou ser diferente delas? Não sou melhor, nem pior do que elas! Então, pedi pra minha patroa me comprar o uniforme. Aí eu uso. Desde que eu trabalho aqui não preciso usar uniforme. Comecei há uns quatro ou cinco meses. Porque eu ia lá e um dia perguntaram 'é sua filha?' Aí eu pensei, acho que estou ouvindo demais, né? Aí eu falei: 'não, sou a babá dela!' Tem gente que pergunta se ela é minha

filha, porque tem gente negra que adota criança branca, né?! Aí eu falei para minha patroa, me compra um uniforme branco, porque não está dando certo!

T: Por que você escolheu ser babá?

PB: Porque eu adoro criança! Mas eu adoro muito crianças! Eu tenho o dom, sabe, de ficar com as crianças. Ainda mais essa daí! Essa daí tem um carinho por mim! Eu me apeguei muito a ela, desde pequenininha eu estou com ela. É por isso que eu falo que eu prefiro ser babá. Ser doméstica tem horas que me cansa mais. Tipo assim, quando a criança dorme a babá pode descansar também. E doméstica você fica ali o dia inteiro. E outra, babá dorme, descansa mais ainda. Eu não durmo, vou embora todo dia, daí eu canso mais ainda, ir embora, pegar o ônibus cheio, cansada; isso cansa mais ainda. Queria ser mais babá do que doméstica. E, só por isso mesmo, porque eu gosto, tenho muito carinho por crianças mesmo. Porque desde que eu comecei a trabalhar, sempre tinha uma criança no meio.

T: Como que é ser babá?

PB: Ah, é muito bom, pra quem gosta, pra quem gosta mesmo! É bom!

Porque assim, tem muitas que pegam pra ser babá, porque não tem outro serviço. Tem gente que não gosta de criança, mas pegam o serviço porque precisam do dinheiro. E pra dormir, ninguém gosta de dormir, porque é muito ruim dormir. Não gostam, porque umas vão embora de quinze em quinze dias. Então, muitas preferem ir e voltar. Por isso que eu falo, babá não é fácil assim. Mas eu não, eu já gosto, é por gostar. Eu, de doméstica ou de babá, o que vim eu já tenho o costume!

T: O que você mais gosta de fazer no dia a dia de babá?

PB: Olhar ela. Ficar com ela. Ah, a gente brinca o dia inteiro. Aí, a gente faz 'cosquinha' nela, fica pra lá e pra cá. Nós brincamos, cantamos, dançamos. Às vezes, fico desenhando com ela e esqueço de fazer as coisas. Como agora, já é quase cinco horas; às vezes, fico o maior tempão com ela. Mas o que eu gosto mais mesmo: é dela! É ficar com ela. E também brincar muito, porque como eu falei, ela não tem irmão, não tem ninguém. Então, só tem eu. Então, tem que dar, tem que brincar muito com ela. Aí que eu falo isso, é só dela. Mas o que eu gosto mesmo é ficar perto dela, dela mesmo, só dela!

T: O que você não gosta de fazer?

PB: Passar roupa. Pra mim, o pior que tem é passar roupa. Porque é muita roupa. Aqui é roupa que 'nossa senhora'! Eu espero juntar um pouco pra passar tudo de uma vez, porque é muita. Qualquer lugar que eu fui era roupa mesmo. Me dá qualquer coisa pra fazer, menos passar roupa. E da rotina com ela não é que eu não goste! É como eu falo: por ela eu faço tudo! Mas é como eu falo: sair daqui, levar ela lá na praça, voltar, e ainda fazer as coisas, cansa! É a parte que eu não gosto muito porque te sobra 'uma ladeirinha' (um pouquinho). É coisa de meia hora. Então, vem pra cá, já cansou muito, não sobra muito. Então, essa parte eu não gosto, de levar ela lá em cima na pracinha e voltar. A gente vai para a pracinha, brinca, fica lá o maior tempão, chega aqui tem que fazer mais coisas; sei que tal hora eu preciso levar ela lá em cima. Só de lembrar dessa ladeira, já dá até tédio! Não por ela, pelo caminho! Porque eu já faço muita coisa dentro de casa. Na hora que ela dorme, é que eu faço as coisas da casa. Porque quando ela está acordada, dá; mas não pra fazer tudo.

T: O que é mais difícil em ser babá?

PB: Olha, menina! O complicado de a gente ser babá é a gente brigar com eles e os pais não gostarem. Que nem, tem uma menina na praça que é complicado, a menina que ela cuida tem uns cinco anos e bate na cara da babá e a babá não pode falar nada. Isso é uma coisa que eu não gosto! Se ela me bate, bater eu não bato, mas falo pra mãe dela e a mãe dela briga com ela. Aí é certo! Se um dia ela me bater, eu falar pra mãe dela e ela não fazer nada; no outro dia eu vou embora. Eu ia pegar e ir embora, porque eu não admito! Porque pra mim é assim, não pode deixar aumentar. Então, pra evitar, porque eu não posso bater nela, eu prefiro ir embora. Eu já faço assim. Porque eu não estou aqui pra ficarem me batendo. Do mesmo jeito que eu não bato nela, ela tem que me respeitar também. Eu respeito ela; primeiro por ser criança; mas tem que me respeitar também.

Mas como eu falo: muitas crianças judiam de babá! Muitos pais vêm e não ligam. Mas aqui não. Se ela faz algo de errado, eu brigo com ela, ponho de castigo. Por quê? Porque eu converso com a mãe dela e posso fazer isso. Onde nós estivermos! Se ela faz coisa feia, eu brigo com ela, mesmo! Porque a mãe dela falou 'pode brigar'. Então, aqui, eu já gosto, porque eles me dão liberdade pra fazer isso. Se ela faz coisa errada, eu posso brigar. Eu fico com ela o dia inteiro. Onde tiver, eu tenho que dar educação; então eu dou! Eu acho que a babá não está ali pra ficar apanhando de criança.

Mas tem muitas mesmo. Muitas que me contam. Como tem também criança mal educada, que se joga no chão e a mãe dá risada. Eu não acho isso bonito. Se a gente é babá é pra dar educação. Porque como babá, é como uma segunda mãe pra criança. Porque os pais não estão em casa, então somos como uma segunda mãe deles pra dar educação. Aqui não, aqui com essa menina eu não tenho isso. Quando ela faz coisa errada, eu brigo com ela, ponho de castigo. Mas chegar a bater, isso já não é minha parte particular, não. Eu já acho que se tiver que bater, tem que ser os pais dela mesmo. Mas, se ela faz coisa errada que eu vejo, eu falo pra mãe dela 'ó, ela fez isso, isso e isso!'. Aí, a mãe dela vai lá e briga com ela. Isso é o que eu acho certo. Essa parte eu já gosto daqui. A mãe dela, não estando em casa, ela quer a filha dela educada. Dessa parte eu gosto dela. Por isso que eu falo: lá no parque eu vejo muitas babás reclamando, que patroa é isso, patroa é aquilo. E elas perguntam 'e a sua?'; eu falo 'da minha eu não posso falar nada!' Porque a minha é muito boa! Então dela eu não tenho que falar nada; tanto dela quanto do pai dela, como a tia dela, toda a família dela que eu conheço, me tratam muito bem!

Eu converso muito com a minha patroa, falo se a menina passou do limite. Com qualquer um, se ela bater, em qualquer pessoa, em adulto. Porque criança com criança deixo ela se resolver. Ela vai para o parque, se alguém bate nela eu não me meto, um bate no outro, eu deixo ela se resolver. Que nem, tinha uma menina que bateu na minha menina e a babá não fez nada, daí eu fui lá e reclamei e disse 'você não vai bater na minha menina, se você não tem babá, ela tem!'. Eu fico olhando, se ela bater e o outro bater, eu fico olhando, deixo ela se resolver. Agora se eu vejo outra pessoa batendo e ela não fez nada, aí eu vou em cima! Aí eu vou brigar.

T: O que agrega para a sua vida, ser babá?

PB: Ah, a gente leva muita alegria, muita alegria! Às vezes, eu não quero ir, quero ficar. Mas eu tenho um filho também, não posso. É como eu falo: só de ficar aqui com ela, pra mim já é uma alegria! Às vezes, eu vou embora e ela fala 'não vai!'. Dá até dó. Aí eu falo, eu tenho meu filho. É o que eu falo: o que eu mais gosto daqui é ela! Porque ela está aqui, ela me tem. Ah, a gente aprende muito. Muita coisa. Tem coisas que você não sabe, e você aprende mais ainda. Porque, como eu falo, quando eu fui babá, eu não fiz nenhum curso. E tudo eu fui aprendendo com as patroas, de pouquinho em pouquinho, porque eu não tinha filhos.

Depois que eu tive meu filho, eu já sabia, porque eu já era babá. Então, você ser babá, você aprende muita coisa, muito em relação à criança. Você aprende assim; você não é médico, mas aprende a ver como está a temperatura, os remédios que dão, o que a criança tem. É o que eu falo: ser babá é bom porque aprende muito. Me ajudou muito quando eu tive meu filho. Porque eu falo: a mãe de primeira viagem, a mãe não sabe de nada. Então, como eu trabalhei oito anos com criança 24h, então eu sabia como cuidar de criança, eu sabia trocar fraldas, eu sabia o leite, já sabia um monte de coisas. Quando a criança tá quietinha pode saber que alguma coisa a criança tem. Então, são coisas que a gente já sabe! São coisas que você aprende rápido. Ser babá só aprende quem quer, quem não quer não aprende. Mas ser babá é ser isso mesmo! Aprende muito, muito mesmo.

T: E o que é a babá para uma criança, o que é a babá na vida de uma criança?

PB: Tem criança que não sabe falar. Mas outras dizem que gostam da babá porque a babá brinca, dá carinho. Dela eu não sei, porque ela não sabe falar direito ainda. Ela não me chama de babá, me chama por apelido. Não tem jeito de me chamar de babá, é pelo

apelido mesmo. Então, pra eles, acho que é carinho mesmo. É como se fosse carinho de mãe. É carinho, mesmo!

É como eu falo: é a segunda mãe. Porque a mãe não está perto dela, quem está sou eu. Então, a gente que é babá, quando vai embora do serviço, sente falta deles. Você pega carinho. Carinho, quando pega desde pequeno. Porque muitos que já são grandes, não respeitam a babá, não respeitam, são mal criados não têm educação.

Como eu falo, pra ser babá, tem que pegar a criança de pequena. Gosto de pegar pequena, porque vai crescer e tem que me respeitar. Então, dela eu não falo porque ela não entende ainda. Que nem, ela acorda de manhã e chama primeiro a mãe dela. Mas abriu o quarto, ela não viu a mãe dela, ela já sabe que a mãe dela foi trabalhar e que agora quem está aqui sou eu. Então, aqui é o dia inteiro ela me chamando, porque já sabe que sou eu que estou aqui com ela. Essa parte ela já entende. A mãe não está, então nós somos como mãe deles. A gente dá carinho, dá amor. O que a mãe não pode dar porque está trabalhando, a gente dá isso pra eles. Até pra não ficar triste num canto, chorando pela mãe. Só quando a mãe chega, a mãe cuida. Quando ela chega, eu vou embora.

Agora, com o pai dela já não é muito, né?! Quando eu falo que vou embora, ela já não quer ficar com ele. É porque assim, o pai dela trabalha muito, ele cuida dela pouca coisa, a mãe cuida mais. Então ela não fica assim, não é porque ela não quer, é porque tem pouco tempo. Mas ela é boazinha, ela vê, fica com ele, brinca com ele também. Eu vou embora e depois passa. É só mesmo na hora de eu ir embora, depois passa. Ela vê ele pouquinho, porque ele viaja muito, fica menos com ela. Às vezes, ele chega e ela já está dormindo. É aquilo, pouca coisa com ela. Mas ela fica também com ele. É normal.

T: Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?

PB: Não.

ENTREVISTA PC

T: Com quem você mora?

PC: Com familiares, minha mãe, meu pai e um irmão. Eu falo que eu moro com eles. Mas, também falo que moro em outro lugar, onde eu trabalho, que onde eu fico mais tempo.

Jornada de Trabalho

PC: Trabalho 05 dias, de segunda a sexta, às vezes, quando ela precisa, eu fico no sábado. Mas é um pouco difícil, é mais raro, a gente negocia, ela me avisa. Como eu durmo e só vou embora no final de semana. Eu começo às 9h/10h e não tem horário para terminar porque, como eles não põem limites, um horário para elas dormirem, não têm aquele horário certo para dormir, todos os dias, aí, a hora que dormir está bom. Aí, eu vou descansar; é sempre 0h30m/1h. Então, são mais ou menos 12 horas por dia, às vezes é mais.

Eu sou registrada como empregada doméstica porque no começo foi para eu ser as duas coisas, porque seriam duas pessoas. Comecei como doméstica e também tinha que cuidar um pouquinho das meninas; como eram duas pessoas, a gente ficava revezando. Só que, aí, a outra moça não levava muito jeito. Aí, minha patroa disse que eu ia ficar sendo só babá e ela ia arrumar uma pessoa só para o serviço. Aí, eu concordei! E o registro ficou assim porque eles dizem que é indiferente, tudo é empregado doméstico! Mas eu queria mesmo que tivesse como babá, mas ela disse que isso não mudava nada, de babá pra doméstica. Mas eu queria, porque, hoje em dia, tem muito preconceito. Porque quando você fala que é empregada doméstica, sei lá! Aí tem gente que fica meio assim, porque trabalha em casa de família. Eu que acho assim, que tem gente que tem preconceito. Acho que isso acontece porque tem fazer tudo. Não sei direito o que dizer... Ah, porque você tem que fazer tudo, receber ordem. Tem casas,

como uma que eu trabalhei, tem casos que o patrão humilha bastante a empregada. Mais por isso mesmo! Por isso que eu fico meio assim. Mas deixa assim mesmo; ela disse que o importante é o que eu faço. Aí eu deixei assim mesmo! Deixei pra lá! Aí... No começo, eu ficava meio assim, quando perguntavam, pra responder eu ficava com um pouco de vergonha de responder. Aí, com o tempo, eu me acostumei. Não acho nada de errado. Acho que daria pra falar com ela sobre isso. Mas, como eu já havia dito, eu já me acostumei. Não me importa tanto. É um emprego, é uma profissão também, porque até pra ser empregada doméstica hoje em dia você tem que estudar. É um tipo de trabalho, é uma profissão. Acho que tudo é a mesma coisa, tem que ter estudo. Uma profissão tem mais estudo, mas pra tudo precisa ter estudo.

T: Quais são as principais tarefas que você realiza no seu trabalho?

PC: Escovar dente, lembrar de ir ao banheiro e levar, dar almoço. Tem também as brincadeiras. Eu brinco de casinha, de brinquedos. Também sempre faço, lavo, passo e organizo as roupinhas delas, mas não é todo dia. Levo para a escola, busco. E tem a janta, que também não é todo dia, porque jantam na escola; mas quando não almoçam direito, aí, eu dou janta. Porque também elas comem muita tranqueira. Eu tento cuidar da alimentação delas. Mas, quando os pais chegam antes delas jantarem, eu não consigo dar a janta para elas direito; porque começam a chamar a atenção dos pais, querem outras coisas, aí, eu não interfiro, deixo por conta deles. Aí, depois assistimos filminho, DVD, desenho na TV, toda noite, até dormir. Aí, antes vem a escovação, é isso!

E eu brinco mesmo sendo duas, porque eu acho que elas querem que eu sempre brinque como se fosse outra criança. E, por elas, a gente brincaria o dia inteiro. Mas, nem sempre eu estou a fim de brincar. Mas todo dia eu tenho que brincar de alguma coisa. Seja de boneca, de joguinho, de massinha, sempre brinco de alguma coisa. Eu gosto assim, de brincar de boneca, mais de boneca, de massinha, e de jogar bola. É o que eu mais gosto. Quando eu estou disposta até que eu brinco bastante. Mas aí tem dia que eu fico muito cansada e aí eu prefiro brincar daquelas coisas que a gente fica sentado; que eu possa ficar ali brincando sentada mesmo.

E à noite, quando os pais chegam, eu fico junto. Quando os pais chegam, quase sempre, elas mudam o comportamento. Chamam muito a atenção, mudam até o jeito de falar comigo ou com os pais, ficam mais manhosas, choram bastante, por qualquer coisa. Mesmo que você esteja falando uma coisa assim que não é de dar bronca, elas choram. Tipo assim, você está fazendo uma brincadeira, uma graça com elas, e elas choram, porque os pais chegaram. Isso é mais com a mãe. Com o pai não é tanto, já é mais assim de conversar. Então, eu sempre fico ali por perto. Se eles chegaram e eu ainda não dei a janta, elas começam a pedir coisas. Como, assim, eu vejo o horário para dar a janta; aí eu vejo que dá para esperar mais um tempinho, aí elas aproveitam para pegar coisas para comer, para pedir; mais para a mãe. Porque o pai, eu sempre falo para ele tal hora eu já vou dar a janta. Agora, quando a mãe chega, elas já pedem ou, às vezes, já vão lá e pegam. E é sempre besteira, doces. Aí, assim, eu acabo nem dando a janta. Aí, depois que elas comem o que pegaram, às vezes, quando a mãe vai jantar, ela dá colheradas da comida dela. E quando chegam, que eu já dei janta, eu sempre fico perto, sempre fico ali com elas. Se eu estou brincando, eu continuo brincando. Aí os pais vão, sei lá, tomar banho, jantar; às vezes, ficam ali também, por perto. Às vezes, participam também da brincadeira. Às vezes, eu fico sentada assistindo. E elas começam a fazer muita bagunça, pra chamar a atenção. Aí eu deixo quieto, deixo elas lá, fazendo o que querem. (*risos*) Só chamo a atenção delas se eu vejo que estão fazendo alguma coisa que vai machucar. Mas, do contrário, eu deixo elas fazerem a bagunça que elas quiserem.

Porque os pais estão em casa e eu prefiro, assim, que eles que tenham mais autoridade. Porque também eu fico meio sem jeito de ficar falando 'não faz isso; olha o que você está fazendo'... E elas brigam muito, às vezes, até se machucam. Aí eu não quero ficar toda hora chamando atenção. Às vezes, fico até pensando que a mãe dela não deve gostar, porque eu deixo elas à vontade, aprontar tudo, na hora em que querem.

Eu acho, assim, que ela deixa elas fazerem, pensando que eu vou agir, que elas estão fazendo alguma coisa e eu vou falar que não é para fazer. Talvez, ela deve ficar pensando, não sei! Mas dá dúvida, por isso, eu fico até meio sem jeito de reclamar, quando elas estão fazendo uma coisa que eu não acho certo.

Aí, eles chegam, eu fico lá um tempo ainda com elas; às vezes, eles chegam e já vão dormir, ou tomam banho e já ficam lá pelo quarto mesmo; aí eu já fico aqui na sala, continuo. Quando eu vejo que já foram dormir, aí eu ponho um pouco mais de limite. Agora, enquanto eu vejo que eles estão acordados, que podem fazer alguma coisa, reclamar, aí eu fico na minha, fico tranqüila.

E quando não é época de férias, elas vão numa escolinha infantil desde que elas tinham nem dois anos, elas já iam. Porque sempre que a gente saía, quando elas eram pequenininhas, que ia para algum lugar, elas sempre choravam muito, não queriam ir com ninguém, com os tios, padrinhos, nunca que queriam ir. Aí a mãe achou que elas, colocando elas na escolinha, elas iam brincar mais, e iam desapegar um pouco mais também. Por isso, que desde cedo ela já pôs na escolinha. Principalmente por isso, para ter um pouco mais de convivência com outras pessoas, para se acostumar. Elas vão todos os dias, da 13h às 17h. Nesse tempo, eu organizo as coisas, os brinquedos, o quarto, calçados, roupas; passo, lavo as roupas, lavo os calçados também.

Então, em época de escola, aí assim, como elas dormem muito tarde, para poder dar tempo de almoçar, sempre que eu acordo tem um horário para acordar elas. Porque se elas acordam muito tarde, atrapalha o horário do almoço, porque o que querem é tomar leite. Porque assim, já teve vezes que elas acordaram na hora do almoço, aí eu não queria dar o leite, porque se não, não iam almoçar; aí elas queriam muito tomar o leite; aí não; aí todos os dias eu vou acordar elas um pouco antes, para tomar o leite e dar um tempinho até o almoço. Para poder levar para escola. Aí eu levo, busco, dou banho, dou janta. Às vezes, a gente sai para algum lugar, com o pai.

T: E, que tipo de roupa você usa para trabalhar?

PC: Ah, eu uso normal, camiseta, legging, calça, blusa. Nunca falaram sobre a forma de eu me vestir. É normal. Lá no condomínio tem umas que se vestem de branco. Mas eu não.

T: E como que é ser babá?

PC: (*risos*) Eu acho que é gostoso, quando você gosta, né?! No caso como eu, que sempre gostei de criança. Eu gosto muito mesmo. E com gêmeas... No começo, eu gostei, porque gostava de criança e ia trabalhar logo com duas. É gostoso, mas também é trabalhoso. Não descanso muito, é uma correria.

E é gostoso você cuidar, e depois aquele carinho todo! Aí você vê pelo outro lado, também, o carinho delas com você. O apego. Às vezes até mais apegada do que com a própria mãe, com o próprio pai. É gostoso! E isso de ficar mais apegada é porque, como ficam mais comigo, ficam mais apegada. Eu até que gosto. Mas, por outro lado, eu preferia que fosse mais apegada aos pais. Porque é o certo. Ainda mais porque a mãe é um pouco ciumenta. Aí eu já fico, assim, sem jeito de estar fazendo alguma coisa que não está agradando ela. Porque, às vezes, querem fazer tudo comigo e a mãe tá lá, o pai tá lá, e elas não querem saber deles. Aí, às vezes, eu fico um pouco preocupada, até. Eu penso muito nisso. É bom, mas é um pouquinho ruim também. Como ela tem muito ciúmes. Na verdade, ela nunca falou pra mim que tem ciúmes de mim com elas. Eu é que percebo.

T: Como?

PC: Sabe que eu não sei! Ah, não sei dizer. A não ser quando ela está meio braba, quando elas querem muito uma coisa, tipo assim, querem muito tomar banho comigo; aí, às vezes, eu não quero tomar banho na hora que a criança quer, aí a criança insiste tanto a ponto de fazer birra, aí a mãe age de uma forma assim. Eu não sei se é ciúme, ou se é raiva; raiva não, se está chateada porque a criança está fazendo birra. Eu fico preocupada com isso (...)

T: O que você mais gosta de fazer no dia a dia de babá?

PC: Eu gosto muito é de assistir DVD porque assim, é uma forma de me distrair, me divertir, tem cada desenho engraçado! Eu dou muita risada! E também com a forma que elas têm de achar graça, gosto também de observar. Gosto quando elas querem pintar, desenhar, quando me pedem para desenhar alguma coisa, algum personagem, eu gosto! Eu invento! Até que fica parecido, às vezes.

E também gosto de organizar os brinquedos, o quarto, as roupinhas, porque muita bagunça no quarto não dá, acho meio chato bagunça toda hora. Assim que elas acordam, eu já gosto de estar arrumando o quartinho, deixando um espaço livre em que elas possam brincar.

E gosto também da hora do banho, gosto de dar o banhozinho, por roupinhas. Era mais quando elas eram novinhas, porque tinha um cheirinho, um cheirinho gostoso de limpinho, eu gostava de arrumar as coisinhas que elas iam usar, o perfuminho, o talquinho. Gostava de organizar, usar, depois guardar. Gostava de pôr a roupinha, era uma mais bonitinha do que a outra. *(risos)* E, agora, também, quando elas fazem muita bagunça, dá vontade de ver elas de novo pequeninhas, cheirosinhas! E também eu gosto de quando os pais chegam, que elas já estejam de banho tomado.

T: E essa coisa que você falou de pôr roupinhas, tem alguma coisa haver com brincar de boneca; você brincava quando era pequena? Eu pensei nisso agora, tem alguma coisa haver?

PC: Até que eu brinquei de casinha, de boneca, gostava de pôr roupinha. Lógico que eu não tinha o que elas têm. Hoje, as bonecas vêm até com fraldinha, um monte de coisas. As bonecas que eu tive, eu sempre gostava se enrolar na cobertinha, balançar, dar comidinha.

T: E isso que você falou, desses brinquedos, tem tanta coisa hoje, né?! Você gosta de brincar com isso também, dá uma coisa assim 'já que eu não tive, vou aproveitar'?

PC: Ah, dá sim! Acho legal, tem uns brinquedinhos interessantes. Eu sempre penso assim, nunca tive isso. E sempre que compram alguma coisa, um brinquedo novo, eu fico dizendo para elas 'vamos brincar com aquele brinquedo!'... *(risos)* Convido para brincar de boneca, de casinha e elas gostam! Porque é novidade para mim também, porque eu nunca tive na minha infância.

Eu também gosto muito de conversar, mas isso não tem muito haver com elas. Gosto de conversar com a mãe delas, porque ela também, assim, eu posso considerar muito amiga, porque ela sempre pergunta da minha vida particular. Eu gosto de falar porque não tenho quase amigos, uma amiga. Aí, a gente sempre conversa, sobre a minha vida, também sobre as meninas, sobre o que elas fazem ou sobre o que elas fizeram. Também sobre o que eu não gostei, aí eu pego e falo para ela. Tem dias que eu quero conversar com ela, mas como ela chega cansada, às vezes, um pouco fechada, aí eu não converso muito. Mas, assim, às vezes, quando ela pergunta, aí eu começo a conversar, eu vejo que ela não está cansada, e ela quer saber de alguma coisa, aí eu começo a conversar.

A única coisa que eu não gosto de falar é sobre dinheiro. Eu não costumo conversar muito com ela sobre salário, essas coisas, sobre que dia tem que ser. Eu fico, meio assim, sem jeito. Assim, quando eu preciso de alguma coisa eu peço para ela. Lógico que eu fico sem jeito, principalmente no começo, mas agora eu acostumei, a gente conversa bastante, se eu preciso, eu peço para ela, um adiantamento ou se ela pode comprar alguma coisa para mim na rua. É tranquilo, não fico, assim, tão sem jeito.

Eu teria e até tenho vontade de falar sobre salário. Mas acho que não tem jeito. *(risos)* Eu fico meio sem jeito de falar. (...) Porque muitas pessoas falam sobre salário de babá, aí, como eu cuido de duas e também durmo no emprego, aí, sempre falam que salário de babá, sempre ganha bem. Ainda mais aqui mais para o centro da cidade. Aí, eu sempre fiquei com isso na cabeça. Fico pensando, pois é, poxa vida, você pega um jornal e você vê 'ganha tanto para cuidar de uma criança'; aí você vê que não ganha nem isso para cuidar de duas. Na verdade, eu penso assim, uma pessoa ganha tanto pra

cuidar só de uma criança, e eu não chego nem ao valor que está lá para cuidar de uma criança e cuidar de duas. Aí eu fico meio assim, né. Tenho vontade de falar, mas fico pensando: são duas, fico pensando no meu salário, mas, às vezes, fico pensando, só por gostar delas, e também pelo jeito que eles me tratam, como se eu fosse da família, aí eu me conformo. Umás vezes até que eu fiquei comentando com ela, sobre salário, fiquei comentando sobre salário, a gente estava assistindo um programa de televisão, acho que evangélico, a gente estava falando alguma coisa sobre bênçãos, alguma coisa assim, aí eu fiquei falando para ela que se eu tivesse um salário, se eu ganhasse tanto, acho que era sobre dízimo, alguma coisa assim. Aí eu acho que ela até perguntou para mim, na época, e eu respondi 'se eu ganhasse tanto, eu acho que eu daria'. Mas ficou só nisso!

E, como eles são bons pra mim, sempre me ajudam quando eu preciso. Então, eu fico pensando nisso. Fico pensando, acho que eles me consideram se não, não fariam isso, né. Passeio, até! Comer. Eles viajam e me levam algumas vezes. Às vezes, também, se eu preciso, me levam na minha casa. Eles são bem bonzinhos, aí eu deixo pra lá! Mas sempre fico com isso na cabeça, poxa, poderia ganhar um pouco mais. Mas aí também eu fico pensando assim que lá eu me sinto muito bem... E fico pensando assim, se eu sáísse, para procurar outro emprego, eu fico preocupada porque eu poderia até ganhar mais, muito mais do que eu ganho, mas talvez eu não me daria muito bem no lugar, com as pessoas, patrão. Então, eu sempre penso nisso também. Como eu trabalho lá, eu me sinto muito bem, só o salário que... Aí eu fico pensando que sair e não me dar bem com as pessoas ou ter mais serviço, e não valer muito a pena. Porque até uma vez me falaram que me consideravam da família, que não tem essa porque é empregada você tem que ficar no seu canto. Eu vejo tudo isso também, né. Se eu fosse trabalhar numa outra casa como babá, sempre fico pensando nisso, como seria a forma deles me tratar. Pode ser que, por eu ser empregada, porque sou uma empregada, eu fico pensando se eles vão querer que eu fique só num canto, assim, quando eles chegarem. E lá não, é como se fosse, às vezes, me sinto como se fosse a minha casa mesmo.

T: O que você não gosta de fazer?

PC: Tem algumas vezes, tem vezes que à noite eu não queria. Às vezes, quando eu estou muito cansada, aí eu fico com elas, eu queria poder descansar. Só à noite, eu queria ir já para o meu quarto, ficar um pouco só e eu não posso. Como eles chegam e trabalham, têm que sair muito cedo, e elas não dormem cedo, aí eu tenho que ficar com elas. Só isso! Às vezes, eu não quero dormir tão tarde, aí eu tenho que acabar ficando até elas pegarem no sono. Eu queria ter um horário assim mesmo pra parar. Ou até mesmo para sair, fazer alguma coisa, mas não dá. Eu nem sei se poderia, por exemplo, ir para outro lugar. Mas se fosse era bom.

Eu tenho essa insatisfação, eu acho assim, porque é meio chato ter que ficar na casa dos outros, ter que ficar a semana inteira. Às vezes, eu fico assim chateada, queria poder estar em casa, sei lá, ter um trabalho, mesmo que fosse de babá, mas que eu pudesse ficar em casa, que eu pudesse fazer outras coisas, até mesmo estudar. Fazer algum curso, até mesmo à noite.

Porque eu vejo as pessoas, me falam que estão estudando, fazem isso ou aquilo. Aí me dá vontade de trocar também, sei lá, de ter uma profissão; de não ter que ficar dependendo dos outros. Porque eu dependo deles; por exemplo, pra ir pra minha natação. E, eu tenho vontade de estudar, de fazer uma faculdade. Mas eu gostaria de fazer alguma coisa, que não envolvesse com o público. Porque eu acho assim também, em não trabalhar com criança pelo resto da minha vida. Mas não tem nada certo. Mas eu ainda fico pensando muito, tentando escolher uma profissão. Porque tem que estudar muitos anos, fazer uma faculdade. Aí eu fico pensando no que poderia ser, o que eu queria fazer. E penso que depois talvez não seja aquilo que eu queria. Aí isso também me preocupa. Eu fico pensando nisso e também se vai ser muito trabalhoso, como é que é... aí eu fico pensando nisso. (...)

T: O que é mais difícil em ser babá?

PC: Eu acho que é a questão de ter uma autoridade, eu acho que é um pouco difícil, sabe?! Porque, às vezes, você tem que ter aquela calma, tem que assim, achar uma forma de poder convencer elas de fazer alguma coisa. O que eu acho mais difícil, às vezes, é a desobediência. Só isso!

E, eu acho que eles não têm muito isso de dar limites. Preferem deixar fazer. Na maioria das vezes, preferem deixar elas fazerem o que querem, só para não ter que chamar atenção, ou até mesmo para elas não pensarem 'poxa, minha mãe acabou de chegar e está me dando bronca'. Então, eu acho que eles não têm tanta autoridade. Mas eu acho que deveria ter. Porque se não, a criança cresce querendo dominar os pais. Querendo dominar até mesmo a própria babá, ou querendo dar ordens. Porque tipo assim, elas pedem uma coisa e você não dá, aí elas fazem birra. (*risos*) E difícil de explicar... Você conversa com elas e elas voltam querendo te dar ordens, daquele jeito que você tratou elas. Tipo, 'não faz isso que é feio', aí elas voltam e querem te dizer a mesma coisa. De brincadeira, isso acontece até durante a brincadeira mesmo. E, assim, às vezes, também, ela quer mandar, tipo 'faz isso agora!'.

Por isso que eu acho a autoridade um pouco mais difícil, porque tem coisas que eu fico meio sem jeito, quando fazem assim, quando os pais estão em casa, porque eu fico meio sem jeito; aí eu penso: ou eu ou eles vamos ter que fazer alguma coisa. Uma criança não pode dar ordens num adulto. Então, eu acho que é importante e meio difícil também. E os pais até falam, eles falam assim, 'oh, não pode fazer assim com a babá, é feio'; ou, às vezes, até mesmo elas falam alguma coisa e eu acho tão absurdo, que eu vejo que os pais não falam nada, aí eu mesma vou e reclamo, né.

Às vezes, eu estou cheia, cansada, elas fazem muita birra e eu estou um pouco cansada, eu vejo que é porque o pai ou a mãe estão em casa que elas estão fazendo assim. Aí, se eu vejo que eles não vão falar nada, e eu vejo que foi muito absurdo, aí eu mesma reclamo, porque é como se estivessem desrespeitando a babá. Aí ninguém fala nada! Acho que concordam.

Às vezes, eu até falo pra eles 'ela está fazendo isso, só porque você está aqui'. Às vezes, eu até que falo, mas tem coisas que eu não falo muito não. Daí eu fico meio assim, da mãe ficar achando que eu quero ensinar ela de como ser mãe, aí eu não falo. Às vezes, fico com aquilo para mim, fico chateada. Às vezes, passa logo, outras vezes eu fico uns dias chateada, não com elas, comigo mesma, assim. Tipo assim, eu guardo para mim só, eu não comento com elas ou com a mãe delas, e também não trato as crianças diferente por causa disso, do motivo. Fico chateada, mas procuro só fazer meu serviço.

E aí, às vezes, eles acabam fazendo a vontade da criança, como com as tranqueiras antes do jantar, como eu falei. Aí, eu fico um pouco chateada, né. Não falo nada, só saio para não ter que conversar, ou até mesmo, para não ter que ficar discutindo sobre isso na frente delas. Porque é que como se eu tivesse falando que eu estou tirando a autoridade deles ou que eles estão tirando a minha autoridade. Porque eu tinha falado uma coisa, e como fizeram birra acabaram fazendo a vontade. Aí isso aí, às vezes, é um pouco chato, né. É, daí, às vezes, eu fico pensando bastante... aí depois eu acabo esquecendo. Também eles não fazem assim tanto, né. Elas não fazem muito isso. Nem é sempre. Porque, quando o pai está em casa, é mais fácil. Mas quando é a mãe, porque parece, parece não, ela mesma já me disse, que tem ciúme das filhas dela. Aí, assim, acho que ela pensa: para as crianças não ficarem pensando que só a babá faz as vontades delas; aí ela acaba querendo fazer o gosto delas, para as crianças não ficarem com raiva dela, para não ficarem pensando que só a babá que faz os gostos.

E também tem vezes que a gente conversa sobre a educação delas. Com o pai eu sempre converso bastante com ele, converso bastante com ela. Ele é mais de conversar, ela é mais quieta. Converso também bastante com ele, sobre elas, ele pergunta. Às vezes, ele pergunta até mais do que ela. Até mesmo porque eu acho que ela está cansada, ou ela acha que eu estou cansada, e não quer falar. Ela não tem horário certo pra chegar, trabalha muito; já ele tem quase sempre o mesmo horário, então convive mais com as meninas.

T: O que agrega para a sua vida, ser babá?

PC: Ah... A forma assim que ela cuida, a paciência que ela tem, às vezes, com as meninas, o jeito dela eu acho legal, com a família em geral, comigo também. É isso. Eu acho meio difícil de responder, porque eu nunca tinha pensado nisso.

Mas eu sempre pensei assim, eu estou trabalhando, mas lógico, um dia vou ter um filho, né. Aí o que eu sei, o que eu sei até hoje, tudo o que eu faço, que eu aprendi, desde que elas eram bebezinhas, os cuidados. Eu sempre penso assim, quando eu tiver um filho, tudo o que eu fiz, que eu aprendi; tem consultas também, pediatras, e eu estou junto, elas sempre falam como tem que cuidar, fazer as coisas. Aí eu fico pensando que para mim é bom porque, quando eu tiver um filho, eu já vou saber como lidar com ele. Algumas coisas a mãe delas sempre me fala, ensina 'oh, faz assim'. A amamentação também. Eu acho que vai ser bom para mim quando eu tiver um filho. Tudo o que eu aprendi durante o período que estou trabalhando, acho que vai ser bom, para eu saber lidar quando tiver o meu próprio filho.

T: E o que é a babá para uma criança, o que é a babá na vida de uma criança?

PC: Ah, eu acho que é como se fosse uma segunda mãe. Porque na ausência dos pais elas recorrem a você, tudo o que acontece, tudo o que precisam. E eu acho que é estar sempre por perto, dar atenção, carinho, cuidado, estar sempre também pondo limites. Isso aí.

T: Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?

PC: Não.

T: E, o que você achou de conversar sobre o seu trabalho?

PC: Ah, eu achei bom! Gostei! É como se fosse um desabafo. (*risos*) Eu achei interessante, porque, às vezes, você está ali e quer conversar sobre alguma coisa e você acha que aquele não é o momento exato pra falar. Aí, eu acho que seria bom ter outras pessoas, outras babás, outra pessoa experiente também, pra conversar, pra poder ter uma experiência de outras babás ou de uma pessoa mais experiente. Pra tirar dúvidas e pra desabafar! Achei que foi bom conversar um pouco, sobre o que eu faço, sobre o que eu penso, achei que foi bom! Como, assim, às vezes, eu gosto de conversar, gosto de conversar com a mãe delas, ter um tempo. Mas, nem sempre a gente consegue, as meninas, às vezes, chamam muito a atenção, não dão espaço. Aí, eu acabo deixando pra lá, não é o momento exato! E eu queria poder conversar porque eu gosto muito da mãe delas, acho ela um pouco amiga, porque pergunta da minha vida, da minha família. Aí eu sempre gosto de conversar, às vezes, também, ela não tem tempo. Ou também ela tem que ficar com elas, conversar, brincar com elas, passar um tempo com elas. E eu tenho vontade de falar de outras coisas, às vezes, não só das meninas, mas outras coisas, quero conversar com ela e não dá; aí, e eu fico um pouco chateada, mas passa uns dias e depois passa. Porque eu passo mais tempo lá do que com minha família, e pra mim é como se fosse, eu vejo, né, ela como uma amiga, até mesmo como uma irmã. Mas, às vezes, não dá pra falar com ela, porque ela precisa dar atenção para as meninas. E eu, também, não quero tomar o tempo dela, aí, eu deixo, espero passar um tempo, ou quando dá, quando ela quer conversar, quando eu quero conversar, porque, às vezes, eu também não estou a fim de conversar.

ENTREVISTA PD

T: Com quem você mora?

PD: Com familiares: uma prima, uma tia e o marido. Porque eu moro com minha tia e o marido dela, minha prima vai de 15 em 15 dias, porque ela folga de 15 em 15. Então, eu e minha prima planejamos comprar um cantinho lá mesmo e ficar morando lá por perto, ter nossa privacidade. Eu tenho meu quarto e minha prima tem o dela, mas é um pouco diferente, a gente quer agora ver se ano que vem compra uma coisinha, mas que fique

perto da minha tia. E, quando me perguntam, eu digo que moro na casa da minha tia; ela sempre briga comigo e diz 'na nossa casa'.

Jornada de Trabalho

PD: Trabalho uma semana 05 dias, folgo sábado e domingo, e na outra semana 06 dias, folgando no domingo. Ao longo da semana, trabalho praticamente as 24h do dia, porque durmo no trabalho.

T: Quais são as principais tarefas que você realiza no seu trabalho?

PD: Com os dois é muita negociação, muito jogo de cintura, sempre trocando uma coisa pela outra. Segundo, o que faço mais é brincar, sou igual uma criança com eles, brinco muito. Assim, no início quando comecei cuidar deles eu que inventava as brincadeiras, mas o menino ele tem muita imaginação, então agora eu deixo ele inventar, eu digo: do que vamos brincar? Ai ele diz 'vamos brincar disso', aí eu acompanho. Então, ultimamente, estou deixando eles inventarem mais. Ela copia mais as coisas dele. Mas hoje eles estão tendo mais as próprias idéias. E brinco bastante com eles, muitas atividades, pintura, trabalho com jornal, tipo assim muita coisa, a gente inventa muita coisa, a churrasqueira lá do terraço virou o canto das atividades, parede, a churrasqueira cheia de coisas que a gente faz; e vamos jogando fora, às vezes, porque é muita coisa. E eu sou uma pessoa muito criativa, também. Ele propõe e eu ajudo a pôr em prática; faço alguma coisa quando eles não podem, como quando querem costurar alguma coisa e não tem a agulha para crianças, como um boneco que fizemos, enchemos de areia e depois fui costurando cada parte, cada dia eles pintaram uma coisa, um dia pintou as mãos, no outro pintou os pés. Tipo assim, ele dá início e eu tento de uma forma ou de outra o que ele quer pra satisfazer a vontade dele. Esses dias, fizemos um barco e levamos pra navegar na piscina. (risos) Agora que eles vão fazer cinco anos eu gosto muito que eles brinquem também com jogos pra estimular o raciocínio, ter estratégias, pra essas coisas que é bem legal.

E, também, eu corrijo muito eles. Tipo assim, quando eles falam palavras erradas, eu digo: 'Como é? Vamos aprender!'; aí, falo a palavra certa e eles repetem pra não esquecerem mais. É uma coisa que o pai deles faz bastante, também. Outra coisa, também, é que dou muita risada com eles!

E uma coisa que eu faço bastante é brigar com eles, pego no pé mesmo, tá errado, tá fazendo uma coisa feia, pego no pé, ponho de castigo. Os pais me dão total liberdade para eu agir da minha maneira, ponho e tiro do castigo, tiro coisas, ficam uma semana sem isso, uma semana sem aquilo, não tem bicho na cama, não tem história. Tipo assim são coisas que eu faço, mas com consentimento dos pais que falam pra eu fazer o melhor. Aí, quando faço comunico aos pais, explico por qual motivo, para que continuem com essa punição, com esse castiguinho e eles concordam. Quando coloco de castigo, deixo sempre os minutos dos anos que eles têm. Isso também porque as crianças obedecem mais a mim, não deveriam, mas como eu fico mais tempo, então, faz parte. Aí, eles vão pra mãe, a mãe é mais sentimental, como ela não fica muito tempo com os filhos ela não gosta de brigar, de puni-los, deixa pra mim; ela brinca mais, ela chega brinca com eles quando dá tempo, senta no chão, brinca com eles. Tipo assim, ela dá limites, mas não gosta de brigar. Mas eles são crianças ótimas, obedecem os comandos; se você falar que não é pra pegar, eles não pegam. Eu acho também que os pais educam muito bem os filhos, então, eu sigo o que eu vejo deles. Eles querem os filhos educados, que se comportem, que então eles me dão liberdade pra educar. Às vezes, eles tentam chamar os pais pra tirar do castigo, mas eles dizem foi ela quem botou, ela tira; ou eles tiram quando chega a hora de tirar. E você tem a total liberdade pra fazer com as crianças, não o que quiser, mas o que estiver dentro do estabelecido. E, a gente conversa bastante, tipo, quando eles acham que tem que melhorar na educação, dar um pouco mais de limites, eles me falam, aí, eu converso mais com as crianças sobre aquilo que eles falaram. E, eu também falo, comento o que estou percebendo. Mas é sempre assim, uma troca, nós três, eu, o pai e a mãe, vamos dar um jeitinho de mudar o que não tá bom, pra melhorar. Porque eles são os pais, então tudo o que eu faço é de

acordo com o que eles querem, do meu jeito, mas do jeito que eles querem. Se eles falam é assim, eu vou fazer do jeito que eles querem, mas do meu jeito.

E educar é duro; tipo, não é fácil você querer ensinar pra criança as palavrinhas mágicas, por exemplo, por favor, obrigado. Você morre falando e todo dia eles esquecem. Tem que criar o hábito neles. É diário, uma repetição de tudo sempre! Pra isso te que ter muita paciência, nessa profissão a primeira coisa é paciência. Eu digo que não é vocação, é paciência, porque se você é paciente tudo flui. Se você tem paciência de ouvir, de falar, de prestar atenção, de ver o jeito da criança, porque eles são duas crianças completamente diferentes, mesmo sendo gêmeos. Tem gostos diferentes, de menino e menina. Mas esse negócio de mesma idade facilita bastante, porque quando trabalha com crianças de idades diferentes, você tem que se desdobrar, porque cada ano é um ano, uma coisa diferente, o interesse. Tem gente que me pergunta se não acho ruim cuidar de gêmeos, eu acho uma maravilha, melhor que cuidar de um só. (...) A gente fala que é muita coisa, mas muita coisa mesmo é a outra que faz.

T: Que tipo de roupa que você usa pra trabalhar?

PD: Cor branca, o tipo camiseta, camisa pólo, short, leguing, calça jeans branca. Ela que falou que queria assim. Ela não se importa se usar avental, touca, sapato, se eu fico de chinelo ou descalça, mas a roupa é branca. E, eu nunca gostei de usar branco, mas não me importo, é o meu trabalho, eu tenho que seguir. Se ela falou que é branco é branco, se falar que é rosa é rosa. Não ligo não, é o meu trabalho.

T: E como que é ser babá?

PD: Eu particularmente gosto. Porque eu brinco; eles chegam da escola, eu dou almoço, depois vamos brincar, a gente corre, ligo o rádio e a gente dança. Porque eu não posso agir como adulto na hora que eu estou brincando com eles, eu tenho que brincar junto com eles. Tenho que agir como adulto, sim, na hora de falar coisas sérias com eles; eu sempre fico na mesma altura que eles, eu nunca paro em pé com eles, eu sempre sento ou levanto e coloco eles na cadeira, sempre olhando nos olhos deles. Porque criança, se você fala com a criança numa posição maior que ela, ela fica inferior, então, ela acha que você tem que mandar e ela obedecer; e não é assim; ela tem que entender que ela tá errada e que você tá tentando mostrar pra ela o caminho certo.

Eu adoro ser babá, eu gosto muito, todo mundo fala que o trabalho é cansativo e é mesmo, você tem que ficar ali vinte e quatro horas. Além de você ter as crianças, você também tem que ter boa estrutura com os pais, porque você mora na casa deles; você mora lá, mas a casa não é sua; você não pode se sentir a vontade, se sentir a vontade pode sentir, mas tem limites. Se sentir e não se sentir. Ser e não ser. Mas assim, eu gosto muito, muito mesmo. Gosto de viajar; às vezes, eles viajam e me levam, gosto de viajar, gosto de ver coisas diferentes

E, o mais difícil com os pais, não é tanto com a mãe, porque a gente conversa mais à noite e tal. Mas, o meu patrão, que trabalha em casa, ele repete muito as coisas, chega a ser chato! Fica dizendo como eu devo fazer as coisas; mas eu faço todos os dias, esse é meu trabalho, parece até que eu não sei fazer o meu trabalho; aí, eu fico chateada com isso, fico mesmo, não nego, fico de cara feia; aí, ele pergunta 'você tem alguma coisa?', eu respondo 'nada, eu não tenho nada'. Às vezes, eu quero responder, mas eu não respondo, me ponho no meu lugar, é filho dele, então beleza. Mas eu fico chateada.

T: Como assim se põe em seu lugar?

PD: Tipo assim, porque você tá ali, é o seu trabalho, também pra obedecer às ordens que o seu patrão exige de você. Mas o que me deixa chateada mesmo é ele ficar mandando eu fazer as coisas que sabe que eu faço bem feito. Porque eu não fico chateada se eu faço uma coisa mal feita e ele fala; procuro fazer melhor numa boa, porque a pessoa tá me ensinando a fazer melhor, ser uma pessoa melhor. Mas uma coisa que eu já sei, que é de costume diário, aí, me deixa muito chateada. Mas mesmo com isso, a gente tem uma conversa; ele brinca comigo. Apesar de que, quando precisa me falar alguma coisa que eu fiz errada, ele vai e fala pra ela vir me falar. Aí, fica estranho. Mas, tem dias que

eu mal vejo ele. Então, faz parte, eu sou uma pessoa super tranqüila, eu não sou de bater boca com patrão. Mas quando preciso falar alguma coisa, eu falo direto com ele, pergunto as coisas que tenho dúvida. Mas assim, as coisas mais elaboradas, essas coisas das crianças assim, eu prefiro conversar com ela; aí, ela passa pra ele e fica mais fácil, porque é mais difícil conversar com ele, eu até converso, mas não é tão abertamente como com ela, a conversa não flui tão bem.

T: Das atividades que você faz, o que você mais gosta?

PD: Brincar com eles. Adoro brincar. Eu me sinto bem. Eu não sou de ficar “guti-guti, fofinho”, com toda criança que vejo. Mas, quando eu estou ali brincando com eles... A maior alegria que eu tenho é que eles falem ‘vamos brincar!’. Eles me chamam porque sabem que eu brinco com eles, que eu me torno uma criança igual a eles. Então a gente brinca, a gente pula, a gente dá risadas; eles vem, me agarram, me derrubam, sobem em cima de mim... Eu gosto bastante. Fico chateada quando eles fazem coisa feia, quando eles desobedecem, aí, fecho a cara mesmo, não brinco e falo ‘hoje eu não vou brincar com vocês porque vocês fizeram isso, isso, e amanhã se vocês comportarem eu brinco, mas hoje eu não vou brincar’. De tudo é o que mais gosto, porque as outras coisas, é normal, tem tomar banho, tem; tem que dormir, tem; tem que comer, tem. Eu gostava muito de viajar, a gente viajava muito, adorava viajar, quando eles falavam ‘a gente vai viajar’, eu já arrumava minha mala, arrumava a da menina, e viajava, mas hoje em dia eu não gosto mais de viajar.

T: E, pensando de novo na sua rotina, o que você não gosta de fazer?

PD: O que eu não gosto? Assim, não é que eu não goste, mas assim, sei lá, eu não gosto de dormir com a babá, eu não gosto, porque tipo assim, a gente sempre fica na tensão, e gente não dorme aquele sono pesado, sempre fica na tensão da babá, se a babá tá funcionando, se estão chamando, aí eu durmo, eu assusto, sabe aquele sono pingado. Eu não gosto de dormir com a babá. No outro trabalho que eu tinha, eu não dormia com babá, a menina não precisava, porque o quarto da mãe era de frente, então, se ela chamasse, a mãe escutava e ia ver. Mas uma coisa que eu não gosto é dormir com a babá. Ela já falou sobre isso, que mais um tempo eles não vão mais precisar. Eles mesmos falam que não querem mais dormir com a babá, que não são mais bebês e tal. Mas a gente já teve uma conversa sobre dormir com a babá e mais pra frente não vou mais precisar dormir com a babá. Não é uma coisa, assim, que me incomode, mas tirando essa babá, nossa, seria perfeito! Porque, às vezes, dá interferência e eu escuto outro bebê chorando, aí, vou olhar pensando que são eles e não são. Outras vezes, ela desliga sozinha, aí, corro lá pra ver se estão respirando (risos), se está tudo bem; é muita responsabilidade. Nossa, lidar com criança, com filhos dos outros não é fácil!

T: E o que é mais difícil em ser babá?

PD: Eu acho, tirando a convivência, você tá ali morando numa casa que não é sua, você não tem vínculo nenhum, tipo assim, com os moradores, é o seu trabalho, você esta ali trabalhando, não é a liberdade que tem igual que teria na casa da minha tia. Você esta ali morando em uma casa, mas acaba que não tem a liberdade. Então, é difícil; às vezes, eu me policio ‘esse aqui é o seu trabalho, você não pode fazer isso’. Como quando vou tomar banho, tenho que levar tudo para o banheiro. Estou lá 24h, então, tenho que ficar atenta pra não perder o limite. Pra isso, eu procuro me organizar. Por exemplo, pra ir ver as crianças no quarto delas, quando estou com a babá, preciso passar pela sala onde eles estão vendo televisão. E é pior isso, porque é apartamento, se vou tomar água, eles sabem que estou na cozinha. Eles não fazem questionamento de nada, o que tem na casa você pode comer, o que você quiser pegar não precisa pedir, se você sentir vontade de comer, pode comer. Mas a questão é você não ter uma privacidade.

T: O que você acha que tem no seu trabalho que contribui para sua vida pessoal?

O que você leva do seu trabalho pra sua vida pessoal?

PD: Ah, é assim. Antes, quando eu viajava, eu gostava muito das viagens, de conhecer lugares diferentes, então eu me enriquecia mais, conhecia pessoas diferentes, ambientes diferentes, culturas diferentes. E, também, ambientes, eles gostam de sair, vão pra

restaurantes. Imagina que eu ia poder ir no restaurante durante a semana. Às vezes, eu vou e está cheio de talheres e eu fico perdida, aí, olho pra eles e vejo eles comendo e faço a mesma coisa, primeiro um talher, depois outro, primeiro isso, depois aquilo. Vou olhando, quero ser uma pessoa melhor, uma pessoa mais educada, mais culta.

Meu patrão gosta muito de ler, lê uns 24 livros por ano, então ele me incentiva a ler, essa é a parte boa dele! Ele me empresta, pergunta se estou gostando, comenta o que ele achou quando leu aquele livro. Me incentiva pra fazer um curso que dê pra você conciliar com o trabalho. O vocabulário é diferente, não que meu vocabulário seja ruim, porque apesar de tudo eu escrevo super bem, mas, às vezes, tem uma palavra diferente, uma expressão diferente; e ele me ensina a usar corretamente determinadas palavras. E como ele lê muito, ele sabe muito, o vocabulário dele é bem extenso, ele sempre me fala bastante. Então, se eu pegar tudo isso e levar pra mim, eu só vou estar ganhando, eu não vou estar perdendo; freqüentar bons lugares, comer as mesmas comidas, conhecer pessoas diferentes. Não que eu estou me sentindo a convidada, porque eles falam que eu sou a convidada deles, mas estou é trabalhando, mas não vou perder a oportunidade de tirar proveito disso.

Até na convivência, porque ele sendo chato, ele me ensina a ser mais paciente, a relevar mais as coisas, a não levar a tudo a ferro e fogo. É o jeito dele, então, vamos relevar; aí, eu conto até dez e bola pra frente.

T: O que é a babá pra uma criança?

PD: Então, eu pergunto pras crianças isso, às vezes. Aí, eles falam que sou amiga, que sou a melhor amiga deles. Aí, eu falo pra eles 'sua melhor amiga tem que ser a sua mamãe e o seu melhor amigo tem que ser o seu papai', eu sempre falo isso, 'mamãe e papai em primeiro lugar'. Aí, eles dizem 'então você é a segunda!'. Eles gostam de mim, sentem falta; quando eu chego eles vem me receber. Quando eu não viajo, eles perguntam de mim. A menina é mais apegada e o menino é mais carinhoso. E eles entendem quando eu brigo, que é pro bem, que tem hora pra tudo, que eu preciso falar isso pra que eles cresçam e se formem pessoas de bem, pessoas com caráter, que eu estou ajudando os pais deles a educar eles, de uma forma ou de outra estou ajudando. E, aí, eles ficam felizes, falam que sou amiga deles, que gostam de mim.

E eu, acho que a babá é uma auxiliar dos pais, eu acho que a babá tá ali pra fazer o que os pais não têm tempo de fazer ou não querem fazer. Porque, tipo assim, minha patroa não tem tempo, mas ela gosta muito de cuidar dos filhos dela. Então, é isso, eu vejo assim, babá é uma pessoa que tá ali pra ajudar os pais a cuidar dos filhos e fazer aquilo que eles não querem fazer ou não tem tempo de fazer. Exatamente só se resume a isso.

T: Tem mais alguma coisa que você queira dizer sobre a profissão?

PD: Então, eu acho que assim que as babás, empregadas domésticas deveriam se unir mais, pra gente conquistar mais coisas. O direito que deveria ser dado pelo patrão, coisa de garantia pra gente, como o seguro desemprego, essas coisas; mas eu acho que tinha que se unir mais. Até que a gente ajuda uma a outra, indica trabalho. Eu falo mais dos direitos, pra melhorar um pouco mais. Porque os patrões falam como a gente, dizem que ganhamos um pouco a mais do salário dos outros funcionários, então fica muito caro pra eles e tal. Mas não é bem isso não. Acho que um dia a gente chega lá. Tem muita coisa pra conquistar ainda. Eu acho assim, criança com cinco anos e a babá ficar dormindo; tem babá que dorme com a criança no quarto, imagina que isso existe. Minha tia ficou onze anos dormindo de mão dada com a menina no quarto. Mas é, acho que sim. Como qualquer outra profissão tem que correr atrás mesmo. Tipo que eu falo correr atrás, mas é assim, eu nunca fui a nenhum sindicato, nem sei se isso existe pra correr atrás. Já vieram me convidar, mas tinha que dar 10% do salário, aí, não, não dou dinheiro pra ninguém, porque o suor sai do meu rosto. Mas nunca procurei não. Sei lá, ir lá no congresso, com os deputados, pra ajudar a gente (risos). Mesmo nós estando na lei dos empregados domésticos, porque de todos, a babá é que mais trabalha, principalmente babá que dorme com babá eletrônica. São 24h! Porque, tipo assim, cozinheira, copeiro,

tem o seu trabalho, mas vai pro seu quarto e dorme sossegado, o motorista dorme, vai pra sua casa. E a babá? A babá fica ali na casa com babá eletrônica, 24h com a criança. Então, eu acho que deveria ter várias mudanças; babá deveria, além da folga dela, deveria ter uma folga na semana, tipo assim, pra ela sair, mesmo que ela não fosse pra casa, pra ela sair, espairecer. Tipo assim, se você sai a noite, vai num shopping, vai comer alguma coisa com alguém, já muda o ambiente, já refresca a cabeça, já tem novas idéias. O empregado bem, trabalha bem melhor. Eu acho assim.

E babá é uma profissão boa, você não tem muito benefícios, você só tem ali suas férias, décimo terceiro, mas é boa. Mas eu aconselho a qualquer babá, não estacionar em casa nenhuma, tipo assim, não achar que ali é sua casa, eu nunca passo de quatro anos, mesmo que seja ótimo, maravilhoso. Acho que nessa profissão a experiência é variar, cuidar de crianças com idades diferentes, trabalhar com pessoas diferentes, e lidar, saber lidar com ser humano não é fácil, é difícil. Mas, mesmo conhecendo, sabendo lidar, eu prefiro arriscar, mudar.

Como eu, gosto muito desse em que estou, é demais! Mas não vou ficar mais de quatro anos, porque quero conhecer pessoas diferentes, viver com personalidades diferentes, ver se eu consigo me adaptar ao ambiente que eu trabalho. Financeiramente não muda nada se ficar muito ou pouco, então. Até tem patrão que dá uma gratificação e tal. Mas, vale a pena aprender mais. Porque, tipo assim, eu gosto de criança, mas eu trabalho porque eu preciso me manter, então, eu trabalho com criança, criança é uma pessoa totalmente delicada, uma jóia, que tem que abraçar, mas é assim, é o meu trabalho. Então tem gente que fala assim: eu trabalho por amor, mas no final do mês eu quero receber o meu salário. Não pode ser o vínculo que determina; porque eu posso ter uma relação depois que eu sair de lá, posso ir visitar, ligar e tal. É um trabalho como outro qualquer, eu não posso me apegar, porque as crianças não são meus filhos, a casa não é minha. Tem babá que confunde as coisas, são crianças, meus anjinhos, tudo bem, são meus anjinhos, mas não são seus filhos, por mais que você tem bom contato com a família. Tem patrão que diz que é praticamente da família, mentira!, você tem um deslize qualquer eles vão lá e te mandam embora, você acha. Tem muita gente que se ilude, eu não me iludo, é o meu trabalho, faço bem. Toda profissão, como você é médico, você é engenheiro, você é tal coisa, você tem que agir profissionalmente. E não tem crescimento, você é babá e não vai deixar de ser para ser uma coisa superior; o jeito de crescer é variar as experiências. Isso serve até pra quando você tenta negociar salário, folga, exigir as coisas; a pessoa vê a sua experiência, que você sabe o que ta falando, que tá exigindo porque é de direito. E é melhor até pra aumentar um pouco o salário, porque na mesma casa o aumento é mais devagar, é menor a cada ano, em comparação quando você muda de emprego. Então é isso, cada casa te dá uma coisa nova, te dá uma experiência. Tipo assim, quando eu for pra outra casa, sair dessa, não vou trabalhar dia de sábado, quando sair dessa casa, for pra outra, não vou querer mais dormir, vou querer ir pra casa todos os dias. Se você está no mesmo trabalho é difícil aceitarem a mudança. Agora, se você é uma pessoa mais velha, tipo, que tem muita senhora que trabalha de doméstica, que a carga do trabalho é boa, tá procurando se aposentar, aí fica mais. Mas a pessoa que é mais jovem, tem mais disponibilidade, tem vontade de mudar, crescer; a gente não vai crescer como babá, não dá pra crescer na profissão, mas você ganha experiência e isso faz diferença, a experiência de uma casa pra outra.

ENTREVISTA PE

T: Com quem você mora?

PE: Eu moro com familiares, duas sobrinhas, e com meu marido. Pra algumas coisas de banco, eu dou o endereço do trabalho, porque não confio na caixinha que tem lá em casa, do correio; e também porque lá em casa não ia ter ninguém pra receber, só por

isso, a casa fica fechada quando eu vou trabalhar. Mas, considero que moro na minha casa.

Até quero falar que fiquei dois anos no último emprego, saí faz menos de dois meses, porque dormia lá, e queria ir e voltar, pra dormir em casa. Porque minha casa eu estranho, até, nem tô conseguindo dormir direito de tanto que eu fiquei dormindo na casa dos outros. Saí pra tentar outro, porque quando a gente se acomoda, aí pronto, passa um ano, passa dois, se tudo tá bom, se tá legal, os anos passam rapidinho que você nem percebe, e eu não soube ficar pouco tempo nos lugares, assim, fiquei dez anos num trabalho, antes desse meu último. Mas, não vale a pena, né; quando você sai, você não tem direito a nada, quase nada. Vou ver se arrumo um que dê pra ir e pra voltar. Nem que eu precise mudar de ramo, né, paciência. Mas, não porque eu enjoei de cuidar de criança é por causa das possibilidades. Mas, aí vou falar sobre esse, que fiquei dois anos, com a menininha.

Jornada de Trabalho

PE: Trabalho de segunda a sexta, cinco dias na semana, mais de doze horas por dia, porque às 7h eu já tava pronta, esperando a menina. E, não tinha hora para parar, porque a mãe dela sempre chegava tarde; como eu dormia no trabalho, ela não tinha muita agonia pra chegar.

T: Quais são as principais tarefas que você realiza no seu trabalho?

PE: Tipo, eu limpava o quarto dela, eu lavava, passava as coisinhas dela, lavava mamadeira, essa coisas; fazia a comidinha dela. No início, quando ela era bebezinha, porque eu cuidei dela desde o comecinho, era sopa, depois, comidinha mesmo; comida de adulto, aí, eu fazia pra nós duas. Cuidava dela.

Também brincava, interagia com ela. Quando era bebê era diferente; quando a criança tá andando, é outra coisa, você pode correr com ela, cantar, brincar mesmo, de tudo. Mas, eu sou uma babá, não sei se é porque sou um pouco séria, mas eu não sei muito brincar com criança, eu não tenho muito jeito, eu até tento. Porque chega uma hora que você tem que fazer alguma coisa pra criança se distrair, ficar legal, conseguir relaxar durante o dia, porque fica um pouco sem os pais, né. Mas eu sinto que, tem pessoas que tem mais habilidade pra isso. Eu gostava era de descer com ela no play, ficar lá brincando, aí, mais de bola, de pique; e tinha outras crianças pra brincar com ela, com as outras babás, a gente ficava ali conversando e olhando as crianças ao mesmo tempo. Ou então levar no clube pra brincar com areia, com macinha, pintura, e, aí, tem a monitora pra fazer tudo isso e eu fico lá, sentada esperando. Como é quando levo na piscina, a babá não pode entrar, fica fora esperando a criança no portão, pra depois levar pra dar banho, essas coisas.

E no dia a dia a gente já acorda trabalhando, porque dorme ali; às vezes, tem uma roupa pra passar e você já passa enquanto a criança ainda tá dormindo. A criança acorda e você já fica com a criança, vai trocar fralda, vai dar mamadeira, essas coisas. Mesmo quando tá dormindo, ou está com outra pessoa da família, você vai adiantando as atividades, arrumando, lavando, limpando, porque o dia passa rápido e têm muita coisa pra fazer.

E, tipo assim, se a criança tá numa certa idade que tem atividades tipo, escola, ou natação, ou judô, ou balé; aí, é aquela correria e você fica só olhando no relógio. Porque a criança tem que comer, comem muito devagar ou não gosta muito de comer; na verdade, essa parte de comer é terrível, tem que fazer um carnaval pra criança comer. Mas aí você vai cronometrando tudo, e no final dá tudo certo, mas é uma correria. E você come rápido, engole também, porque tem que acompanhar. Aí, se tiver motorista, vai com motorista; se não tiver, vai com avó; e vai, naquela correria. Eu acho a vida de babá corrida, eu acho muito, nunca tive, assim, paz, pra mim foi sempre pauleira mesmo. Só que a gente gosta daquela adrenalina, daquela correria, eu gosto, eu já tava acostumada.

E, se for bebê, também é corrido, porque fica o tempo todinho com ele, dá mamadeira, troca fralda, interage, fica a noite inteira preocupada se está dormindo, se tem xixi, essas coisas. Ela era calminha, fofa, mas dava trabalho, viu. E, eu já não quero

mais cuidar de bebê. Primeiro pra poder ir e voltar pra casa, porque estou casada. E, não sei, se também porque estou mais velha. Porque, com bebê, é muito colo, tem que ficar com eles no braço. Então, criança menor é gostoso em partes, em outras não, entendeu? E, com bebê, as mães ficam mais exigentes; teve uma, uma vez, que me pediu pra anotar tudinho o que o bebê fazia, passo por passo, comeu, fez cocô; e foi muito difícil isso. Aí, também, com bebê, você tem que esterilizar as coisas deles, lavar e depois você esteriliza, deixa lá esfriando; depois tem que secar tudo, guardar, deixar tudo organizado, porque logo tem tudo de novo, porque mamam de quatro em quatro horas. Na fase do suco, tem o suquinho; depois frutinha; depois as papinhas, sopinhas; e tudo é você quem faz, e tem que ficar olhando o bebê ao mesmo tempo. Então, é uma correria também.

Aí, lá, eu dormia com a babá eletrônica, mas nem precisava, porque a mãe dela também ficava com uma e levantava pra ir ver, se precisasse. Quando a mãe chegava, não precisava mais de mim, ela assumia a criança. Eu ficava por ali, porque eu dormia ali. Ficava lá no meu quarto, mas, aí, eu podia tomar banho, podia ler, podia fazer o que eu quisesse. Teve alguns aspectos nela que eu gostei mais como mãe, entendeu? Porque você via em si que ela não tinha preguiça de cuidar da filha dela. Eu achava isso muito legal. É um bom ponto, porque ela trabalha demais e usa muito a mente, você via que ela tava cansada, né, chegava cansada, ia dormir e ainda cuidava da filha à noite; de manhã ela tava cansada, mas acordava, tomava café com a filha e até hoje ela faz isso. Então você via que não dependia muito de babá. Agora, tipo assim, se tivesse alguma coisa pendente pra fazer, tipo lavar mamadeira, alguma coisa que eu deixei, aí, eu ia fazer; mas tirando isso, ela não me chamava pra nada. Às vezes, a menina ainda ia jantar e ela dava o jantar, não me chamava. (...) E eu não tinha nada particular pra fazer, digamos, ir a uma academia, ou fazer um curso nesse meio tempo; eu nunca tive essas regalias, porque tem umas babás que cuidam só das crianças, não fazem mais nada; não limpa quarto; mas eu não, tinha que ficar e fazer essas coisas.

T: E que tipo de roupa que você usa pra trabalhar?

PE: Branca. É norma de babá sempre usar branco. Nunca vi babá de preto ou de outra cor. Sempre o branco. Não que a gente goste dessa cor, mas babá usa branco. A gente tem, é uma roupa que suja muito, porque dependendo você troca de camiseta duas, três vezes por dia. Você não vai ficar com camiseta imunda, né, encardida. Babá encardida não dá, então, tem que ser babá limpinha. E sempre são elas que compram, é uniforme, né. Mas teve casos que eu comrei.

T: E como que é ser babá?

PE: Ser babá é bom, mas meche muito com o psicológico. Porque você fica muito tenso, muito preocupada, muito apreensiva, não consegue relaxar direito. Eu estou dizendo eu, não sei outras babás, porque eu sou assim, eu me preocupo muito com a criança que eu tô cuidando, enfim; até a criança que tá do lado e eu não conheço se eu vejo alguma coisa ajudo no que eu puder ajudar. Eu sou muito atenta, entendeu? Como acontecia, assim, eu colocava a criança pra dormir; enquanto a criança tava no meu colo, eu achava que a criança tava bem; mas quando eu colocava no berço, eu ficava preocupada na minha cabeça; mesmo com a babá eletrônica, porque tem umas babás que tem a televisãozinha, você vê a criança lá, tem outras que não, você só ouve. Eu tinha que ir no quarto pra ver se a criança estava bem. Então, eu tenho isso comigo. Eu não sou de pôr a criança pra dormir e deixar lá, eu não fico sossegada. Eu sou muito preocupada com tudo. Então, desde que eu comecei a ser babá que eu não durmo direito, que eu não como direito, que eu não faço nada direito.

Mas, é bom. É muito bom cuidar de criança, é gostoso, é prazeroso. Ainda mais quando você gosta mesmo de criança. Porque criança é uma alegria, gente! Olhar aquele rostinho, aquela coisa, inocente, é muito fofo. Eu me divirto muito com criança.

Às vezes, você tá triste, pra baixo, aí, você ouve um 'eu te amo'; daqui a pouco, é um abraço inesperado, que você não tá esperando, sabe assim, uma coisa... Aí, tudo isso te toca. Eu sou muito emotiva, sou muito romântica, assim, eu gosto muito de carinho, de afago; e tanto gosto de dar tá como de receber. Então, com a criança é mesma

coisa; eu vivo beijando. E, eu não sei se eu ia me sentir bem com uma criança que eu não pudesse beijar, porque têm crianças que você não pode beijar, que a mãe é severa, diz que não quer que beije, abrace, você só cuida e pronto. Mas, graças a Deus, eu nunca trabalhei com uma família assim, porque eu me envolvo mesmo, eu fico apaixonada, quando eu saio, eu sofro; ainda estou sofrendo com saudades da minha pequeninha que eu deixei. Eu sempre vou vê-la, mas, assim, não é a mesma coisa; fico morrendo de saudades mesmo, eu gosto mesmo.

T: E quais atividades você mais gosta na sua profissão? O que você mais gosta de fazer?

PE: Ah, não sei, eu gosto de tudo, aí, fica difícil. Eu gosto de tudo. Mas, eu prefiro cuidar. Se fosse pra mim só cuidar seria melhor. Dá pra dedicar melhor. Eu sou mais de cuidar da criança, ajudar a educar, dar banho na hora certa, comidinha, lanche, o que for, mamadeira, o que seja. Eu cuido bem, porque eu sou muito, muito paciente.

T: E o que tem na rotina, no cotidiano que você não gosta?

PE: Passar roupa é terrível, não gosto. Passar roupa, de modo geral, eu não gosto. Sinceramente, não gosto de passar roupa. E, de ser babá, tem também a responsabilidade, eu acho. Você tem muita responsabilidade com filhos dos outros. Inclusive, eu não gosto de sair com eles pra rua, só se a mãe autorizar, se não autorizar eu não saio, mas eu não gosto. A mãe até pedia, quando ela tava agitadinha, começava a chorar, porque a mãe tava saindo, ela pedia pra dar uma volta no quarteirão, ou ir na locadora. Mas eu tinha medo. Às vezes, eu ia de carrinho quando ela era menor, e quando ela começo andar eu pegava na mão. E olha que era tranquilo onde eles moravam. Mas eu não me sentia muito bem. E ela gostava, porque eu ia cantando, eu cantava 'pela estrada a fora, eu vou bem sozinha...', ficava cantando um monte de música de criancinha, e ela ria, se divertia, todo mundo passava falava com ela. Era bem animado, dava a volta e nem sentia que tava dando a volta. Mas, aí, depois eles não liberaram mais eu não fui mais. Ah, é muita coisa, é tanta coisa que a gente pensa, é tanta coisa que acontece. Esses bichos são muitos brancos, chama muita atenção, aparecem muito essas crianças. Só cuido daquelas crianças bem branquinhas, sabe. Bem leite, às vezes, tem olho claro, chama atenção demais. Quem olha já vê, aquela é babá e aquela é filha do patrão, aí pronto, é um prato cheio. Não gosto muito de sair não. Aliás, não gosto nada. Se a mãe não autorizar melhor ainda. Eu nem peço. Vou no mercado, se precisa, mas com a criança ficando com outra pessoa, ou dormindo, eu indo sozinha, eu vou.

E tem também quando a criança tá doente, que a sua preocupação é em dobro, seu trabalho é dobrado. Porque você tem que fazer por você, e pela mãe que tá longe; quando a mãe tá perto ajuda, mas quando não, você tem que se desdobrar pra da conta direitinho enquanto a mãe não chega. E, quando já foi medicada, pra ver direitinho os remédios, a quantidade, os horários, tudo certinho.

T: E sobre as dificuldades da profissão, quais são as principais?

PE: Olha, tem criança que consegue bater na babá, da tapa na cara, acredita? Eu acho isso um absurdo. Comigo nunca aconteceu, mas é terrível, né. Às vezes, a babá vai acordar, joga mamadeira, joga leite. Sabe assim, muita violência porque foi acordado. Mas, graças a Deus, eu tinha um jeitinho especial de acordar meus meninos.

Mas, você sabe que tem vários tipos de babá, né, tem a babá soldado, a babá xerife, cada uma tem um jeito. Eu acho que eu sou babá abobada. (risos) Eu sou muito mansa assim, não sei. Se bem que na hora de disciplinar, de falar sério, eu falo, mas eu me acho assim,... Mas, assim, não é por causa do meu jeito assim, que eu vou deixar elas darem na minha cara, digamos, tem horas que tem que impôr limite mesmo. Mas assim, eu sou muito ponderada, sabe, sei lá, na hora de ralar, você tem que falar e falo, acabou. Mas não ficar batendo na mesma tecla, né. Eu sou mais mais light, tem hora que eu viro criança também e pronto. (risos) Ah, e é tão bom, às vezes. Você brinca, você ri, tira assim um minutinho criança, isso é bom. Brincar com elas, deitar, rolar.

T: E como você lida com as dificuldades?

PE: Na responsabilidade, no início isso é pior. Hoje em dia, eu tiro de letra. É muita responsabilidade, não importa. Mas assim, como a gente já viveu e tal, é mais fácil, eu tenho um pouco de experiência na profissão. Você sabe equilibrar melhor. Porque você começa a entender melhor a criança que você tá cuidando, ou os pais, você começa a conhecer.

Porque tem os pais também... Assim como tem crianças da pá virada, tem pais também. Então, às vezes, você trabalha sobre pressão, sobre muita exigência, muita... Sabe, muito nhem-nhem- nhem, e, às vezes você acaba, sei lá, metendo os pés pelas mãos. Mas, quando você trabalha com pessoas que lhe dão mais carta branca pra você agir, pra você fazer, que confiam melhor em você, aí, eu acho mais fácil desenvolver isso, essa questão da responsabilidade. Porque tem uns que jogam bomba direito na babá. A babá faz isso, faz aquilo. Mas não é bem assim, porque a criança tem pai e mãe. Então, se a criança não tivesse pai e mãe, só tivesse a babá e os avós, mas, se tem, a responsabilidade também é do pai e da mãe, não é só a babá. Mas, graças a Deus, nessas casas que eu trabalhei eu soube lidar legal com a questão da responsabilidade. Também, porque como eu me dou muito bem com as pessoas que trabalham comigo, aí, as pessoas se sentiam também na obrigação de ser responsável, de me ajudar, de dar um palpite, aí fica bom, um diálogo, uma pergunta, uma opinião, sabe, é bom.

E, minha relação com os pais sempre foi boa. Eu sempre me dei bem com os meus patrões. Porque eu sou uma pessoa que eu sei o meu limite, entendeu? Eu não dou liberdade pra patrão e nem quero que eles me dêem. Porque empregado é empregado, patrão é patrão, cada um na sua. Eu nunca ultrapassei limites, eu nunca fiz confusão. Tipo, eles estão conversando e eu não vou me meter na conversa, não vou da minha opinião. Têm muitos que são até mandados embora por causa disso, porque se metem em conversa de patrão. Não pode, só se eles te chamarem, te pedirem uma opinião, digamos. Mas se eles estão conversando entre si, pode até ser de você, mas você não tem nada a ver com isso, você fica na sua esperando o momento que for chamada, se você for chamada, se não, não. Tem também a privacidade deles, a liberdade, e você é uma estranha na casa deles. Eu mesma procuro não ficar indo muito na cozinha, procuro não ficar transitando, depois que a criança dorme, eu fico lá no meu quarto na boa, se sair, eu vou na lavanderia e volto pro meu quarto sabe. E não fico puxando papo com patrão não, só se eu for conversar alguma coisa referente ao trabalho mesmo, alguma coisa que eu esteja na dúvida, qualquer coisa, não puxando assunto, que eu vá lá na sala. De jeito nenhum. Eu deixo bem a vontade, sou muito discreta, muito na minha mesmo, sabe.

E mesmo sobre as crianças, tipo, essa minha última patroa, ela era muito boa e tudo, mas ela não aceitava muito opinião de empregado, de babá, assim, de empregado, com relação a educação da filha dela. Ela que tava certa, ela que sabe. Mesmo você achando que tava meio soldado, meio ultrapassada, sei lá, nos exageros, assim. Mas você tem que ficar na sua, o filho não é seu. Então, eu nem falava nada. Ela dizia 'tem que disciplinar, eu sei o que eu estou fazendo'. E a gente nem se metia; às vezes, era um pouco demais, mas assim, é dela. O jeito que a mãe quer é o jeito que a gente tem que seguir.

Quando a gente trabalha em um lugar, depois trabalha em outro, você vai vendo o cotidiano, vai aprendendo, e cada casa é uma, o limite é de um jeito, os pais, tudo, escola, tudo. Tudo é diferente. Então, fica vendo as coisas que você acha que é certo, acha que é errado. E você tá aprendendo ali, é um aprendizado, não tem jeito. Tem que fazer do jeito que é, se não, ela te dispensa, ou se não, você leva bronca todo dia. Chega uma hora que não dá mais, que você não deve se sentir mãe da criança, sabe, você sentir poder sobre a criança. Você tá trabalhando, vai cuidar de acordo com que os pais querem, as normas que eles determinaram.

Mas não é fácil essa coisa de patrão e empregada. Eu já quis ter outras coisas, fazer cursos, mas nunca pude, sempre colocaram empecilhos. Eles querem que você fique cativa ali, precisando deles pra tudo. São coisas que eu quero esquecer, eu oro pra

Deus, pra tirar isso do meu coração. Porque essas coisas que eu te falei, é um pouco de magoa. Tem um pouco de magoa, não tem jeito. Mas é assim mesmo.

T: E o que é uma babá para uma criança?

PE: Eu acho que é a segunda mãe, eu vejo isso. Uma babá de verdade, uma babá assim, dedicada, esforçada. Eu acho. Porque a gente fica muito mais com os filhos deles do que eles. A gente se dedica, a gente se preocupa. A gente dá carinho, dá amor, dá atenção. E tem babá de todo jeito. Tem umas que vai mais pelo dinheiro, pela função, pra exercer. Mas tem umas que não, que trabalha com carinho, com a alma, com o coração, com dedicação mesmo, total, assim, se apega, aquela coisa, é, aí, é aquela luta pra sair da casa, daquele lugar. Então, eu penso que babá é uma pessoa interessante, é uma parte interessante pra criança, até quando ela cresce em si, 'ah, eu tive uma babá assim, assada'. E é legal que ela tenha uma imagem assim de você, sabe, imagem que você pensa que foi tudo pra ela. Muito bom. Se ela diz 'ah, eu gostava tanto da babá fulana; a babá fulana era tão boazinha, era tão assim, tão assado; cuidava tão bem de mim'. É tão legal isso.

Se bem que, a maioria das mães tem ciúmes da gente, ainda mais quando a criança quer só a gente e não quer ela. Às vezes, a criança não quer a mãe, quer a babá. Quando a mãe chega do trabalho, rejeita. Ai, depois que a mãe vai adulando 'ah, eu trouxe isso, eu trouxe aquilo', vai comprando, digamos, aí, ela vai pro lado da mãe. No meu caso não, porque eu sempre deixo claro pra criança que a mãe vai chegar, eu sempre falo que a mãe foi trabalhar, mas volta; eu gosto sempre de falar isso pra criança.

Porque eu não sou mãe mesmo, então, eu deixo claro as coisas. A gente cuida e tudo, mas sabe que não é mãe. E o negócio que eu falei de segunda mãe é mais assim, é o que a gente acha, no caso, porque elas não acham isso, se você perguntar pra uma mãe, ela vai dizer 'não, ela é babá, não é segunda mãe', elas não aceitam isso. É coisa da cabeça da gente mesmo, que a gente pensa. Não é delas não, se falar isso vai arrumar é briga. Mas, eu penso isso porque eu me sinto uma mãezona pra todas as crianças que eu cuidei; sempre com o coração mesmo e gosto de verdade da criança. Eu me dedico, assim, não pelo salário, porque eu sempre ganhei merreca, não acho que eu ganho bem como babá, exceto essa última casa que eu achei que o salário tava bom, mas as outras não. Não pelo salário, e sim pelo, como é que diz, pelo que eu gosto de fazer entendeu? Até hoje, o que eu gosto é de ser babá.

Você ajuda na educação, eu acho fundamental tudo isso, você passar pra criança. A criança tem que falar bem. Babá não pode ser babá meio burrinha, você tem que saber se expressar, saber falar direitinho, pra criança já ir pegando o jeito de você se expressar mais ou menos. É tanto, que quando eu cheguei aqui, eu aprendi muito com meus patrões, porque têm uns que falam que você fala uma palavra errada, aí, chega e fala com você. Eu gosto, porque é uma crítica construtiva, ele não tá ali desmerecendo, ele tá te ajudando, eu nunca achei ruim, eu acho que você aprende. Ainda mais eu, no caso, tive pouca escolaridade, não sou nada culta. Não me especializei em nada. Mesmo porque o tempo de babá é tão curto, pra tudo assim, então, é complicado. Então, se a pessoa quer passar um pouco do que sabe pra você é muito bom. Com educação, né, não me humilhando! Que você vai passar pros filhos dele, porque você tá ali diariamente.

T: E o que você acha que leva da profissão pra sua vida pessoal?

PE: Babá. Sei lá. Eu acho babá, aliás, no modo geral, uma profissão meio ingrata (risos), você dedica tanto e no final sai com uma mão na frente e outra atrás, é ruim, né. Mas eu não tenho que falar de ser babá, foi a profissão que eu escolhi. Mas se aprende muito, no convívio diário, com certeza. Eu vi muita coisa legal, foi bom. Foi bom mesmo, é sempre bom você ter contato com pessoas finas, cultas, que estudaram bastante, é bom. E, assim, eu só tenho que agradecer. Aprendi muito com eles, viajei muito. Muito mesmo. O povo viaja demais, tantos luxos. Tanto que hoje em dia eu tenho trauma de avião, do tanto que eu viajei de avião. Tomei trauma de uns vôos malucos de muita turbulência. Aí, eu fiquei assim. Mas nada que não se cure. Um dia vai curar.

T: Tem mais alguma coisa que você acha importante falar sobre a profissão?

PE: Não, não. Ser babá isso mesmo. Ocupa o nosso tempo, não temos muito tempo pra gente. Tomar conta de filhos dos outros. Mas é isso. Uma profissão como outra qualquer. Se você escolheu estar nela, tem suas vantagens e desvantagens.

ENTREVISTA PF

T: Com quem você mora?

PF: Moro com minha mãe, é um pátio e eu tenho a minha casa. Na minha casa mora eu e os meus três filhos.

Jornada de Trabalho

PF: Trabalho de segunda a sábado, seis dias na semana; das 9h às 19h, são dez horas por dia, mais o tempo que gasto na condução pra vir a pra voltar.

T: Quais são as principais tarefas que você realiza no seu trabalho?

PF: Olha, um exemplo, assim, levar ele na escola, busco na escola, tenho que dar a mamadeira dele, trocar ele, tenho que ficar com ele pra ele não dormir, porque se ele dormir quando dá a madrugada ele acorda. É um pouquinho duro. Tenho que ficar olhando ele, pra ele não fazer arte, não pegar as coisas que não pode, pra não subir no sofá ou ficar subindo e descendo escada. Isso tudo eu tenho que olhar...

Mas, o que eu mais faço mesmo com ele, é conversar com ele, converso bastante. Porque ele é assim, é uma criança meio agitada; às vezes, ele tá dormindo e acorda agitado. Não sei o porquê. Mas, assim, por exemplo, o pai dele é esportista, joga num time. E o menino só vive com gente grande, não tem criança naquele meio; então, ele só fica e só sabe coisa de gente grande. E, gente grande é gente grande, criança é criança, né. Agora que ele tá melhorando, agora ele é uma criança, assim, mais legalzinha. Antes, a gente ia na pracinha e ele chegava sentava com as crianças e pegava as coisas das crianças. Não sabia dividir. Agora não, ele já sabe dividir, mesmo sendo uma criança pequena; melhorou bastante. Porque, primeiro o nosso trato era só olhar ele. Ficar com ele na pracinha. E, no começo, foi muito difícil, porque me estranhava. Aí, pedi a Deus pra me ajudar, chegava a pensar em desistir, porque ele era demais. Agora, hoje em dia, eu não falo isso, ele já melhorou 100%. Antes, eu passava vergonha com ele na pracinha. Melhorou depois que entrou na escola; ele vai pela manhã e só chega de tardezinha. Ele convive mais com crianças. Antes, eu ficava direto com ele. Agora, só de vez em quando, quando o pai dele perde a hora, aí, deixa ele ficar mais um pouquinho; aí, levo depois de dar o almoço. Eu acho que a mãe dele é meio, assim, desligada, sabe. Não dá mamadeira na hora certa. Eu acho que é porque eu tenho filho, então, eu acho que sou muito ligada. Tem a hora certa de mamar, de brincar, de dormir, tomar banho, tudo. Eu acho que ela não tem, tipo assim, os horários. Não tem. Outro dia, ela chegou, o menino tava dormindo e ela teve aquela saudade de acordar ele só pra sair. E dormindo tadinho, pra no outro dia ir pra escola cedo. Acho que ela podia ver 'ah tá cansado, né, deixa ele dormir'. Mas, cada um é cada um. Não tenho nada haver com isso. Com meus filhos foi diferente. Mas criança tem essas manias bobas, mesmo. Fazer o que, né, é assim mesmo.

T: Você também cuida da casa. Então, quando alguém te pergunta 'qual que é sua profissão', o que você diz?

PF: Olha, eu respondo assim 'ah eu sou babá e cuido da casa', sou as duas coisas. Mas, quando eu entrei aqui, nosso trato foi só cuidar do menino, arrumar casa se eu quiser fazer eu faço. Mas claro, se eu estou ali, não tem outra pessoa pra lavar roupa, arrumar. Claro que eu vou ajudar. Então meu trato foi só cuidar do menino, ele ainda não estava na escola, faz uns dois meses que ele foi pra escola, desde que a mãe dele soube que ia precisar ficar fora.

E minha rotina é assim. Tenho que pegar um trânsito danado, chego aqui, tomo um café, vou fazer um café. Depois começo a limpar a casa, depois vou fazer o almoço.

Depois de fazer o almoço torno a arrumar as coisas direitinho, passo a roupa, vou limpar a janelas, essas coisas, aí, vou buscar ele na escola. Quando busco ele da escola, vai tomar banho, boto ele pra tomar banho, depois chego a brincar um pouquinho com ele, até o pai dele chegar pra mim ir pra minha casa. Dou a mamadeira dele. Eles não falam nada assim pra mim, tipo 'dá comida pra ele'. A única coisa que eles incentivam é não deixar ele dormir, mas mamadeira e comida eles não falam. Eu que incentivo ele a comer comida, aí, se eu vejo que ele quer, eu dou, se eu vejo que ele não quer eu dou a mamadeira pra ele, e pronto. Troco a roupinha dele da escola, se ele quer tomar banho, dou, se não quer também não insisto muito. Então troca a roupa e ele fica lá brincando de basquete.

E, antes de ele entrar na escola, quando eu ficava só com ele, ele acordava mais tarde. Ele sempre acordou tarde, acho que ele ia dormir duas, três horas da manhã. Não sei, ele só acordava dez, onze horas da manhã. Acordava, trocava a roupa, a comida nem queria, as já queria tomar a mamadeira. Aí, nós íamos pra pracinha, a gente ia sair, descia com ele pra brincar, trazia ele na piscina. Foi um pouquinho puxado, porque tudo ele chorava, não queria ficar comigo, hoje em dia ele já fica. Eu já fico mais tranqüila com ele. Ele não chora mais.

T: E que tipo de roupa que você usa pra trabalhar?

PF: A minha camiseta branca e minha calça branca. Mas no momento eu estou de calça jeans. Fiquei sabendo pela minha colega que todas as babás têm que ser de roupa branca. Uniformizado que fala, né. Ela comprou essa roupa pra mim, minha calça e minha blusa branca. Mas a calça não tô usando não. Só uso mesmo a blusa.

T: E como é ser babá?

PF: Ah, a gente sai também. Ela me chama pra sair, pra ir no shopping com eles. Outro dia, ela foi no shopping, ela me levou e comprou uma roupa pra mim. Comprou roupa, comprou sapato. Ah, muito legal! Ela também falou 'quando eu voltar de viagem a gente vai viajar, você quer ir comigo?'. Ela acha que eu não tenho os meus filhos, ai meu Deus do céu. Não sei, eu não sei. Ela agora tá fazendo o tratamento dela nos Estados Unidos, porque ela tem problema de câncer. Então, vai ficar lá mais ou menos uns três meses. E, aí vão ver o que Deus prepara pra ela. O filhinho, agora, eu já acho que ele tá um pouquinho triste, acho que ele já tá com saudades. Tem hora que ele fica lá deitadinho no sofá e fala 'cadê a minha mãe'; aí, eu falo 'sua mãe tá trabalhando'; aí, ele fala 'minha mãe já vai chegar?'; aí eu falo 'ainda não, calma um pouquinho que sua mãe vai chegar'. Quando soube, eu falei assim: meu Deus e agora? Eu, pedindo pra Deus me ajudar, como é que ia ser. Mas, aí, o pai dele conseguiu ajeitar tudo, arrumar ele na escolinha; ele vai treinar e eu fico com ele nos domingos também. Ela falou que ia aumentar o meu salário e eu preciso, não sou nenhuma rica, meu ex-marido não me ajuda em nada, então, eu preciso de um salarinho mais grande um pouco. Então, tô aqui, né. Espero que ela volte logo pra tomar conta dele, e eu volto minha vida normal, como antes. Porque dia de domingo ele tem treino, aí, fico dia de domingo cedo, oito horas da manha eu tenho que ta aqui, porque nove horas ele já tem que ir pro treino. Eu deixo domingo de ficar com meus meninos pra vir pra cá. O que eu posso fazer? Fazer o que, né. Tô aqui. Minha mãe ficou falando que é uma responsabilidade muito grande, eu fale 'eu sei que é uma responsabilidade muito grande'. Agora, por exemplo, ele tá resfriado, eu reparei que ele tá gripado, com o nariz escorrendo. A professora falou ' ele ta um pouco resfriado'. Ai eu falei que ele tá tomando xarope. Falei com o pai dele também, que talvez vai levar ele na segunda-feira no médico. Não sei. Porque talvez ele melhora com o xaropinho que ele ta tomando. Ai meu Deus do céu. É difícil, muitas coisas.

Mas é bom ser babá porque a gente aprende. Sair, eu também saio bastante. Eles também são bons pra mim. Não negam as coisas, deixam dinheiro pra levar ele pra algum lugar, aí, vou no mercado, vou lá em cima, vou com ele por aqui perto. Compro isso, compro aquilo pra ele, voltamos, vamos assistir, jogar bola, que é a vida dele, que ele adora, acho que ele vai se que nem o pai, esportista. Ele adora jogar o esporte do pai e eu jogo com ele, ele adora.

T: Como que é essa parte de brincar?

PF: Eu gosto sim, meus filhos já estão grandes. Só que meu pequeno não gosta muito, porque diz que eu só fico falando dele. Ai eu falo 'você tá com ciúmes do menininho, ele tem dois anos, você tem nove anos'. Aí ele 'ah, mãe, então, você fica lá com ele'. Com ciúmes! Aí eu falo 'não é isso, ele é pequenininho, você já é grandinho'. E é muito gostoso jogar com ele, porque me divirto bastante. Não sei se na infância não diverti tanto, mas estou me divertindo agora. Brinco com ele, cantamos musiquinhas, ele me ensina como é que canta as músicas. Muito bom. Eu gosto.

T: E das atividades que você faz com ele no dia-a-dia, o que você mais gosta de fazer?

PF: Ah, jogar. As brincadeiras, é o que eu mais gosto. Eu gosto também de cantar as musiquinhas, o lobo mau. Ele canta pra mim e eu canto pra ele. As outras atividades eu também gosto. Mas, a gente quase não faz outra atividade porque é mais jogar. E a parte de cuidar, eu encaro numa boa, porque todas as crianças são assim mesmo. Quer tomar banho, quer. Mas na minha casa, não. Hora do banho é hora do banho. Mas, aqui, eu falo, chamo ele pra tomar banho e ele não quer; depois que eu começo a agradar, aí ele vai. Às vezes, ele fala assim 'lava só o meu pé'. Aí, eu falo 'tá, eu vou lavar só o seu pé'. Aí, eu começo a jogar água aqui, água ali, quando vai ver já molhou o cabelo, tomou banho e tá todo bonitinho. Esses dias o pai dele queria sair e levar ele, aí, eu fui negociando pra ele aceitar tomar banho. Tem que ir negociando pra vê se ele chega naquele ponto que eu quero. Ai meu Deus do céu. Eu acho que criança é muito difícil, todas crianças são assim, eu acho. Os meus, como já são um pouco grande, então, se eu falo vai tomar banho, ele vai tomar banho, não tem essa de depois, depois, agora não. Mas, os meus desde pequenininhos, gostavam de tomar banho, eles nunca me deram problema de não tomar banho. Eu acho que o pai dele não é de insistir pra ele tomar banho. Não é daquelas mães, assim, chegou da escola, vai tomar banho, levantou de manhã, toma banho. Eu acho que eles criaram assim, tipo, vamos sair, pegou, arrumou e saiu. Então ele pegou esse hábito, agora que a gente tenta e ele não quer. Então fica difícil. Acho que a palavra que ele mais odeia é banho.

T: E desse trabalho, pensando mais no lado de babá, o que você não gosta de fazer?

PF: O que eu não gosto? É ter que colocar ele pra tomar banho. Até me dói o coração, o que eu mais odeio é ficar chamando ele pra tomar banho. Acho que é porque são muito diferentes, de não ter uma certa hora pra cada coisa. Eu vejo essas pessoas assim, dá pra transformar e ficar um pouquinho melhor. Eu vejo que tem que ter hora pra almoçar, pra tomar um banho, pra brincar, tem hora pra tudo. Mas, eles não têm isso. Ficar negociando, isso eu acho chato.

Mas, eles são muito legais comigo. Não são chatos. Com as coisas da casa, o que eu fazer tá tudo bem, porque primeiro é olhar o menino. Ele também sempre me avisa quando vai precisar de mim, pra dar tempo eu avisar em casa, me organizar; às vezes, no domingo ele demora mais no treino e me liga pra dizer; e assim vai indo...

T: E pensando assim nessa profissão o que é mais difícil em ser babá? Qual a maior dificuldade que tem nessa profissão?

PF: Eu acho que as mães, porque tem mãe que é meio chatinha com a babá. Eu acho que tem mãe muito chata com a babá, ela quer as coisas da criança tudo organizada, sim, ao mesmo tempo tem que organizar mesmo, né, mas eu acho que tem mãe muito chata, que fica muito em cima da babá; se tem uma meia, tá furada a babá que tem que olhar né. A babá tem que olhar, tem que ver se o sapato tá rasgado. Ver se a roupinha dele entra no corpo, Tem que olhar se tem lencinho. Tem que olhar se tem Hipoglos, é tudo. O ruim disso, eu acho, assim, é o jeito delas falar com a empregada. Eu vejo muita patroa exigir demais. Tem mesmo que cuidar de tudo, roupinhas, comidas, frutinha, se está tudo certinho pra eles. É bem cansativo. Mas, é muito chato o jeito delas ficar cobrando demais. Que nem, eu já ouvi falar muito de patroa não tratar bem, acha que empregado é lixo. Mesmo que você tá ali cuidando do filho pra ela e ela ainda acha ruim.

Então eu acho meio assim, patroa é um pouco chato. Eu já vi gente até chorar, que a patroa era muito chata, muito estúpida, muito ignorante. Então, eu já vi gente chorando porque a patroa é muito chata, muito exigente, que acha que só porque é patroa pode ficar humilhando a pessoa, sendo que aquela pessoa tá fazendo um bem pra ela, cuidando do seu próprio filho. Mas comigo aqui não é assim. Ela é muito legal, ele também. Me perguntam seu eu tô precisando daquilo, daquilo outro.

E das outras coisas que eu não gosto, isso de ter horário, eu vou levando assim, porque vejo que é do jeito deles ser assim, aí, vou fazendo desse jeito; tento dar a comida pra ele, mas se ele quer só mamadeira e a mãe não diz nada, então, não sou eu que vou dizer; um pouco tento, um pouco levo do jeito deles.

E a mãe nunca me chamou atenção, cuida mais dele do que a própria mãe. Até ela fala 'nossa como que você cuida dele bem direito, você cuida dele mais do que eu, estou até meio sem graça'. Ela fala! Fazer o que, né. Acho que ela fica sem graça porque o bebê é dela, não é meu. Mas, como se diz, como eu tô olhando ele, é meu dever também. Então, o pai dele fala pra me sentir na minha casa e eu gostei.

Só que igual eu falei, se eu sair daqui pra cuidar de outra criança eu já não quero, porque é uma responsabilidade muito grande. Não quero não. Ah, é uma responsabilidade muito grande. A gente tem que, se tá andando tem que tomar cuidado pra não cair, cuidado com isso, cuidado com aquilo. É roupa, é a lancheira, é o caderno dele também; porque quando ele chega da escola eu vou olhar; e a roupa dele, já tá suja, aí, tira e vai lavar a roupinha. Tem o sapato dele também, tem a meia. Tudo! Meio complicado. E, com criança é muita responsabilidade, por exemplo, com a comida, tá quente, pega um pouquinho, espera esfriar. Tem a mamadeira; aí, conversa e diz 'calma aí que estou fazendo a sua mamadeira, tá quente, tá esfriando'. É isso tudo. Eu falo que não vou mais, mas agora é uma coisa que eu sei também, já sei como é que faz; eu saio e vejo as babás fazendo; na escola eu vejo como elas agem com os meninos; aí, eu fico olhando pra saber como é. É bom. Mas é como eu falo, pelo o que eu já vi da profissão, babá é bom pra moça que é solteira, que não tem filhos, não tem que ir ver eles, eu acho que é muito bom, porque dorme na casa, não tem despesa nenhuma, quando dá dia de sábado vai embora pra casa ou às vezes no domingo. Eu acho que pra quem é solteira é bom. Se eu não tivesse filho eu teria arrumado um serviço de babá pra ficar de folguista na sexta, sábado e domingo, tomando conta de uma criança, depois eu ia embora pra minha casa, mas como eu tenho meus filhos não dá. Mas, é bom também.

T: E pensando, assim, nas coisas do seu dia-a-dia como babá, tem alguma coisa que você leva pra a sua vida pessoal?

PF: Não, do mesmo jeito que sou aqui sou na minha casa. Agora, aqui, eu aprendi muito a minha paciência. A minha paciência que eu falo, assim, de não ser muito nervosa, ter paciência pra tudo. Ser um pouquinho amorosa. E isso aí, acabei levando pra minha casa, pro meus filhos, ser amorosa, ter paciência... E com o menininho, é muito bom; tem o jeitinho dele falar; ontem ele queria farinha látia (risos). Então, acaba pegando amor por ele também. Eu tenho um amor até por ele. Eu tava em casa uns dias, mas ele como ele tava longe eu tava sentindo saudades dele. Eu falo pra minha mãe que ele é uma criança que já faz parte da minha vida. Ele tem amor dos pais; mas, às vezes, acho que precisava ter mais carinho. Eu acho que a mãe dele teve ele por ter. Eu acho isso, não sei. Ele me fala 'gosto tanto de você, eu te amo'; aí, dá até uma dor no coração. Ai meu Deus do céu, viu! Meus filhos nunca falaram que me ama, mas ele já falou (risos). Eu fico feliz. Aí, eu falo 'arrumei um filhinho branco, arrumei um irmãozinho branco pra vocês'. E meus filhos diz 'mas nós não queremos'; eles tem muito ciúmes dele. Porque no começo foi muito difícil. Aí, quando ele fala isso pra mim eu fico muito feliz. Porque, eu, graças a Deus, eu sou uma pessoa boa, eu acho, não sou mal. Gosto de brincar, conversar, levo tudo na brincadeira, tudo no esporte.

T: E, o que é uma babá na vida de uma criança?

PF: Eu acho que é quase sendo uma mãe. Eu acho que é quase sendo uma mãe pra ele. Porque, olha, pra você ver o dia dele, chega da escola, eu olho o caderno, olho se a

roupinha dele tá suja. Olho o caderninho dele pra ver se tem algum bilhetezinho, aí, eu mostro pro pai dele; se não tem, fica na mochilinha dele. Quando chego na escolinha dele pergunto se ele ficou ótimo, se comeu a comidinha toda, se lanchou direitinho, brincou à vontade, essas coisa. Aí, eu pergunto 'como que foi seu dia hoje?'; e ele sempre diz que brincou de basquete, ele só fala de basquete, de basquete, parece que é só isso que tem na vida dele. E isso de ser como uma mãe é porque mãe dá carinho. Eu sento com ele, converso. Dou atenção pra ele. Brinco com ele, ele me ensina a jogar basquete. Aí, eu acho que no fim, no fim, no fim disso tudo, eu acho que eu sou a segunda mãe. Eu acho que sou a segunda mãe dele. Faço pra ele o que nem a mãe dele faz.

T: Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer sobre a profissão?

PF: Eu acho que assim, sobre o que se fala, sobre o aumento salarial das empregadas, das babás; eu acho que podia ser um pouquinho mais grande. Porque é uma responsabilidade muito grande, tinha que ser um dinheirinho a mais. Eu acho, né. Vejo o lado deles, mas eles tem que ver o meu também.

T: Mais alguma coisa?

PF: Não. Gostei da entrevista, foi muito bom.

T: Bom falar assim. Muito bom.

ENTREVISTA PG

T: Com quem você mora?

PG: Eu moro sozinha.

Jornada de Trabalho

PG: Trabalho de segunda a sexta; às vezes, fico no sábado, quando ela precisa. Em média trabalho umas nove horas por dia.

T: Quais são as principais tarefas que você realiza no seu trabalho?

PG: Eu brinco muito, da hora que eles acordam até a hora que eles vão pra escola. Eu brinco bastante, mas tem os cuidados com eles, hora do banho é hora do banho, de se arrumar pra ir para a escola.

Eu chego monto a tábua e vou passar toda minha roupa. Ai eu preparo a mamadeira, dou pra eles. Dou o leite pra eles normalmente na cama e eles ficam lá quinze minutos de preguiçinha. Aí, eu vou arrumo todo o quarto dela, separo a roupa dele, a roupa dela, das crianças e guardo em cada lugar. Aí, eles levantam, ficam um pouquinho assistindo televisão. Depois dou o banho, ponho a roupinha da escola, arrumo a cabelinho da menina; nisso, já descongelei o almoço e dou comida pra eles. Faço o lanchinho pra eles levarem para escola. Acabaram de almoçar, dou a sobremesa, uma fruta, um suquinho. Todo dia minha rotina é essa. Aí, acabou de comer, a gente conversa um pouquinho, bate papo e vai pro banheiro escovar os dentes, passam perfuminho; eles são os mais cheirosos da turminha deles! A tia da perua fica apaixonada, porque eles entram na perua e eu tenho que ficar na frente do prédio até a hora que a perua some, e eles ficam fazendo coração com a mão pra mim, me dando thcau. Aí, à tarde, limpo e arrumo a casa, lavo as roupas que tem pra lavar, faço o serviço da casa mesmo, a comida pra congelar. E a mãe deles é quem busca, porque eu já estou lá na escola pra minha aula; mas eles precisam me ver indo pra sala de aula, eu preciso sempre chegar antes dela buscar, pra depois irem embora, ficam me mandando beijo e dizem 'bom estudo, até amanhã'. Aí, tenho a aula e vou pra minha casa. Às vezes, quando o casal quer sair junto, aí, ela me pede e eu fico pra dormir, a gente combina antes e eu fico.

Mas todo dia eu tenho tudo pra fazer, eu sou muito organizada. Eu tenho um pique muito grande, eu prefiro que nem tenha outra pessoa pra ajudar, prefiro fazer sozinha, do meu jeito; se eu fico só de babá, vem outra pra fazer a faxina e não faz como eu gosto, então, prefiro ser eu só. Eu me organizo, faço bastante comida e deixo

congelada pra poder ter mais tempo pra brincar com eles, não ficar muito tempo envolvida pra preparar almoço e janta. E também a minha patroa me ajuda, lava a louça da janta, ou seja, eu chego e já tá tudo lavadinho.

E brinco de tudo. Eles têm brinquedo, a gente senta, eu brinco, de montar casinha, de maquiar boneca, de pintar a unha da boneca, tudo. Eu fico igualzinha criança. E ele monta de cavalinho. Eu deito assim no chão, e levanto o pé pra cima. Às vezes, eu acho que eu fico parecendo uma criança. Eles dão muita risada, falam que eu sou engraçada, chamam pra brincar mais um pouquinho, e a gente corre de esconde-esconde, a gente joga bola. Nossa, eu não sei é uma coisa que você emociona. Eu brinco mesmo, é prazeroso brincar. Não fico pensando no serviço que tenho pra fazer, fico ali com eles, brincando, é o momento de ficar com eles.

T: Você também cuida da casa. Então, quando alguém te pergunta ‘qual que é sua profissão’, o que você diz?

PG: Ah eu falo que eu faço tudo em geral. Eu sou babá, eu sou empregada, eu sou secretária, eu sou faxineira, eu sou tudo, eu tenho que fazer tudo na casa. Eu tenho uma profissão completa. (...) Mas, minhas filhas estudaram, fizeram o que eu não fiz, fizeram faculdade. Eu sempre pensei, minhas filhas não vão ser empregadas de ninguém, as minhas filhas vão estudar, não vão ser empregada de ninguém. E não foi. Porque eu acho que empregada é uma coisa assim, muito desvalorizada. Se você é empregada, você não tem seguro desemprego, não tem fundo de garantia, não tem PIS, essa classe não ganha nada disso. Mas tem que valorizar! As pessoas precisam tanto, mas não te valorizam. Mas, mesmo assim eu sou super profissional no que eu faço, não deixo de fazer bem o meu serviço por causa disso.

T: E que tipo de roupa que você usa pra trabalhar?

PG: Ah, eu uso roupa normal. A única coisa que eu gosto de usar é a camiseta branquinha, eu acho que combina melhor pra cuidar deles. É porque eu gosto, ela não pediu pra usar uniforme, eu é que gosto.

T: E como é ser babá?

PG: Mas eu acho assim, que se eu fosse só babá eu pensaria diferente. Porque a babá, quando é só babá a função dela, ela dorme no quarto com a criança, tem que acordar de madrugada com a criança, se tiver algum medicamento é ela que tem que medicar, porque os pais ficam lá no quarto deles. Quando é só babá, não faz o que eu faço. A babá cuida só da comida da criança, só da roupa da criança, só do quarto da criança, brinca com a criança, a vida dela é aquilo, tudo se resume à criança. Eu não, porque eu cuido deles e das coisas como roupa e comida de todos eles.

Mas pensando nesse lado, eu acho legal, eu gosto. Pra mim é prazeroso cuidar deles, trabalhar com eles, tomar conta deles, proteger eles, é saber que eles estão bem comigo, que eles gostam de mim, me adoram, porque faço brincadeiras com eles e eles dão risada. Aí, eu finjo que eu vou cair, que eu vou tropeçar; fico cantando, eu danço pra eles, fico dançando, isso pra eles é uma comédia! Aí eles dizem ‘você é um barato!’. Então, isso pra mim é prazeroso, porque eles dão risada, eles falam que me amam, fazem desenhos pra mim, me desenham no desenho que fazem da família deles. Me animam com o carinho deles, se tô triste. Me convidam pra ir nas festinha da escola e eu vou, a mãe de chama pra ir junto, ver as apresentações deles, ela não se importa. Vou ver ela no ballet, é a coisa mais linda! Aí, eles ensaiam as musiquinhas comigo, e pedem pra eu não contar pra mãe, pra fazer surpresa. É assim! E, também, converso muito porque, às vezes, eles brigam, aí eu paro tudo que eu tô fazendo, vou lá e converso com eles, ouço o que cada um tem pra dizer, aí, ajeito os dois, resolvo o problema e volto a fazer o que estava fazendo. A mãe já não tem paciência, ela mesma diz que queria ser mais paciente.

T: E das atividades que você faz no dia-a-dia, o que você mais gosta de fazer?

PG: Ah, o que eu mais gosto é de ficar com eles, cuidar deles, dar banho, pôr pra ir pra escola; ser abraçada, beijada, é prazeroso; adoro brincar com eles, descer pra pracinha, pra piscina. Mas eu gosto de fazer todo meu serviço, também, de arrumar, manter a casa

arrumadinha, enfeitada, é tudo novo, bonito e eu é quem cuido de tudo, mesmo não sendo minha. (...) Eu digo, que pra mim sair de lá vai ser difícil, se eu quiser sair de lá um dia, por causa das crianças; mas pro patrão se você tiver que sair você sai, né. Eu sei que não são meus filhos, mas mesmo assim. (...)

T: E desse trabalho, pensando mais no lado de babá, o que você não gosta de fazer?

PG: Com eles, eu gosto de tudo. (...) Agora, não gosto é de cozinhar. Eu faço porque tem que fazer, porque tenho que deixar comida pronta até pro final de semana, porque ela não cozinha nada. O resto eu gosto de tudo.

T: Quais são as principais dificuldades da profissão de babá?

PG: Com eles, eu acho mais difícil quando eles estão doentes, porque eles ficam muito caladinhos, tem que tomar remédio, aí, eu tenho que dar remédio, inalação, e tenho que dar tudo. E eu não entendo nada daquelas letrinhas, eu não podia misturar, e tinha medo. Mas a mãe me explicava, aí, eu separava e dava certo. Aí, eles não querem tomar remédio e eu tenho que ir conversando, ajeitando; aí, eu falo 'filinho tem que fazer'; eu chamo eles de filinhos, às vezes. Porque eles sofrem e eu sofro junto. Porque eles ficam caidinhos, até a gente que é adulto fica, aí, eles querem ficar na cama e eu deixo ficar deitadinho, descansar o corpinho pra relaxar. Porque quando eu fico doente, quando acontece, eu quero ficar deitada, eu quero ficar sozinha, não quero barulho. Então eu acho que a criança tem que ser assim também. Mas a mãe deles já não, já é mais de mandar fazer e pronto. Mas eu não vou me meter na relação dela com os filhos dela, quando ela está faz do jeito dela. Minha relação com ela é boa, mas tem coisas nela que eu não gosto, ela não tem paciência com os filhos. Mas o problema é meu, não é dela, eu fico na minha, e o que ela fala eu escuto. Têm coisas que eu não falo, eu falo se eu tenho que falar.

Mas eu gosto de trabalhar lá e, isso, depende muito do patrão. Ela é diferente de mim e tudo, mas é muito bacana comigo; tem o jeito dela e eu tenho o meu. Mas, ela não fica reclamando, achando defeito no que eu faço, exigindo, então, é bom. Esses dias eu fui com ela num lugar com as amigas delas e ela disse 'pra quem não conhece, ela é a fulana, é minhas duas pernas, os meus dois braços, minha cabeça, resumindo ela é a minha vida'. E o patrão também falou 'realmente ela é tudo pra nós, a gente não vive sem ela'. Acho que eu sempre fui muito na minha, muito dedicada, muito cuidadosa pra não ter problema com patrão. Eu acho que qualquer função que eu tivesse eu acho que eu ia ser bem. E, eu acho assim, um bom patrão, tem uma boa empregada; uma boa empregada, tem um bom patrão. Eu vi isso na televisão e achei certo: é a empregada que faz o patrão e é o patrão que faz a empregada.

Eu tenho uma relação com ela que é muito boa. Mas ela é ela, e eu sou eu. Ela é minha patroa e eu sou funcionária dela, eu sou empregada dela. Eu não misturo, eu sei o meu limite, o meu lugar; mesmo estando há tantos anos com ela. Ela é ela, se ela quiser conversar comigo, conversa. Mas, minha vida particular é minha vida particular e a vida particular dela é a vida particular dela. Eu amo as crianças de paixão, isso eu não nego, todo mundo lá da pra ver na cara. Mas patrão é patrão.

T: E pensando, assim, nas coisas do seu dia-a-dia como babá, tem alguma coisa que você leva pra a sua vida pessoal?

PG: A única coisa que eu posso falar é que eles são maravilhosos comigo, o amor das crianças por mim, isso você não esquece nunca. A menina me convida pra tudo, e eu fui na apresentação do ballet, todo mundo ficou olhando pra mim, porque sabiam que eu era babá, empregada, porque só tinha gente branca, loira e eu era a única morena; e eu me senti a rainha da cocada branca, porque eu não ando largada quando eu vou pra esses lugares, eu tava arrumada direitinho; não vou esculhambada com cara de empregada doméstica.

T: E, o que é uma babá para uma criança?

PG: Ah, eu acho que pra eles é muito, porque ela fala tanto de mim pra professora dela; ela me conta. Acho que pra ela é bom, ela fala que eu sou a babá dela. E, ser babá, eu

acho que é ser carinhosa, brincar, participar nas brincadeiras deles, porque eu sento, eu rolo, eu brinco, eu brinco de casinha, de mamãe. Ela sempre é a mamãe, eu posso ser qualquer coisa, mas ela é mamãe. (risos) Então, eu acho que eu participo, eu acho que pra ela a babá tem que ser isso. E, pra ele também, porque ele vem me mostrar o que ele faz na escola, aí, eu elogio e ele fica todo orgulhoso; quer me contar como foi, como não foi. Aí, ela vem com o dela, também, ela é muito caprichosa, igual a mãe dela. É uma graça! (...) Eu faço o coque pra ela ir pro ballet e ela não reclama e diz 'a minha mãe faz e dói e você faz e não dói', o que eu vou dizer, aí? Digo que faço devagarzinho, vou puxando devagar, pondo o grampinho com delicadeza, vou explicando pra ela como eu faço. (...) Então, eu imagino que pra ela, babá tem que ser aquela que brinca, que ajuda na liçãozinha, porque você tem que ajudar. Eu quero aprender porque se eu tiver que ajudar, quero ajudar certo, também, na lição. Eu também faço a comidinha, do jeito que eles gostam; fico com eles; então, eu acho que eles pensam que babá é isso, porque dizem lá na escola que eu sou babá deles. E eles não me vêem na rotina da casa, eu faço tudo quando eles estão na escola; então, quando eu estou com eles, estou ali com eles, fazendo lanchinho, brincando, ajeitando uma roupinha pra eles, dando banho, almoço, jantar, ajudo a escovar os dentinhos; por isso que eles dizem que sou babá pra eles. Eles falam o tempo todo que eu sou legal, que eu sou linda, que eu sou uma princesa e que eu sou a melhor babá do mundo. E, eu sou a melhor babá do mundo, porque é no mundo deles, eles devem saber, né.